

Este exemplar corresponde à versão final da "Dissertação" / **"Tese"** de "Mestrado" / **"Doutorado"** apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Saúde Mental da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, para obtenção do Título de "MESTRE" / "DOUTOR" em SAÚDE MENTAL. Campinas, 10 de junho de 1994.

Prof(a).Dr(a).

Orientador(a)

VERA ENGLER CURY *iv/2009/16*

**ABORDAGEM CENTRADA NA
PESSOA: UM ESTUDO SOBRE AS IM-
PLICAÇÕES DOS TRABALHOS COM
GRUPOS INTENSIVOS PARA A TERA-
PIA CENTRADA NO CLIENTE.**

Tese apresentada à Faculdade de
Ciências Médicas da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção
do Título de Doutor em Saúde Men-
tal.

Orientador:

Prof. Dr. Mauro M. *Amatuzzi* *iv/2009/16*

UNIVERSIDADE DE CAMPINAS

1993

FICHA CATALOGRAFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL - UNICAMP

Cury, Vera Engler

C949a Abordagem centrada na pessoa: um estudo sobre as implicações
dos trabalhos com grupos intensivos para a terapia centrada no
cliente / Vera Engler Cury. -- Campinas, SP : [s.n.], 1993.

Orientador: Mauro Martins Amatuzzi.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Ciências Médicas.

1. Psicoterapia. 2. Saúde mental. 3. Psicologia clínica.
4. Existencialismo. I. Amatuzzi, Mauro Martins. II. Universidade
Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. III. Título

20. CDD -616.891 4 -616.8
-616.89 -142.7

Indices para Catálogo Sistemático:

1. Psicoterapia 616.891 4
2. Saúde mental 616.8
3. Psicologia clínica 616.89
4. Existencialismo 142.7

Ao Prof. Dr. John K. Wood, por ter
inspirado este trabalho e por acre-
ditar em minha capacidade para de-
senvolvê-lo.

Agradecimentos:

Prof. Dr. Miguel de La Puente, por despertar meu interesse pela Abordagem Centrada na Pessoa, por sua orientação na fase inicial deste trabalho e pela amizade de tantos anos;

Prof. Dr. Mauro Martins Amatuzzi, por seu empenho e seriedade como pesquisador, por compartilhar comigo idéias, reflexões e sentimentos sobre a ACP e por orientar este trabalho de forma a enriquecê-lo com seus comentários valiosos;

Colegas e amigos, Jaime, John, Lucila, Márcia, Marisa, Mônica, Raquel e Sonia, por nossa cumplicidade e parceria em projetos profissionais, por tantas horas de trabalho em equipe e por nosso compromisso com a amizade;

Ex-alunos Cleidemar, Doni, Flávia, Luiz, Marta e Vera, por seus questionamentos, pelo idealismo e por confirmarem minha crença numa aprendizagem significativa;

Meus pais e irmãos, por continuarem tão próximos e tão queridos;

Waldemar, Guilherme, Gabriel e Lucas, por constituírem esta família povoada de homens e sonhos que me faz acreditar no Amanhã.

RESUMO

Este estudo baseia-se nos princípios teóricos da Abordagem Centrada na Pessoa - denominação genérica adotada pelo psicólogo americano Carl R. Rogers e colaboradores para englobar atividades desenvolvidas em diversos campos. Historicamente, esta abordagem teve origem no Aconselhamento e na Psicoterapia, passando a incluir, posteriormente, o Ensino Centrado no Aluno, os Grupos de Encontro, os Workshops de Grandes Grupos Intensivos, e os Encontros de Comunidade.

O objetivo da pesquisa consiste em analisar esta evolução, de forma a caracterizar a influência das experiências com Grandes Grupos Intensivos na prática da Terapia Centrada no Cliente. A ênfase recai sobre a necessidade de um desenvolvimento teórico consistente e que respeite os aspectos presentes na prática atual, conferindo-lhe legitimidade como uma abordagem psicossocial aos problemas humanos.

Esta não é apenas uma pesquisa bibliográfica, pois inclui uma revisão teórica, levada a efeito através de uma leitura reflexiva da literatura existente, a partir da qual descrevem-se as tendências do campo analisado, sob a perspectiva do método psicoterapêutico. O estudo compõe-se de duas partes: Parte I - descreve as fases percorridas pela Terapia Centrada no Cliente, ao longo de sua evolução, através da compilação de dados his-

tóricos e caracteriza as várias formas de trabalhos com Grupos na Abordagem Centrada na Pessoa, de forma a incluir a Psicoterapia de Grupo, os Grupos de Encontro e os Encontros de Comunidade; Parte II - contém uma análise de fatores descritos nos trabalhos com Grupos Intensivos com implicações para a psicoterapia individual; descreve as limitações das formulações teóricas da Terapia Centrada no Cliente e apresenta uma proposta no sentido de superá-las, de forma a possibilitar uma nova configuração à qual denomina-se Psicoterapia Centrada na Pessoa; o último Capítulo, discorre sobre possíveis aplicações desta abordagem ao campo da Saúde Mental Pública no Brasil.

ABSTRACT

This study is based upon the theoretical framework of the Person Centered Approach - generical denomination adopted by the north-american psychologist Carl R. Rogers and his collaborators to encompass activities developed in various fields. Historically, this approach originated in the area of Counseling and Psychotherapy, evolving to include later the Student Centered Learning, Encounter Groups, Large Group Workshops and Communities for Learning.

The objective of this research consists of an analysis of this evolution, in order to characterize the influences from the experiences with Intensive Large Groups to the practice of Client-Centered Therapy. The emphasis is put upon the necessity of a consistent theoretical development, which respects the aspects from the present practice, giving it a legitimacy as a psychosocial approach applied to human problems.

It is not only a bibliographic research, since it includes a theoretical revision, carried on through a reflexive reading of the available literature, from which the tendencies of the analysed field are described. The study is composed of two parts: Part I - describes the phases in the development of Cli-

ent-Centered Therapy, through the compilation of historical data and characterizes the various types of group activities in Person-Centered Approach, including Group Psychotherapy, Encounter Groups and Communities for Learning; Part II - brings an analysis of several factors described in the context of Intensive Groups with their implications to individual psychotherapy; it also describes the theoretical limitations of Client-Centered Therapy and presents a proposal in order to overcome them, and to allow a new configuration which is so-called Person Centered Psychotherapy; the last Chapter considers some possible applications of this approach to the Public Mental Health Field in Brazil.

SUMARIO

AGRADECIMENTOS.....	IV
RESUMO.....	VI
ABSTRACT.....	VIII
INTRODUÇÃO.....	1

PARTE I

Cap. 1 - ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DA TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE E DO SURGIMENTO DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA.....	9
1.1 - CARL RANSOM ROGERS.....	9
1.2 - DA TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA.....	35
1.2.1 - ATIVIDADES ANTERIORES AO SURGIMENTO DA TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE:.....	39
1.2.2 - TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE.....	43
Cap. 2 - PROCESSOS GRUPAIS NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA: DA PSICOTERAPIA CENTRADA NO GRUPO E DOS PEQUENOS GRUPOS DE ENCONTRO AOS ENCONTROS DE COMUNIDADE.....	57
2.1 - PSICOTERAPIA CENTRADA NO GRUPO:.....	58
2.2 - GRUPOS DE ENCONTRO:.....	63
2.2.1 - ORIGEM DO TERMO E DEFINIÇÃO:..	63
2.2.2 - GRUPOS DE ENCONTRO CENTRADOS NA PESSOA:.....	73
2.3 - ENCONTROS DE COMUNIDADE:.....	81
Cap. 3 - "POR QUE NÃO PROMOVER UM NOVO WORKSHOP PARA APRENDIZAGEM?" - BIOGRAFIA DE UMA EXPERIÊNCIA DE SETE ANOS COM GRANDES GRUPOS INTENSIVOS NA ACP.....	98
3.1 - ORGANIZAÇÃO E PREPARATIVOS PARA O PRIMEIRO WORKSHOP.....	100
3.1.1 - OBJETIVOS.....	100
3.1.2 - COMPOSIÇÃO DO STAFF.....	101
3.1.3 - PATROCÍNIOS, CUSTOS E TAXAS..	102
3.1.4 - SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES DO WORKSHOP.....	104
3.1.5 - LOCAL, TRANSPORTES E ACOMODAÇÕES.....	106

PARTE II

Cap. 4 - CONTRIBUIÇÕES SIGNIFICATIVAS DA ACP PARA UMA COMPREENSÃO DO FENÔMENO TERAPÊUTICO...	173
4.1 - CONCEPÇÃO DE CIÊNCIA.....	173
4.2 - TENDÊNCIA ATUALIZANTE VISTA COMO PARTE DE UMA TENDÊNCIA FORMATIVA PRESENTE NO UNIVERSO.....	179
4.3 - ASPECTOS CULTURAIS SUBJACENTES A RELA- ÇÃO TERAPÊUTICA.....	183
4.4 - A QUESTÃO DO PODER NA ACP.....	187
4.5 - O CONCEITO DE CONSCIÊNCIA NA ACP....	194
4.6 - NOÇÃO DE SAÚDE MENTAL COMUNITÁRIA...	201
Cap. 5 - UMA PROPOSTA PARA A FORMULAÇÃO DE PRINCÍ- PIOS TEÓRICOS CONDIZENTES COM A PRÁTICA DE UMA PSICOTERAPIA CENTRADA NA PESSOA.....	207
5.1 - TEORIA DE PERSONALIDADE SUBJACENTE A TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE.....	211
5.2 - TEORIA DA TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE..	213
5.3 - EVOLUÇÃO DA NOÇÃO DE PROCESSO TERAPÊU- TICO.....	218
5.4 - ATITUDES TERAPÊUTICAS: NECESSÁRIAS E SUFICIENTES?.....	227
5.5 - INTERSUBJETIVIDADE COMO A ESSÊNCIA DA RELAÇÃO TERAPÊUTICA CENTRADA NO CLIENTE	230
5.6 - A RELAÇÃO TERAPÊUTICA SOB O PONTO DE VISTA DE UMA PSICOTERAPIA CENTRADA NA PESSOA.....	241
Cap. 6 - POSSIBILIDADES DA APLICAÇÃO DOS PRINCÍ- PIOS DA ACP AO CONTEXTO DE SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL.....	247
6.1 - IMPLICAÇÕES DE ASPECTOS SOCIAIS, POLÍ- TICOS E ECONÔMICOS NA ÁREA DE SAÚDE MEN- TAL NO BRASIL.....	251
6.2 - SAÚDE MENTAL COMUNITÁRIA COMO UMA POSSÍVEL APLICAÇÃO DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA.....	255
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	264
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	273

INTRODUÇÃO

O conteúdo deste estudo é o amálgama de um processo de amadurecimento pessoal e profissional, iniciado no final da década de 70, por ocasião dos primeiros contatos com a teoria e a prática da Terapia Centrada no Cliente e com os Grupos de Encontro. O fio condutor desta trajetória aumentou de densidade ao incorporar uma dissertação de mestrado sobre a relação terapeuta-cliente e consolidou-se, ao longo dos anos, até chegar, recentemente, a uma certa lucidez a respeito do compromisso selado e da responsabilidade assumida frente a colegas, alunos e clientes.

O respeito pelas pessoas, o reconhecimento do outro como totalidade e unicidade, a intolerância frente às manifestações de valores deterministas que tendem a enfocar o ser humano genericamente, ou como um caso clínico específico, o compromisso com o devir humano, são denominadores comuns das várias

linhas de teoria e psicoterapia com inspiração existencial-humanista, dentre as quais insere-se o modelo que este trabalho procura elucidar.

Muito foi escrito sobre a Terapia Centrada no Cliente e seu idealizador, o psicólogo americano Carl Ransom Rogers, nos Estados Unidos e em países da Europa e Ásia, embora grande parte deste acervo ainda não esteja disponível aos psicólogos brasileiros. Tal defasagem, que nos coloca em situação precária quanto à compreensão deste modelo psicoterápico, agrava-se ao considerarmos as mais recentes publicações sobre a Abordagem Centrada na Pessoa. Este é um título adotado para acomodar a expansão da Terapia Centrada no Cliente para além de suas fronteiras, no Aconselhamento e na Saúde Mental. A alteração na nomenclatura reconhece a ênfase dada ao trabalho com uma ampla gama de pessoas. No final da década de 60 e durante os anos subseqüentes, o foco expandiu-se incluindo aplicações na Educação, Psicoterapia de Grupo, conflitos inter-grupais, comunidades, etc. A história desta Abordagem não é linear e encontra-se às voltas com certas contradições. No entanto, para nós, psicoterapeutas brasileiros filiados a este modelo humanista, a influência das experiências com grupos tem sido um aspecto fundamental, tendo, inclusive, se estabelecido como um critério de pertinência. Somos herdeiros - híbridos, num certo sentido - das incursões de Rogers e sua equipe do Center for Studies of The Person em terras brasileiras, a partir do ano de 1977 e, também, de cursos e supervisões clínicas com psicólogos que haviam estagiado naquele centro, os

quais foram responsáveis por sua introdução entre nós. Especialmente, destacaríamos o Prof. Oswaldo de Barros Santos, a Profa. Rachel L. Rosenberg e o Prof. Miguel de La Puente. Nossa formação como psicoterapeutas processou-se simultaneamente com a participação em grupos de encontro e workshops centrados na pessoa. Atualmente, compomos uma geração de psicólogos com quinze, vinte anos de prática, exercendo atividades clínicas, de docência e supervisão, sob os moldes da Abordagem Centrada na Pessoa, porém, muito distanciados das aulas de Carl Rogers no Centro de Aconselhamento de Chicago nas décadas de 40 e 50.

A questão com a qual nos debatemos é a seguinte: a Psicoterapia Centrada na Pessoa, que ora praticamos, é fruto de um produto complexo, formado pela composição da Terapia Centrada no Cliente com os trabalhos desenvolvidos nos Grupos de Encontro e Workshops de Grandes Grupos Intensivos. Sendo assim, torna-se urgente embasar teoricamente esta prática, de forma a conferir-lhe uma consistência equivalente àquela proposta por Rogers para a Terapia Centrada no Cliente; caso contrário, continuaremos praticando uma psicoterapia com configurações atuais, porém, norteadas por formulações teóricas enunciadas num artigo de 1959 e já superadas pelo próprio Rogers.

Cumpre-nos também, no contexto de uma América Latina imersa em problemas de desorganização econômica e social, questionar as possibilidades da aplicação deste modelo clínico à Saúde Pública. Nosso ponto de vista, a este respeito, encontra-se delineado no último capítulo, exatamente por representar a linha

de interesse profissional mais recente da autora, como decorrência de sua participação no processo de reestruturação curricular do curso de Psicologia da PUCCAMP, de seu contato com profissionais de Saúde da rede pública, ao longo de um programa de doutoramento multiprofissional no Departamento de Psiquiatria e Saúde Mental da Faculdade de Medicina da UNICAMP e, acima de tudo, por estar ciente da responsabilidade do psicólogo no que concerne ao destino de uma sociedade que o determina, ao mesmo tempo em que é modificada por ele.

A pesquisa desenvolveu-se da maneira como a apresentamos: constou de uma primeira parte em que se buscou compreender a trajetória da Abordagem Centrada na Pessoa, segundo uma perspectiva histórica, através da compilação de dados bibliográficos. Além das obras clássicas de Carl Rogers, lidas no original, e de seus principais artigos, houve, também, a preocupação de caracterizar os eventos através de publicações de seus colaboradores mais próximos, já que o próprio Rogers declarou várias vezes que suas idéias brotavam das experiências vividas e compartilhadas com colegas e alunos, "do aprender fazendo" que lhe era peculiar. Em meio a este propósito, tivemos acesso a um material inédito de autoria do psicólogo John K. Wood, colaborador de Rogers por mais de 15 anos, contendo um depoimento pessoal sobre as primeiras experiências com grandes Grupos Intensivos, os chamados "Encontros de Comunidade". Este registro minucioso, escrito em meio às emoções suscitadas pelos novos desafios que a equipe do "Center for Studies of The Person" enfrentava, constituiu a gran-

de surpresa do nosso trabalho pois, através daquelas páginas, mergulhamos numa parte da história desta abordagem, como se lá estivéssemos. Por avaliarmos a importância histórica deste documento, principalmente no que se refere à dificuldade sentida pelos psicólogos brasileiros, quanto a entrar em contato com publicações estrangeiras sem uma defasagem no tempo, abrimos o espaço do capítulo 3 para reproduzir este depoimento, de forma a torná-lo conhecido.

Quanto à segunda parte, propõe-se uma análise sobre o modelo clínico atualmente denominado Psicoterapia Centrada na Pessoa, embora esta nomenclatura ainda suscite controvérsias, com o intuito de organizar a prática, conferindo-lhe alguma legitimidade teórica. Certa originalidade permeia a opção de focalizar a Psicoterapia Individual a partir de uma investigação sobre os trabalhos com Grupos Intensivos que, de uma origem eminentemente clínica, evoluíram até uma intersecção com outros campos de conhecimento, notadamente a Psicologia Social e a Antropologia Cultural.

Portanto, mais do que a compilação de dados sobre a história da Abordagem Centrada na Pessoa ou relatos de experiências, o compromisso deste estudo consiste em retomar o fio da meada para a assimilação deste modelo no contexto brasileiro. Se, com este objetivo em mente, cometemos a ousadia de vislumbrar caminhos futuros ou sugerir novas configurações teóricas, continuamos fiéis ao ideal expresso por Rogers de que novas hipóteses pudessem brotar do solo fértil das idéias de todos os que viessem

a envolver-se com esta abordagem.

Quanto ao tipo de pesquisa adotado para a efetivação deste projeto, recorreremos a uma **revisão teórica** que consistiu numa leitura reflexiva sobre a literatura existente, com ênfase na perspectiva do método psicoterapêutico, buscando configurar as tendências do campo analisado. Embora seja um trabalho teórico, contém uma hipótese subjacente que o norteou: **é possível descrever a Psicoterapia Centrada na Pessoa, em termos de uma formulação teórica consistente, e que ao mesmo tempo respeite os aspectos presentes na sua prática atual, conferindo-lhe legitimidade como uma abordagem psicossocial aos problemas humanos.** Caso este estudo não consiga reunir dados suficientes que mostrem como as atividades de Rogers e seus seguidores com Grupos intensivos, ainda que indiretamente, influíram e, até certo ponto, determinaram os rumos da evolução da terapia individual, esta hipótese será refutada. No entanto, se as evidências apresentadas demonstrarem, de maneira inequívoca, a existência de implicações destas atividades com Grupos Intensivos na prática da Terapia Centrada no Cliente, e que disto resultaram alterações significativas que justificam a necessidade de uma revisão nas formulações teóricas, então poderemos considerar esta hipótese confirmada.

Os objetivos decorrentes da hipótese acima podem ser configurados da seguinte maneira:

- 1) **examinar e descrever as Fases percorridas pela Terapia Centrada no Cliente, ao longo de sua evolução, através da compilação de dados históricos que possam referendá-las.**

2) caracterizar as experiências de Carl Rogers e sua equipe na área dos grupos: psicoterapia, grupos de encontro e encontros de comunidade.

3) analisar as possíveis influências dos trabalhos com grupos intensivos sobre a psicoterapia individual e as implicações para as formulações teóricas da Terapia Centrada no Cliente.

4) sugerir aplicações deste modelo psicoterápico no contexto de Saúde Pública no Brasil.

Com a finalidade de organizar o conteúdo apresentado, optou-se por manter, no texto final, a divisão em duas partes, de forma a caracterizar, por uma lado, a compilação de dados históricos e, por outro, a contribuição da autora para uma análise e configuração da relação terapêutica, como concebida pela Psicoterapia Centrada na Pessoa, incluindo suas limitações e perspectivas de aplicação.

PARTE I

CAPÍTULO 1

ANALISE DA EVOLUÇÃO DA TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE E DO SURGIMENTO DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA.

1.1 CARL RANSOM ROGERS.

Historicamente, o modelo de atuação clínica denominado de "Terapia Centrada no Cliente" tem suas raízes na experiência do psicólogo americano Carl Ransom Rogers com psicoterapia e psicodiagnóstico nos moldes psicanalíticos tradicionais. Considerando-se a decisiva influência da personalidade de seu iniciador sobre as características e o destino deste enfoque psicoterápico, faz-se necessário abrir um espaço para introduzir o homem e seu contexto. Este objetivo amplia-se quando consideramos a relativa ausência de publicações no Brasil sobre os aspectos culturais presentes durante o desenvolvimento da obra de Rogers, e a rápida assimilação do modelo clínico proposto por ele

sem uma adaptação ao contexto brasileiro, como ocorre com frequência quando se trata de importar idéias do primeiro mundo.

Rogers, um representante legítimo do melhor espírito de uma América atada a convicções morais e religiosas rígidas, nasceu no centro-oeste dos Estados Unidos, a 8 de janeiro de 1902, em Oak Park, município próximo a Chicago, como quarto filho de um casal descendente de imigrantes ingleses. O pai, Walter, era engenheiro-civil e constantemente ausentava-se de casa devido a compromissos profissionais; coube à mãe, Julia, educar os seis filhos e cuidar da saúde debilitada do sensível Carl, que lhe inspirou preocupações durante toda a infância. Referindo-se a esta fase de sua vida, Rogers(1980), aos setenta e cinco anos de idade, com bom humor, relata que seu médico preparara a família para o fato de que, provavelmente, ele morreria jovem e por ter passado a vida sentindo-se uma pessoa de espírito jovem acabou por confirmar aquele trágico prognóstico. Desde muito cedo, Carl foi um ávido leitor de tudo que lhe caísse às mãos, embora se mantivesse retraído em contatos pessoais diretos. Quando contava doze anos, a família comprou uma fazenda e o pai entusiasmado com a perspectiva de educar os filhos junto à natureza e longe das tentações mundanas, decidiu mudar-se para lá. No caso de Carl esta intenção funcionou muito bem: ele logo desenvolveu interesse pela observação de animais e plantas, tornando-se exímio conhecedor da vida das mariposas. Nesta época, Walter Rogers já havia fundado sua própria construtora e a fazenda, a qual deram o nome de "Warwood", tinha uma ampla casa com oito quartos, cinco ba-

nheiros e uma quadra de tênis, o que possibilitou aos filhos alguma compensação pelo isolamento a que estavam obrigados.

Considerado um excelente aluno, porém sem nenhuma experiência quanto às relações sociais, Carl chegou à Universidade de Wisconsin decidido a diplomar-se em agronomia, mas suas experiências extra-curriculares acabaram por alterar este caminho: passou a integrar um grupo denominado de "Ag-Triangle", formado por alguns alunos de agronomia e liderados pelo Prof. George Humphrey. O grupo reunia-se na Associação Cristã de Jovens e foi deixado à própria sorte por seu líder, que parecia acreditar que podiam "virar-se" sozinhos. Embora não concordasse, a princípio, com isto, Carl acabou apreciando muito a liberdade imposta ao grupo: tornaram-se muito unidos e promoveram inúmeras atividades, sociais e educacionais. Para ele, no entanto, o efeito maior foi a descoberta da amizade e da possibilidade de uma troca afetiva profunda com jovens vindos de diferentes locais e com uma heterogeneidade de valores. Devido às suas notas altas e à sua grande dedicação às atividades religiosas, ele foi selecionado para integrar a delegação americana numa conferência de jovens cristãos em Pequim. Esta viagem que durou alguns meses, modificou profundamente sua vida: foi exposto a culturas diferentes, venceu sua timidez natural ao ser obrigado a discursar frente a centenas de pessoas, visitou prisões e conheceu as belezas de um outro continente. Voltou mais auto-confiante, inebriado pela riqueza das experiências pessoais vivenciadas e com crenças religiosas ampliadas, enfim, um homem com idéias próprias e mais liberal.

A esta altura, Carl tinha uma namorada, Helen, que havia sido sua vizinha nos tempos de Oak Park e que reencontrara na Universidade, estando profundamente apaixonado por ela. Ao voltar da China, confidencia-lhe seu desejo de ingressar no "Union Theological Seminary" em Nova York, o que a deixa perplexa. Mas, uma crise aguda de úlcera retardou seus planos, obrigando-o a um afastamento temporário das atividades acadêmicas e a um novo convívio com a família para recuperar-se. Desta vez, no entanto, sua docilidade habitual já não mais existia e envolveu-se em uma série interminável de discussões, principalmente com a mãe que se tornara, com o passar dos anos, uma fundamentalista fanática. Contrariando a posição de ambas as famílias, que consideravam a decisão precipitada, Carl e Helen casaram-se em 28 de agosto de 1924, a fim de enfrentarem juntos a formação para ministro religioso de Carl. Transferiram-se para Nova York e Helen interrompeu seus estudos, após graduar-se em Artes na Universidade de Wisconsin. Rogers escolheu o Union Theological Seminary por ser considerado o mais liberal do país e, no verão de 1925, mudaram-se para Vermont, onde ele assumiu a posição de pastor numa pequena igreja, como parte do estágio requerido pela seminário. Do outro lado da rua do Union Seminary estava localizado o Teachers College da Universidade de Columbia e Carl inscreveu-se em alguns dos cursos oferecidos por aquela instituição. O que parecia uma simples ampliação de conhecimentos, a princípio, acabou por mudar radicalmente o destino dos Rogers. No segundo semestre

de 1926, ele transfere-se para o Teachers College e abandona a carreira religiosa definitivamente, a ponto de nunca mais retornar a qualquer religião formal. Recebe seu Phd. em Psicologia Clínica em 1928, pela Universidade de Columbia, tendo sido aluno de Thorndike, Goodwin Watson e de Leta Stetter Hollingworth, sendo esta quem o introduziu ao trabalho clínico com crianças. A esta altura, ele e Helen já eram pais de David que nascera em 1926 e Carl é acometido de nova crise de úlcera que o obriga a submeter-se a uma cirurgia na Clínica Mayo em Rochester. Já recuperado, ele inscreve-se para um estágio remunerado como psicólogo no recém-formado "Institute for Child Guidance" na cidade de Nova York. Este instituto havia sido fundado pelo governo do Estado para fomentar pesquisas sobre o trabalho clínico com crianças-problema. Cada criança encaminhada para lá, recebia uma avaliação completa, tanto psiquiátrica, quanto psicológica e física. Uma longa lista de dados era compilada e convertida em um amplo projeto de pesquisa englobando diversas áreas profissionais e sem seguir nenhuma escola de pensamento em particular. Sob a supervisão de psicólogos competentes, Carl aprendeu muito sobre psicodiagnóstico, anamnese e psicoterapia infantil durante o ano em que esteve neste instituto.

Na primavera de 1928, ele vai a Rochester, ainda no estado de Nova York, e consegue um emprego no "Rochester Society for the Prevention of Cruelty to Children". Suas funções incluíam atender jovens delinqüentes, no sentido de conduzir diagnósticos, terapias breves e encaminhamentos. A vida pessoal

exigia um salário condizente com o aumento da família, já que Helen estava grávida novamente e as responsabilidades de chefe de família obrigaram Carl a afastar-se da vida acadêmica que tanto apreciava pelos próximos doze anos. David estava com dois anos de idade, quando Natalie nasceu no outono de 1928.

Carl acabou sendo nomeado diretor da clínica de Rochester e desta profícua experiência profissional extraiu a matéria-prima para o desenvolvimento de seu próprio modelo psicoterápico. De suas atividades profissionais em Rochester, seu biógrafo Kirschenbaum (1979) assinala o pragmatismo como característica básica. Carl perguntava-se constantemente: o que fazemos funciona, é eficaz? A base teórica era menos importante para ele do que a experiência prática. Naquele época, havia uma enorme ênfase no psicodiagnóstico como uma avaliação racional, sem a qual não seria possível tratar o paciente, nem encaminhá-lo. Rogers estava tão convicto a este respeito que costumava referir-se às atividades da clínica, comparando-a a uma oficina, para onde levava-se um problema, recebia-se um diagnóstico e indicações sobre as formas de solucionar as dificuldades. Devido a sua formação no Teachers College, ele tinha grande confiança nos testes e nas avaliações objetivas em geral. Porém, quanto mais se dedicava à aplicação de testes, mais insatisfeito ficava, pois, não conseguia aceitar a parcialidade das avaliações feitas segundo determinadas escolas de psicologia, ou modelos sociológicos. Irritava-o a falta de objetividade e a tendenciosidade do processo. Quanto às teorias psicanalíticas, embora ele as tivesse praticado

em terapias conduzidas no Institute for Child Guidance, não lhe causavam entusiasmo. Ele reconhecia a grande contribuição de Freud para a psicologia, porém também a considerava impraticável em instituições públicas por ser um processo longo e caro. Em Rochester, ele aprendera a valorizar as vivências atuais e o ambiente dos pacientes, e a psicanálise com sua ênfase no passado lhe parecia conduzir a uma direção oposta. Mas, acima de tudo, Rogers considerava que os psicanalistas não se mostravam favoráveis a investigar seu método de trabalho através de pesquisas ou avaliações.

Embora Carl estivesse muito interessado em psicoterapia, também ficou impressionado pelos resultados da terapia ambiental, da forma como alguns colegas a praticavam na clínica de Rochester. Por volta de 1936, ele entra em contato com o trabalho de Otto Rank, um dissidente do círculo de Viena que emigrara para os Estados Unidos dez anos antes e fora responsável pela formação de assistentes sociais durante o curto período em que esteve lecionando na Pennsylvania School of Social Work. Rank acabou sendo convidado para um seminário na instituição que Rogers dirigia. Este não se impressionou tanto com o posicionamento teórico de Rank, mas sim com sua ênfase na relação terapêutica como um meio para que o paciente experimentasse uma aceitação maior por sua própria unicidade, a despeito das ambivalências e pudesse liberar sua vontade positiva através da eliminação de bloqueios. Para atingir estes objetivos, o paciente deveria tornar-se a figura central do processo terapêutico; ele era con-

siderado seu próprio terapeuta, por possuir dentro de si forças para a auto-criação, assim como para auto-destruição e caberia ao terapeuta desempenhar o papel de ego-auxiliar ou de um assistente.

Para a família Rogers, aqueles anos em Rochester representaram a base para a formação de laços afetivos duradouros e para possibilitar às crianças, David e Natalie, desenvolver sentimentos de auto-confiança. Helen dedicava-se bastante aos filhos, estimulando neles o gosto pelas artes ao entretê-los com mesas repletas de materiais. Os verões eram passados numa cabana construída por eles mesmos no Seneca Lake, como parte de um projeto que incluiu trazer amigos dos tempos do Union Seminary e do Teachers College para conviverem nas férias escolares. Quatro famílias se reuniram e compraram a propriedade, onde cada uma construiu ou mandou construir sua própria cabana. David e Natalie recordam aqueles verões como as melhores oportunidades para conhecer o pai, enquanto realizavam tarefas juntos, tais como, construir uma pequena e rudimentar embarcação ou uma ponte. Apesar de estar vivendo os terríveis anos da grande Depressão americana, a família Rogers pôde desfrutar de muito ar puro, boas companhias e um ambiente calmo e fraterno em casa. Em 1940, Carl foi convidado pela Universidade de Ohio a ocupar uma vaga de professor em período integral; ele atribuiu este interesse em contratá-lo à recente publicação de seu livro "The Clinical Treatment of the Problem Child". Nesta obra, que contém as sementes do trabalho posterior de Rogers e que representa um progresso em

seu desenvolvimento como profissional de estilo próprio, ele questiona-se sobre qual seria o elemento básico necessário à eficiência das abordagens terapêuticas de uma forma geral. Aquela época, havia poucos psicólogos com experiência clínica nos Estados Unidos e muitos acadêmicos e teóricos ligados às universidades.

Rogers aceita prontamente o emprego e mudam-se para a cidade de Columbus, no estado de Ohio; a princípio, para uma casa alugada de pequenas dimensões, para tristeza dos filhos que adoravam a vida em Rochester. Em pouco tempo, no entanto, compraram um amplo terreno numa área rural, nas cercanias de Columbus e Helen passa a administrar a construção de uma casa, sonho alimentado pela família. Este período marca o grande envolvimento de Carl com a vida acadêmica: além de lecionar diversos cursos na graduação (entre os quais, um denominado Higiene Mental, no qual referia-se constantemente a sua experiência prática em Rochester), ele também supervisionava conselheiros em formação clínica, publicava artigos e proferia palestras. Seus supervisio- nandos daquele período lembravam-se com saudade das entusiasma- das manhãs de sábado, transcorridas em acaloradas discussões so- bre os casos clínicos com o professor Rogers e de como acabavam voltando após o almoço, voluntariamente, para prosseguir com es- tas atividades. Pressionado pelos questionamentos dos alunos e também pelos seus, Carl começa a elaborar um posicionamento pró- prio sobre psicoterapia. No entanto, ele ainda considerava que suas idéias eram semelhantes às da maioria dos psicólogos mais

modernos e atribuía o sucesso junto aos alunos à inexperiência destes quanto ao trabalho clínico. A oportunidade para conferir a originalidade de suas elaborações surgiu quando foi convidado a discursar na Universidade de Minnesota, para a Psi Chi, uma Sociedade de Psicologia. Tal foi a reação da platéia às suas idéias que ele refere-se ao dia 11 de dezembro de 1940, data deste discurso, como o nascimento da Terapia Centrada no Cliente. O centro de aconselhamento de Minnesota era dirigido por Williamson, que praticava uma abordagem definitivamente diretiva quanto ao trabalho clínico. Frente a esta platéia, Rogers ousou propor o seguinte objetivo para a terapia: "O objetivo desta nova terapia, não consiste em solucionar qualquer problema em particular, mas sim auxiliar o indivíduo a crescer, a fim de que possa lidar com o problema atual, bem como com os que vierem, de uma forma integrada..." (*in* Kirschenbaum, 1979, p.113). Ele foi criticado, elogiado, contestado, olhado com espanto, enfim tudo menos considerado comum por aquelas pessoas. Como fruto das novas experiências, ele começa a dar forma à obra "Counseling and Psychotherapy: Newer Concepts in Practice", publicado em 1942.

Carl tornou-se, gradualmente, uma figura de destaque em muitas organizações profissionais. Envolveu-se com as atividades da "American Orthopsychiatry Association", tendo sido nomeado vice-presidente da organização nacional em 1942. Também passa a contribuir de forma marcante na recém-criada "American Association for Applied Psychology", formada por um grupo de psicólogos para suprir o relativo desinteresse demonstrado pela

"American Psychological Association" em relação à psicologia clínica e aplicada. Em 1943, ele foi eleito presidente desta associação, além de ser editor do "Journal of Consulting Psychology" e editor associado do "Applied Psychology Monographs". Estes fatos demonstram a decisiva influência de Rogers na Psicologia americana da década de 40. Após cinco anos em Ohio, ele transfere-se para Chicago em 1945, permanecendo lá até 1957. Estes foram sem dúvida os doze anos mais profícuos de sua vida profissional, tanto em termos de publicações quanto de elaboração de idéias e projetos. Dirigindo o "Counseling Center" da Universidade de Chicago, ou como Presidente da "American Psychological Association", ou como autor de duas obras e mais de sessenta artigos, Carl consolidou definitivamente um lugar de destaque e a família passou a conformar-se em vê-lo sempre às voltas com compromissos profissionais. Nos primeiros oito anos de Chicago, ele colaborou ou orientou cerca de trinta teses para o grau de Ph.D. em Psicologia, além de inúmeras teses de mestrado, e o contato com os estudantes se constituiu em uma experiência estimulante. Aliás, esta é uma característica constante na vida de Rogers: escolhia viver cercado de pessoas jovens e idealistas, ressentindo-se da falta de visão e excessiva rigidez da maioria de seus colegas nas universidades.

Rogers publicou a obra "Client-Centered Therapy" em 1951 e desde o prefácio baseia suas hipóteses sobre a relação terapêutica em observações de suas próprias experiências subjetivas ao estar em interação com o cliente. A estrutura administra-

tiva do Counseling Center da Universidade de Chicago, dirigido por Rogers, obedecia a seus princípios de confiança na capacidade humana para auto-gestão: a começar de seu cargo que ele preferiu considerar como o de um secretário executivo, passando pelo mutirão realizado por funcionários, alunos, colegas e familiares para pintura e reparos por ocasião da inauguração da casa escolhida, até o fato de que todos os envolvidos consideravam-se responsáveis pelas decisões quanto à organização e funcionamento daquela Instituição. O Centro de Aconselhamento acabou por tornar-se famoso, tanto nos Estados Unidos, como em outros países, atraindo estudantes de Psicologia desejosos de estagiar com o Prof. Rogers. Esta notoriedade incomodava o Departamento de Psiquiatria da Escola de Medicina da Universidade de Chicago, pois os psiquiatras americanos suspeitavam da competência dos psicólogos em geral para praticar psicoterapia e o Centro de Aconselhamento com uma média de 800 a mil clientes por ano, era alvo freqüente de críticas dos docentes médicos que dirigiam o Billings Hospital. Eles consideravam Rogers fraco e demasiadamente intelectual, um "tipo de Cristo gentil e excessivamente permissivo". Apesar de encarar aquelas críticas com aparente bom humor, o profundo envolvimento de Carl naquela época com seus clientes acabou por colocá-lo em uma situação pessoal embaraçosa, ao menos no que se refere ao seguinte episódio. Ele estava atendendo uma mulher diagnosticada como esquizofrênica, que havia sido sua cliente já em Ohio e que ao mudar-se para Chicago retomara a psicoterapia. A princípio, os contatos haviam se caracterizado por atitudes calorosas e autên-

ticas por parte do psicoterapeuta, porém à medida que a profundidade do distúrbio psicótico se agravava, Rogers, temeroso da hostilidade e dependência que percebia naquela mulher, foi se tornando mais distante e profissional. A cliente ressentindo-se deste afastamento, passou a segui-lo, ora aparecendo na porta da sua residência, ora no Centro de Aconselhamento, cada vez mais exigente quanto a sua necessidade de ser amada pelo terapeuta. Rogers sentia-se incomodado por este assédio constante, mas não se permitia interromper o atendimento, criticando-se por sua incapacidade em ajudar a cliente. A situação levou-o a experimentar sentimentos de persecutoriedade e medo da própria loucura; chegou a imaginar a hora em que todos saberiam que ele havia psicotizado e viriam buscá-lo para uma internação. No entanto, não tomava nenhuma providência mais drástica em relação à cliente. Totalmente confuso e assustado, ele finalmente sucumbiu à sua própria fragilidade e pediu ajuda a um jovem psiquiatra que estava no Centro de Aconselhamento, Dr. Louis Cholden. Este prontificou-se a substituí-lo junto a cliente e Rogers partiu rapidamente da cidade acompanhado por Helen, ficando fora por alguns meses. Ao voltar, ainda bastante debilitado emocionalmente e sentindo-se incapaz de dar prosseguimento a sua carreira profissional, já que considerava-se tão perturbado quanto as pessoas a quem prestava ajuda, entrou em um processo terapêutico com um colega. Aos poucos, retomou a auto-estima e a confiança em sua competência profissional; refere-se a este período como de profundo amadurecimento e descobre posteriormente que todo aquele

sofrimento servira para fortalecê-lo, tornando-o mais sensível e humano no contato com clientes e consigo mesmo, mais consciente de seus próprios limites pessoais.

No auge de sua popularidade, quando o Centro de Aconselhamento gozava de prestígio e respeito, Rogers decide mudar-se para a Universidade de Wisconsin. O responsável por esta inesperada guinada foi o Prof. Vergil Herrick, que o levava para passar um semestre no Departamento de Educação daquela universidade, como professor visitante. Apesar desta estadia em Wisconsin ter sido gratificante em termos pessoais para Carl e Helen, e profissionalmente proveitosa devido a oportunidade para debates, seminários e cursos, sair de Chicago parecia totalmente fora dos planos. No entanto, Herrick convencera Rogers a descrever uma posição que o estimularia acima de tudo naquela fase de sua vida profissional, caso pudesse escolher. Carl descreveu uma posição praticamente impossível: vinculação simultânea com departamentos de psicologia e psiquiatria, tempo para desenvolver psicoterapias e pesquisas com psicóticos, e outras exigências menores. Para sua completa surpresa, Herrick trabalhou arduamente até poder oferecer-lhe tudo isto em Wisconsin. O motivo principal que levou Rogers a aceitar o convite foi a oportunidade de iniciar um trabalho conjunto de pesquisa e prática clínica com médicos psiquiatras. Ele considerava que uma equipe interdisciplinar voltada para o estudo da eficácia psicoterapêutica causaria um impacto significativo em todo o campo da Higiene Mental e estava ávido para viver este desafio.

Os sete anos passados em Wisconsin, de 1957 a 1963, implicaram num impacto muito mais pessoal para Rogers do que para o campo da Higiene Mental. O sonho de unir psicólogos e psiquiatras num trabalho conjunto nunca foi realizado totalmente e os conflitos vividos no interior de sua própria equipe acabaram por desafiá-lo mais do que o trabalho com psicóticos e normais. Em grande parte, o próprio Rogers atribuiu às suas constantes viagens para cumprir compromissos profissionais as dificuldades enfrentadas por seus colegas para dar prosseguimento ao projeto de pesquisa com psicóticos. Em Chicago, ele tivera tempo e tranquilidade para desenvolver um verdadeiro grupo auto-centrado capaz de trabalhar num clima de confiança mútua. Em Wisconsin, no entanto, chegou a passar quase um ano fora, do verão de 1962 até a primavera de 1963, como visitante no "Center for Advanced Study in the Behavioral Sciences" em Stanford. Durante este período, recebeu cartas de membros de seu grupo, principalmente de Eugene Gendlin e Donald Kiesler, com queixas de que um deles, Charles Truax, estava tentando sabotar todo o projeto de pesquisa, escondendo dados para uma futura publicação individual. Carl tentou manejar a questão com sua habitual tranquilidade, adiando uma ação mais drástica contra Truax. Este erro inicial foi responsável por inúmeras complicações posteriores, quase pondo a perder todo o projeto e acabando por tornar-se um fato policial. Seus amigos da equipe ressentiram-se pelo que consideraram sua omissão em assumir a liderança do grupo e culpavam-no diretamente pelas

conseqüências desastrosas. A troca de correspondência entre eles, compilada por Kirschenbaum, consiste num registro muito interessante sobre a tentativa de Rogers de lidar com a situação de uma forma coerente com seus princípios e, ao final expõe seu exaspero e frustração pela arrogância demonstrada por alguns de seus amigos, ao longo de todo o episódio. Ainda assim, ao final destes acontecimentos, um livro sobre a pesquisa com esquizofrênicos foi publicado em 1967: "The Therapeutic Relationship and its Impact: a study of psychotherapy with schizophrenics." Esta obra editada por Carl Rogers, com a colaboração de Eugene Gendlin, Donald Kiesler e Charles Truax, teve o mérito de sugerir diversas possibilidades de pesquisa com pacientes "extremos" como eles denominavam os psicóticos. A descrição detalhada de todos os procedimentos científicos adotados, a transcrição de sessões terapêuticas com comentários e a análise exaustiva dos resultados incluindo as experiências subjetivas dos próprios terapeutas que fizeram parte do projeto representam um exemplo de pesquisa clínica séria, bem elaborada e objetiva, assim como sugere a possibilidade da utilização de um ponto de vista fenomenológico para abordar o material clínico. É compreensível que este livro não tenha alcançado a mesma popularidade que as obras anteriores de Rogers por tratar-se de um projeto de pesquisa complexo e sem resultados dramáticos.

Apesar dos problemas, a vida em Wisconsin também trouxe para os Rogers muitas satisfações: Helen encontrou uma casa ampla nos arredores da cidade que se tornou ponto de encon-

tro de amigos que vinham de muitos lugares dos Estados Unidos e de outros países para estar com eles. A convivência de Carl com os alunos da universidade, supervisionandos e orientandos revelou-se, como sempre, estimulante. Por outro lado, em Wisconsin assim como em Ohio e Chicago, Rogers entrou em conflito com alguns membros da conselho administrativo da Universidade. Esta não era apenas mais uma coincidência; seu entusiasmo por idéias novas, seu profundo interesse pelos rumos do processo educacional a que estavam submetidos seus alunos, e acima de tudo sua natural tenacidade ao defender certas crenças e valores tendiam a indispor-lo com as normas rígidas e, por vezes retrógradas presentes na maioria das instituições americanas daquela época.

Durante este período, entre 1957 e 1963, Rogers continuou galgando posições importantes em algumas das associações mais destacadas de Psicologia na América: foi eleito primeiro presidente da " American Academy of Psychotherapists " , formada em 1956 por profissionais interessados primariamente em psicoterapia, na qual psicólogos e psiquiatras pudessem trabalhar juntos de forma igualitária. Ele continuou em 1957 como membro da "Policy and Planning Board of the American Psychological Association" e como editor dos " Psychological Monographs " e no conselho editorial do "Journal of Consulting Psychology" . Em 1961, foi eleito Fellow da " American Academy of Arts and Sciences", um grupo semelhante à Academia Francesa . Em 1962, recebeu um certificado intitulado "Certificate for Outstanding Research" da " American Personnel and Guidance Association". Ainda em 1962,

Rogers foi um dos dois agraciados pela divisão de Psicologia Clínica da American Psychological Association com o prêmio de "Distinguished Contribution to the Science and Profession of Clinical Psychology". A esta altura, com 61 anos de idade, Carl sentiu ter chegado a hora para aposentar-se da vida acadêmica, ciente de que a maior parte do reconhecimento por seu trabalho viera de publicações, palestras e atividades profissionais realizadas fora dos muros das universidades. No verão de 1963, despede-se dos amigos de Wisconsin resolvido a fixar-se na Califórnia. Este último período trouxera a oportunidade para inúmeras viagens profissionais para ele e Helen, dentro e fora dos Estados Unidos, mas também a chance de uma convivência com os dois filhos, David e Natalie, e com os netos. David tornara-se um médico prestigiado por seu trabalho e publicações sobre doenças bacteriológicas e exercia suas atividades como professor no Departamento de Medicina da Universidade de Vanderbilt em Nashville. Quanto a Natalie, passou um tempo nas Filipinas, onde seu marido trabalhava no "Corpo de Paz Americano" e recebeu a visita dos pais no natal de 1962.

De 1964 até sua morte em 1987, Rogers viveu na Califórnia, mais especificamente em La Jolla, uma pequena cidade localizada ao sul do estado, de clima agradável e com uma excelente vista para o mar. Ele transferira-se para o "Western Behavioral Sciences Institute" e a vida sob o clima da Califórnia permitiu-lhe e a Helen desfrutar uma velhice tranqüila, com tempo para suas atividades prediletas: ela com suas pinturas e ele de volta à jardinagem e à fotografia.

O "Western Behavioral Sciences Institute" (conhecido como o WBSI) , apesar do nome pomposo, era na verdade uma instituição fundada e patrocinada pelo Dr. Paul Loyd, um médico aposentado do " California Institute of Technology", que se entusiasmara profundamente pelo trabalho de Rogers com Grupos de Encontro e procurara Richard Farson, que fora orientando de Rogers, propondo-lhe a criação de uma fundação para fornecer bolsas de estudo à pessoas interessadas em participar dos workshops sobre Liderança Centrada no Grupo. Farson, por sua vez, estava interessado em fundar um centro de pesquisa de orientação humanista e acabaram chegando à idéia do WBSI. Rogers participou de todos os planos para a criação do Instituto e aceitou o cargo de "Resident Fellow", abrindo mão de um salário, tão entusiasmado ficara com o projeto. A principal contribuição dele para este instituto consistiu num trabalho iniciado em 1966 com a colaboração de William Coulson com a finalidade de investigar a filosofia subjacente às ciências do comportamento. O programa propunha quatro objetivos: examinar os pressupostos atuais das ciências do comportamento, e o modelo de ciência correntemente adotado neste campo; considerar os vários pontos de vista que enfocam este tema e as contribuições de cada um; promover pequenas conferências, nas quais estivessem presentes representantes de diversos campos científicos com orientações filosóficas diferentes; ajudar na formulação de uma filosofia da ciência e de um modelo de ciência mais apropriados para a atualidade.

Michael Polyani, o prestigiado filósofo inglês da ciência, autor da obra "Personal Knowledge", que convivera com Rogers durante o ano em que ambos passaram no "Center for Advanced Study in the Behavioral Sciences" em Stanford na Califórnia, foi convidado pelo WBSI, inicialmente, para uma pequena conferência. Esta acabou por constituir-se num grande evento do qual participaram cientistas vindos da Inglaterra, França, Israel e de diversos lugares dos Estados Unidos. O resultado foi um conturbado encontro em que preveleceram as paixões e crenças individuais em detrimento de uma comunicação de idéias e pontos de vista para o desenvolvimento de uma concepção de ciência mais atualizada. No entanto, todo o material das conferências foi gravado, transcrito e, posteriormente, deu origem a um livro, "Man and the Science of Man", publicado em 1968.

O projeto mais prestigiado de Rogers no WBSI foi o dos Grupos de Encontro, tornando-o nacionalmente conhecido. Em 1967, Rogers publicou a obra "On Encounter Groups" tentando sistematizar seus conhecimentos e, principalmente suas experiências pessoais neste campo. Após alguns anos bem-sucedidos, o Western Behavioral Science Institute começou a padecer dos males comuns a qualquer instituição: À medida que mais verbas chegavam provenientes do governo federal, maiores se tornavam as pressões administrativas e as exigências em relação aos procedimentos dos pesquisadores. Insatisfeito com os rumos da instituição, Rogers demite-se, juntamente com cerca de vinte e cinco membros do staff, para formar um novo grupo, denominado de "Center for Studies of

the Person"(CSP). No que se refere aos objetivos havia muita semelhança entre as duas instituições, porém diferiam radicalmente quanto à estrutura organizacional. Embora legalmente formassem uma corporação, os membros deste centro consideravam-se parte de uma não- organização, dirigida por um não-diretor, isto é, o diretor não tinha poderes para dirigir ninguém internamente, mas externamente poderia representar a instituição e conseguir verbas para gerir os projetos de pesquisa. Com exceção dos funcionários administrativos, ninguém recebia qualquer salário e todos se responsabilizavam pelas verbas necessárias à realização de seus próprios projetos. Por volta de 1970, com uma equipe composta por cerca de quarenta e cinco integrantes do staff, havia muitos projetos em andamento no CSP: um projeto de renovação educacional, destinado a inovar todo um sistema escolar, através de Grupos de Encontro, encabeçado por Doug Land e Carl Rogers; um projeto contra o uso de drogas por adolescentes; o " La Jolla Program", para treinamento de facilitadores de grupo; um projeto destinado ao planejamento de conferências; um outro destinado ao desenvolvimento de um centro de pesquisa; um projeto sobre comunidades; o projeto dos workshops ; um projeto que visava desenvolver a consciência através de encontros inter-raciais; um programa educacional contra as drogas; o "psycreation" para desenvolver produtos humanizadores para o público em geral; o " Entry Training Project" para facilitar o ingresso de pessoas sem treinamento específico no mercado de trabalho. Quase todos os integrantes do centro possuíam seus próprios empregos fora da instituição, o que possibi-

litava uma dedicação sem fins lucrativos aos projetos.

Quanto à família Rogers, embora distantes uns dos outros geograficamente, tornaram-se mais próximos em termos emocionais. Isto ocorreu, em parte devido aos divórcios de ambos os filhos, levando Helen e Carl a dar-lhes suporte e afeto nesta fase de transição. Durante este período, David desenvolveu um projeto profissional com seu pai. Ele havia se transferido para o estado de Maryland em 1968, onde em Baltimore assumiu a direção do Hospital "Johns Hopkins" e vinculou-se ao corpo docente da "Johns Hopkins University School of Medicine". David continuou suas pesquisas, publicando cerca de 50 artigos nos próximos dez anos e seu trabalho com o prestigiado "Year Book of Medicine". Após três anos em Baltimore, ele é convidado a assumir a presidência da Fundação Robert Wood Johnson, a segunda maior fundação particular dos Estados Unidos, destinada a financiar pesquisas científicas na área da medicina. Através do convite de Orienne Strode, que havia trabalhado como secretária e administradora do CSP e que por ser casada com um clínico geral, estava sensibilizada com o stress vivido pelos médicos, devido à dura jornada de trabalho e ao contato freqüente com a morte e as doenças, Carl e David iniciam um projeto em 1971 destinado a professores das escolas de medicina, com o objetivo de fornecer uma combinação de crescimento pessoal e estratégias para o desenvolvimento organizacional e passam a utilizar o modelo dos grupos de encontro como metodologia para o curso. Eventualmente, vieram a participar do projeto administradores de hospital, pessoas ligadas às fundações

médicas, estudantes de medicina, médicos internos e residentes e esposas de médicos, além dos docentes. O "Human Dimensions in Medical Education" tornou-se um programa do "Center for Studies of the Person" seu alcance foi muito grande, tendo envolvido mais de mil professores de medicina, muitos deles com grande influência na área, sem contar o número de estudantes, administradores e esposas que também participaram ao longo dos anos. Muitos dos artigos de David passaram a relacionar-se com o tema do projeto: "The doctor himself must Become the Treatment", "Medicine and Change", e "Illness Must Be Understood not in Scientific but in Human Terms."

Natalie Rogers, por sua vez, após concluir seu mestrado em Arte em 1960, dedicou-se a sua formação como psicoterapeuta e a aprender um novo estilo de vida como uma mulher divorciada. Envolveu-se com o trabalho de Grupos de Encontro para o desenvolvimento da criatividade e acabou, também, compartilhando com o pai um projeto profissional no CSP, voltado para a formação de Encontros de Comunidade, uma evolução dos programas de workshops intensivos. Publicou um livro, "The Emerging Woman" em 1980, onde expõe suas idéias e experiências pessoais como artista e psicoterapeuta centrada no cliente, trabalhando com indivíduos e grupos, principalmente grupos de mulheres. Seu trabalho estendeu-se a outros países da América Latina, tais como, Chile, Argentina, Nicarágua e México, e integrou equipes nos institutos europeus de formação de Facilitadores de Grupo em Paris, Bonn e no Programa de Treinamento Centrado na Pessoa em Roma. Atualmen-

te, promove workshops intitulados "Mulheres na Transição da Meia-Idade", grupos de "Mães e Filhas", em colaboração com uma de suas próprias filhas, "Homens-Mulheres: superando os papéis sexuais" e, ainda "Descoberta da Conexão Criativa", trabalho em que associa a arte, os movimentos, a escrita e os jogos. É interessante notar a influência tanto de Helen quanto de Carl nos trabalhos de Natalie, como se ela os unisse dentro de si, buscando uma integração de suas habilidades. Quanto a David, herdou do pai a dedicação ao trabalho de pesquisa, o compromisso com a renovação em sua área de estudo e o interesse por educação e em melhorar as condições de vida dos seres humanos.

A California representou para Rogers a oportunidade de trabalhar de forma independente, em sua própria instituição, sem ter que enfrentar os entraves burocráticos das instituições maiores, e isto só foi possível porque tinha alcançado uma situação financeira bastante satisfatória através da publicação de livros, alguns dos quais tornaram-se best-sellers, embora fossem obras técnicas. Data dos anos sessenta a incursão de Rogers nas áreas da Educação e dos Grupos. Sempre estivera interessado e envolvido com ensino e aprendizagem, porém em 1970 sistematiza suas experiências e propostas para um ensino centrado no aluno na obra "Freedom to Learn". É convidado por diversas instituições educacionais a assessorar reestruturações curriculares, integração da administração com docentes e alunos, facilitar a emergência de relações interpessoais mais gratificantes para todos os segmentos que compõem a vida acadêmica. Estas atividades

colocam-no novamente numa posição de destaque em termos nacionais e em outros países da América Latina, Europa e Ásia. Seu prestígio nesta área deveu-se, em grande parte, a um movimento cultural nos Estados Unidos no sentido de promover uma "educação aberta" e à aplicação dos princípios da Psicologia Humanista às relações professor-aluno, a partir de artigos enfocando as reformas em andamento no sistema educacional britânico, principalmente no ensino de primeiro grau. Rogers, cujas idéias sobre o tema já haviam amadurecido ao longo de toda uma vida dedicada ao ensino universitário, somente teve que aproveitar os ventos favoráveis para expandir seus pontos de vista.

Quanto a seu interesse na área dos grupos intensivos e das relações inter-raciais, expandiu-se com a efetivação dos programas desenvolvidos em La Jolla, que serão descritos de forma detalhada nos capítulos 2 e 3 do presente estudo. Cumpre-nos finalizar esta síntese dos fatos mais significativos da vida e obra de Carl Rogers, com alguns comentários sobre seus últimos anos de vida. Na obra "A Way of Being" publicada em 1980, ele próprio relata o sofrimento que antecedeu o falecimento de Helen, após um longo período em que ela lutou contra o câncer, e sua difícil decisão de dar continuidade aos compromissos profissionais, a despeito de, com isto, ter que afastar-se freqüentemente de casa. Refere-se também ao processo de envelhecimento de uma forma corajosa e bem humorada, derrubando alguns mitos ao afirmar que aos setenta e cinco anos continuava sexualmente interessado nas mulheres e intelectualmente motivado para dar prosseguimento a

seus projetos, a despeito das limitações impostas pelo corpo. Um bom exemplo desta energia foi sua ousada incursão em solo brasileiro, trazido pelas mãos de um jovem entusiasta de suas idéias, Eduardo Bandeira, durante o ano de 1977, para facilitar grupos de encontros (um deles televisionado), proferir palestras para milhares de pessoas no Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo e participar de encontros com psicólogos e educadores. Sua passagem pelo Brasil, embora breve (esteve mais duas vezes aqui após 1977) abriu caminhos que deram origem a muitos empreendimentos em universidades, programas de formação de psicoterapeutas e facilitadores de grupos, treinamento de professores, etc. No ano de sua morte, 1987, realizava-se em São Paulo o II Curso de Estudos Avançados na Abordagem Centrada na Pessoa, organizado pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, através da iniciativa da Profa. Rachel L. Rosenberg, que estagiara no Center for Studies of The Person anos antes e que desenvolvia, então, um trabalho baseado nos princípios da terapia centrada no cliente. O Setor de Aconselhamento Psicológico daquela universidade ainda hoje trabalha segundo a inspiração deste modelo oferecendo diversos serviços de atendimento à população. O referido curso que também contava com a presença de John K. Wood, antigo colaborador de Rogers no CSP, desenvolveu-se segundo uma metodologia pouco ortodoxa: a fim de possibilitar a participação de profissionais de diversos países da América do Sul, Wood e Rosenberg propuseram encontros periódicos do grupo (a cada seis meses) por dois anos, durante os quais os participantes residiam no mesmo local por

cerca de dez dias, num tipo de experiência em que se associava uma aprendizagem cognitiva com a vivência emocional do grupo. Nos intervalos entre estes encontros, os participantes desenvolviam seus próprios projetos profissionais, podendo recorrer à supervisão dos professores. A experiência do primeiro curso mostrou-se, a princípio, conturbada para os participantes e para os professores, devido a sua configuração pouco habitual; porém, ao final dos dois anos, o grupo passara por mudanças pessoais e cognitivas extremamente importantes e os frutos têm se feito presentes no impulso que os profissionais envolvidos imprimiram em seus próprios campos de atividade. A autora deste estudo foi uma das participantes deste evento e teve sua vida pessoal e profissional profundamente enriquecida por aqueles encontros, principalmente no que se refere a uma visão mais lúcida das possibilidades e limitações da Abordagem Centrada na Pessoa quando aplicada ao contexto de países da América Latina.

1.2 DA TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA.

A obra de Rogers sobre psicoterapia é ampla e variada. Além de seus próprios livros, inclui publicações em periódicos científicos, capítulos e prefácios em volumes de Psicologia e Psiquiatria. Ele proferiu palestras em associações ligadas a Psicologia, Psiquiatria e Serviço Social. Participou de debates em Universidades, apresentando seus posicionamentos frente a psi-

coterapeutas de orientações teórico-filosóficas divergentes como B.F.Skinner, e de diálogos com filósofos, como Martin Buber e Michael Polanyi. Da parceria com psicólogos de seu próprio grupo de colaboradores, ou de outros países, surgiram algumas obras, entre as quais duas com autores brasileiros. Suas publicações no exterior estendem-se a diversos continentes: Europa, Ásia, América do Sul e Austrália. Esta referência à extensão e diversidade de seus trabalhos torna-se útil para facilitar a apresentação da personalidade complexa e, por vezes, surpreendente, de um homem que desde suas primeiras atividades em Psicologia, segundo suas próprias afirmações (ROGERS, 1980), desenvolveu uma habilidade para registrar impressões, pensamentos e emoções através da palavra escrita.

A publicação do seu primeiro livro, "The Clinical Treatment of the Problem Child" (1939), iniciou a trajetória literária e científica na qual cada uma das fases profissionais foi acompanhada ou sucedida por uma determinada obra. A fim de tornar mais nítida a evolução do pensamento rogeriano através das diferentes fases que o caracterizaram, pode-se recorrer à classificação proposta por HART (1961,1970), e também por WOOD (1977, 1983), sobre os períodos no desenvolvimento da Terapia Centrada no Cliente. Serão relacionadas abaixo as denominações dadas aos três principais períodos (comumente utilizadas pelos estudiosos da área) e a estes acrescentamos uma nova fase, descrita a partir da transformação da Terapia Centrada no Cliente, à medida que a Abordagem Centrada na Pessoa ampliou seu contexto de apli-

cações para os campos da Educação e dos Grupos.

PERÍODO I: PSICOTERAPIA NÃO-DIRETIVA (1935 - 1950)
 PERÍODO II: PSICOTERAPIA REFLEXIVA (1950 - 1957)
 PERÍODO III: PSICOTERAPIA EXPERIENCIAL (1957- 1965)
 PERÍODO IV: PSICOTERAPIA CENTRADA NA PESSOA (de
 1965 até os nossos dias).

WOOD (1993), num artigo ainda não-publicado, considera que o termo "Psicoterapia Centrada na Pessoa" é inadequado, por ser vago e aplicar-se a práticas, por vezes, contraditórias em relação à Terapia Centrada no Cliente. Ele sugere uma caracterização para o período posterior à Terapia Centrada no Cliente, de forma a incluir as áreas de aplicação da Abordagem Centrada na Pessoa:

ABORDAGEM

1935.....	1965.....	1995			
Abordagem centrada no cliente		Abordagem centrada na pessoa			
Terapia centrada no cliente----->					
I	II	III	IV	V	VI
Não-	Reflexo	Expe-	Educa-	Grupos	Grandes
diretiva	de	rien-	ção	de	grupos e
	sentimentos	cial		Encontro	resolução de
					conflitos

No quadro acima, a linha pontilhada significa a continuidade da Terapia Centrada no Cliente, apesar do interesse principal de Rogers e de seus colaboradores mais próximos ter se deslocado para outras áreas. Wood pretende também chamar a atenção para o fato de que desde as últimas publicações contendo elaborações teóricas com ênfase exclusiva na psicoterapia já se passaram quase três décadas, ou seja, o mesmo espaço de tempo decorrido desde o surgimento da Terapia Centrada no Cliente.

Consideramos que o posicionamento de Wood decorre do fato de Rogers ter diminuído sua ênfase em relação à atividade psicoterapêutica, à medida que seu interesse voltava-se para a Educação e os Grupos, na década de 70. No entanto, para fins do presente estudo, faz-se necessário encontrar uma denominação, mesmo que provisória, para identificar o tipo de psicoterapia praticado e teorizado a partir da evolução da Terapia Centrada no Cliente, como parte da ampliação da Abordagem Centrada na Pessoa. É necessário, também, delimitar o significado atribuído ao termo "Abordagem Centrada na Pessoa": referimo-nos a uma atitude, uma maneira de abordar ("approach") os problemas humanos, que já estava presente nas primeiras formulações de Rogers sobre psicoterapia, e que continuou sua trajetória nas novas áreas de aplicação. Cada uma das Fases na história desta Abordagem foi caracterizada pela publicação de determinada obra: Fase Não-diretiva, "The Clinical Treatment of the Problem Child" (1942), Fase Reflexiva, "Client-Centered Therapy" (1951), Fase Experiencial,

"On Becoming a Person" (1961), Fase com ênfase na Educação, "Freedom to Learn" (1969), Fase dos Pequenos Grupos de Encontro, "Encounter Groups" (1970), Fase dos Grandes Grupos, "On Personal Power" (1977) e "Way of Being" (1980).

1.2.1 ATIVIDADES ANTERIORES AO SURGIMENTO DA TERAPIA

CENTRADA NO CLIENTE:

INSTITUTE FOR CHILD GUIDANCE - ROCHESTER, N.Y.

Rogers desempenhou atividades clínicas de psicodiagnóstico, triagem e ludoterapia, assim como orientação de pais nos moldes psicanalíticos tradicionais (embora não tenha praticado psicanálise), durante onze anos (de 1928 a 1939), na clínica de Rochester, como membro de uma equipe multiprofissional, na qual chegou a ocupar o cargo de diretor. O livro "The Clinical Treatment of The Problem Child" (1939) é um registro da experiência acumulada durante este período em que esteve afastado da vida acadêmica. Refere-se nesta obra às influências recebidas da convivência com profissionais de outras áreas, principalmente assistentes sociais filiados às idéias de Otto Rank, cuja dissidência em relação à psicanálise freudiana originou uma nova orientação psicoterápica conhecida como Terapia da Vontade (Will Therapy). O interesse despertado em Rogers pelo trabalho conduzido por aqueles assistentes sociais localizou-se em dois aspectos específicos: primeiro, a ênfase colocada por eles na vontade positiva do paciente como fonte de crescimento pessoal; e, segundo, o foco do atendimento voltado para a relação interpessoal estabelecida pelo

profissional com o paciente e não para a obtenção de "insight" sobre os conteúdos passados.

Naquela época, o principal questionamento de Rogers consistia em descobrir o elemento básico necessário para garantir a eficácia das abordagens terapêuticas de uma forma geral. Concluiu que a atitude do terapeuta frente ao cliente era este elemento. Relacionou quatro qualificações requeridas do terapeuta, não obstante sua filiação teórica, para orientar a conduta terapêutica: primeira, **objetividade**, efetivada por uma capacidade de sentir e demonstrar respeito e aceitação, uma compreensão profunda que inviabilizasse a tendência a emitir julgamentos de valor ou morais; segunda, **respeito pelo indivíduo**, desenvolvido através da aceitação da integridade e do nível de ajustamento do cliente, a fim de possibilitar a ele elaborar suas próprias soluções aos problemas; terceira, **compreensão do próprio self**, necessária como um reconhecimento por parte do terapeuta de seus padrões emocionais, suas limitações e deficiências, possibilitando sentir-se pessoalmente confortável nos relacionamentos interpessoais; quarta, **conhecimento psicológico**, obtido através de uma base adequada de conhecimentos sobre o comportamento humano e seus determinantes físicos, sociais e psicológicos.

A colocação de requisitos que se referem a características de personalidade e atitudes do psicoterapeuta em primeiro lugar, obedece à intenção de Rogers de enfatizar como primordial à formação do psicoterapeuta ou conselheiro o desenvolvimento de atitudes e de uma atenção especial voltada ao ama-

durecimento emocional, mais do que apenas ao aprimoramento intelectual.

ACONSELHAMENTO NÃO-DIRETIVO

Ao encerrar suas atividades em Rochester, Rogers ingressou na vida acadêmica como docente na Universidade de Ohio, em 1940. Das aulas ministradas, impressões e reações a seu posicionamento, por parte de alunos e colegas, nasceu seu segundo livro: "Counseling and Psychotherapy" (1942). Foi estimulado a escrevê-lo por sua própria insatisfação com as abordagens correntes em psicoterapia e aconselhamento. Ele as chamava de Terapias Centradas no Conselheiro. É desta época, inclusive, sua opção pela denominação "cliente", ao invés do termo habitual "paciente", advindo da prática médica.

Na obra citada acima, pela primeira vez, ele enfatiza a relação terapêutica como uma experiência de crescimento para o cliente. Afirma que este tipo de terapia não é um preparação para a mudança psicológica, ela constitui a mudança. Define a participação do conselheiro propondo limites para sua ação como autoridade, no sentido de possibilitar-lhe sentir e atuar de forma mais livre e natural no "setting" terapêutico. *"Se o conselheiro compreender claramente as limitações de sua função pode abandonar suas defesas, ficar mais alerta às necessidades e sentimentos do cliente e desempenhar um papel estável em relação ao qual o cliente pode reorganizar-se"* (p.108). Segundo Rogers, para o conselheiro esta deve ser uma relação especificamente controla-

da, um vínculo afetivo com limites definidos. O conselheiro deve reconhecer francamente, no entanto, seu envolvimento emocional como parte desta relação. Ele não deve simular neutralidade e isenção, como propõe a Psicanálise.

É interessante acompanhar, ao longo desta obra, a tentativa de Rogers de desarticular a conotação de autoridade associada ao papel do conselheiro, àquela época desempenhado por psicólogos clínicos que, devido à legislação vigente americana, não podiam ainda exercer as funções de psicoterapeuta, atividade profissional permitida apenas aos médicos psiquiatras. No entanto, Rogers, como membro de um equipe multidisciplinar e trabalhando em saúde pública já ampliara as perspectivas profissionais dos psicólogos, ao exercer a direção daquela equipe e atividades clínicas em todos os níveis. A maioria dos conselheiros-psicólogos exercia suas funções junto a escolas e centros comunitários. Retomando a questão do poder atribuído ao conselheiro-terapeuta, Rogers afirmava que terapia e autoridade não são compatíveis e acabou por propor algumas soluções parciais a este problema, nas quais enfatizava a necessidade de uma especificidade mais adequada do papel do conselheiro, a fim de desvinculá-lo de imagens associadas ao exercício de profissões em que a autoridade é um elemento inerente, tais como o professor e o orientador. Acentuou-se, desde então, a luta de Rogers no sentido de ampliar o campo de trabalho do psicólogo no âmbito da prática clínica psicoterápica. Aparentemente, este objetivo coincidiu com sua própria necessidade de sentir-se mais autônomo para criar uma atmos-

fera de permissividade na relação com o cliente. Por outro lado, esta questão pode ser analisada quanto a sua preocupação em estabelecer uma interação com o cliente permeada por limites claros quanto ao grau de seu envolvimento pessoal. Tendo-se afastado dos moldes psicanalíticos que lhe amparavam a conduta terapêutica, via neutralidade, Rogers vivenciou novas angústias ao estar com os clientes. A definição encontrada por ele para este dilema precisou amadurecer ao longo dos anos que se sucederam e das suas próprias experiências como psicoterapeuta.

1.2.2 TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE

Embora HART(1961) e WOOD(1977) incluam em suas classificações o período do Aconselhamento Não-Diretivo como parte da história da Terapia Centrada no Cliente, preferimos distingui-lo como anterior a ela, no sentido de caracterizar melhor o início dos trabalhos de Rogers como psicoterapeuta com um proposta teórico-filosófica própria, a partir da publicação da obra "Terapia Centrada no Cliente"(1951). Até então, como ele próprio afirma (Rogers, 1970), continuava vinculado às atividades no campo do Aconselhamento e esta passagem para a psicoterapia propriamente dita representa, de certa forma, uma evolução em seu posicionamento sobre a relação a ser estabelecida com o cliente.

Fase Reflexiva: Desde o prefácio da obra "Terapia Centrada no Cliente" (1951), Rogers baseia suas hipóteses sobre a relação terapêutica em observações de suas próprias experiências subjetivas na interação com o cliente. Refere-se ao conteúdo dos

capítulos como "decorrendo de experiências altamente pessoais de cada um de nós," aludindo aos dois participantes da cena terapêutica. Dedicar um capítulo à atividade e orientação do conselheiro, com um posicionamento enfático quanto à grande influência dos significados apreendidos pelo terapeuta, suas atitudes frente ao cliente e a concepção de base que assume sobre seu papel no desenvolvimento da relação terapêutica. Apresenta uma concepção sobre as técnicas como meios para tornar real e operacionalizar sua filosofia sobre relações humanas ou sobre o ser humano. Coloca na prática da psicoterapia a possibilidade de comprovação de tais hipóteses, na medida em que o principiante parte de uma confiança limitada na capacidade do ser humano para auto-compreensão e reorganização de si mesmo e vai, gradativamente, aumentando esta confiança a partir do que observa durante as sessões e dos resultados das terapias para as vidas dos clientes. Acredita que, apenas se persistir neste caminho, o terapeuta iniciante terá a chance de descobrir sua própria disponibilidade para trabalhar segundo a filosofia desta orientação terapêutica. Se sua ansiedade natural o levar a assumir responsabilidade pela direção do cliente, fatalmente tenderá a lançar mão de intervenções mais interpretativas. Afastar-se-á, assim, do processo de interação, através de uma postura mais diretiva.

HART (1970) afirma que embora predominem referências a operações no cliente, com a atividade do terapeuta sendo vista como essencialmente neutra e passiva, há uma participação subjetiva intensa ocorrendo no terapeuta, mas, este se abstém de

expô-la ao cliente, ou torná-la parte da interação. ROGERS (1951) permaneceu fiel a uma visão mais clássica de psicoterapia como uma atividade objetivamente desempenhada pelo psicoterapeuta mediante seus conhecimentos e técnicas. Reconheceu, no entanto, a importância das experiências vividas no encontro com o cliente para sua própria vida pessoal.

Segundo SHLIEN e ZIMRING (1970), o desvio da noção de "não-direção" para "centrada no cliente," não é uma revisão de nomenclatura simplesmente, pois significa uma clarificação da perspectiva. Como o termo negativo sugere, a terapia não-diretiva ainda permanece fora do cliente; almeja usar a permissividade como um catalisador para o desenvolvimento de insight. Centrar-se no cliente sugere não apenas um papel mais ativo por parte do terapeuta; também significa que ele torna o cliente o foco de sua atenção. Se, anteriormente, seu papel era o de ficar fora do caminho do cliente, agora ele é levado a comprometer-se numa busca por compreensão empática do sistema de referência da outra pessoa. Para por em prática a empatia, autenticidade e aceitação incondicional propostas por ROGERS (1957), requer-se do terapeuta que aprenda a vivenciar o relacionamento terapêutico, de forma mais completa, com a totalidade de seu self. *"No trabalho terapêutico, o terapeuta não está tão atento ao cliente, como um objeto em uma vitrine, quanto aos sentimentos que o cliente nele provoca. O trabalho terapêutico não passa de uma atenção extrema, delicada, amorosa, poder-se-ia dizer, levada pelo terapeuta às suas próprias percepções do cliente, às suas emoções com rela-*

ção ao cliente."(Pagès, 1976, p.97)

Fase Experiencial: Por volta de 1960, com a teoria dotada de coerência interna e uma metodologia elaborada para a prática clínica, Rogers e alguns colaboradores da Universidade de Wisconsin, para onde se transferira em 1957, começaram a sentir-se inquietos quanto à extensão e abrangência das contribuições da Terapia Centrada no Cliente. Preocupavam-se com o fato de que o trabalho clínico, até então efetivado, principalmente no Centro de Aconselhamento da Universidade de Chicago (1954-1951), estava assentado, exclusivamente, na prática da terapia com clientes neuróticos. Especificamente, resolveram comprovar a validade da teoria quando aplicada a indivíduos psicóticos e aos normais. Graças a esta inquietude, natural em Rogers, a Terapia Centrada no Cliente foi, então, aplicada a pacientes esquizofrênicos, através de uma pesquisa efetivada num hospital psiquiátrico. Este projeto de pesquisa foi possível pelo fato de Rogers, naquele período, acumular cargos em dois departamentos da Universidade: de Psicologia e de Psiquiatria.

A tentativa de praticar as atitudes facilitadoras e o reflexo de sentimentos àquela nova população de pacientes crônicos hospitalizados produziu nos profissionais envolvidos grandes transformações. A princípio, sentiram grande dificuldade em interagir com indivíduos desmotivados e que, muitas vezes, recusavam-se a comparecer às sessões marcadas de psicoterapia. Decidiram, então, dar ênfase à comunicação de calor humano e aceitação incondicional ; ofereceram suas presenças àqueles seres

humanos solitários e redescobriram seus próprios sentimentos de solidão. *"Quando não existe um relacionamento em que possamos comunicar ambos os aspectos de nosso eu dividido - nossa fachada consciente e nosso nível mais profundo de experiência - sentimos a solidão de não estarmos em contato real com qualquer outro ser humano."* (Rogers, 1977b, p.92)

Esses terapeutas foram, segundo GENDLIN(1963), gradativamente, observando que a terapia eficaz com pacientes extremos deveria ser pessoal e expressiva - um processo sub-verbal, concretamente vivenciado. As expressões faciais do terapeuta, seus gestos, eram captados por aqueles indivíduos que a ele reagiam através de comunicações do mesmo tipo. Frente a clientes tão passivos, a iniciativa do processo de interação cabia ao terapeuta, sendo de importância vital para o desenvolvimento e sobrevivência do próprio contato. Assim, estes terapeutas revolveram-se internamente, trazendo à tona seus próprios sentimentos ao estar diante do outro: interrogaram-se, sentiram-se tolos, inúteis, generosos, sós, desesperados... E perceberam que, em alguns casos, esta participação ativa de sua subjetividade provocou alterações no cliente, estimulando-o a trazer à tona expressões de sentimentos pessoais - a interação se efetivava.

A obra "The Therapeutic Relationship and its Impact"(1967), não traduzida para o português, representa um marco na evolução da Terapia Centrada no Cliente, ao trazer referências ao impacto da subjetividade do terapeuta ou de fatores fenomenais na terapia como parte dos resultados do projeto de pesqui-

sa. Difere das pesquisas anteriores, tais como as descritas na obra "Psychotherapy and Personality Change"(1954), que apenas descreviam as percepções e significados apreendidos pelo terapeuta como aspectos subjacentes à relação com o cliente. Na fase experiencial ocorre a inclusão destes aspectos como parte das funções ou do papel do psicoterapeuta, ultrapassando, portanto, o mero reconhecimento da existência de seu mundo interno. O foco, segundo HART(1970), está colocado nas formas de experienciar e não nos auto-conceitos ou nos conteúdos das experiências.

Algumas das idéias mais pertinentes deste período estão contidas na obra "Tornar-se Pessoa"(1961) na qual Rogers refere-se à psicoterapia como um processo de mudança . Num dos capítulos é reproduzido o artigo de Rogers "A psicoterapia como um processo "(ROGERS, 1958), no qual ele se refere às fases ou níveis do processo experiencial do cliente como se constituindo num continuum, a partir de um ponto rígido, estático, pouco diferenciado e impessoal. O cliente se deslocaria, então, via processo terapêutico, para estágios mais elevados desta escala de sete fases, até chegar a um outro ponto, onde seu nível de funcionamento caracteriza-se por uma maior fluidez, diferenciação de sentimentos e reações pessoais à experiência imediata. Resumidamente, cada uma destas fases é caracterizada por Rogers da seguinte maneira:

Primeira Fase: o indivíduo encontra-se em um estado de rigidez psicológica opondo-se a qualquer fluxo ou mudança. A comunicação interna entre o self e a experiência imediata está

seriamente bloqueada e ele tem pouco ou nenhum reconhecimento do fluxo de sua vida afetiva. Seu modo de viver a experiência atual é influenciado por estruturas passadas e a diferenciação das significações pessoais da experiência é sumária e global. As relações íntimas com outras pessoas são consideradas perigosas e o indivíduo é capaz de comunicar-se apenas através de referências a assuntos exteriores.

Segunda Fase: a expressão começa a ser mais fluente em relação a tópicos não pessoais. Os problemas são captados como exteriores ao próprio indivíduo. Os sentimentos podem ser exteriorizados, mas não são reconhecidos como pertencendo ao próprio indivíduo ou são descritos como objetos passados. A experiência está organizada segundo a estrutura do passado e as construções pessoais são rígidas. A diferenciação das opiniões pessoais é muito limitada e global. As contradições podem ser expressas apenas com um reconhecimento parcial delas enquanto contradições.

Terceira Fase: A expressão de experiências pessoais começa a ocorrer, embora o indivíduo ainda as considere como objetos. Refere-se a si mesmo como um objeto refletido, que existe primariamente nas outras pessoas. A experiência é descrita no passado ou como afastada do self e a aceitação dos sentimentos é muito reduzida. As construções pessoais continuam rígidas, mas já podem ser reconhecidas como construções e não como fatos exteriores. A diferenciação dos sentimentos e das opiniões é mais nítida, menos global do que nas fases precedentes. Ocorre um re-

conhecimento das contradições da experiência.

Quarta Fase: O indivíduo descreve com maior intensidade os sentimentos passados e é capaz de referir-se a eles também no presente, embora ainda os considere como objetos. Esta tendência a experimentar sentimentos no presente imediato ainda provoca desconfiança e medo. A experiência está menos determinada pelas estruturas do passado; ocorrem algumas descobertas sobre as construções pessoais com um reconhecimento do seu caráter como construções. A diferenciação dos sentimentos e dos significados pessoais se intensifica tendendo a uma simbolização mais correta. O indivíduo já é capaz de apreender as contradições existentes entre a experiência e o self e toma consciência de sua responsabilidade perante seus próprios problemas. Na relação com o terapeuta aceita o risco de manifestar um certo grau de afetividade.

Quinta Fase: Os sentimentos são expressos livremente como se fossem experienciados no presente e o indivíduo desenvolve uma tendência para perceber que a experiência de um sentimento envolve uma referência direta. A experiência é construída de forma mais maleável, mais próxima do presente, incluindo descobertas originais sobre as construções pessoais, com uma análise e discussão crítica sobre elas. O rigor na diferenciação dos sentimentos e dos significados pessoais se intensifica e o indivíduo aceita cada vez mais as suas próprias contradições e incongruências. Como decorrência assume mais facilmente a responsabilidade pela resolução de seus problemas.

Sexta Fase: Os sentimentos são experienciados no

presente imediato. Este caráter imediato da experiência é aceito, bem como o sentimento que constitui o seu conteúdo. O eu como objeto tende a desaparecer com a experiência sendo vivida pelo indivíduo subjetivamente, como um processo real. Nesta fase ocorre uma descontração fisiológica como decorrência desta comunicação interior mais livre e relativamente pouco bloqueada. A incongruência entre a experiência e a consciência é vivamente experimentada no próprio momento tendendo a desaparecer.

Sétima Fase: Sentimentos novos são experienciados de forma imediata e com riqueza de pormenores, tanto na relação terapêutica como fora dela. A experiência de tais sentimentos é utilizada como um claro ponto de referência com uma aceitação crescente e contínua por parte do indivíduo. A experiência imediata perde seu caráter esquemático e torna-se a vivência de um processo. As construções pessoais são provisoriamente reformuladas, com o objetivo de serem reavaliadas a partir das experiências atuais. A comunicação interior é clara com uma delimitação adequada dos sentimentos e dos significados pessoais. As opções do indivíduo se ampliam na resolução dos problemas e na maneira de conduzir-se.

Esta visão da terapia como um processo experiencial levou Rogers a descrever também os fenômenos vivenciados pelo terapeuta; encontramos referências a isto na obra "On Becoming a Person" (1961). Neste sentido, ambos, terapeuta e cliente, afetam-se mutuamente, embora estejam em níveis diferentes na escala de experiencição. Esta parece ser a única diferença significati-

va entre o terapeuta e seu cliente - a disponibilidade emocional do primeiro para fluir de acordo com as experiências diretamente sentidas durante a interação num grau mais profundo do que o do cliente.

O aspecto fundamental no que se refere às percepções interiores do terapeuta neste período é o fato das atitudes de autenticidade terem sido redimensionadas; requer-se uma atenção redobrada do terapeuta aos seus próprios sentimentos. A relação terapêutica deixa de ser centrada no cliente para tornar-se bicentrada ou bipolar (SPIEGELBERG, 1972), consistindo num esforço de exploração de dois mundos que interagem em benefício do cliente.

A esta altura de sua experiência clínica, Rogers (1961) tenta uma resolução para o dilema vivido por ele entre a participação quase mística de sua subjetividade na relação terapêutica e sua reflexão objetiva e científica cada vez mais aprimorada. Refere-se a uma vivência intemporal da experiência que existe entre ele e o cliente. *"Está-se no polo oposto de uma visão do cliente ou de mim mesmo como um objeto. É o ponto culminante da subjetividade pessoal"*(p.180). Compara esta, à relação Eu-Tu descrita por BUBER(1957) - encontro de duas subjetividades. Este autor posicionou-se com relutância quanto a aceitar a inclusão de qualquer tipo de relação terapêutica, mesmo a orientação centrada no cliente, como um modelo de relação intersubjetiva, afirmando que a estruturação da situação implica numa desigualdade evidente entre o papel do terapeuta e o do cliente. RO-

GERS(1960) insiste em assegurar que, apesar desta estruturação explícita, sua participação no vínculo estabelecido com a outra pessoa é de natureza tal que pode neutralizar estas diferenças no transcorrer dos contatos, e esta é a intenção primeira da terapia centrada no cliente. Acredita que o potencial curativo deste encontro reside na possibilidade de estabelecer-se como uma relação genuinamente humana e real. A direção deste diálogo intersubjetivo é desconhecida por ambos os participantes. O próprio terapeuta lança-se nele apenas equipado com seu crédito nos potenciais humanos de auto-realização e com a bagagem de suas experiências anteriores. Neste ponto, cumpre salientar a ênfase numa visão do processo, mais do que nos resultados da psicoterapia. O objetivo parece ser o próprio desencadeamento do processo. O caráter recompensador para o terapeuta reside no interior do próprio processo e o maior benefício é permitir ao cliente e a si mesmo vivenciarem um fluxo de experiências vividas no espaço entre ambos. ROGERS (1961) complementa esta postura fenomenológica afirmando que, embora não se pretenda uma resolução objetiva dos problemas trazidos pelo cliente, *"abre-se para ele um novo caminho de vida, no qual faz a experiência dos seus sentimentos de um modo mais profundo e elevado, num campo mais extenso e dilatado. O indivíduo sente-se único e mais solitário, mas também, muito mais real, de tal maneira que suas relações com os outros perdem o caráter artificial, tornam-se mais profundas, satisfazem melhor e introduzem a realidade da outra pessoa no seio da relação"* (p.181). Uma outra forma de ver este processo seria considerá-lo como uma

aprendizagem pelo cliente de um modo novo de ser e relacionar-se.

ROGERS (1974b), no artigo intitulado "*Remarks on the Future of Client-Centered Therapy*", considerou como opções, ou valores da Terapia Centrada no Cliente:

- um desejo de mudar, uma abertura à experiência e aos dados de pesquisa. A confiança do terapeuta centrado no cliente está depositada no processo pelo qual a verdade é obtida e abordada. Não é uma fé na verdade já pronta ou formulada. Em termos de projeções sobre o futuro desta abordagem, afirma que precisará ser expressa através de uma nova filosofia da ciência. Esta encontrará um lugar apropriado para a intuição e os dados experienciais.

- um valor primordial depositado no ser humano subjetivo e uma visão humana da ciência objetiva e empírica como um meio ou ferramenta para o ser humano descobrir novas forças de auto-desenvolvimento e novos meios para alcançar objetivos subjetivamente escolhidos.

- uma ênfase no enorme potencial do indivíduo como alternativa futura para o desenvolvimento de uma maior criatividade, uma liderança mais responsável e um nível de competência mais eficaz para todos os cidadãos. Refere-se aqui aos Grupos de Encontro, "Workshops" e Encontros de Comunidade.

- o reconhecimento de que uma relação humana profunda é uma das mais desesperadoras necessidades do homem, atualmente, em nossa cultura. Este mesmo reconhecimento motivou a Terapia Centrada no Cliente a penetrar na dinâmica dos movimentos

de grupos.

- um outro conceito, desenvolvido ao longo dos anos, segundo o qual a vida existe no momento - a crença de que a vida está sendo vivida agora. *"Tem sido parte de minha própria experiência terapêutica descobrir que viver completamente este momento é a única forma para possuírmos nosso passado construtivamente, sem sermos dominados por ele, e viver completamente o momento presente é o único caminho eficiente de se viver para sempre"* (p.11).

- a ênfase do treinamento e da formação de psicoterapeutas centrados no cliente nos aspectos experienciais e não apenas nos cognitivos.

Com o advento dos grupos de encontro, workshops centrados no grupo e encontros de comunidade como parte das atividades profissionais de Rogers, por volta das décadas de 60 e 70, seu trabalho como psicoterapeuta individual foi também alterado. Ele continuou se desenvolvendo na direção de uma maior autonomia pessoal nas relações terapêuticas, mas seu interesse pelas possibilidades desta abordagem em contextos sociais mais amplos - facilitação de grupos de pessoas normais de uma dada comunidade, ou de grupos de pessoas em situações de conflito, inter-racial, religioso ou intercultural - levou-o a concentrar-se no campo das aplicações sociais da Abordagem Centrada na Pessoa, diminuindo, gradativamente, a prática da psicoterapia individual. Ao transferir-se para a Califórnia em 1964 e criar o "Center for Studies of The Person" juntamente com um grupo de colaboradores,

Rogers deixou os rumos da Terapia Centrada no Cliente àqueles que o haviam acompanhado até então. Sua contribuição ao iniciar e promover o desenvolvimento e aceitação desta orientação em psicoterapia foi, sem dúvida, decisiva.

CAPÍTULO 2

PROCESSOS GRUPAIS NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA: DA PSICOTERAPIA CENTRADA NO GRUPO E DOS PEQUENOS GRUPOS DE ENCONTRO AOS ENCONTROS DE COMUNIDADE.

As formulações de Rogers sobre a Terapia Centrada no Cliente (individual) foram ampliadas para a psicoterapia de grupo desde 1945. As pesquisas sobre o processo da terapia de grupo acompanharam o mesmo rigor científico e a seriedade que caracterizaram e tornaram prestigiada a iniciativa desta abordagem em "tirar a terapia do armário", ao utilizar gravações de sessões com finalidade de aprendizagem e elaboração de hipóteses. Caracteristicamente, os estudos realizados entre 1946 e 1952, tanto com terapia individual quanto de grupo, mantiveram os seguintes elementos, segundo RASKIN(1986a): - as análises do material clínico baseavam-se em transcrições de sessões, ao invés de

anotações ou impressões dos terapeutas; - estudavam tanto o processo terapêutico, quanto seus resultados, de forma objetiva, empregando para tanto, testes de personalidade, tais como Rorschach e T.A.T., mensuração de comportamentos e medidas sociométricas; - forneciam evidências para ambos os campos da equação terapêutica hipotetizada por Rogers durante aquele período: a) as atitudes dos terapeutas centrados no cliente e no grupo, significativamente diferentes daquelas adotadas por terapeutas de orientações terapêuticas mais tradicionais, eram coerentemente caracterizadas pelo reconhecimento e pela aceitação de sentimentos, b) clientes e grupos respondiam com comportamentos que se tornavam gradualmente mais positivos, organizados em planos mais realistas, e mais sensíveis às demais pessoas; - as mudanças comportamentais surgidas ao longo do processo de terapia de grupo mantinham-se nas situações de vida naturais dos clientes; - as atitudes em relação ao self constituíam um aspecto importante do comportamento dos clientes, reforçando a teoria que se desenvolvia sobre a mudança de personalidade que enfatizava o auto-conceito; - clientes bem sucedidos poderiam ser diferenciados dos que obtinham menos sucesso com o processo terapêutico, através de avaliações específicas, por exemplo, nível de utilização de defesas em resposta ao reconhecimento de sentimentos utilizado como técnica terapêutica.

2.1 PSICOTERAPIA CENTRADA NO GRUPO:

As primeiras referências registradas da aplicação

dos princípios da Terapia Centrada no Cliente a grupos, remontam à década de 40. AXLINE(1947), uma psicóloga infantil que fôra aluna e orientanda de Rogers, publicou uma obra intitulada "Play Therapy" (Ludoterapia), na qual descreve casos clínicos tanto de terapia individual com crianças, como também terapias com grupos de crianças. Ela acreditava que *"a criança num grupo parece desenvolver um sentimento de confiança no terapeuta bem mais cedo do que quando o faz apenas em contatos individuais. Isto, é claro, varia com o indivíduo, mas há evidências de que o grupo desenvolve melhor o relacionamento desejável entre o terapeuta e a criança."*(p.79) Seu trabalho também incluiu algumas tentativas de combinar a ludoterapia individual com sessões de terapia de grupo para a mesma criança. *"Durante o curso de tal programa, a criança tem a vantagem de poder utilizar-se da sessão terapêutica para explorar seus sentimentos enquanto está sozinha, de não sofrer o interrelacionamento dinâmico dos outros membros do grupo. Tem, também, a oportunidade de experimentar o mesmo tratamento no relacionamento com as outras crianças."*(p.249)

HOBBS(1951) escreveu um capítulo para a obra de Rogers "Terapia Centrada no Cliente", intitulado "Psicoterapia Centrada no Grupo", no qual explica que *"a terapia de grupo é semelhante à terapia individual em alguns aspectos importantes, porém é nitidamente diferente em outros. As semelhanças surgem do objetivo comum e de uma mesma concepção sobre a natureza da personalidade humana e suas alterações. As diferenças são provocadas por um fato importante: na terapia individual estão implica-*

das unicamente duas pessoas, ao passo que na terapia de grupo entram em interação cinco, seis ou sete pessoas no processo terapêutico. Esta multiplicação do número dos participantes significa muito mais do que uma simples extensão da terapia individual a várias pessoas ao mesmo tempo; suscita uma experiência qualitativamente diferente com potencialidades terapêuticas específicas."
(p.275)

A composição dos grupos e as técnicas adotadas pelo terapeuta serão descritas de forma breve, para os fins deste Capítulo: normalmente, os grupos compõem-se de sete clientes e do terapeuta, podendo, no entanto, ser acrescidos de um ou dois elementos. Um número maior de clientes não é indicado por tornar o grupo lento e aumentar o número dos que ficam na periferia, sem conseguirem envolver-se no processo. Os grupos reúnem-se duas vezes por semana, durante cerca de uma hora, embora muitas vezes seja desejável um período ligeiramente maior. Quanto à duração do processo, é variável e, sempre que possível isto é trabalhado com o próprio grupo, ao invés de ser decidido pelo terapeuta apenas.

Quanto ao terapeuta, a experiência em terapia centrada no cliente individual surge como um elemento importante para sua formação como terapeuta de grupo nesta orientação. Em ambas as situações, os valores do terapeuta sobre as pessoas, sua crença no potencial individual para a mudança construtiva na personalidade e a prontidão com que limita qualquer tendência para intervir com base na suposição de que seu ponto de vista é superior, enfim, a consistência com que traduz em ação sua filosofia

sobre as relações humanas e sobre terapia, permanecem os mesmos. O elemento novo que representa um desafio para o terapeuta de grupo é a possibilidade de liberar o potencial terapêutico do próprio grupo. O objetivo não é realizar uma terapia individual em grupo. Se o terapeuta for hábil, deixará ao próprio grupo a tarefa de se tornar um agente terapêutico e adquirir uma energia própria, com conseqüências terapêuticas nitidamente superiores àquelas que resultariam apenas dos seus esforços individuais, por mais competentes que possam ser.

Quanto à constituição do grupo em relação aos tipos de clientes, a experiência de Rogers e colaboradores incluiu uma diversidade considerável: grande parte da população atendida constou de estudantes universitários que buscavam a clínica de suas universidades de origem, com problemas de adaptação social, incapacidade para enfrentar determinadas situações emocionais ou problemas decorrentes de preconceitos raciais ou religiosos. Também buscavam ajuda psicológica outras pessoas com tipos específicos de problemas, tais como antigos combatentes com diagnóstico de "reação ansiosa grave", mães cujos filhos estavam recebendo tratamento de ludoterapia, delinqüentes juvenis, indivíduos com somatizações perturbadoras como dores de cabeça crônicas e outros sintomas neuróticos permanentes, pacientes com diagnósticos psiquiátricos mais graves como psicose esquizofrênica e outras. Um tipo de população que passou a interessar particularmente a estes terapeutas, consistia num grande número de indivíduos com funcionamento normal, que referiam um desalento em relação à vida, que

lutavam em silêncio com seus problemas, pagando um preço alto por gastar energias suplementares ao realizar suas atividades, mas que apresentavam um enorme potencial de resposta ao tratamento psicológico, principalmente grupal.

A tarefa do terapeuta consiste em comunicar uma compreensão sensível do campo perceptivo do indivíduo e dos seus sentimentos em determinados momentos, sem ir além daquilo que o cliente é capaz de comunicar conscientemente ao próprio terapeuta e aos demais membros do grupo. A ênfase deve ser colocada na aceitação e compreensão dos indivíduos no grupo, assim como na facilitação para que outros participantes também desenvolvam atitudes terapêuticas, desde que ele próprio representa um modelo de compreensão empática para todos os membros do grupo. Não há respostas interpretativas, como nas psicoterapias analíticas de grupo. O termo *centrada no grupo* vem como extensão de *centrada no cliente* e não implica uma análise da dinâmica do grupo ou dos processos grupais.

GORDON (1951), que escreveu um outro capítulo na obra "Terapia Centrada no Cliente", intitulado "Liderança e Administração Centradas no Grupo" caracterizou o grupo como uma entidade poderosa e positiva. Ele salientou que dadas certas condições, um grupo atualizará sua *capacidade adaptativa* e aumentará sua produtividade e harmonia interna. O terapeuta centrado no grupo não assume, portanto, responsabilidade pelo destino do grupo, mas facilita a emergência de uma responsabilidade grupal, através do estabelecimento de uma atmosfera onde haja empatia,

aceitação incondicional e calor humano. Para Gordon, o terapeuta desempenha um papel de *ligação*, ou seja, cabe a ele compreender o sentido e as intenções das comunicações entre os membros do grupo, estabelecendo a ligação do que acaba de ser expresso com a corrente principal das idéias ou com os comentários anteriores.

2.2 GRUPOS DE ENCONTRO:

2.2.1 ORIGEM DO TERMO E DEFINIÇÃO:

Segundo YALOM(1970), esta designação é primitiva, inexata e genérica, por englobar uma grande variedade de tipos e concepções de grupos. Embora a categoria referida por tal nomenclatura seja surpreendente em sua diversidade, permanecem denominadores comuns compartilhados por todos estes grupos. Eles variam em tamanho, indo de oito a vinte membros - suficientemente grandes para encorajar interações face a face, e ainda assim, pequenos o suficiente para permitir que todos os participantes interajam; têm uma duração limitada, geralmente, indo de poucas horas até dias; focalizam, principalmente, o "aqui-e-agora" das relações interpessoais; tentam abolir os atitudes cerimoniais e encorajam a derrubada das fachadas sociais tradicionais; valorizam a honestidade interpessoal, a descoberta, o confronto, a expressividade emocional e a auto-expressão. Os objetivos do grupo são vagos. Ocasionalmente, eles enfatizam meramente a

oportunidade de uma experiência ou de entretenimento mas, com alguma freqüência, implícita ou explicitamente, visam algum tipo de mudança na personalidade, no comportamento, nas atitudes, nos valores, nos graus de auto-atualização, nas relações interpessoais e com a natureza, com o próprio ser físico, ou até uma mudança no "jeito de ser" da pessoa no mundo. Os participantes não são rotulados como "pacientes", nem a experiência é considerada uma terapia, mas sim uma possibilidade de "crescimento". O "setting" grupal informal, freqüentemente recreativo, e a definição inexata tornam impossível a realização de um censo preciso, quanto ao número de pessoas que participaram de tais experiências grupais mas, os especialistas na área estimam que até a década de 70 cerca de cinco milhões de americanos haviam experimentado alguma variação de Grupo de Encontro. O autor considera que a expansão explosiva do uso de grupos com a finalidade de promover mudanças pessoais não foi acompanhada por uma preocupação correspondente no que diz respeito à quantidade de informações sobre o que fazem estes grupos e se o fazem bem. As inovações neste campo têm excedido as avaliações. Grande parte da assim chamada teoria do Grupo de Encontro tem recebido contribuições de praticantes especialistas, freqüentemente prestigiados, esforçando-se por extrair a essência de suas próprias habilidades. Freqüentemente, isto tem levado a profecias e dogmas.

O primeiro precursor bem conhecido dos Grupos de Encontro que proliferaram nos Estados Unidos na década de 60, ocorreu em 1946. Frank Simpson, diretor executivo da Comissão

Interracial do estado de Connecticut, EUA., solicitou a uma equipe de psicólogos sociais e educadores, liderados por Kurt Lewin, que conduzissem um "workshop" (termo utilizado também por publicações em língua portuguesa para designar uma oficina de trabalho) de treinamento para líderes, a fim de aumentar a eficiência nas ações relativas às tensões interraciais nas comunidades. Kurt Lewin, um psicólogo alemão que emigrara para os Estados Unidos, pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial e que ficou conhecido como autor da "teoria do campo", exercia, àquela época, o cargo de diretor da Comissão de Interrelações da Comunidade, subordinada ao Congresso Judaico-Americano, e era também diretor do recém-fundado Centro de Pesquisa sobre Dinâmica de Grupo do Instituto de Tecnologia de Massachusetts. Simpson solicitou ajuda no sentido de treinar uma grande variedade de líderes comunitários - empresários, trabalhadores, professores - para que aprendendo a lidar mais eficientemente com as tensões interraciais, pudessem usar seus conhecimentos para alterar as atitudes sociais nos diversos segmentos de suas comunidades.

Kurt Lewin havia desenvolvido, durante a década de 40, uma abordagem aplicada à Psicologia Social e estudara os processos grupais, tendo criado o "Centro de Pesquisa de Dinâmica de Grupo." Em sua teoria, ele considerava o grupo como uma entidade em si mesma, com qualidades próprias, e não como uma mera coleção de indivíduos; deve-se a Lewin a introdução dos termos: "dinâmica de grupo" (estudo das qualidades do grupo) e "pressão do grupo" (influência do grupo na determinação do comportamento de seus

membros). Ele organizou, então, um workshop em Junho de 1946 no município de New Britain, Connecticut, no qual três líderes de grupo, Leland Bradford, Kenneth Benne e Ronald Lippit - todos eles exercendo grande influência no novo campo de treinamento de relações humanas - lideraram grupos de dez membros, nos quais os participantes engajavam-se em discussões, com o objetivo de analisar os problemas que haviam experienciado em suas próprias comunidades de origem. Em cada grupo havia um relator que registrava os resultados dessas discussões e as apresentava ao staff (grupo de coordenadores do evento) do workshop, em reuniões de planejamento que aconteciam todas as noites. A pedido de alguns participantes, estas reuniões noturnas tornaram-se abertas, para que eles pudessem compartilhar as observações dos relatores. Pouco tempo depois, todas as partes estavam envolvidas na análise e na interpretação da dinâmica operativa dos grupos que compunham o workshop. Os participantes concordaram que estas reuniões noturnas ajudavam a compreender seus próprios comportamentos e o impacto destes sobre os problemas discutidos, ou seja, os efeitos sobre as pessoas envolvidas. O staff percebeu que eles haviam, talvez inadvertidamente, descoberto uma técnica poderosa para o treinamento de relações humanas.

O pequeno grupo que se tornou o centro do workshop de Connecticut passou a ser uma referência para os subseqüentes "Grupos-T" (T-Group), sendo o "T" para treinamento, ou grupo de treinamento de sensibilidade (sensitivity-training group) que evoluíram, ao longo dos anos, para um instrumento educacional

cada vez mais refinado. O primeiro "Grupo-T" foi realizado em Bethel, Maine, em 1947, pouco depois da morte de Lewin. Aqueles que trabalharam com ele continuaram a desenvolver tais grupos, não só enquanto estavam no Massachusetts Institute of Technology (MIT), mas, também, mais tarde, na Universidade de Michigan. Os grupos de verão em Bethel tornaram-se famosos. Formou-se uma organização responsável pelos "National Training Laboratories", com escritórios em Washington, e que desde então se desenvolveu. A primeira investida dos grupos NTL ocorreu na área industrial, visando treinamento de administradores e diretores. Esta iniciativa foi favorecida porque as indústrias tinham condições para subsidiar os custos destas experiências grupais para seus dirigentes. Líderes de grupo passaram a empregar conceitos, tais como "feedback" e "observação-participante". Eles também desenvolveram muitas técnicas novas ou exercícios para explicar a dinâmica do funcionamento do pequeno grupo.

Segundo YALOM(1970), aquele que se tornaria o moderno, oscilante, "deixe tudo à mostra" Grupo de Encontro surgiu apenas como um pequeno ponto no horizonte, até o início da década de 60. Ele derivou de muitas fontes. Um ímpeto importante no desenvolvimento do novo grupo de encontro ocorreu quando diversos líderes, versados em desenvolvimento de grupos, da Costa Oeste americana questionaram a limitação dos treinamentos oferecidos sobre relações humanas, quanto a sua eficácia em promover aquisição de habilidades interpessoais e de liderança. Eles propuseram uma redefinição, segundo uma orientação mais humanista, enfati-

zando o crescimento pessoal, o desenvolvimento do potencial total do indivíduo, a descoberta de recursos escondidos e intocados. A ênfase passou da aprendizagem sobre as pessoas em grupo para a aprendizagem sobre si mesmo.

Não é lícito identificar uma única fonte para o movimento dos Grupos de Encontro. A Califórnia dos anos 60 era um solo fértil para uma experiência que oferecia promessa de intimidade e um espírito comunitário. Em termos sociais, havia um colapso inexorável das instituições que tradicionalmente tinham sido responsáveis por fornecer estabilidade e intimidade. A família nuclear, bem como a extensa, a vizinhança estável, ou o grupo de trabalho, os comerciantes locais e o médico da família, a igreja da paróquia, enfim, todas as referências afetivas do indivíduo na sua comunidade sucumbiam frente às exigências de progresso e de uma tecnocracia em constante mudança. O grupo de encontro tornou-se um oásis social onde as pessoas podiam se despir da fachada de competência exigida por uma sociedade mutante e competitiva, e relaxar quanto às dúvidas, medos e desapontamentos. Forças harmoniosas presentes nas concepções das novas abordagens psicológicas, criadas por homens como Carl Rogers e Abraham Maslow, que contribuíam com uma visão positiva e humanista sobre o homem, forneceram um ímpeto para o "grupo de crescimento pessoal (personal growth group)". De um outro lado, psicoterapeutas de orientações mais tradicionais, cada vez passavam a empregar com mais frequência o método grupal, algumas vezes como uma simples resposta ao crescente número de pessoas que queriam

ser atendidas, outras vezes por uma convicção de que o grupo, por si só, possuía uma força curativa poderosa.

Outras propostas de grupos emergiram simultaneamente, porém de forma independente: Synanon, terapia Gestáltica, a Maratona, propostas de vivências de estilos de vida alternativos. A princípio, todas referiam-se às pessoas como pacientes ou clientes. A doença era identificada como decorrendo da própria cultura tecnocrata desumanizante; o remédio, o resgate da condição humana; o veículo de tratamento idealmente escolhido, o pequeno grupo, "terapia de grupo para normais". A diferenciação entre doença mental e saúde foi se tornando, gradativamente, tão vaga quanto a distinção entre o tratamento e o tipo de mudança que ele produzia. Líderes de grupos para crescimento pessoal declaravam, concomitantemente, que a condição de "ser paciente" é onipresente e que ninguém precisaria estar doente para melhorar, para ficar bem.

O "Grupo-T" foi reconfigurado por Carl Rogers como "grupo de encontro básico", tendo proliferado rapidamente em meados da década de 60, até atingir proporções quase epidêmicas por volta de 1967, quando um estudo comparativo realizado por LIEBERMAN, YALOM e MILES teve início, dando origem à obra "Encounter Groups: First Facts" (1973). Os eventos ocorridos nos quinze anos posteriores ao primeiro workshop de Connecticut constituíram o cenário no qual as questões básicas e a metodologia deste estudo foram moldadas. Os pesquisadores citados consideraram ser necessário, àquela altura, reunir os dados relevantes para examinar

se os muitos rótulos atribuídos aos grupos de crescimento pessoal refletiam diferenças reais. Também, visavam desenvolver idéias iniciais sobre os processos específicos, através dos quais tais grupos afetavam os participantes, afim de compreender os diversos aspectos da experiência, considerados como ingredientes essenciais geradores das mudanças observadas nos indivíduos - o líder, a cultura do grupo, as características pessoais dos participantes, as atividades ou métodos de aprendizagem utilizados para afetar a mudança. Os autores realizaram, então, uma análise comparativa entre a ampla gama de teorias e métodos existentes àquela época, sob a rubrica de "grupos de encontro". A proposta consistiu em analisar dez das mais conhecidas abordagens psicológicas que se utilizavam de modelos grupais.

A relevância social dos problemas emergentes nos grupos de encontro e a escassez de informação sistemática levaram a um esforço concentrado dos autores acima citados para identificar todos os indivíduos que pudessem ter sido psicologicamente prejudicados por este tipo de experiência. As evidências mostraram-se muito limitadas, mas não houve falta de reações emocionais, quanto aos supostos riscos psicológicos envolvidos. Por um lado, surgia uma tendência para ver apenas danos nas técnicas dos grupos de encontro. Alguns especialistas em saúde mental que diagnosticaram problemas psicológicos, em pessoas que haviam participado de grupos de encontro, reagiam rotulando todo o campo das relações humanas como sendo perigoso e irresponsável. No outro extremo, surgia uma tendência para ignorar, ou desconsiderar,

certas evidências quanto às possíveis conseqüências adversas da experiência dos Grupos de Encontro. Muitos líderes de grupo e alguns centros de crescimento pessoal estavam muito pouco conscientes destas conseqüências prejudiciais. O contato deles com seus clientes era intenso, porém breve; geralmente, a proposta dos grupos não incluía " follow-up" e, em função disto, o acesso às reações a experiência, não se tornavam disponíveis. Além disto, alguns líderes de grupo rejeitavam a definição médica ou psiquiátrica dos efeitos adversos. Eles afirmavam que estressar os participantes até que eles necessitassem de ajuda emocional era um benefício, e não um risco. Estes líderes acreditavam que tais pessoas, ainda que temporariamente piorassem, de fato, passavam por uma experiência de crescimento que, a longo prazo, as ajudaria a se organizarem internamente de forma mais integrada. Evidências que pudessem apoiar qualquer uma destas posições não foram suficientes, segundo os resultados da pesquisa.

Relacionamos abaixo as principais formas assumidas pelos Grupos de Encontro nos Estados Unidos da década de 60, incluídas na pesquisa referida e também descritas por ROGERS na obra "Grupos de Encontro", publicada em 1970:

- 1) National Training Laboratory (que engloba os seguintes tipos de grupos: o Basic Human Relations Group, T-Group, Sensitivity Group);
- 2) Terapia Gestáltica;
- 3) Análise transacional;
- 4) Esalen Ecletic;

5) Crescimento pessoal (Personal Growth ou National Training Laboratory Groups, Western Style);

6) Synanon: (também conhecido como o jogo Synanon) é bastante diferente dos demais. Originalmente, ele foi concebido para tratar droga-aditos, mas, posteriormente, sua aplicabilidade foi ampliada, de forma a oferecer como ajuda um novo estilo de vida para qualquer indivíduo psicologicamente comprometido. Ele enfatiza a expressão da raiva; o jogo consiste em se concentrar em cada membro de uma vez, com os outros participantes, sistematicamente, promovendo a sua submissão através de ataques verbais, presumivelmente, com a crença de que se a pessoa for atacada em suas áreas mais fracas, por um tempo suficientemente longo, ela ficará mais forte. É considerado um jogo, talvez porque quando o grupo termina, a atmosfera muda rapidamente para um tipo de apoio caloroso.

7) Psicodrama: Considerar o psicodrama como um tipo de grupo de encontro é um lapso de lógica, pois ele, assim como o "role-playing" é usado como um auxílio, ou uma técnica auxiliar, em muitos Grupos de Encontro.

8) Maratona;

9) Grupo de Orientação Psicanalítica: O termo "grupo de encontro psicanalítico" representa grupos de encontro liderados por clínicos conservadores, de orientação analítica.

10) Encounter Tapes (ou grupos sem liderança; em inglês, a denominação refere-se a grupos liderados por gravações

sonoras): Muitos grupos de encontro são auto-dirigidos; eles não tem um líder oficialmente designado, embora freqüentemente surja um líder informal do próprio grupo. Elizabeth Berzon investigou diversos métodos para aumentar a eficácia destes grupos sem líderes.

2.2.2 GRUPOS DE ENCONTRO CENTRADOS NA PESSOA:

Entre 1946 e 1947, logo após o término da Segunda Guerra Mundial, Carl R. Rogers e sua equipe, composta por alunos e colegas, do Centro de Aconselhamento da Universidade de Chicago, empenhavam-se no treinamento de conselheiros para atender à solicitação de uma associação, mantida pelo governo, chamada "Administração dos Veteranos". O objetivo daquele programa visava preparar professores para o aconselhamento de veteranos de guerra. A equipe sabia que nenhum treinamento que englobasse apenas aspectos cognitivos seria suficiente, e em função disto tentaram uma experiência de grupo intensiva, na qual os participantes se reuniam durante várias horas por dia, afim de aumentar a auto-compreensão, para se tornarem conscientes das atitudes que poderiam ser causadoras de fracasso nas relações de aconselhamento, e também para aprenderem a relacionar-se uns com os outros através de formas que pudessem vir a ser transpostas para o trabalho de aconselhamento. A intenção era aliar a aprendizagem experiencial (emocional) à cognitiva, num processo que tivesse valor terapêutico para os indivíduos. O resultado foi tão satisfatório que a equipe continuou a se utilizar deste processo nos grupos de ve-

rão, para o treinamento de terapeutas e conselheiros. Os "grupos de Chicago" orientavam-se, primordialmente, visando o crescimento pessoal, o desenvolvimento e o aperfeiçoamento da comunicação e das relações interpessoais. Tinham uma orientação experiencial e terapêutica maior que a dos grupos de Bethel. Ao longo dos anos, esta abordagem ao crescimento pessoal fundiu-se com o processo de treino de capacidades em relações humanas e ambas em conjunto formaram o núcleo do movimento dos grupos de encontro.

BARRETT-LENNARD (1979) observou que a partir da década de 60, com o grande aumento de grupos orientados para o crescimento pessoal, associados aos movimentos para a atualização dos potenciais e das relações humanas, a linha divisória entre a psicoterapia centrada no grupo e os modelos de experiência de grupos de encontro tornou-se tênue.

ROGERS (1980) explicou que, embora algumas pessoas se reunissem porque necessitavam ajuda para problemas emocionais severos (terapia de grupo), e outras viessem buscando uma experiência enriquecedora (grupo de encontro), o processo grupal era basicamente o mesmo em termos gerais.

WOOD (1990), retomando a atmosfera dos trabalhos da equipe liderada por Rogers no início da década de 60, enfatiza que "nesta época, o interesse principal de Rogers passou a concentrar-se nos grupos de encontro intensivos. Seguindo os métodos de descrição do processo, utilizado na terapia centrada no cliente, ele analisava o processo do grupo. Ele também definia o papel do líder do grupo como o de um "facilitador" e enfatizava o clima

de segurança psicológica no qual a liberdade de experiência e a redução das diferenças ocorrem gradualmente."(p.5)

ROGERS (1970) assim se refere a sua elaboração inicial sobre o processo que se desenvolve nos Grupos de Encontro: *"Quando considero as interações extremamente complexas que surgem no decorrer de vinte, quarenta, sessenta ou mais horas de sessões intensivas, creio descobrir certas linhas que se entrecruzam no conjunto. Algumas destas correntes ou tendências costumam revelar-se cedo, outras mais tarde, nas sessões de grupo, porém não há uma seqüência perfeitamente definida, na qual termina uma e começa outra. Imagina-se melhor a interação, creio, como uma rica e variada tapeçaria, diferindo de grupo para grupo, embora com certas espécies de tendências evidentes na maior parte destes encontros intensivos e com certas estruturas que tendem a preceder outras"*(p. 26). Ele descreveu 15 passos do processo, sintetizados por RASKIN (1986) em 8 fases principais:

1. Fase de hesitação, de andar à volta (milling around): quando o grupo percebe que o facilitador não pretende assumir as rédeas do processo, há uma tendência para o surgimento de um período inicial de confusão, de silêncio embaraçoso, de comunicação cerimoniosa e superficial, "conversas de salão", frustração e grande descontinuidade. Os indivíduos sentem falta de uma estrutura definida pelo facilitador e estão confusos quanto aos objetivos que o próprio grupo levará adiante, e ainda assim sabem que permanecerão juntos por bastante tempo.

2. Resistência à expressão ou exploração pessoais:

nestas fases iniciais, há uma tendência dos indivíduos para reagir de forma ambígua a qualquer expressão de sentimentos ou atitudes muito pessoais; procuram manter-se, e aos outros, num nível superficial de interação, defendendo-se de maiores aproximações.

3. Descrição de sentimentos passados: a despeito da ambivalência quanto a confiar no grupo e ao risco de se revelar, a expressão de sentimentos começa efetivamente por abranger uma parte cada vez maior da interação. No entanto, consiste numa descrição de sentimentos que se situam no passado e são exteriores ao grupo, no tempo e no espaço. São exemplos de sentimentos "então e ali."

4. Expressão de sentimentos interpessoais imediatos no grupo: faz parte do processo, mais cedo ou mais tarde, a expressão clara de sentimentos experienciados no momento imediato por um participante em relação a outro. Curiosamente, a primeira expressão de sentimentos de verdadeiro significado "aqui e agora" tem tendência para surgir em atitudes negativas em relação a outros membros do grupo ou ao facilitador. A explicação para isto, segundo Rogers, é que esta é a melhor maneira para avaliar a liberdade e a confiança no grupo, pois, "se digo que te amo fico vulnerável e exposto à mais terrível rejeição, mas se digo que te detesto, fico quando muito sujeito a um ataque do qual posso defender-me."

5. Desenvolvimento de uma capacidade terapêutica no grupo: "um dos mais fascinantes aspectos de qualquer experiência intensiva de grupo é a observação de como certos membros

mostram uma capacidade natural e espontânea para tratar, de um modo útil, simples e terapêutico, a dor e o sofrimento dos outros."(ROGERS, 1970, p.32)

6. Auto-aceitação e o começo da mudança pessoal: embora algumas pessoas acreditem que a auto-aceitação deva estar na origem da mudança, na verdade, nestas experiências de grupo, tal como na psicoterapia, ela é o começo da mudança. Sob este prisma, o grupo começa a tornar-se impaciente com a manutenção das defesas, manifestada por alguns membros; com o decurso do processo, o grupo considera intolerável que ainda se viva por detrás de uma máscara ou fachada.

7. Expressão de sentimentos positivos e de intimidade: com a continuidade do processo, estabelece-se uma sensação crescente de calor humano, espírito de grupo e confiança, a partir, não só de atitudes positivas, como também de uma forma de expressão que inclui sentimentos imediatos, tanto positivos quanto negativos, numa busca por autenticidade e transparência.

8. Mudanças de comportamento no grupo: da própria observação verificam-se muitas alterações de comportamento no próprio grupo; mudam os gestos, transforma-se o tom das vozes, a atmosfera parece mais leve, menos artificial e os indivíduos mostram uma espantosa capacidade de solicitude e ajuda, uns em relação aos outros.

BARRETT-LENNARD (1979) sugeriu que a formulação mais detalhada de Rogers sobre o processo pode ser reduzida a três fases principais: **engajamento, confiança e desenvolvimento**

do processo, e, finalmente, encontro e mudança.

Quanto aos objetivos propostos pelos "facilitadores", ROGERS (1970) afirma não ter, habitualmente, nenhum objetivo específico para um grupo quando ele se inicia, a não ser a meta geral de que aquele grupo possa desenvolver suas próprias direções de forma construtiva. Ele acentua os aspectos negativos da existência de objetivos específicos porque, ao mesmo tempo que procura evitá-los, espera que possa se desenvolver uma espécie de movimento no processo de grupo, segundo algumas noções gerais prováveis. Pode-se supor a existência de objetivos implícitos, tais como o desejo de que o grupo possa descobrir suas próprias direções. Neste sentido, esta perspectiva não difere da opção filosófica básica presente na psicoterapia centrada no cliente. No entanto, as funções e o papel do facilitador, assim como sua formação, apresentam especificações próprias e distintas em relação ao psicoterapeuta individual. A intenção primeira de um bom facilitador deverá ser a de tornar-se, gradualmente, também um participante no grupo, desempenhando, portanto, conscientemente, dois papéis diferentes. A maneira como o facilitador age, pensa e sente é importante para o grupo, porém, o processo do grupo é muito mais importante. *"Desejo que cada pessoa esteja totalmente presente, nos aspectos afetivo e cognitivo(...) Tenho tendência para começar um grupo de uma maneira extremamente não-estruturada, talvez apenas com um simples comentário: Suponho que nos conheceremos uns aos outros muito melhor ao final destas sessões de grupo do que agora, ou Aqui estamos. Podemos fazer desta experiência*

de grupo exatamente aquilo que desejarmos, ou Estou um pouco aflito, mas sinto-me um tanto reconfortado quando olho em volta para vocês e verifico que estamos todos no mesmo barco. Por onde iremos começar?" (ROGERS 1970, p.54) Resumidamente, podemos considerar como funções do facilitador: a criação de uma atmosfera de confiança, a capacidade de aceitar o grupo e os indivíduos que dele fazem parte de forma incondicional, a utilização precisa da compreensão empática, a atuação segundo seus próprios sentimentos e percepções sobre o que está ocorrendo e a apropriada comunicação disto ao grupo, e, finalmente, desenvolvimento da potencialidade terapêutica do grupo.

WOOD (1990) afirma que, embora Rogers, na prática, confiasse na sabedoria do grupo, e enfatizasse o *"clima de segurança psicológica no qual a liberdade de experiência e uma redução das diferenças gradualmente se desenvolvem"*(p.29), não formulou teoricamente os fatores grupais responsáveis pela ocorrência deste clima psicológico facilitador.

Finalmente, cumpre-nos agrupar os vários campos da vida moderna nos quais a experiência intensiva de grupo tem demonstrado seu potencial construtivo, considerando-se, para tanto, registros de Rogers e colaboradores. O grupo de encontro tem sido usado de várias maneiras nas organizações industriais, sendo uma das suas mais inventivas aplicações o tratamento de problemas psicológicos em indivíduos que trabalham em empresas que passaram por um processo de fusão, isto é, quando uma ou mais empresas são vendidas para um outro grupo empresarial. As instituições religi-

osas usaram amplamente este tipo de grupo em seminários, grupos de líderes religiosos, reuniões de membros de ordens religiosas e de paroquianos. Em certos Departamentos de Estado nos Estados Unidos, a equipe liderada por Rogers foi chamada para fomentar a comunicação entre os membros que ocupavam cargos de direção e também em alguns problemas nas embaixadas. A nível do governo federal, e de altos funcionários do Estado, estes grupos foram solicitados para fomentar nos participantes um tipo de liderança administrativa mais livre, menos autoritária e mais comunicativa. Na educação, a equipe do Center for Studies of the Person teve oportunidade de participar de uma experiência que pôs à prova este novo instrumento de mudança social. Rogers descreve um projeto realizado numa instituição universitária feminina, particular, que promovia a formação de professores e englobava oito escolas de segundo grau e cinquenta escolas de primeiro grau. Em conjunto com uma comissão desta instituição eles planejaram uma série de grupos de encontro para os professores, para os alunos e, uma série de grupos de professores e alunos. Finalmente, o próprio conselho administrativo da organização solicitou um grupo centrado na tarefa para que pudessem discutir problemas pertinentes às suas funções no sistema. Uma das mudanças obtidas ocorreu na estrutura administrativa e na política de relações dos diversos segmentos que compunham a instituição: houve alterações no sistema orçamentário e uma revisão das formas como o orçamento era estabelecido e distribuído, tornando-o mais participativo. Simultaneamente, o conselho administrativo planejou uma sessão de

um dia inteiro, entre os estudantes e o presidente da instituição, em que o objetivo era conhecer as aspirações para a escola e para si mesmos e as críticas quanto ao funcionamento vigente. Desenvolveu-se também toda uma série de mudanças inovadoras nas próprias aulas. Em resumo, como consequência de todos os grupos que se reuniram como parte daquele projeto, promoveu-se uma maior participação e iniciativa por parte dos alunos, maior auto-responsabilidade, auto-disciplina e uma comunicação mais real entre professores, alunos e administração.

WOOD (1990) acrescenta *"Com o advento do grupo de encontro, a distinção entre curar, crescimento e aprendizagem tem sido obscurecida. Tem havido muitas tentativas de explicar a popularidade crescente dos grupos de encontro. Sem dúvida, isso tem a ver com certos valores norte-americanos: igualdade, individualismo exacerbado, uma necessidade de autodireção, desenvolvimento através da vontade pessoal e do idealismo".(...)* *"Com comunidades menos estáveis e o declínio das religiões mais estruturadas, o pequeno grupo também pode oferecer uma forma comunitária de se reunir para criação de um mito estabelecido e de um ritual inspirador. Talvez, ele funcione como um micro-cosmo do idealismo americano, onde o problema da solidão, de se encontrar um significado para a vida, o anti-intelectualismo, e a religiosidade são todos possíveis e viabilizados"*(p.15)

2.3 ENCONTROS DE COMUNIDADE (ou Workshops)

de Grandes Grupos Intensivos):

No último livro publicado antes de seu falecimento em 1987, "A Way of Being"(1980), Carl Rogers descreve o impacto do trabalho com grupos maiores nos seguintes termos: " Nos últimos quinze anos, tenho me dedicado, juntamente com muitos colegas dos Estados Unidos e de outros países, ao que tenho chamado de construção de comunidades. Trabalhamos com pequenos grupos, depois com grupos maiores, de 50 a 200 pessoas, e ocasionalmente com grupos muito grandes, de 600 a 800 pessoas. Temos corrido verdadeiros riscos pessoais. Temos nos transformado através do que aprendemos. Temos cometido muitos erros. Frequentemente, ficamos profundamente confusos diante do processo no qual nos envolvemos. Temos tentado formular de diferentes maneiras o que observamos e vivenciamos, mas sentimo-nos muito inseguros para chegar a qualquer conclusão. Entretanto, um elemento central se impõe: tornamo-nos, num aspecto fundamental, mais eficientes como facilitadores da formação de comunidades temporárias. Nessas comunidades, a maioria dos participantes vivencia tanto uma percepção aguda de seu próprio poder quanto um sentimento de união estreita e respeitosa com todos os demais membros do grupo. No desenrolar do processo, verificam-se uma comunicação interpessoal cada vez mais aberta, um senso de união crescente e uma psique coletiva harmoniosa, de natureza quase espiritual."(p.53)

No início da década de 60, Rogers transfere-se da Universidade de Wisconsin, onde estivera ao longo de uma década

envolvido com os departamentos de Psicologia e Psiquiatria, para o Western Behavioral Sciences Institute em La Jolla, California. Na realidade, parte da intenção dele ao deslocar-se para a costa oeste dos Estados Unidos, era avançar em seus estudos e experiências sobre os processos de crescimento das pessoas em grupo e a atmosfera cultural daquela parte do país era, sem dúvida, mais hospitaleira a novos métodos científicos e a pesquisas de orientação humanista, sem muitos dos preconceitos encontrados nos centros acadêmicos mais conservadores. Com este propósito em mente, ele e um grupo de colaboradores mais próximos fundaram o "Center for Studies of the Person" (CSP) em La Jolla, que se tornou durante as décadas de 70 e 80 um importante e prestigiado centro de formação e estudos na Abordagem Centrada na Pessoa, atraindo pesquisadores, psicólogos, sociólogos e educadores, entre outros, de diversas partes dos Estados Unidos e de outros países.

Um projeto de significativa relevância foi levado a efeito pelo Center for Studies of the Person, com início em 1966 e estendendo-se pela década de 70, através de um programa que oferecia formação a facilitadores de grupo. A filosofia que norteava aquele programa era o modelo de liderança de grupo centrada na pessoa, uma perspectiva que acentuava a possibilidade de crescimento máximo para o grupo e para o facilitador, quando este último era capaz de participar como pessoa no grupo, ao invés de ser apenas um especialista. Ele era destinado a pessoas que já tivessem alguma experiência de liderança com grupos em suas próprias profissões; participaram deste programa milhares de indivi-

duos, contando-se entre eles, reitores de universidades, um grande número de professores, psicólogos, profissionais da área de saúde, conselheiros, membros de indústrias (freqüentemente do departamento de recursos humanos), alguns estudantes universitários e sacerdotes de várias ordens religiosas. Além disto, a cada verão chegava um pequeno contingente de estrangeiros.

O "La Jolla Program", como ficou conhecido, tinha uma duração de três semanas, acontecia durante as férias de verão, e cada turma se constituía num total de aproximadamente cem pessoas. As atividades constavam basicamente de reuniões de pequenos grupos de encontro lideradas por membros da equipe responsável pelo curso, reuniões esporádicas com todos os participantes e uma experiência de coliderança dos participantes com membros do staff num grupo de encontro de duas semanas oferecido para pessoas das comunidades vizinhas. Acreditavam os idealizadores do programa que cada participante tinha capacidade para descobrir e desenvolver seu próprio estilo como facilitador, um estilo que se viabilizaria a partir das experiências vividas pela pessoa e não através de algum ensinamento externo. Evitava-se, ao máximo, a utilização da palavra "treinamento"; na realidade, o que se pretendia era acentuar as capacidades humanas do facilitador e especificá-las.

As reuniões com todos os participantes daquele programa serviram de inspiração para a idéia de algumas pessoas do Center for Studies of the Person de realizar os workshops com grandes grupos que começaram a acontecer a partir de 1973, a

princípio de forma casual e despretensiosa. A equipe inicial, responsável pelo planejamento, organização e realização destes novos eventos compunha-se de: Carl Rogers, sua filha Natalie, John K. Wood, Alan Nelson, Betty Meador e Joann Justyn. Após o primeiro ano de trabalho, Nelson e Meador assumiram outras atividades e desligaram-se da equipe; o staff foi reconstituído com a vinda de outros profissionais: Maria Villas-Boas Bowen, Jared Kass, Maureen Miller e, algumas outras pessoas que participaram de um evento apenas.

O interesse despertado em Rogers e seus colaboradores residia nas forças humanas poderosas que pareciam exercer um papel fundamental durante as reuniões de todos os participantes de um workshop. Embora, freqüentemente eles se referissem a estes encontros como "reuniões comunitárias", elas se tornavam realmente comunitárias nas fases finais do workshop. A mesma dinâmica mostrava-se presente num workshop de quatro dias e num de dezessete dias ou mais. ROGERS (1980) tentava uma explicação para este fenômeno: *"Acredito que o grupo, em sua sabedoria, usa o tempo de que dispõe para atingir as metas possíveis dentro do limite de tempo estipulado. Em minha opinião, essa sabedoria do grupo é assustadora por vários motivos"*(p.52 e 53).

A proposta das primeiras experiências com grandes grupos pode ser melhor compreendida, ao lermos o folheto enviado aos participantes de um workshop ocorrido de 1 a 16 de agosto de 1975 e que se encontra relatado no livro "Sobre o Poder Pessoal" (Rogers, 1977):

"O objetivo será o de construir um workshop voltado para as relações humanas e para o crescimento pessoal, através de um contato que reconheça que o potencial de aprendizagem e o poder de agir residem no interior da pessoa - e não num tratamento inteligente dele ou dela ou num sistema que a controle. O workshop proporcionará um lugar onde as pessoas que acreditam na validade e dignidade do indivíduo e na capacidade de auto-direção de cada pessoa, possam reunir-se e criar uma comunidade. O encontro valoriza o que cada pessoa tiver para oferecer. Acolhemos todas as maneiras de libertar a força interior da pessoa. A comunidade providenciará, assim esperamos, uma partilha dos nossos mundos profissionais, questões pessoais, problemas, satisfações, criatividade e inovações. Acreditamos que o encontro demonstrará o clima psicológico que, sabemos, pode ser evocado pela auto-compreensão e pelo comportamento autodirigido. Espera-se que a experiência não leve só a um crescimento interior pessoal, mas também a uma compreensão cada vez maior da responsabilidade de cada um frente ao mundo, e de como cada um pode agir segundo esse sentido de responsabilidade. Antecipa-se, desde já, que, ao prosseguir com os seus objetivos, a comunidade pode debruçar-se sobre tópicos tais como: a política de um contato centrado na pessoa; a facilitação de uma mudança na resolução dos problemas da sociedade e das suas instituições: os novos papéis do homem e da mulher; modos de viver, de trabalhar, e de se relacionar com pessoas diferentes; maneiras de viver em solidão e em intimidade com

outros: o problema das fases de transição da vida; mudanças de estilo de vida; a psicoterapia e o tratamento psicológico; os outros mundos dos fenômenos psíquicos; os problemas da pesquisa humanista. Finalmente, acreditamos que todos nós - participantes e membros do staff - ganharemos apoio e desenvolveremos este apoio, sistema esse que nos dará vitalidade, energia e renovação, quando levarmos esses conhecimentos à situação "lá de casa". Como o objetivo inclui a combinação de conhecimentos experienciais e cognitivos - contatos sociais e intelectuais - estarão a nossa disposição reuniões de comunidade, grupos de interesse, grupos de encontro, seminários, livros, gravações, filmes, oportunidades para praticar e desenvolver as capacidades de cada um, experiências concebidas para obter modos alternativos de comportamento - elementos sobre os quais o grupo pode apoiar-se, à medida que formos trabalhando na construção de um programa. Os passos iniciais serão planejados pelo staff, mas a concepção e a forma globais serão um produto mútuo, criado de modo a ir de encontro às necessidades dos participantes, incluindo os membros do staff."

Rogers, referindo-se ao prospecto acima, admitia que aquilo era muito mais que o simples anúncio sobre um workshop; era uma significativa declaração política, e esta era a intenção. Assim como o encontro estava aberto a indivíduos de idades, raças, ocupações e status sócio-econômicos diferentes, também cultivava-se a diversidade de experiências dos próprios membros do staff, que não se consideravam como um grupo de especialistas ávidos para controlar os planos e o programa do

workshop. Tratava-se de um proposta política, tanto no sentido social quanto interpessoal. Apontava para as implicações sociais deste tipo de contato e para a responsabilidade individual de como lidar com o poder que se tornaria disponível a todos, indistintamente. Segundo WOOD (1990), os participantes eram convidados para formarem uma comunidade de aprendizagem. Eles não eram considerados sujeitos de uma pesquisa, estudantes em treinamento, e nem tampouco, platéia de algumas conferências; mas participavam em base de igualdade com os organizadores movidos por espírito de descoberta.

A presença do psicólogo John K. Wood, àquela época membro-residente (resident-fellow) do Center for Studies of the Person, como um colaborador muito próximo a Rogers foi decisiva para as iniciativas que originaram os encontros de comunidade e, em virtude deste fato, torna-se necessário abrir um espaço para referendá-lo. Wood entrou em contato com a obra de Rogers, a partir de um trabalho desenvolvido como parte de um programa destinado a cientistas que exerciam cargos de direção em empresas americanas e que, em consequência de uma crise recessiva do país, haviam sido demitidas. Excluídas do mercado de trabalho, a vida destes indivíduos entrava em colapso, gerando graves desequilíbrios emocionais e profissionais. WOOD fôra solicitado a ajudar estas pessoas a desenvolver novas capacidades profissionais e pessoais. Após convidar outros psicólogos para formar uma equipe, ele optou pelo trabalho em grupo como método para realizar esta tarefa. As primeiras investidas de Wood na área de grupos

aconteceram sob a supervisão de Jack R. Gibb, professor universitário e autor da obra "Trust: a new view of personal and organizational development"(1978). Gibb construiu uma teoria que denominou de TORI (Trust Level: em português, nível de confiança). Baseando-se em pesquisas e estudos empíricos, este autor promoveu um programa de treinamento e chegou a fundar uma entidade internacional destinada a pais, gerentes, professores, terapeutas, ministros religiosos, ou a qualquer pessoa interessada em desenvolver uma forma mais pessoal em relação ao exercício de papéis sociais e profissionais, de forma a tornar-se mais confiante e mais confiável. Wood também participara de atividades envolvendo grandes grupos de pessoas em programas voltados para a melhoria das relações interpessoais. Quando passou a integrar a equipe do CSP, trouxe sua experiência e um grande entusiasmo em relação ao desenvolvimento das pessoas em situações grupais. Imprimiu a necessária coragem que, aliada ao espírito inovador e curioso de Rogers, levou-os a assumir uma certa dose de risco pessoal e profissional, ao enveredarem pelos caminhos incertos da formação de comunidades.

O contexto cultural que originou a motivação subjacente às experiências com grandes grupos, pode ser descrito da seguinte maneira: em sociedades ocidentais extremamente complexas, como estas que resultam dos progressos advindos da revolução industrial, em que a tecnologia tem permitido às pessoas viverem individualmente de maneira autônoma e podendo usufruir de uma certa dose de privacidade, surgem problemas emocionais sérios que

atingem proporções devastadoras a nível social. "Somos parte de um incrível paradoxo. De um lado, almejamos a auto-suficiência, a independência, a privacidade. Cada pessoa, e até mesmo cada membro de uma família, quer e necessita de um carro, de modo que uma pessoa jamais precise ajustar-se aos horários ou necessidades de outras. A família adquire uma máquina de lavar pratos para que seus membros não precisem cooperar na lavagem de roupa. Um quarto separado para cada membro da família é sempre a meta, quando não um imperativo categórico. Quando utilizamos o trem ou o ônibus, enterramos nosso nariz em nossos jornais ou livros, de maneira a evitar a comunicação com a pessoa ao lado. É evidente que por maior que a privacidade seja, jamais a consideramos suficiente" (...) "Mas pagamos um preço. De nossa juventude alienada emergem nossos criminosos, capazes de uma violência sem sentido. De nossos anos adultos vividos em privacidade, progredimos para um solitário status de cidadão idoso. Tanto o jovem quanto o velho são quase completamente inúteis em nossa sociedade moderna e têm uma aguda percepção dessa inutilidade. Não há lugar para eles. Têm sua privacidade, seu isolamento - e nenhuma esperança (ROGERS 1980, p.63,64).

Nos workshops com um número maior de pessoas ocorria o oposto da tendência exposta acima: as pessoas desenvolviam um interesse pelas demais, compartilhavam com bom humor o mesmo quarto, tornavam-se abertas aos problemas e manifestações emocionais dos outros participantes, mostravam-se solidárias e comunicativas, entristeciam-se na hora de partir... E, estes efeitos

pareciam durar muito além daqueles dias e local. Compete às pessoas, portanto, resolver de forma saudável a questão que a vida moderna lhes impõe: como conviver e agir coletivamente, sem perder os privilégios da recém-adquirida liberdade individual.

ROGERS (1980) considera que estas experiências de grupo intensivas sem uma estruturação definida e nas quais os recursos internos dos indivíduos são reconhecidos, respeitados, promovidos e incluídos nos processos coletivos de tomada de decisão, representam uma resposta aos problemas de um mundo onde as pessoas tornam-se alienadas e a má distribuição de renda se cronifica.

WOOD (1984) define o papel dos líderes dos encontros de comunidade como distinto daquele exercido pelos facilitadores nos grupos de encontro: a função primária do staff seria a de providenciar um local, determinar o período para a realização do evento, estabelecer a proposta e o motivo, e convidar os participantes. Inicialmente, o staff funciona como um grupo de coordenação, recebendo as propostas dos participantes, e o dinheiro das inscrições, e criando facilidades de transporte e acomodações. Fica atento aos mínimos detalhes, num esforço para fornecer aos participantes tanta liberdade quanto fosse possível. Antes de decidir em nome dos participantes, os membros do staff perguntavam-se: "Tomar esta decisão oprime ou aumenta o poder das pessoas envolvidas?" Eles não queriam decidir sobre qualquer coisa que pudesse cercear a liberdade das pessoas, mesmo que se tratasse de assuntos aparentemente triviais. Por outro lado, não desejavam

provocar confusão no grupo por alguma atitude ineficiente, e, assim, tentavam não negligenciar decisões que pudessem jogar o grande grupo numa imobilidade caótica. Após a chegada dos participantes, e quando o grupo todo estava face-a-face numa reunião geral, as deliberações do workshop eram determinadas por um processo centrado no grupo. O staff, a partir daquele momento, se extinguiu como um grupo de liderança. Eles tentavam exercer alguma influência através da comunicação de atitudes de envolvimento e interesse pelo desenvolvimento da comunidade, embora as próprias percepções dos participantes pudessem estar contaminadas por identificações do staff com um tipo de poder instituído. Na verdade, havia muitas reações a este tipo de liderança por parte dos participantes: alguns se sentiam, por vezes, abandonados, manipulados, decepcionados e confusos com esta posição. O atributo que realmente distinguia os " **convenors**" (termo utilizado por Wood para designar os membros do staff, em substituição a " **facilitador**"; em português, significa aquele que congrega, convida, reúne) dos demais participantes do evento era o desejo de envolvimento e de mudança, como parte dos objetivos de vivenciar aquela experiência.

ROGERS (1980) descreve com propriedade o processo pelo qual o staff passou, em relação ao seu papel nestas comunidades de aprendizagem: *"Inicialmente, víamos nossa função de uma maneira um tanto tradicional. Nas reuniões que tínhamos antes dos workshops, dedicávamos muito tempo à elaboração de planos e projetos alternativos para o programa - por exemplo, a formação de*

pequenos grupos e outras atividades especiais. Desejávamos conceder o máximo possível de liberdade de escolha (como se coubesse a nós concedê-la). Viamo-nos, basicamente como especialistas, que possuíam interesses diferentes e algum talento a oferecer, como professores e facilitadores. Esforçávamo-nos para nos preparar e oferecer uma variedade de recursos à aprendizagem. Os membros da equipe também se dedicavam à discussão das diferenças e desacordos interpessoais, a que não queríamos expor os participantes. Gradualmente, começamos a encarar nossa função enquanto equipe de uma maneira totalmente diferente. Em suma, acreditamos que nossa maior tarefa é sermos nós mesmos. Para alcançar esse objetivo, passamos vários dias juntos antes que o workshop se inicie, para que, na medida de nossas capacidades: estejamos plenamente abertos - primeiro, uns em relação aos outros, depois em relação ao grupo todo; estejamos preparados para explorar áreas novas e desconhecidas de nossas próprias vidas; aceitemos verdadeiramente nossas próprias diferenças; estejamos abertos para as novas aprendizagens, possibilitadas pelas recentes viagens ao nosso interior, estimuladas pelas experiências vividas na equipe e no grupo."(p.55 e 56)

Quanto aos resultados destes trabalhos com grandes grupos, pode-se considerar que obtiveram algum êxito, dada sua ampliação e continuidade: cerca de quarenta grupos foram realizados em mais de quinze países diferentes, com a equipe do Center for Studies of the Person, e outros eventos inspirados na série original vem sendo efetivados desde então. O número de partici-

pantes tem variado de 40 a 2000, incluindo pessoas de uma variedade de profissões, mas principalmente, psicólogos, educadores, e profissionais de outras profissões da área de saúde mental. As reuniões, geralmente residenciais, têm acontecido em casas de fazenda na América do Sul, num hotel no Japão, num mosteiro na Europa, em campus universitários nos Estados Unidos, em estúdios de televisão, e em muitos outros locais. Os eventos tem durações também variáveis: de um a vinte dias , mas a média tem sido de dez dias.

Uma das aplicações mais importantes dos workshops, no entanto, ocorreu no campo das tensões interpessoais e intergrupais geradas por problemas raciais e políticos. Charles Devonshire, Alberto Zucconi, Carl Rogers, Ruth Sanford, Gay Swenson, e muitos outros profissionais vinculados à abordagem centrada na pessoa dedicaram-se a promovê-los entre grupos raciais antagônicos nos Estados Unidos e no exterior. Num Simpósio de 1984 da American Psychological Association, ZUCCONI mostrou um video-tape, no qual Rogers descrevia os esforços desta abordagem na área de resolução de conflitos no Leste da Europa, Irlanda do Norte, e África do Sul e também uma análise elaborada por ele sobre os encontros promovidos pelo Presidente Jimmy Carter entre Anwar Sadat, Presidente do Egito e Begin, Primeiro Ministro de Israel (ocorridos de 6 a 17 de setembro de 1978 em Camp David, próximo a Washington, D.C.) e sua proposta para evitar o que ele denominava de "suicídio planetário nuclear". Nos anos que antecederam a sua morte, ocorrida em fevereiro de 1987, Rogers esteve

profundamente interessado na aplicação desta metodologia grupal à área das tensões internacionais e obteve algum êxito em iniciativas desta natureza. Ele, Swenson, Zucconi e outros facilitaram um workshop nos arredores de Viena em novembro de 1985, cujo tema focalizava os problemas da América Central, e que reuniu 50 participantes de 16 países, entre os quais estavam altos funcionários dos governos dos países envolvidos, legisladores, educadores, banqueiros e membros de algumas fundações internacionais. Um outro evento importante ocorreu na África do Sul no início de 1986, tendo sensibilizado Rogers pela profundidade e intensidade dos conflitos entre negros, brancos e indivíduos que pertenciam a outras facções. Ele saiu destas experiências com uma convicção muito forte de que nenhum destes grupos quer realmente a proliferação da violência e que uma solução pacífica teria chance de emergir de reuniões que envolvessem todas as partes e que fossem levadas a efeito com uma metodologia centrada na pessoa.

ROGERS(1980) afirma: " *O paradigma da cultura ocidental é de que a essência das pessoas é perigosa. Assim, elas precisam ser ensinadas, guiadas e controladas por aquelas que são investidas de uma autoridade superior. Contudo, nossa experiência e a de um número crescente de psicólogos humanistas têm demonstrado que existe um outro paradigma muito mais eficiente e construtivo para o indivíduo e para a sociedade. Segundo nosso ponto de vista, dado um clima psicológico adequado, o ser humano é digno de confiança, criativo, automotivado, poderoso e construtivo - capaz de realizar potencialidades jamais sonhadas. O primeiro*

paradigma. o controle sobre o lado ruim da natureza humana, levou a civilização à beira do desastre. Será que a sociedade chegará a reconhecer a eficácia do segundo paradigma? Esta parece ser a única esperança de sobrevivência." (p.65 e 66)

O profundo interesse manifestado por Rogers em relação às experiências com grupos não o afastou, no entanto, de sua antiga rotina de professor universitário e pesquisador incansável; após cada novo workshop vivido, ele desenvolvia descrições cuidadosas sobre os eventos e lançava hipóteses para uma possível interpretação dos fenômenos envolvidos. RASKIN(1986) complementa esta afirmação citando os inúmeros artigos e as obras publicadas por Rogers durante seus anos no Center for Studies of the Person, mas considera que houve uma queda significativa na produção científica da Abordagem Centrada na Pessoa, se comparada com o impacto provocado durante vinte e cinco ou trinta anos pela Terapia Centrada no Cliente. A década de 50 testemunhou a implementação deste modelo psicoterápico, concretizada pela elaboração de uma teoria e pelo desenvolvimento de uma metodologia de trabalho para o psicoterapeuta. A década de 70 viu aflorar a ênfase nos processos vividos por aqueles que se dedicaram à prática do trabalho com grupos centrados na pessoa, porém ficou à espera da elaboração teórica de suas possibilidades que não se concretizou. KIRSCHENBAUM(1979) tenta explicar isto em termos de uma ausência de exemplos concretos que tornassem evidente o paradigma de ciência que Rogers estava advogando. Na verdade, o que parece ter se evidenciado foi uma negligência da maior parte dos profissionais da

abordagem centrada na pessoa em relação à pesquisa, por estarem demasiadamente embevecidos pelas vivências nos grandes grupos; construiu-se, aos poucos, o mito da soberania suprema do experiencial em detrimento do estudo e da teorização. Esta situação tem impedido que as contribuições deste modelo psicossocial aos problemas humanos possa ser avaliado de forma apropriada e desenvolver-se teoricamente à altura das minhas primeiras fases da história da terapia centrada no cliente.

CAPÍTULO 3

"POR QUE NÃO PROMOVER UM NOVO WORKSHOP PARA APRENDIZAGEM?" – BIOGRAFIA DE UMA EXPERIÊNCIA DE SETE ANOS COM GRANDES GRUPOS INTENSIVOS NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA.

A década de 70 representou a passagem definitiva da Terapia Centrada no Cliente para a Abordagem Centrada na Pessoa. Durante este período se consolidaram os pressupostos teóricos do trabalho com grupos, a partir das experiências vividas e sistematizadas por algumas pessoas ligadas diretamente a Carl Rogers e que efetivaram os primeiros workshops com grandes grupos. De 1974 a 1979 realizaram-se sete encontros de comunidade e referências a eles são encontradas em diversos artigos do próprio Rogers e de outros membros do staff original que propôs, organizou e vivenciou cada um destes eventos. Embora tenha havido algu-

mas substituições de pessoas do staff durante este período, as figuras centrais permaneceram, imprimindo unidade e coerência aos relatos e descrições e às próprias experiências. Este capítulo baseia-se num tipo de "diário de bordo" (texto datilografado contendo 132 páginas) escrito por John Keith Wood, colega e colaborador de Carl Rogers, que fez parte do staff em todos os eventos, tendo desempenhado papel de grande relevância na organização do primeiro workshop desta série de sete.

Este grupo de workshops tem uma importância fundamental e decisiva para caracterizar e dar forma à chamada Abordagem Centrada na Pessoa, por diversos motivos: constituiu-se na primeira experiência sistematizada com grupos grandes organizada e vivenciada por Carl Rogers e seus colaboradores mais próximos, segundo os pressupostos teórico-filosóficos da Terapia Centrada no Cliente; manteve uma seqüência de eventos num período relativamente curto e sem interrupções, ou seja, pelo menos um workshop por ano, geralmente na mesma época (verão); representou o ponto de partida para o movimento com grandes grupos na Abordagem Centrada na Pessoa, ao disseminar esta proposta através dos próprios participantes destas primeiras experiências - psicólogos, pedagogos, cientistas sociais, psiquiatras e artistas - provenientes de outros países e continentes, tais como europeus, orientais, e latino-americanos.

A idéia original partiu da filha de Carl, Natalie Rogers, psicóloga e artista plástica, que se transferira para a Califórnia vinda do leste americano como parte de uma grande mu-

dança em sua vida pessoal, o que a deixou sem um meio apropriado de "auto-expressão", segundo a visão de John Wood. A questão dirigida por ela ao pai foi a seguinte: "Por que não promover um novo workshop para aprendizagem?" Desejava juntar-se a Carl num trabalho conjunto e o momento lhe pareceu mais que propício.

Rogers convidou John Wood, seu colaborador mais próximo no "Center for Studies of the Person" em La Jolla, para juntar-se a eles neste projeto e Natalie incluiu Alan Nelson, seu amigo e colega de Cambridge. Listamos abaixo a seqüência dos workshops realizados, com os respectivos locais e datas:

San Diego, California, 1974

Santa Cruz, California, 1974

Mills College, Oakland, California, 1975

Ashland, Oregon, 1976

Sagamore, New York, 1977

Nottingham, Inglaterra, 1978

Princeton, New Jersey, 1979

3.1 ORGANIZAÇÃO E PREPARATIVOS PARA O PRIMEIRO WORKSHOP:

3.1.1 Objetivos:

"Desde o início éramos sérios, disciplinados e idealistas"(John Wood).

Embora a idéia original fosse congrega um workshop para levar adiante o trabalho iniciado com a Terapia

Centrada no Cliente, não os satisfazia apenas facilitar o crescimento pessoal dos participantes. Pretendiam produzir um impacto, num sentido construtivo e positivo, na sociedade. "Nosso esforço básico consistia em tentar descobrir um processo de interação humana que resultasse numa ação social mais ampla." Não tinham idéia àquela altura que suas decisões promoveriam um "movimento" que expandiria as abordagens centradas na pessoa para as relações humanas. O clima que antecipou os primeiros workshops parecia aos membros do staff como o prenúncio de uma grande aventura.

3.1.2 Composição do Staff:

O staff original compunha-se de Carl e Natalie Rogers, John Wood e Alan Nelson. Buscavam um equilíbrio entre os sexos e convidaram Betty Meador, colega e amiga respeitada por todos eles. À medida que o tempo passou e os workshops se sucederam, descobriram que este equilíbrio entre homens e mulheres para compor o staff acrescentou força ao trabalho.

Este grupo original sofreu algumas perdas após os dois primeiros workshops e outras pessoas foram convidadas a participar: Maria Bowen, Jared Kass e Maureen Miller, indicados por John; David Aspy, que desenvolvera um trabalho importante na área de educação, foi convidado por iniciativa de Carl; finalmente, Natalie sugeriu Dick e Marion Vittitow, seus parceiros no "Center for Designed Change". John tinha reservas quanto a aceitar um casal no staff e inicialmente opôs-se à presença conjunta de Dick e Marion, embora pudesse aceitar qualquer um deles indi-

vidualmente; no entanto, acabou relevando, dada a importância da presença deles para Natalie e também por considerar os benefícios potenciais para o staff advindos das contribuições de ambos. "Nunca fui capaz de vê-los a não ser como um casal no grupo, mas estava enganado em meus receios quanto ao efeito disto: a presença deles como casal acrescentou algo ao staff e não trouxe nenhum prejuízo, no meu entender."

O anseio por qualidade no trabalho estendia-se ao próprio staff. Cada membro escolhido teria que ter publicado algo sobre a teoria centrada no cliente e ter acumulado certa dose de experiência clínica com indivíduos e grupos. "Tentávamos alcançar um equilíbrio entre habilidades intelectuais e capacidades intuitivas adquiridas com as experiências vividas".

3.1.3 Patrocínios, custos e taxas:

O primeiro workshop, realizado em San Diego, Ca., foi patrocinado pela Greenhouse, uma organização que Natalie e Alan ajudaram a fundar em Boston, pelo Center for Studies of The Person (CSP), ao qual pertenciam Betty, Carl e John, e pelo Center for Designed Change, um grupo de consultoria que Natalie acabara de formar com alguns amigos em Mill Valley. Cada uma destas organizações evoluiu a partir de tentativas ousadas com o objetivo de promover a criatividade e responder às realidades sociais e às preocupações humanistas sobre a vida moderna.

Este primeiro workshop foi programado para durar dezessete dias. As atividades organizadas pelo staff para serem

oferecidas aos participantes incluíam: grupos de encontro, seminários, conferências, filmes, arte, movimentos corporais, e muitas outras oportunidades para aprendizagem que pudessem emergir das necessidades do próprio grupo.

Quanto aos custos, o staff tentou reduzi-los ao máximo: combinando encontros dos membros do staff por ocasião de viagens já agendadas para outras finalidades, imprimindo brochuras simples para divulgação, reduzindo os próprios honorários. Carl decidiu não receber nada e os outros 4 membros receberiam salários iguais. Por este motivo, Carl ficou encarregado de ler as propostas dos participantes sobre as próprias taxas. As pessoas foram convidadas a participar, sem que se soubesse quanto haviam se disposto a pagar.

O staff optou pela adoção de uma variação nas taxas cobradas aos participantes, de acordo com a possibilidade de cada um, "como um meio para reduzir a desigualdade econômica que consiste numa forma real de propagação de muitos tipos de injustiça social", segundo a argumentação de Alan. Além disto, segundo ele, "uma escala flutuante de taxas é um meio real de oferecer oportunidades iguais para treinamento (embora ele odiasse esta palavra) e experiência de pessoas com situações financeiras diferentes. Em outras palavras, seria uma forma de minimizar a discriminação exercida pelas pessoas relativamente influentes da sociedade em relação às demais." Tal política era profundamente coerente com a filosofia da terapia centrada no cliente. Ela propunha uma visão respeitosa quanto ao valor atribuído a cada in-

divíduo, aceitando-o da forma como é. Além disto, os pagamentos por determinados serviços seriam estabelecidos a partir das possibilidades de cada indivíduo e não por normas pré-concebidas, como é habitual. Alan também acreditava que esta política traria a vantagem de melhorar a qualidade da experiência de todos os envolvidos no processo, inclusive do próprio staff. Embora tivessem oferecido aos participantes um escala pronta com valores de taxas correspondendo a faixas de rendimento anual, acabaram indo muito além da proposta inicial aprovada pela Greenhouse: a escala flutuante cedeu lugar a "taxas auto-determinadas", removendo-se, assim, toda e qualquer restrição quanto à taxa escolhida pelos participantes. Cada pessoa simplesmente selecionava uma taxa que considerasse justa, baseando-se para tanto em seus conhecimentos sobre a própria capacidade para pagar e sobre as necessidades do workshop.

3.1.4 Seleção dos participantes do workshop:

"Estávamos evoluindo a partir de uma orientação estritamente terapêutica, desejosos de uma projeção em direção ao futuro." (J.Wood)

O staff decidiu enviar os prospectos do workshop apenas para amigos e pessoas que constavam de suas próprias agendas pessoais. Intencionalmente, evitaram publicações em periódicos de psicologia, a fim de não criar um workshop estritamente "psicológico". Visavam um grupo com uma certa variedade de profissões, raças e estilos de vida. Estabeleceram um sistema de avali-

ação que consistia em atribuir notas de 1 a 4 a cada aspirante. Cada membro do staff avaliava todas as propostas de inscrição. A nota deveria representar o sentimento gerado em cada um deles, após ter lido cuidadosamente cada inscrição; denotaria se o solicitante e o grupo teriam chance de beneficiar-se mutuamente ao longo do workshop.

"Muitas horas de agonia foram gastas lendo as propostas de inscrição. Aprendemos muito sobre as abordagens centradas na pessoa, antes mesmo do primeiro grupo ter se reunido. Tentávamos trabalhar de maneira a nos aproximar de uma abordagem centrada na pessoa em cada detalhe. Quanto às notas, nos esforçamos para não julgar a pessoa, mas sim as nossas opiniões e sentimentos sobre convidar aquela pessoa para este workshop."

Em maio de 1974, 34 pessoas haviam sido convidadas para cada um dos dois workshops programados. Havia o mesmo número de pessoas acima e abaixo de 35 anos de idade; a correlação entre homens e mulheres aproximava-se de 1. Ao todo, naquele primeiro ano foram recebidas cerca de 200 solicitações. Cerca de 130 foram aceitas prontamente, 50 pessoas ficaram num tipo de lista de espera e apenas 10 pessoas foram excluídas. Em relação a estas últimas, o staff fôra unânime em considerar como irreais suas expectativas para o workshop, já que buscavam terapia. Embora o workshop pudesse ser terapêutico para alguns, isto era visto como um sub-produto e não se pretendia como objetivo principal. Aqueles que queriam terapia foram encaminhados para terapeutas nas suas próprias regiões, ou mesmo orientados para participar de

outros programas (do CSP ou de outras instituições) que os membros do staff julgassem estar próximos dos seus desejos e necessidades .

3.1.5 Local, transportes e acomodações:

Dois programas foram planejados para este primeiro verão de 1974: um em San Diego e o segundo em Santa Cruz, na Bay Area, ambos no estado da California, E.U.A.

Devido a sua experiência anterior com programas de treinamento de facilitadores e com grandes grupos no "Center for Studies of the Person"(CSP), John Wood foi solicitado pelo staff para coordenar este novo programa. Coube a ele escolher os locais, providenciar formas de propaganda, formular uma estimativa de custos, e convocar Joann Justyn, coordenadora do CSP, para auxiliar o staff na parte burocrática.

Uma das primeiras providências, após a escolha do local, foi a viabilização de transporte adequado para os participantes, tanto para a chegada quanto para a partida do workshop, o que pôde ser facilitado devido ao acesso por transporte público regular. Para aqueles que ainda assim pudessem ter dificuldades financeiras, foi sugerido um sistema de caronas e lotações de veículos. Cada participante recebeu uma lista com os nomes e endereços dos demais, juntamente com a sugestão de que se comunicassem para combinar o meio de transporte. Desde o início, as soluções foram sendo tomadas através de um sistema de rede de informações (network), a princípio para viabilizar a troca de in-

formações, idéias e sentimentos entre os membros do staff e depois estendido aos participantes. O staff estava geograficamente separado, assim como os participantes; portanto, o processo pré-workshop foi equivalente para todos, no que se refere às comunicações necessárias.

O local para o primeiro workshop foi, sugestivamente, La Jolla: "esta pequena vila litorânea próxima a San Diego havia se tornado um tipo de Meca para os adeptos do potencial humano, famosa em parte devido aos escritos de Carl Rogers, ao Center For Studies of The Person e também ao brilho do sol." (John Wood) Por seis ou sete anos, o "La Jolla Program do CSP" ofereceu treinamento para facilitadores de grupo no câmpus da Universidade da Califórnia onde seria realizado o primeiro workshop desta nova série. "Num certo sentido, estávamos começando do ponto onde o La Jolla Program terminara, e nos perguntávamos se haveria algum lugar para se ir à frente." (J.W.) O câmpus está inserido numa pequena floresta de eucaliptos entre La Jolla e Del Mar, com uma vista para a Black Beach, uma praia de nudismo, que se tornou um dos principais pontos de encontro para os participantes do workshop. O mar, o sol, a preguiça do verão, a magia de todos os começos, outros romances, as aventuras e desafios, tudo contribuiu para este primeiro sucesso".

SAN DIEGO, California, 1974:

Numa sexta-feira, mais precisamente em 28 de junho de 1974, os membros do staff se reuniram pela primeira vez com os

65 participantes deste workshop: psicólogos, educadores, e pessoas ligadas às profissões de ajuda. Fotografias foram tiradas de todos os participantes e do staff para serem colocadas num quadro a fim de facilitar a comunicação entre todos. Como era de se esperar, cada participante foi consultado a este respeito; algumas pessoas não entenderam a necessidade da consulta.

Objetivando uma integração com o local e entre si, os membros do staff já haviam passado diversos dias juntos. Esta convivência que antecedeu o workshop ajudou a dissipar desavenças pessoais, facilitou o compartilhar de medos e esperanças e promoveu intercâmbios entre as vidas pessoais. Wood relata: "Desde que o nosso próprio começo consistiu num grupo de 5 pessoas, achamos que esta idéia poderia ser sugerida para o grupo de 60 pessoas. Participantes e staff teriam assim começos semelhantes, raciocinávamos nós. O staff também considerou que seria uma boa idéia formar pequenos grupos de encontro entre os participantes. Esta era uma forma de trabalho familiar para nós e oferecia uma boa possibilidade para crescimento pessoal, interações e suporte. Preocupados também com um tipo de crescimento não só pessoal, sugerimos um tempo para estarmos juntos como um grupo de 60 pessoas. Como isto não era familiar para a maioria, tornar-se-ia uma experiência de maior risco."

As apresentações foram iniciadas por John, já que ele mais do que os outros membros do staff havia trocado correspondência com os participantes. Logo após, os outros membros do staff se apresentaram e alguns participantes expuseram seus sen-

timentos e expectativas em relação ao workshop. Quando muitas pessoas já haviam se manifestado e uma hora ou mais havia passado, Natalie sugeriu que fossem formados pequenos grupos. Sua sugestão foi de que todos passeassem pela sala, misturando-se uns aos outros, sem conversar e, então, vagarosamente, comesçassem a formar grupos de 12 com as pessoas que lhes tivessem despertado interesse. Estes seriam os grupos de encontro a ser mantidos durante os primeiros dias do programa. Quanto ao cronograma para a continuidade do workshop, o grupo todo decidiria posteriormente. Os facilitadores destes grupos de encontro seriam selecionados aleatoriamente, porém um dos grupos (que se auto-denominou de grupo do poder) insistiu para que Carl Rogers os facilitasse. O staff foi assertivo e decidiu sortear os nomes. Carl acabou caindo exatamente com aquele grupo. O programa estabelecido para o dia seguinte emergiu após muita discussão entre os presentes e incluía: uma reunião matinal do grupo "Q" (quinteto), constituído por um membro de cada grupo de encontro, com o objetivo de enriquecer os grupos de encontro e evitar a formação de "panelas"; uma reunião dos grupos de encontro das 10 às 12:30 horas; um seminário com Carl Rogers sobre a abordagem centrada no cliente abriria o período da tarde; logo após Betty Meador falaria sobre sonhos e, finalmente, a comunidade toda faria sua reunião à noite. Eventualmente, um ritmo se estabeleceu: grupos de interesse se alternavam com grupos de encontro durante as tardes e os grupos Q se alternavam com as reuniões da comunidade nas manhãs e noites. "Como uma comunidade éramos muito bons para regular as

atividades de forma a manter nossa energia e interesses em alta; todavia, não éramos tão bons para falar de forma pessoal nas reuniões com o grupo todo. Foi um bom começo, no entanto." (WOOD)

SANTA CRUZ, California, 1974

Universidade da Califórnia, cerca de 75 milhas ao sul de São Francisco, com o workshop utilizando 3 andares de um edifício, designados da seguinte maneira: dois andares para homens, separados por um andar para as mulheres. O staff conseguiu que os participantes aceitassem a idéia de um andar misto, denominado de "coeducacional". Assim, os participantes poderiam escolher estar hospedados num andar em que compartilhariam o banheiro com pessoas do mesmo sexo ou com pessoas do sexo oposto. Embora esta possa parecer uma consideração sem importância, para muitas pessoas o banheiro foi cenário de aprendizagens pessoais importantes. O interesse do staff em relação a pequenos detalhes tinha a ver com o objetivo de verificar se estavam a serviço de uma possível liberdade, ou se estavam sobrecarregando desnecessariamente as pessoas.

Como em San Diego, o staff reuniu-se antes do início do workshop, começando por colocar-se em dia uns em relação aos outros. A questão que parecia emergir era: Para onde vamos a partir de agora? Havia passado por uma situação difícil devido ao fato de Alan encontrar-se doente, acometido de uma infecção séria. Pediram a um colega que viera como participante para ajudar o staff facilitando um dos grupos de encontro. Carl anunciou

sua intenção de reduzir o tempo dos grupos de encontro. O staff, então, passou a perguntar-se: queremos ou precisamos dos grupos de encontro? John assinala que pareciam considerar-se como um grupo de professores, de quem se espera que forneça algo ao grupo, ao invés da proposta inicial de funcionarem como "propiciadores de uma ocasião para aprendizagem". Acabaram decidindo pela permanência dos pequenos grupos e por um programa breve para os primeiros cinco dias do workshop.

Buscando uma forma inovadora e pessoal para dar início à primeira reunião de sexta-feira à noite, por acreditarem que o início era o ato facilitador crucial, os membros do staff criaram uma metáfora: seus cinco membros formariam uma "célula" que seria introduzida aos participantes e que iria expandir-se e reproduzir-se em pequenos grupos e, então, daria origem a uma comunidade. Em termos práticos, a idéia seria do staff formar um pequeno grupo em frente aos participantes e compartilhar entre si sentimentos sobre como se sentiam neste workshop, encontrando novas pessoas. Desta maneira, pensavam, estariam "modelando" este compartilhar em toda a comunidade, desde o início. Estavam entusiasmados com esta estratégia. No entanto, nem bem a primeira dupla de membros do staff acabava de falar, duas pessoas interromperam para expressar seu desconforto por se sentirem excluídas deste grupo. Argumentavam ter muito para compartilhar, ao invés de serem solicitados a sentar-se e ouvir. Estas pessoas acusaram o staff de estar sendo elitista. Por que não fazer um grande círculo, alguém sugeriu.

As reuniões da comunidade, com exceção dos grupos de interesse, eram caracterizadas por uma rivalidade entre as pessoas que se propunham a compartilhar sentimentos e aquelas a favor de compartilhar preocupações de ordem social. Os grupos de interesse se constituíram da seguinte forma: John se encarregou de discutir com os participantes as fases de transição na vida; Natalie realizou uma vivência com expressão artística; Betty mostrou filmes sobre Jung e discorreu sobre sonhos e Carl fez uma palestra sobre empatia.

Alan realizou uma pesquisa ampla sobre estes dois primeiros workshops, cujas conclusões sumarizadas apontam :

1) o workshop foi mais valioso na percepção dos participantes como uma experiência de crescimento pessoal;

2) para aqueles com uma ênfase maior nos aspectos cognitivo-intelectuais, ou que se propunham a explorar as possibilidades da abordagem centrada na pessoa em relação à política e às mudanças sociais, o foco que encontraram no crescimento pessoal foi a maior fonte de desapontamento;

3) para aqueles que buscavam crescimento pessoal, parece ter havido uma relação direta entre a quantidade de sofrimento e a quantidade de crescimento experienciados. No entanto, nem todas as pessoas que experienciaram dor ou algum grau de dificuldade também experienciaram crescimento.

4) alguns homens relataram ter experienciado uma maior vulnerabilidade após o workshop, tendo se sentido mais

conscientes de suas fraquezas, menos certos a respeito de algumas coisas:

5) algumas mulheres relataram seus sentimentos de força e auto-confiança durante e após o workshop;

6) para algumas pessoas, os grupos de encontro foram se tornando inúteis: elas descobriram, após anos de experiência com eles, que viver a "própria vida como um workshop" em relação a amigos, família e colegas, é muito mais significativo do que participar de outros grupos;

7) pessoas que se iniciavam em experiências grupais deste tipo consideraram difícil reintegrar-se em suas vidas regulares. Elas sentiam-se desejosas e estavam lutando para integrar os aspectos que consideravam importantes do workshop no resto de suas vidas.

"O OUTONO ENTRE OS VERÕES:"

Em meados de setembro, Natalie, Betty, Alan, Carl e John encontraram-se na casa de Carl para discutir "planos futuros". Eles desejavam muito reunir outro workshop no próximo verão. Betty explicou ao grupo sobre seus outros interesses profissionais. Quanto a Natalie, suas impressões foram as seguintes: "Gostei muito de mim mesma de um jeito que nunca experienciei antes. Senti-me bem quanto ao meu estilo de liderança, tanto no staff quanto em relação aos participantes do workshop. Raramente, ou melhor, nunca, havia deixado a estruturação para um grupo de 60 pessoas, principalmente tendo investido tanto no projeto. O

grupo de encontro auto-selecionado não foi totalmente bom, mas muita gente aprendeu muito com ele. Sinto-me feliz por ter me voluntariado para liderar ou abrir aqueles eventos. Não creio precisar fazê-lo novamente (em relação a minha auto-estima), mas ao mesmo tempo gostaria de fazer muitas outras coisas no workshop."

Alan posicionou-se da seguinte maneira: "Indivualmente sinto-me muito bem quanto ao meu relacionamento com os ou outros membros do staff; porém, é conosco como um grupo de trabalho, planejamento e reunião, que tenho dificuldade. De muitas formas, sinto-me só no staff, embora não no sentido de estar aqui. Fica difícil capturar o sentido do que quero dizer, mas sei que é alguma coisa importante para mim e também para os workshops...No staff eu, algumas vezes me sinto como se estivesse falando grego, ainda assim dentre muitos outros no workshop meus significados ao falar das mesmas coisas tornavam-se imediatamente claros... Creio que o ponto mais crucial que experienciei no staff, quando me senti à parte dos outros, tinha a ver com a nossa compreensão sobre onde cada um de nós estava, nossas diferenças e semelhanças. Muito empaticamente, não pretendo remover nossas diferenças. Creio ser esta uma das razões pelas quais eu, frequentemente, me sentia só no staff. Quando eu queria explorar aquilo que estava sentindo como uma diferença não-resolvida e nebulosa entre nós, encontrava as seguintes reações dos outros: não há tempo, ou, esta não é uma forma construtiva e eficiente para desperdiçar nosso tempo. O que eu queria que fizéssemos é o

que todos mais ou menos queríamos: uma reunião para discutirmos planos particulares e dificuldades e, tão logo quanto possível, resolvê-las, a fim de nos liberarmos para realizar nossos planos particulares separadamente. Lembro-me de pouquíssimas vezes em que estivemos juntos sem fazer quaisquer planos particulares, ou tomado decisões, ou lidado com alguma crise particular com a qual se deveria realmente lidar, ou consumido vinho e conversado superficialmente (e eu realmente gostava disto tudo algumas vezes).

Um jeito pessoal de expressar isto é: geralmente me senti não-compreendido no staff, como se não pudesse expressar, fosse qual fosse, a minha preocupação; não havia tempo ou espaço para isto. Não sinto que eu (ou nós como staff) tenha lidado da melhor forma possível com os assuntos relacionados ao nosso próprio poder e responsabilidade nos workshops. Digo 'problemas' porque, para mim, eles são altamente políticos em sua natureza, intimamente envolvidos com as relações pessoais e institucionais entre as pessoas, tão conectados com as formas através das quais as relações tornam-se manipulativas, ao invés de abertas. Talvez, especialmente porque vejo estes temas desta maneira, e também porque vejo a mudança pessoal e social tão intrinsecamente interrelacionadas, estes problemas sejam tão importantes para mim. Mais especificamente, experienciei nossa confusão ao lidar com as distinções entre o staff e os participantes. Certamente, isto era mais do que a diferença vinculada ao fato deles pagarem e nós recebermos para participar do workshop... Ainda assim, nossas respostas para estes temas, tanto quando eles

emergiam ou quando apenas estavam subentendidos, eram ambivalentes, tendo ido desde 'somos todos iguais aqui' ou 'nós planejamos o workshop, esta é a única diferença', até, 'este é um problema para o staff e lidaremos com ele.' Para mim, é uma resposta demasiadamente simples para este problema dizer: 'Eu\Nós estamos assumindo responsabilidade por nós próprios e vocês deveriam fazer o mesmo.' Além de ser muito carregada de prescrição, ao meu ver, tal resposta parece negar a importância do problema para todos nós, implicando que se todo mundo simplesmente fizer o que deve, não haverá problemas. Isto serve para encobrir, ao invés de abrir os temas para exploração.

Meu entendimento é de que, com mais freqüência do que seria útil, questões e críticas sobre nossas 'políticas' (a forma como nós, como staff, usamos nosso poder e influência, tomamos decisões, estruturamos os inícios dos diversos workshops) foram respondidas defensivamente. Na medida em que ficávamos inseguros a nosso respeito, creio que teríamos sido mais facilitadores se tivéssemos admitido isto, ao invés de nos defendermos. Mas, fazer isto é extremamente difícil, estou consciente disto.

Arrependo-me de não ter trazido isto à tona mais cedo, mas estava perturbado ao ver os participantes sendo 'colocados para baixo' em relação a suas preocupações, atrás da porta fechada das reuniões do staff, especialmente quando eu compreendia suas preocupações como sendo de natureza política-pessoal, sobre a qual estou me referindo. Por exemplo, um participante foi aniquilado e riram dele durante uma reunião do staff por ter per-

guntado numa reunião da comunidade se nós não havíamos mandado embora a energia para a mudança social de um outro membro do grupo. Aquelas risadas e desprezo me magoaram muito. Não apenas não considerei a questão estúpida, como ela me paralisou quando a ouvi. Tenho estado ponderando sobre ela desde então. Tenho criticado outros por terem 'terapeutizado para longe' respostas pessoais a problemas sociais e estou certo de que não superamos isto. A única forma que conheço para lidar com esta dificuldade é ser mais aberto a ela, e quero sê-lo."

Carl descreveu o estado de espírito do staff ao final de outubro: "Recebemos a carta extremamente pessoal de Betty contando-nos porque ela queria fazer algo mais seu no próximo verão. Aceitamos completamente isto, mas deixou-nos triste. Alan estava infeliz sobre muitas decisões às quais chegamos na última reunião, quando ele estava doente, e entramos em atrito com ele. Natalie afirmou que até aquele momento sua decisão era de não participar do workshop do próximo verão. Alan achou que não gostaria de participar do workshop do próximo ano também.

Parecia que estávamos nos dividindo e John e eu ficamos em dúvida se seria útil recomeçar os planos."

Segue-se a avaliação de John sobre a situação: "No início de novembro, descobrimos que havia mais do que nossa biblioteca delapidada (alguns participantes não devolveram metade dos livros e do material escrito que trouxéramos para o workshop). Betty havia se retirado do staff. Alan decidiu definitivamente não continuar. Carl eu decidimos ir em frente, em parte

devido à resposta extremamente positiva que continuamente recebíamos ao final de cada workshop. Natalie finalmente mudou de idéia e decidiu juntar-se a nós. Joann (a secretária) disse que continuaria também. Nós quatro unanimemente aprovamos minha sugestão sobre convidar Maria Villas-Boas Bowen, Jared Kass Maureen Miller para juntarem-se a nós para formarmos um novo staff visando um workshop no verão de 1975." Carl sugeriu David Aspy, um colega que havia realizado um trabalho importante em educação, e nós concordamos. Natalie queria incluir Dick e Marion Vittitow, parceiros dela no Center for Designed Change, que também foram aceitos após algumas ressalvas de John por serem um casal (já mencionadas em seção anterior deste capítulo). Ao final de um inverno tempestuoso, tínhamos finalmente um novo time para o verão."

MILLS COLLEGE, OAKLAND, California, 1975:

Carl Rogers redigiu, em nome do staff, o prospecto para este terceiro workshop, com a seguinte proposta: "O objetivo será o de construir um workshop com base numa abordagem aos relacionamentos humanos e ao crescimento que reconhece o potencial para aprender e o poder para agir como inerentes às pessoas, ao invés de propor um expert para liderá-las ou um sistema que as controle. O workshop fornecerá um lugar onde as pessoas que acreditam no valor, na dignidade do indivíduo e na capacidade de cada pessoa para a auto-direção possam juntas criar uma comunidade..."

O staff utilizou pela primeira vez, oficialmente, o termo "abordagem centrada na pessoa" para cunhar este workshop,

tentando refletir uma consciência ampliada de um trabalho que continuamente visava abolir os papéis e centrar-se na essência da pessoa.

Carl, refletindo mais tarde sobre este workshop, diria o seguinte: "O que nos levou a este projeto? Até que ponto é este encontro diferente de outras conferências, workshops, ou seminários? Creio existirem diferenças profundas, que irão aflo-
rar à medida que for descrevendo os passos distintos que levaram à construção de uma comunidade vital, ainda que temporária. Os métodos foram completamente opostos aos processos habitualmente utilizados em empreendimentos convencionais. Primeiro, o problema de optarmos por um workshop. Três de nós tinham trabalhado juntos como membros do staff em dois workshops no verão anterior -- John, Natalie e eu. Decidimos que tentaríamos fazer um encontro maior, durante este verão, com aproximadamente cem participantes, e com a duração de dezesseis dias. Queríamos, para um número tão grande, um staff de nove elementos - caso grupos pequenos e intensivos fizessem parte da experiência, cada membro do staff poderia moderar um grupo de onze.(...) Encontramo-nos para escolher os outros seis membros e ficamos surpreendidos quando, ao fazermos listas de pessoas com quem gostaríamos de trabalhar, descobrimos que havia um grande consenso quanto a quatro nomes. Concordamos com estes, mas houve dificuldades sobre dois deles. Discutimos estas diferenças até atingirmos uma solução que, genuinamente, nos satisfizesse a todos.(...) Os que viviam nas imediações de La Jolla reuniram-se para os passos seguintes do plane-

jamento. As pessoas ofereceram-se para assumir responsabilidades diferentes, e estas ofertas foram aceitas, com modificações. Ofereci-me para planejar o folheto. As responsabilidades não podiam ser igualmente divididas, e por isto, decidiu-se que cada pessoa faria um balanço do número de horas despendidas em atividades pré-encontro e receberia as compensações com base nisso, todos com a mesma taxa por hora. O trabalho ativo começou aqui. Não se tomavam decisões importantes sem obter a aprovação do resto do staff, por correio ou por telefone. Uma vez que ele estava geograficamente muito dividido - quatro em La Jolla, três na área de São Francisco, e um em Ohio. Texas e Maine, respectivamente - não era fácil obter a aprovação do grupo, mas sentimos que era importante. Esbocei um curto folheto e enviei-o ao staff, e fui surpreendido por um bombardeio de pedidos para grandes alterações. Existe uma coisa chamada orgulho de paternidade, e o meu foi um bocadinho sacudido. Depois de um curto período de esfriamento, dei-me conta de que essas alterações melhoravam o folheto e do desafio que era tentar fundir pontos de vista por vezes contraditórios. Daí um segundo esboço, que provocou um número menor de propostas de alteração. O título do encontro, os nossos objetivos, a descrição da forma que poderia tomar, e as qualificações dos participantes, tinham sido já, por essa altura, drasticamente alterados. O terceiro esboço foi aceito por todos nós. Pode parecer uma maneira muito estranha de elaborar um folheto em conjunto. Mas, permitam-me novamente especificar a sua política. Dez pessoas, das quais só algumas tinham alguma vez trabalhado em

conjunto, não conhecendo nenhum de nós todas as outras nove, conseguiram reunir-se, por carta, como velhas conhecidas. E, mais ainda, o workshop pertencia, agora, a cada um dos dez, porque todos tinham contribuído para a sua descrição preliminar. Ninguém sentia, portanto, que fora contratado para fazer parte do staff do workshop; todos sentiam que "estamos dividindo a responsabilidade do nosso workshop".(Sobre O Poder Pessoal, 1967, p.157 e 158).

John Wood resume suas impressões sobre o trabalho até aqui desempenhado: "Em nosso primeiro ano, aprendemos muitas coisas. Achávamos que tínhamos as habilidades necessárias para planejar um programa de aprendizagem experiencial. Nos iniciamos nos importantes princípios que governam estes eventos: o equilíbrio entre homens e mulheres trouxe diversidade e força para o staff, a estrutura de taxas auto-determinadas mostrou-se viável; mesmo nos menores detalhes sobre o planejamento e escolha de locais, éramos capazes de facilitar redes de comunicação entre as pessoas (sempre que nos defrontávamos com uma nova decisão, perguntávamos a nós mesmos se aquela era uma decisão que as pessoas podiam tomar de forma independente ou se haveria necessidade da nossa interferência). Considerávamos todas as decisões como igualmente importantes, já que se constituíam em valores compartilhados: como as tomávamos, como começávamos uma conferência, como nos relacionávamos entre nós como staff, etc."

A inclusão de novas pessoas no staff acrescentou maior leveza e liberdade e ainda assim manteve-se a seriedade

inicial. Em contraste com as cartas pesadas trocadas ao final do primeiro ano, chama a atenção o tom brincalhão e descontraído do convite enviado por John a Jared convidando-o para integrar o novo staff. Este, por sua vez, respondeu declarando-se "encantado, excitado, feliz, orgulhoso e assustado." Ele participara de uma reunião no verão anterior com o staff, mas não confiava que o chamariam; estava temeroso quanto a não ser capaz de enfrentar a tarefa, mas confiante nos critérios do grupo para incluí-lo.

Dick e Marion Vittitow escreveram dizendo que os atraía a idéia de criar um novo workshop, diferente daquele do ano anterior ou de qualquer outro ano. Gostariam que o workshop fosse "além da consciência" (beyond consciousness). "Para nós, consciência não é o suficiente. Acreditamos haver a necessidade de agir e a consciência significa apenas um primeiro passo de um movimento para assumir responsabilidade pelo self e explorar a responsabilidade das pessoas em relação ao mundo... Parece que estamos, na verdade, explorando a construção de uma comunidade baseada nos diversos valores assumidos pelas pessoas -- e o nosso processo será esta exploração. Sobre a estrutura das taxas auto-determinadas, parece-nos que a idéia de se adotar um sistema de bolsas reforça a noção dos ricos subsidiando os mais pobres e, portanto, a desigualdade. Talvez, o próprio staff possa considerar maneiras de levantar 5000 ou 6000 dólares que poderiam ser usados para negociar com aqueles que quiserem vir. No Center for Designed Change, por exemplo, estamos tentando trocar serviços ou outros produtos por dinheiro." No transcorrer desta correspondên-

cia, Dick diz sentir-se mal em relação a pessoas que participam de workshops sem pagar nada, pois acabam tumultuando o evento e reclamando de tudo. Ele, intencionalmente, não gostaria de expor-se a este tipo de sentimento, nem tampouco gastar suas energias com este tipo de problema durante workshop. Sugere que o processo de negociação proposto pode ajudar as pessoas a compreender o compromisso dos participantes com a própria comunidade.

Jared acrescentou certas considerações sobre o conteúdo e as atividades do workshop: "Gostaria de ter uma quantidade grande de material de arte à mão. Além de crayons, pincéis e papéis, gostaria de argila, tintas, tesouras, cola e durex. Não estou me referindo a uma grande quantidade de material, mas o suficiente para que as pessoas possam brincar juntas e desenvolver alguns projetos expressivos. Não necessitamos de material caro; seria interessante, também, dispor de algum tipo de creme; esqueçam, conseguirei algum durante nossos dias de planejamento. E que tal um tambor para dançarmos e uma vitrola e discos?"

Maureen escreveu: "Ainda custo a acreditar que realmente serei parte do staff no programa do próximo ano. Estou fascinada pela idéia. Uma coisa que me interessa, desta vez, é o problema da integração da filosofia centrada-no-cliente com outras metodologias terapêuticas. Pessoalmente, tenho estado discutindo internamente, à medida que adquiro mais experiência trabalhando com indivíduos como terapeuta gestáltica. Quanto aos custos, pensei muito a respeito e conversei com outras pessoas. Não

importa a maneira como olhamos para isto, o workshop é um compromisso financeiro pesado para todos os participantes, quer sejamos ricos ou pobres. Honestamente, acredito que o investimento do ano passado valeu a pena. Estou sentindo a minha própria responsabilidades em fazer tudo que puder para viabilizar o workshop deste ano. Três espaços diferentes num mesmo edifício soa como uma comunidade natural. Agora, quanto às pessoas que ficarão alojadas no outro edifício, fico me perguntando se elas não terão dificuldade para se sentirem como parte dessa comunidade, a menos que possamos planejar muitas atividades comunitárias em diferentes locais da "cidade". Um outra idéia seria enfatizar, de alguma maneira, e, talvez, até acentuar mesmo este tipo de sub-comunidades. Isto poderia criar algumas possibilidades para aprendizagem quanto à dinâmica inter-grupos que experienciamos o ano passado. A dimensão total da territorialidade não emergiu o ano passado, embora ao final do workshop tenha começado a surgir simbolicamente, pelo menos. O tamanho do grupo tornou possível funcionarmos como um grupo unificado. Minha hipótese é de que o grupo deste ano será grande demais para tornar-se uma estrutura organizacional estável, considerando-se um período de tempo de três semanas. Estarei sendo pessimista? Não é que eu rejeite a idéia de ocasiões para estarmos todos juntos, participando de eventos com a comunidade toda; é mais no sentido de não querer ver toda a nossa energia sendo gasta na manutenção da comunidade, excluindo-se a intimidade do pequeno grupo e do espaço para a individualidade das pessoas poder ser ouvida, vista e celebrada..."

Natalie escreveu: "É muito bom estar em contato com vocês, mesmo sendo através de cartas. As acomodações em Mills, da forma como foram descritas, são complicadas, mas sinto que se ficarmos lá por uma semana antes do evento, a configuração, noções, e fantasias sobre o que poderia acontecer naquele espaço virão até nós... Temos que preparar o prospecto até primeiro de fevereiro. Estou começando a sentir aquela pressão interna para fazer acontecer, embora o problema dos custos possa dificultar a vinda dos participantes. Alguém de vocês tem acesso a outras listas de endereço que deveríamos considerar? Que organizações às quais vocês pertencem poderiam contribuir com outras listas? Contatos pessoais são os melhores cartões de visita, portanto, comecem a contatar os seus amigos."

No início de maio, os assuntos foram se tornando mais sérios. Carl escreveu: " Já recebi cinquenta propostas, portanto, já dispomos de metade do esperado para o workshop. As notícias financeiras, no entanto, não são particularmente satisfatórias. Os proponentes ofereceram até o momento uma média de 218 dólares, com taxas de 0 a 900 dólares. A média de 218 dólares está muito abaixo do que precisamos para empatar despesas e receita. Embora eu não tenha examinado todas as propostas, minha impressão é de que não estamos conseguindo alcançar profissionais e empresários, como fizemos com êxito o ano passado. Não sei a razão disto. Tudo que posso dizer é que se vocês conhecerem pessoas com possibilidades financeiras que possam interessar-se em

vir ao workshop, certifiquem-se de que elas sejam informadas sobre o evento."

O staff foi se tornando gradativamente mais preocupado com o problema das propostas financeiras baixas. Queriam realmente oferecer uma chance para a auto-determinação dos participantes e evitavam normatizar as propostas. Decidiram, finalmente, deixar que os próprios participantes ajudassem a resolver a questão, fazendo-lhes o seguinte apelo por carta:

"O staff todo está feliz de participar-lhe que você foi aceito para o workshop da Abordagem Centrada na Pessoa. O programa enfrenta alguns problemas, no entanto, e nós como staff gostaríamos de trazer todos vocês para participar do processo de resolução deste impasse. Estamos com um sério problema financeiro. Planejamos um custo bem apertado: mantivemos nossos honorários em patamares bem baixos para os standards atuais. Ainda assim, as indicações até o momento mostram que estamos abaixo das nossas necessidades em mais de 30%, ou seja, cerca de 10.000 dólares. Isto não se deve à ausência de pessoas interessadas, pois já recebemos cerca de 100 propostas e outras nos chegam diariamente. Já processamos e aceitamos 60 pessoas -- um grupo bastante diversificado e interessante. A dificuldade repousa no fato de que a média das contribuições propostas chega a 200 dólares, e precisamos de um mínimo de 300 dólares para come çar. Ontem o staff reuniu-se e tomou as seguintes decisões:

- 1) manteremos todos os 17 dias planejados. Rejeitamos qualquer idéia de cancelar o workshop. Estamos entusiasma-

dos quanto a construir uma comunidade que compartilhe interesses e habilidades. Estamos comprometidos com este objetivo. Se isto será possível, depende de nossos esforços cooperativos.

2) Decidimos aceitar 120 propostas, ao invés de 100, aumentando assim nossa renda total, embora isto também signifique um número maior de participantes por membro do staff.

3) Precisamos de um aumento de cerca de 20% na contribuição de cada participante. Solicitamos que nos deixe saber, através de resposta postal, se você poderia acrescentar algo à taxa proposta que você nos enviou anteriormente.

4) O staff, que já comprometeu de trinta a trinta e cinco dias para dedicar ao trabalho com o workshop (incluindo os dezessete dias do próprio workshop), concordou em cortar 10% de seus honorários. Carl Rogers abdicou dos seus.

Nós, como staff, estamos entusiasmados com a perspectiva da realização do workshop e felizes com a qualidade e diversidade dos participantes. Queremos ir em frente e esperamos que vocês também o façam. Estamos muito interessados na idéia das taxas auto-determinadas; acreditamos ser este um experimento importante para a nossa época, pois vai contra a noção de que as oportunidades para aprendizagem são apenas restritas à classe média relativamente influente. Queremos muito obter sucesso neste workshop e assim ajudar a estabelecer um padrão social diferente. As informações acima e o gráfico que as acompanha demonstram que só poderemos trabalhar se conseguirmos elevar a receita. Portanto, esta é a razão para esta carta e pedido. Por

favor, responda prontamente. Saudações cordiais."

As respostas vieram sem demora e, de forma surpreendente os participantes garantiram não só a realização do workshop, como também facilitaram para que ele pudesse ser organizado sem restrições financeiras.

Desta vez, o workshop foi aberto por dois novos membros do staff: Maureen e Jared. Ambos haviam tentado preparar-se adequadamente para esta tarefa, mas na noite de abertura ainda não tinham se decidido exatamente sobre a melhor maneira para fazê-lo. Maureen descreve esta abertura: "...abrimos a reunião da forma como sentimos apropriado para aquela sala, àquela hora, com aquelas pessoas e em contato com aquilo que era mais óbvio para cada um de nós. Falei sobre novas possibilidades; Jared deu as boas vindas, falou sobre otimismo e participação. À medida que os participantes começaram também a manifestar-se, temas tais como poder, fé, influência, intimidade, esperança e desespero emergiram. Ao final desta sessão, eu e muitas outras pessoas estávamos experienciando sentimentos nobres."

Carl ao descrever esta abertura no livro "Sobre o Poder Pessoal", acrescenta: "Pode parecer surpreendente que tenhamos dado uma atenção tão grande aos primeiros passos. Mas a experiência mostrou-nos que durante as primeiras horas -- muitas vezes durante os primeiros minutos -- de qualquer conferência, desenvolve-se uma disposição de espírito que tende a dominar o aspecto pessoal e político de toda a conferência." (página 167)

John resume o processo pelo qual a comunidade re-

cém-formada lidou com o problema da estruturação das atividades para os dezessete dias do workshop: "Várias sugestões foram levantadas numa das primeiras reuniões da comunidade e a decisão final privilegiou a adoção de um cronograma de atividades. Parece que muitas pessoas acreditam que este workshop precisa ser organizado, pelo menos de uma forma mínima, a fim de que se possa aprender, e tirar vantagem da presença de pessoas importantes aqui. Há, acima de tudo, uma quantidade de tempo limitada para conseguir que tudo se efetive (não importa o que seja). Arriscar-se a operar sem um cronograma ? Bem, talvez nada aconteça e a aventura toda se transformaria num grande desperdício de tempo. Não, não podemos nos arriscar desta vez. Devemos ter um cronograma. Uma comissão de voluntários rapidamente formou-se para organizar uma estrutura na qual cada indivíduo seria capaz de conseguir conhecimento e satisfazer necessidades pessoais da forma mais eficiente possível. A comissão consistia de pessoas com experiência em trabalhos com organizações, gerenciamento e planejamento comunitário. Na reunião seguinte da comunidade, esta comissão fez uma apresentação excelente de um plano que permitiria uma estruturação suficiente para que todos pudessem ficar sabendo quando e onde os eventos estariam acontecendo. O plano, que também parecia satisfazer a necessidade de liberdade de muitas pessoas, foi apresentado juntamente com explicações sobre como os membros da comissão chegaram àquelas idéias e ao cronograma sugerido de atividades...reuniões da comunidade, encontros com os "convenors"(promotores do workshop),tempo livre, hora para as

refeições, etc. Com este plano, supunha a comissão, as pessoas seriam capazes de alcançar seus objetivos de uma maneira eficiente e ordenada. Era muito democrático e apresentado de forma séria e experiente. Eu, pessoalmente, apoiei a idéia, principalmente porque (a despeito de uma vaga resistência) ele era tão completo que não havia como criticá-lo. O plano foi entusiasticamente aceito... quase por unanimidade. O grupo do planejamento, na melhor tradição de liderança compartilhada, sugeriu a seguir que todos realizassem um "brainstorm" para decidirmos sobre os possíveis tópicos dos grupos de interesse. A resposta gerou uma lista de compras enorme. Tópicos tais como educação, saúde, relacionamento homem-mulher, casais, liberação dos homens, direitos das mulheres, problemas internacionais das mulheres, estilos de vida homossexuais, parapsicologia, rede de informações, relações abertas, vida comunitária, morte e morrer, crianças, movimento, terapias corporais, terapia gestáltica centrada nas pessoas, psicoterapia, música, dança, arte, nutrição, mágica, política marxista, constituem uma amostragem dos temas escritos com pincéis atômicos".

"E, então, uma coisa surpreendente aconteceu: algumas vozes levantaram objeções, não ao conteúdo do cronograma, nem tampouco à apresentação dos tópicos sugeridos, mas sim à idéia do próprio cronograma. Aquelas que se manifestaram eram pessoas silenciosas, tímidas e sérias. Não conseguiam argumentar de forma tão articulada e lógica quanto os planejadores do cronograma. Mas, expressavam um sentimento vago de que alguma coisa, uma

oportunidade talvez, estava se perdendo. Estávamos realmente fazendo algo de novo? Este seria o plano mais criativo? Outras pessoas, aqui e acolá, começaram a concordar com a cabeça..."

"A frágil voz da intuição parecia estar replicando em reação ao cronograma: esta forma de fazer as coisas não é nova; é segura, com certeza. Mas, por que não tentamos viver um pouco com outras pessoas numa comunidade de uma forma nova, governada por nossas relações orgânicas e com nosso esforço orgânico coletivo, qualquer que ele seja? Livres para nos movimentarmos e fluirmos e entrar em contato com outros com interesses semelhantes e talvez descobrir nosso propósito orgânico, coletivo. Conseguiremos fazer nosso caminho juntos, vagando sem um plano pré-concebido mas mantendo um propósito subjacente? A coisa que mais me surpreendeu não foi tanto o fato destas pequenas vozes terem surgido, ou estabelecido esta posição, porque elas estão sempre presentes, mas que elas tivessem sido ouvidas e que como um grupo tivéssemos respondido e agido para testar esta forma pouco habitual de nos constituirmos como uma comunidade, vivendo primeiramente a partir da intuição e, só então apoiados pela razão. E parecíamos ser capazes de nos apegar a este jeito de ser."

Ao final deste workshop, John relata ter sentido muita falta de uma atenção maior ao registro dos eventos. Sentia-se muito solitário em relação a isto, embora estivesse certo de que os demais membros do staff eram pessoas inteligentes, reflexivas e interessadas. No entanto, sua própria curiosidade e desejo de saber algo além da experiência imediata parecia exceder o

dos colegas. "Experimentar, sentir, relacionar-se de forma pessoal, aprender num nível visceral são importantes aspectos (e muito do que eu próprio queria), mas pensar e pesquisar eram considerados uma heresia. Não houve qualquer gravação dos eventos; e nenhuma outra coleta de informações ocorreu ou foi planejada. Alguma coisa muito importante, muito poderosa, mas extremamente complexa estava se efetivando e não havia uma forma de traçar realmente seu padrão. Mas, porque eu me sentia furioso, afrontado, porque sentia vontade de dizer que isto representava uma irresponsabilidade, uma falta de preocupação com a avaliação? Porque eu estava tão abalado por isto? Creio haver uma série de razões, mas duas coisas realmente me amolavam. Uma delas era o meu senso de que muita gente estava se sentindo solitária em alguma parte essencial de si mesma, sentida de forma mais aguda neste contexto que convidava à auto-expressão, mas onde também havia risco e medo frente a ouvintes pouco conhecidos e reativos. De qualquer maneira, talvez metade de nós conseguiu expressar algo sobre si mesmo, significativamente, no grande grupo. Uma outra coisa, foi a minha descoberta de que havia, afinal das contas, muitos outros igualmente curiosos sobre o processo, querendo explorar e compreendê-lo de forma mais racional, e sentindo-se à vontade para responder a questões e pesquisar o fenômeno do qual haviam participado."

Alguns participantes acabaram fazendo um grupo de interesse com este objetivo e elaboraram um questionário que foi distribuído ao final do workshop.

"Para mim, este workshop foi o mais importante e de maior impacto (embora, não necessariamente o mais divertido para todos). Uma rede de informações forte formou-se na Bay Area. A partir do estímulo desta experiência em Mills dois workshops importantes foram efetivados. Ruth Sanford (com a ajuda de Carl Rogers) fez um workshop em Long Island, N.Y., moldado pelo programa de Mills. Marty Simon (sem apoio de qualquer pessoa do staff) conduziu um workshop bem sucedido para educadores nos moldes de Mills." (John Wood)

Em Mills, Maureen e John tiveram o primeiro diálogo sobre a evolução da espécie e começaram a perceber (embora muito timidamente) como a forma ingênua e infantil da comunidade se constituir, colocando grande confiança na intuição, poderia sugerir abordagens à educação e à liderança para o futuro da própria espécie.

Carl resume a "política da situação" em seu próprio estilo: "Num grupo onde o controle é partilhado por todos; onde, através de um clima propício precedente (em pequenos grupos), cada pessoa é empossada, torna-se possível um novo tipo de comunidade, uma corrente de tipo orgânico, onde os indivíduos vivem em conjunto de modo ecologicamente relacionado. Aqui, cada indivíduo dirige, ninguém dirige. O centro de opção reside em cada uma das pessoas, e a opção da comunidade torna-se, intuitivamente, um consenso, que leva em consideração cada uma destas opções individuais. O poder e a direção deslizam, facilmente, de

pessoa para pessoa, consoante as necessidades que se levantam. As únicas analogias que me vêm ao espírito são com a natureza. A seiva desce ou sobe na árvore, quando as condições fazem com que se tome uma ou outra direção apropriada. O botão desabrocha quando está pronto - e não no esforço de bater outro em competição. O cacto contrai-se com a seca e reluz e incha até rebentar com a chuva - servindo a ação, em cada caso, para a sua sobrevivência. É uma analogia final, que para mim se aplica a tantas pessoas do nosso grupo (e de todos os grupos?). As sementes de muitas plantas podem manter-se dormentes durante anos. Mas quando as condições são propícias, germinam, crescem e vêm para fora, em toda a sua frescura. Isto ajuda-me a descrever o nosso processo como comunidade."

ASHLAND, Oregon, 1976

Apesar das muitas impressões favoráveis despertadas pelo workshop de Mills nos participantes e no próprio staff, tendo sido considerado como uma experiência nova e surpreendente, mostrou-se pessoalmente insatisfatório para alguns, tais como Natalie e Dick do staff. De qualquer maneira, o grupo novamente reuniu-se para reflexões a respeito dos rumos futuros, em dezembro de 1975:

Nesta reunião alguns pontos ficaram acertados. O primeiro deles, quanto à composição do próprio staff: Natalie declarou sua intenção de continuar no próximo ano. Ela disse que gostaria que as coisas pudessem ser resolvidas entre o staff, a

fim de que o workshop fosse satisfatório e estimulante para todos. Houve uma discussão sobre acrescentar mais alguém ao staff, caso Jared ou Dick não quisessem estar no próximo workshop. Decidiram esperar pela resposta de ambos; se um deles saísse, ninguém mais seria chamado, se os dois saíssem, então, convocariam uma reunião para acrescentar uma ou duas pessoas. Todos os presentes prefeririam continuar com o mesmo staff. O workshop foi agendado, provisoriamente, para o período de 25 de junho a 10 de julho de 1976, provavelmente em Ashland, Oregon.

Ashland hospeda o maior (e melhor) festival de Shakespeare do país e ele estaria ocorrendo por ocasião do workshop. O primeiro grande problema enfrentado pelo staff quanto à organização do evento foi o transporte: os participantes teriam que voar até Medford (que fica a 15 minutos de Ashland). Apenas duas companhias aéreas fazem este voo diariamente e assim, os participantes teriam que fazer reservas com bastante antecipação, caso contrário teriam problemas para chegar até lá. A universidade alugaria carros para apanhá-los no aeroporto. Um aspecto interessante gerado por esta situação de escassez de vôos seria o fato de que em cada avião que estivesse chegando na data do início do workshop, muitos dos passageiros seriam os próprios participantes.

As trocas de correspondência entre os membros do staff, com a finalidade de apurar as diferenças surgidas desde o último workshop, constituem um registro importante de um processo internacional, sob a égide dos princípios da abordagem centrada

na pessoa, e em função disto, será dado destaque aos textos dos principais envolvidos.

Jared escreveu em meados de fevereiro: "Agora, sinto-me no ponto para levantar diversas questões. Penso que precisamos de uma pessoa negra no nosso staff. Não acho que possamos explorar realmente as consequências sociais da abordagem centrada na pessoa na América, hoje, sem enfrentar a questão do racismo, e, como é hábito, acho que devemos enfrentá-lo no micro-cosmo do nosso staff, se quisermos que o resto do workshop - ou este país - o enfrente. A verdade é que não tenho nenhum amigo negro para recomendar. E, embora isto possa tornar o problema ainda mais difícil (ou possa fazer com que a solução pareça artificial), acho que isto aponta para o meu próprio racismo. Eu não desenvolvi a tendência para relacionar-me muito com pessoas negras. Tenho muitas explicações para isto, mas não creio que elas se sustentem - especialmente no contexto do nosso workshop, onde sinto que eu (nós) devo desenvolver algumas relações inter-raciais. "

No início de março veio a resposta de Dick: "Gosto da proposta de Don Whitney para filmar o evento, na medida em que realmente acredito haver a necessidade de aprender muito mais através de filmes e outros meios, a fim de compartilhar com outras pessoas o que é o nosso trabalho, o nosso processo. (...) "

"Jared, posso perfeitamente compreender sua preocupação com a América racista. Este é um tema terrivelmente significativo. Discordo, no entanto, de você quanto a trazer uma pessoa negra para o staff. Quatro coisas influenciam meu pensa-

mento. Primeiro, a minha própria experiência e amigos pretos me dizem que uma pessoa preta num staff de dez ou mais brancos terá grande dificuldade de sentir a inteireza de sua identidade étnica. Para que possamos ter um sentido completo da brancura e pretura como um staff, meu julgamento seria de que precisaríamos de pelo menos três pretos, preferencialmente cinco com cinco brancos. Segundo, há algo sobre a noção de trazer uma pessoa preta para nos ajudar em relação às nossas atitudes racistas que eu considero ofensiva. Com demasiada freqüência, usamos, ou muitos pretos me contam, os pretos para no educar. Isto daria àquela pessoa preta uma tarefa dupla como membro do staff: uma, a de educar os brancos do staff e outra a de ser um membro do staff na comunidade. Soa como um fardo pesado. Terceiro, não fiquei muito impressionado sobre como nós, como um grupo de brancos, trabalhamos juntos no ano passado. Por exemplo, Jared, eu dificilmente consegui conhecer você. Uma das minhas razões para voltar este ano é verificar se poderia trabalhar de forma mais completa com o mesmo staff. Como Carl disse em algum lugar, "Cristo, se nós como grupo não conseguimos trabalhar juntos, quem pode?" Estou sentindo um forte compromisso com o nosso entrosamento como um staff. Quarto, no que me concerne, o staff para o programa do verão é um assunto encerrado. Já desenvolvemos nosso prospecto e comunicamos às pessoas sobre a constituição do staff. Eu, realmente, gostaria que aceitássemos o staff como está. Vamos trabalhar nos problemas e temas que ainda não estão resolvidos. Sugiro que contratemos um facilitador de fora para trabalhar conosco nos quatro ou

cinco dias pré-workshop. Creio que seria realmente suportivo para a construção do time e penso que isto nos faria modelar para nós mesmos o uso de um facilitador, da mesma maneira como o oferecemos para os outros. Além de uma apresentação de Carl, acho muito difícil saber qual é o papel do staff. Não tenho muita clareza sobre o fato de estar recebendo um salário e os participantes estarem pagando. Não tenho muita clareza sobre as minhas responsabilidades para com a comunidade de aprendizagem. Não estou certo sobre minhas expectativas quanto ao resto de nós."

Um outro problema surgido teve relação com a omissão de David Aspy em responder às cartas e telefonemas dos membros do staff. Estes sentiram-se desconfortáveis com isto, já que David continuava oficialmente sendo um membro do staff.

Em 26 de maio, os membros do staff receberam uma outra carta de Dick: " Uma das razões pelas quais eu queria um facilitador eram minhas necessidades pessoais. No ano passado, experienciei muito sofrimento ao trabalhar com o staff. Muitas vezes, senti-me marginalizado, não-valorizado, e geralmente estranho. Gastei muita energia tentando pensar porque foi um período tão difícil para mim... tentando separar algumas das coisas que eu estava fazendo das coisas que eu achava que estavam sendo feitas comigo. Eu ainda estou muito perplexo com todas estas dificuldades, mas sinto-me muito comprometido com o propósito de não repetir esta situação este ano. Pensei que talvez um estranho pudesse ser útil, ao menos para que eu pudesse enfocar com mais clareza minhas relações com os demais, e especialmente de que

forma eu poderia tornar-me mais eficiente. Com grande frequência, muitas pessoas das profissões de ajuda, advogam coisas para os outros que não desejam fazer para si mesmas. Pensei que poderíamos assumir o risco e dizer que nós, tanto precisamos quanto apelamos para outros buscando ajuda. Acredito que uma pessoa pode ter nascido como um facilitador de grupo, mas após o processo de aculturação, deve trabalhar muito para descobrir e localizar os tipos de qualidade e coisas em si mesma que ela poderia fazer para ser útil para os outros numa situação grupal. As pessoas que encontrei no workshop do último verão, embora muito capazes de formas e maneiras diferentes, não seriam as pessoas sobre as quais eu pensaria para o tipo de apoio que eu preciso ou acredito que o staff poderia usar. Estou falando sobre um tipo especial de pessoa (e acredito que existam pessoas especiais). Eu realmente acredito em experts e os aprecio. Se membros do staff não acreditam, tentarei compreendê-los. Eu apreciaria alguma tentativa para compreender de onde eu estou vindo. Ganho a vida como conselheiro e facilitador. Sinto que tenho habilidade. Sinto-me valorizado por estas habilidades. Valorizo outros por essas habilidades. Espero que neste verão, possamos de forma mais clara apreciar as diferenças uns dos outros e, ao invés de mascará-las, tentar entendê-las e, talvez encontrar espaço para elas."

No início de Junho, Carl respondeu desta maneira: "Dick, eu realmente ouvi alto e claro que você quer um facilitador para ajudá-lo em suas necessidades pessoais em lidar com o staff. Não posso evitar de imaginar que isto tem a ver comigo. De

acordo com a minha percepção, as maiores diferenças no staff ocorreram entre nós dois. Quero lembrá-lo, citando trechos da minha carta para você de dezembro de 1975, que nunca compartilhei com o staff. Aqui vão alguns parágrafos daquela carta.(...) . Eu quero muito este ano evitar o sofrimento, e não as desavenças. Penso que nossas diferenças são muito sutis e não tão grandes, mas elas certamente aumentam quando não estão completamente expressas de ambos os lados. Desejo realmente que você me confronte mais vezes e planejo fazer o mesmo em relação a você. Quero realmente chegar ao fundo disto, e compreender, quaisquer que sejam, nossas mais leves diferenças... Falando por mim, não quero fingir que sou sensível a sentimentos não ditos ou não expressos. Algumas vezes, consigo agarrá-los, mas acho que com muita freqüência não consigo. Se alguém estiver experienciando um sentimento negativo sobre alguma coisa que eu esteja fazendo, realmente confio que ele possa dizê-lo e expressá-lo, e eu certamente sinto esta mesma confiança em você. Se estou apegado a uma idéia ou direção, a pessoa terá que gritar comigo duas ou três vezes antes que eu possa ouvi-la, mas de uma forma geral penso que geralmente estou disponível para ouvir... Agora, gostaria de acrescentar algo mais. Gostaria de pedir aos demais membros do staff para nos ajudar. Tentarei ao máximo ouvi-lo - mas somente se você falar. Mas, se eu não ouvir o significado do seu silêncio, ou se eu confrontá-lo de forma irracional ou que possa machucá-lo, peço a todos do staff para confrontar-me e ouvir você. Acredito que a filosofia que implementamos durante o último verão foi a de que cada

pessoa tinha que merecer seu diploma de expert no grupo e que a noção de um expert credenciado não tinha espaço na vida da comunidade. Acho que isto também se aplica ao staff. Talvez, eu possa tornar esse significado um pouco mais claro indo para um outro campo. Eu me vejo como um ótimo terapeuta, em matéria de terapia individual. Neste sentido, sou um expert. Ainda assim, com cada cliente tenho que merecer meu caminho como terapeuta e posso, com aquele cliente, falhar. Neste caso, com este cliente, não sou um expert. Voltando ao nosso grupo de staff, sinto que freqüentemente sou um bom facilitador, algumas vezes um expert, mas não sinto qualquer orgulho ou habilidade pelo que fiz no último verão com nosso próprio grupo. Sinto que, com alguma freqüência, fui tolo e insensível. Tentarei merecer um grau melhor de habilidade este verão, mas não estou de modo algum certo de que seja capaz. Estou confiando que outros possam ser experts, quando eu não estiver sendo. Espero também ser capaz de me tornar um expert em participação. Com isto, estou querendo dizer que espero ser capaz de comunicar claramente e falar a partir de meus próprios sentimentos e realmente ouvir o que os outros estiverem dizendo. Espero ser terno, quando houver necessidade de ternura. Espero ser confrontador, quando for confrontado. Espero ser capaz de evitar o sarcasmo que me vem facilmente, especialmente quando estou com velhos amigos. Espero, mais do que você pode imaginar, que você também possa merecer seu título de expert como facilitador e como participante em nosso grupo. Não tenho a pretensão, nem por um momento, que isto responda a sua carta. Simplesmente, expressei

minha reação a ela, honesta e profundamente. Espero que você a aceite com este espírito. Espero ansiosamente vê-lo novamente em Ashland."

Sobre a chegada a Ashland, John escreve: " Quando chegamos a Ashland, após um inverno ocupado e uma primavera repleta de diálogos sérios, a ação mais séria que enfrentamos foi encontrar cortinas para colocar nos chuveiros, a fim de contentar aqueles que desejavam privacidade. É lógico que quando digo "sério", estou pensando numa categoria, não num estado de consciência, pois estamos sempre sérios, mesmo em nossos momentos mais leves. Se Mills foi a liberação da intuição, elevada a seu merecido lugar como líder do corpo (com o intelecto relegado ao lugar de subalterno), então Ashland foi a liberação das emoções, das crianças sem a presença do mestre. Foi uma peça de teatro, parte do festival de Shakespeare. E, a peça foi até filmada. Foi leve e pesada, mas sempre uma peça. Foi uma abertura de espaço galante para a sabedoria da arte, da dança, dos sonhos e das lendas. Pessoas vieram de todos os lugares dos Estados Unidos e de mais oito países para participar.

SAGAMORE, New York, 1977

Cada workshop era conduzido como se fosse o primeiro e último pelos membros do staff. Em meados de novembro de 1976, eles se reuniram no Sunrise Institute, considerado um local para retiros espirituais, próximo a Tecate, México, para mais um encontro. A pergunta recorrente era: "Para onde vamos a partir

daqui?"

Dick escrevera solicitando sua saída do staff, a fim de ficar livre para prestar assessoria na Ásia. Natalie e Marion trabalharam, durante esta reunião, uma desavença surgida entre elas e, Marion, finalmente, decidiu não retornar ao staff. O grupo realizou um "brainstorm" sobre vários projetos que poderiam iniciar juntos. Decidiram fazer um outro Programa Centrado na Pessoa em Racquette Lake, New York. Howie Kirschenbaum (biógrafo de Carl na obra "On Becoming Carl Rogers") ofereceu seu "centro de crescimento" na velha mansão campestre de Vanderbilt, em Sagamore, como local para o próximo workshop.

O staff havia pedido a John para planejar um workshop especial, de qualquer tipo. Eis a idéia apresentada por ele ao grupo: "Uma das aprendizagens importantes dos nossos workshops centrados na pessoa consiste na percepção de que, sob certas condições, grupos de pessoas - mesmo grandes grupos de pessoas - são capazes de liberar seu potencial criativo. Qualquer grupo pode ser "polinizado" neste sentido. Uma das tendências sugeridas pelo nosso trabalho é a tendência evolutiva da consciência. Desde o encontro um-a-um, passando pelo pequeno grupo de encontro e indo até o encontro de comunidade, vemos uma submissão crescente do controle intelectual em favor de processos mais intuitivos para liderança pessoal e grupal. Como podemos levar a-vante esta aprendizagem? Quais são as grandes possibilidades do ser humano e como podem ser realizadas? Estas são as questões que estou me propondo. A proposta que faço é a de que testemos a A-

bordagem Centrada na Pessoa com uma população especial. Um tipo que costuma ter grande impacto em comunidades humanas e na evolução. Esta população seria constituída por pessoas de destaque, os Freuds, Picassos, Einsteins, enfim pessoas criativas nos campos da medicina, governo, educação, religião, ciência, arte, economia, produção de comida, etc. Qual seria a diferença entre este grupo e nossas outras populações? A única diferença seria que estas pessoas poderiam ser consideradas como líderes nos campos acima. Seria, por assim dizer, um grupo selecionado."

Tal programa teria implicações poderosas, ao ampliar nosso conhecimento e habilidades quanto à facilitação de comunidades, aumentando o conhecimento mútuo dos participantes que aprenderiam a comunicar-se numa linguagem comum. E, desde que estas pessoas assumem papéis de liderança em suas próprias comunidades, moldaríamos juntos as futuras abordagens às comunidades..."

Esta proposta nunca foi realizada. Muitas das melhores idéias do staff nunca ganharam vida. Mesmo assim, a criatividade que gerou tais pensamentos era parte da própria vida da Abordagem Centrada na Pessoa.

Ashland exigiu um ano de trabalho árduo para todos, mas especificamente no caso de John, ele concebeu sozinho um novo programa chamado "Terapias Centradas na Vida". A "pessoa", na concepção de Wood, estava se tornando demasiadamente restrita como representação simbólica do trabalho realizado pelo staff. Afinal das contas, havia muitos aspectos das pessoas que não va-

lia a pena desenvolver, embora fosse importante conhecê-los. O centro com o qual ele estava se tornando preocupado era além do self, ou seja, o " próprio centro da vida" (life center) da pessoa, do grupo, da terapia. Este novo programa teve sucesso e John foi capaz de ver muitos princípios da Abordagem sendo mantidos em condições grupais diversas. Também, no início de 1977, Carl, John, Maria, e Maureen foram convidados para vir ao Brasil, onde conduziram diversos programas intensivos da Abordagem Centrada na Pessoa. Também conduziram um " Person Centered Training Program" (Programa de Treinamento Centrado na Pessoa) em La Jolla. John, mais tarde, foi a Manilla, nas Filipinas, Índia e Itália e pode constatar, pela primeira vez, as semelhanças e diferenças da Abordagem Centrada na Pessoa em diferentes culturas. Ele havia acabado de voltar do Brasil quando houve a reunião em Racquette Lake.

"O workshop foi pessoalmente agradável...uma experiência leve, quase um sonho, tendo a beleza natural e a independência (ou dependência) da Costa Leste dos Estados Unidos. Nossos preparativos pré-workshop (se comparado aos dos anos anteriores) foram muito simples: poucos memorandos, poucos problemas para resolver, pouco entusiasmo. Mesmo a popular sala de "movimento e arte", criada por Jared e Natalie em Mills não se concretizou completamente em Sagamore. Não oferecemos nenhum planejamento, quase nenhuma assistência, confiando principalmente no grupo para dirigir o workshop. A ênfase por independência presente em Sagamore não criou nada além de um individualismo forte:"Eu

quero "...para mim"... "eu sinto"... e um desejo insatisfeito pela atenção de Carl. A performance musical de Jared, uma noite de música apresentada por três homens, a dança de Kathie e as inoculações contra hepatite foram as experiências comunitárias mais harmoniosas que tivemos. Houve muito talento e pouco show condizente com ele na construção desta comunidade."

"Em Ashland, tivemos uma discussão sobre gravação. O grupo não permitiu a gravação sonora e apenas um filme. Em Sagamore, o assunto surgiu novamente. Muitas pessoas foram se posicionando contra e a favor e uma guerra de palavras irrompeu entre os exércitos. Mas, então, um pequeno grupo começou a crescer em tamanho. Eram pessoas que não estavam nem a favor e nem contra. Elas se opunham à guerra. Elas se sentiam controladas e manipuladas por aquele que queria gravar e estavam cheias da discussão. A discussão foi encerrada assim, sem que nenhuma decisão tivesse sido oficialmente tomada e sem que se chegasse a nenhum consenso, mas não houve gravações nas reuniões posteriores. O grupo tinha, a sua própria maneira, decidido sobre o assunto."

A partir das impressões registradas pelos componentes do staff, Sagamore significou a aquisição de um nível mais profundo de consciência, com os sonhos e realidades internas dos participantes entrando em sintonia com as metáforas e temas do grupo. O staff sentia-se mais confiante nas capacidades daquele grupo de pessoas para formar uma comunidade e, assim, pôde facilitar a emergência de seus próprios sentimentos e emoções, à medida que o workshop transcorria. Para John foi a recuperação de

um sentimento generalizado de amor pela humanidade.

NOTTINGHAM, INGLATERRA, 1978

No intervalo entre os verões, o staff se reuniu no fazenda de Betty Meador, em Ramona, California, para decidir sobre o que fazer no verão de 1978.

Maureen registra suas impressões sobre esta reunião: " Durante este nosso fim de semana juntos, observando o texto, o prospecto e o artigo que emergiram de nossa energia coletiva, fiz uma associação. Pensei no salão de Gertrude Stein em Paris, pensei na Escola Bauhaus, na Escola de Viena e seus filósofos-cientistas e fiquei me perguntando se, algum dia, a fazenda dos Meador atingiria um tipo semelhante de notoriedade. Eu fiz uma imagem de um cadinho no qual estivessem colocados todos os nossos jeitos individuais de olhar para a Abordagem Centrada na Pessoa (pedaços dela, ao menos) e a partir do qual emergisse uma pedra preciosa complexa do trabalho produzido coletivamente. Parafraseando John, ao exagerar nossa individualidade, tocamos nossa unicidade, que é mais completa do que qualquer um de nós separadamente. O prospecto e o artigo são uma expressão verbal do processo de uma abordagem centrada-na-pessoa. Nossas declarações, embora manifestamente diferentes, eram também, a um nível mais profundo, a mesma coisa. Carl foi capaz, após dormir uma noite, de tocar esta harmonia. Imagino se qualquer um de nós, estando tão sintonizado quanto eu estava, não poderia ter tocado aquela mesma harmonia e escrito um artigo que as refletisse (sem pretender

com isto subestimar Carl e sua capacidade para escrever)."

A seguir, são transcritas as declarações do grupo que emergiram desta reunião e que foram, posteriormente, polidas e preparadas como uma proposta para o workshop da Inglaterra: "Não fazemos nenhum investimento quanto a resultados específicos destes workshops. Investimos e nos especializamos em iniciar um processo no qual o indivíduo e a comunidade possam tornar-se mais livres para selecionar direções e atividades, que promovam desenvolvimento, gratificação, eficiência social e crescimento. Quais serão estes resultados? Não podemos predizer completamente... Assim, é o processo que iniciamos e no qual confiamos, e esperamos ansiosamente pelos resultados, e eles freqüentemente nos surpreendem com sua riqueza e frescor. Em nossos workshops recentes, ajudamos a criar um clima que atende a uma tendência humana para desenvolver-se. A pessoa isolada busca tornar-se tudo o que ela (ou ele) puder ser. Como consequência, uma energia é gerada no grupo e o isolamento de cada consciência individual é transformado numa consciência grupal una. Descobrimos que estas experiências transportam as sementes de uma mudança social profunda: sementes que frutificam muito tempo depois de terminado o workshop."

O longo artigo promocional escrito pelo staff em Ramona, termina com estas palavras: "Nossa atitude em relação a este workshop de 1979 pode ser expressa de forma muito simples. Antecipamos novas aprendizagens. Estamos certos apenas de que este workshop será diferente de qualquer outra coisa que possamos

produzir antecipadamente. Dirigimo-nos a ele desejosos de confiar na sabedoria e criatividade do grupo, seguros de que qualquer coisa que venha a evoluir dele, será estimulante e construtiva."

As reuniões do staff obedeceram, ao longo destes anos todos, a um padrão característico." Conversamos uns com os outros sobre nossos mundos internos e externos, nossos objetivos pessoais. Expressamos nossos desejos, medos, fantasias sobre o que poderia acontecer no workshop. Especulamos sobre o que poderíamos oferecer como recursos e o que poderia ser obtido com cada nova experiência para as nossas próprias vidas. Cada um a sua própria maneira, com personalidades distintas, com visões diferentes sobre desenvolvimento pessoal, vivemos de forma a não ofender nossas verdadeiras naturezas. Também discutimos problemas sociais: Qual o significado das diferenças econômicas entre os membros da comunidade? Quem paga quanto e por que? É razoável cobrar uma taxa para planejar um evento como este? Quais são as implicações sociais deste trabalho? Qual a melhor maneira de ensinar e de não manipular? Somos experts? E sobre as diferenças raciais? E a competição entre nós? Devemos entreter para sermos apreciados pelos participantes? Como nos sentimos a respeito de possíveis relações sexuais entre nós, ou entre os participantes? E se um membro do staff fizer sexo com um participante? Como podemos evitar usar nosso poder ou autoridade nos relacionamentos? Podemos amar mais de uma pessoa simultaneamente?"(John Wood)

Estas e muitas outras questões foram levantadas nas inúmeras reuniões do staff e enfrentadas pelo grupo, tão ho-

nestamente quanto suas capacidades lhes permitiam. Muitas respostas eram tentadas. Cada uma delas estava certa, porém, nenhuma era completamente satisfatória. Qualquer desafio encontrado poderia ser racionalmente explicado, segundo as intenções de cada uma daquelas pessoas. A "resposta", entretanto, parecia surgir de um sentimento de confiança que eles começaram a experimentar, à medida que ouviam aos pensamentos uns dos outros. A "resposta" emergia de um tipo de confiança mútua crescente e de um jeito não-defensivo de abordar as próprias questões. O planejamento era por vezes caótico; embora uma agenda fosse escrita, ela raramente era obedecida: as discussões seguiam por tópicos que eram mais vivos apenas no momento em que estavam ocorrendo. Planos fecundavam, mas não eram registrados, por vezes nem mesmo verbalizados. Os melhores momentos eram caracterizados por um clima de sensibilidade e disponibilidade emocional de todos em relação a cada um individualmente e, também quando o "humor do staff se desenvolvia". Nos piores momentos, cada pessoa mantinha-se atada às suas próprias preocupações e tornava-se incapaz de captar o todo, permanecendo tão individualista e competitiva como no início da discussão.

John descreve o processo do grupo constituído pelo staff: "Este processo leva tempo. Não se pode apressá-lo, se quisermos trazer à tona nossas melhores capacidades para a resolução de problemas. Nossas afinidades e diferenças são arejadas... não raro até estarmos quase completamente exaustos emocionalmente. Rimos e choramos e, algumas vezes, até nos embebedamos juntos. E,

finalmente, respiramos juntos. É quase como se o propósito real de falar e estar junto fosse o de coordenar, talvez descobrir, o ritmo invisível de nossos seres. Certamente, mesmo após diversos anos, não temos sentimentos, pensamentos, crenças, estilos de vida, nem expectativas idênticos sobre como trabalhar juntos. Permanecem diferenças filosóficas e metafísicas profundas entre nós, mas respiramos e trabalhamos juntos em uma unidade descontraída. Num certo sentido, eu suponho, não é uma grande façanha o fato do staff se reunir; afinal, há um trabalho a fazer. Mais de cem pessoas aparecerão em breve e terão que ser recebidas. Mesmo arquinimigos unem-se contra um inimigo comum. A coisa realmente importante, eu creio, é termos sido capazes de, ao longo dos anos, fazer mais do que apenas ficarmos unidos como um time. Fomos capazes de funcionar criativamente como um grupo, fazendo mais juntos do que fariamos individualmente, mesclando as habilidades mútuas num esforço harmonioso. Em nossas reuniões de staff, decidíamos um plano para o workshop. O plano, ou melhor talvez, a atitude, refletia nossas diferenças de personalidade, nossos estados de ânimo, e também nossa unidade. De forma geral, queríamos (tanto quanto possível) que o programa fosse desempenhado por todos nós e os participantes de forma conjunta. Mas, como fazê-lo quando a maior parte ainda não chegara? Estávamos bastante conscientes de que nós havíamos promovido a reunião e, conseqüentemente, tínhamos responsabilidade pelo seu início. Não queríamos sobrecarregar o grupo com intervenções desnecessárias e estruturações, mas, por outro lado, não queríamos (por negligência) estabelecer

condições que resultassem em confusão desnecessária e caos, nem tirar a liberdade e a auto-regulação dos participantes. Estabelecíamos, geralmente, um acordo entre nós sobre como estruturar a reunião de abertura do primeiro dia do workshop... ou talvez, dos primeiros dias. Cinco anos atrás, por exemplo, estruturamos os primeiros dias e fizemos sugestões sobre como continuar, após aquele período. Planejamos reuniões de pequenos grupos. Nos anos posteriores, apenas estabelecemos a hora para a entrevista inicial. O "plano" visava uma tomada de decisão coletiva de toda a comunidade, composta pelos participantes do workshop, incluindo nós sete, sobre nosso tempo restante juntos... à medida que avançávamos. Mais tarde, quando a comunidade desenvolvia sua própria personalidade, percebíamos que as personalidades individuais e o humor dos membros do staff ressoavam no grupo de participantes. Cada pessoa que compõe o staff, ao ser como está sendo no momento, sanciona aquela forma de ser no grupo. Isto libera a possibilidades de que as pessoas na comunidade possam ser elas mesmas daquela maneira também. Por exemplo, se alguém do staff está indiferente ou com raiva ou, alegre, então estes sentimentos tornam-se atitudes disponíveis para que todos que os comungam, naquele momento, possam expressá-los livremente. A comunidade reflete todas as divisões, polaridades e indulgências do staff, todos os atributos criativos e facilitadores e, também, a unidade. Esta é a nossa teoria (nosso mito?)! É claro que podemos estar superestimando a nossa importância.

Os "convenors" (aqueles que congregam, que promo-

vem o workshop) são participantes que assumem responsabilidade pela formação inicial da comunidade. Após o início, nós não mais lideramos; por um certo tempo, estamos à frente. Pode-se dizer que, de certa maneira, os participantes fazem o workshop que é designado pelo staff. Do nosso lado, vivemos um workshop levemente diferente, embora participemos tão completamente quanto qualquer outro participante. Poderia ser dito, em contrapartida, que desde que muito do nosso trabalho é determinado pelos participantes e suas reações, fazemos o workshop designado por eles. A despeito das boas intenções, ensinamos e pregamos. E, às vezes, penso que para as pessoas intelectualmente orientadas representamos um bloco de poder, um corpo de dogma e mesmice. O fato é que, individualmente, não somos diferentes das pessoas comuns que freqüentam os workshops. Queremos ser amados, agradar aos outros, sentir como somos importantes, pensar que ajudamos alguém. Queremos mudar, aprender sobre o significado de nossas vidas e satisfazer nossos desejos. Creio que nosso atributo de salvação, como convenors (talvez seja isto que nos diferencie de outros líderes de grupo), consiste no desejo de sermos afetados pela experiência que vivemos durante o workshop. Neste sentido, somos genuinamente participantes e, freqüentemente, sentimos uma mudança maior - para melhor ou para pior - do que a experimentada por muitos outros membros da comunidade. Apaixonar-se, tomar decisões sobre trabalhar por amor ou fazer o que é bom para a própria carreira, viver a verdade, ao invés das conveniências, são todas experiências que temos experimentado nessas comunidades temporárias e que

resultam em muita satisfação e, também, em grande angústia para nossas vidas."

Ao chegar a Inglaterra, o staff encabeçado por Carl Rogers tinha um encontro marcado com a equipe de Ronald Laing para um diálogo informal. Este encontro caracterizou-se por alguns desentendimentos iniciais entre membros fervorosos de ambos os lados, mas acabou se concretizando devido à interferência de seus fundadores, Carl e Ronnie, que apaziguaram os ânimos. Houve também uma apresentação pública no London Hilton Hotel e, finalmente, chegaram a Universidade Nottingham para um workshop centrado na pessoa "britânico".

Durante o workshop anterior, em Mills, a equipe e os participantes enfrentaram um momento difícil quando uma mulher entrou num surto psicótico e foi atendida por suas colegas de quarto e por algumas pessoas de seu grupo de encontro. Aquela crise foi resolvida como um "assunto particular", e não como algo para a comunidade resolver. Em Nottingham, o staff viu-se frente à "loucura" na comunidade:

Um homem pretende encenar uma tragédia pessoal. Pede que a comunidade o auxilie cedendo tempo e energia para que sua performance possa ocorrer; ele solicita que alguns participantes representem personagens na cena que escolheu. À medida que ele descreve os fatos que antecederam e deram origem à cena que irá representar, algumas pessoas manifestam seu desconforto frente à violência relatada e se opõem à continuação do drama. O homem insiste, mas acaba aceitando os argumentos daquelas pesso-

as; mais tarde, relata que a cena escolhida acabaria realmente em muita violência. A comunidade, intuitivamente, soube lidar com a loucura, assumindo responsabilidade por ela e oferecendo ajuda e suporte ao membro doente. O staff não precisou interferir diretamente.

PRINCETON, New Jersey, 1979

Em Nottingham, o staff decidiu não mais continuar trabalhando como equipe para o próximo ano. Mas, ao retornarem aos Estados Unidos, foram surpreendidos pelo entusiasmo de Natalie frente à possibilidade de realizarem um workshop conjunto com a liderança da "American Humanistic Psychology Association" (AHP). Natalie fôra convidada para uma reunião preliminar com Liz Campbell (diretora executiva da AHP) e esta ficara extremamente entusiasmada com as idéias transmitidas por Natalie sobre o trabalho que vinha sendo realizado pelo staff da Abordagem Centrada na Pessoa. Ela propôs que trabalhassem em conjunto, realizando um workshop na pré-conferência da reunião anual da Associação. A resposta de Natalie fôra: "Nosso staff desejava ter um impacto social e como consideramos que isto já foi concretizado, nada mais natural do que voltar ao campo onde frutificaram algumas dos nossos pensamentos originais - o movimento da Psicologia Humanista. Por outro lado, estamos interessados na possibilidade de facilitar o grupo da AHP (ou dos participantes da conferência) para descobrir em que direções a organização e os humanistas em geral querem mover-se."

John também surpreendeu-se, ao reunir-se com a equipe da AHP, com a afinidade de objetivos entre aquele grupo e o staff da "Person Centered Approach" (Abordagem Centrada na Pessoa): "As mais fortes impressões provocadas em mim após ter falado com Liz, Walt e Jack, componentes do staff da AHP, tinham a ver com o quanto a direção de suas idéias, sentimentos e pensamentos se pareciam com os nossos. Eles lideram conferências, como nós, para arrecadar dinheiro, para entreter, para expandir a consciência, aprender, educar, promover crescimento pessoal, influenciar os outros e para viver momento a momento, intensamente. Eles são tão ambiciosos quanto nós, ao não se contentarem apenas com os benefícios emocionais, a nível pessoal, para si próprios e para os membros participantes. Também estão preocupados com ecologia, práticas sociais, políticas e econômicas, religião, evolução humana, poder pessoal e institucional, e assim por diante. À primeira vista, esta ambição pode parecer difusa e superficial, mas encontrei um staff com idéias sérias, mentes disciplinadas e experiências variadas, estando, portanto, consciente de todas as complexidades da tecnologia e das realidades diárias e paranormais, a fim de tomar decisões humanistas sensíveis sobre a vida no planeta. Ao enfrentar muitas das mesmas questões e lutar ativamente para viver suas respostas, eles estão começando a chegar a conclusões semelhantes às nossas."

A primeira declaração oficial sobre a Conferência de 1979 da AHP a realizar-se em Princeton estabelecia o seguinte:

"Estamos atravessando mudanças, talvez no meio de uma transformação maior da civilização humana. O futuro imediato pode ser um tempo de grandes crises: econômicas, sociais, políticas e ecológicas. Pode ser o tempo da descoberta de uma nova e feliz visão sobre a natureza humana. É possível que ocorram ambas as possibilidades mencionadas. Como podemos viver e trabalhar melhor em meio a tal mudança, exercendo, inclusive, certa influência sobre seus resultados? Como as preocupações diárias com as nossas vidas conectam-se com as perspectivas mais amplas da evolução humana? Quais são os recursos para se tomar parte na modelagem do futuro? A psicologia humanista pode servir como uma ética para o crescimento social, bem como pessoal? "

Esta declaração era bastante semelhante àquela da PCA para o ano anterior. Na opinião do staff encabeçado por Rogers, eles estavam um pouco à frente da AHP por lidarem com as mesmas questões perscrutando em volta, na busca por respostas dentro e fora, mas, por outro lado, a AHP poderia ser considerada um pouco mais realista, ao engajar seus questionamentos a um campo mais amplo. Ambos os grupos sentiram que poderiam aprender muito uns com os outros, se pudessem trabalhar de forma conjunta no próximo verão.

A proposta da liderança da AHP foi a de que o staff colaborasse em um ou mais dos seguintes eventos: - um workshop de nove dias como preparação para a conferência de Princeton; - servir como facilitadores na reunião dos membros da AHP que deveria durar um dia todo, provavelmente no início da confe-

rência; - servir como facilitadores na reunião designada como pré-conferência, para cerca de cem pessoas, incluindo pessoas de todos os ramos do movimento humanista. A primeira opção prevaleceu.

Desta vez, o workshop ocorreu sem uma seleção rígida dos participantes. Devido a uma competição com um outro workshop da PCA em Long Island, o staff acabou aceitando todos os aspirantes, sem nem ao menos ler as fichas de inscrição.

Segundo John, "por alguma razão, muitos dos nossos standards sofreram um colapso... Esticávamos nossos pensamentos, creio eu, deixando que o workshop corresse segundo o fluxo da lógica, sem utilizarmos nossa energia intuitiva e criativa como no passado. Apenas foram dadas algumas 'instruções' aos participantes que chegavam: 'Durante os últimos dias, todo o staff esteve reunido e estivemos nos preparando para o workshop, ganhando familiaridade com o ambiente físico, cada um de nós em contato consigo mesmo e uns com os outros, pensando e falando sobre este workshop. Grande parte de nossa conversa tem sido focalizada no início do workshop, nos processos de chegada e em como programar nossas primeiras reuniões. Iniciamos outros workshops centrados na pessoa de formas diferentes. A forma que prevalecerá este ano, representa o resultado de nosso pensamento coletivo sobre este workshop em particular, neste local específico e reflete como nós estamos, individualmente e como grupo, desta vez. Os processos para a chegada incluem: inscrição, seleção de atividades acadêmicas, se vocês o desejarem, escolha de quartos e da roupa de cama.

O jantar será servido às 18:00 horas e nesta ocasião o staff se apresentará aos participantes. Às 20:00 horas propomos que as pessoas se reúnam em grupos que chamaremos de 'grupos de vizinhos', isto é, reunião das pessoas que estiverem alojadas próximas e esperamos que encontrem um local para suas reuniões, sem que o staff se encarregue disto.

Imaginamos estes grupos se reunindo apenas esta noite. Sugerimos que uma de suas tarefas seja a de passar um período fazendo as mesmas coisas que fizemos juntos, desde que aqui chegamos: entrar em contato, acostumar-se com o local e passar algum tempo conversando e pensando juntos sobre qual é o tipo de workshop que cada um deseja. Em outras palavras, desejamos que esta maneira de começar possa dar a cada um de nós, staff e participantes, o mesmo tipo de processo inicial. Se, por qualquer motivo, no entanto, vocês precisarem de um membro do staff na sua reunião, por favor sintam-se livres para solicitar-nos. Estaremos no quarto 131. Amanhã cedo haverá uma reunião geral no Corwin Hall (ver mapa), às 9:30 horas, onde poderemos iniciar o processo de compartilhar com os demais as idéias, pensamentos e sentimentos sobre como queremos conviver aqui nos próximos nove dias, com todos os grupos, inclusive o staff, podendo compartilhar os frutos de seus processos iniciais..."

John registrou suas reflexões e sentimentos sobre este workshop: "Pensar, comunicar, movimentar, amar, lutar, parecem ser parte da minha natureza, se você se ativer àquilo que faço, mas eu também 'sou'. Em nossas teorias e em nossos pensa-

mentos, durante o workshop, há pouco tempo para 'ser'. É sempre um 'tornar-se'. Frequentemente, parecemos pensar em termos de dar e receber, abundância e falta, oferecer e participar, desempenho e apreciação. Obviamente, as transações são muito necessárias para uma comunidade. Comercializar, barganhar, melhorar, são parte do próprio viver. E, muitas pessoas carecem de capacidade para fazer transações sociais bem-sucedidas. Elas precisam educar-se e praticar. O workshop fornece um bom treinamento. Mas, certamente, isto não é tudo. Esta luta constante para alcançar a perfeição... este tornar-se, este desenvolvimento do potencial... certamente, isto impede uma pessoa de alcançar a sua própria perfeição. Estas transações impedem uma pessoa...num determinado momento... de 'ser'. Em qualquer comunidade com bom funcionamento, eu penso, o equilíbrio entre a abundância e a falta de vestimenta, moradia, nutrição, comida, amor, sexo, e assim por diante, não está bloqueado. Mas, quando o auge das ambições de um grupo recai sobre dar e receber, eu me pergunto se isto não bloqueia o 'ser'... Tornar-se uma pessoa madura é um processo observável. Mas, se eu estiver me tornando, isto é lutando por isto, então não consigo ser. Se não estou sendo, então não estou me tornando. Mas, se estou amadurecendo naturalmente, de acordo com a minha natureza, estou sendo, e, então, estou me tornando."

Neste workshop, as coisas entraram em colapso: um homem entrou em surto psicótico, e os participantes começaram a trazer notícias sobre o seu estado. Os conteúdos destes relatos eram variados; no entanto, o estado real dele tornou-se rapida-

mente irrelevante para o grupo. Seu nome foi imediatamente assimilado pela comunidade como uma fantasia. Criou-se toda uma espécie de mitologia em relação a sua pessoa.

Maureen Miller confidenciou seus sentimentos a John, àquela altura: "Estou começando a me sentir superior, e isto é tóxico para mim. Quando me sinto superior, não consigo aprender mais nada. Tenho que sair daqui..."

Este foi o último workshop promovido pelo staff original. A experiência de Princeton deixou marcas no grupo pela variedade de fenômenos que abrigou, e a equipe deu-se conta de que uma fase de trabalho tinha chegado ao fim: insistir em sua manutenção fatalmente levaria a um desgaste da própria equipe e de cada um deles como indivíduos.

John Wood conclui seu "diário de bordo" sobre estes sete movimentados anos, em que os verões trouxeram aprendizagens significativas para centenas de pessoas que participaram dos workshops centrados na pessoa e também para o grupo que integrou o staff, com reflexões importantes sobre os processos envolvidos: "O evento workshop embora complexo é também surpreendente em sua simplicidade. Uma energia de vida flutua através do grupo: a princípio caótica, ávida, teimosa, brigando pelo poder... e, então acontece uma quebra... um conflito louco ou intenso... a realidade se altera, estabelece-se um ajustamento ao coletivo, relações interpessoais formam-se e os indivíduos trabalham as suas personalidades e as dos outros... uma outra ruptura ocorre, uma noite de danças, uma festa... uma parceria para fazer sexo... então, um

tempo silencioso para falar sobre a morte... um nada... e, então vem o fim. Muitas pessoas seguem o ritmo, aparentemente se transformam. Outras, não se alteram frente às novas realidades, permanecem rígidas, esperando para expressar suas reações às velhas realidades, esperando para entrar. Num certo sentido, estes eventos não são nada além de versões comprimidas de vida real. As pessoas vivem o drama de uma vida em poucos dias. As formas, segundo as quais reagimos uns aos outros, as emoções, as regras que estabelecemos, as diferenças, os rituais, a formação de casais, a competição, fazem parte de nossa vida real. O workshop é um local, como qualquer outro, para apaixonar-se, aprender a comunicar-se, sentir-se bem ou mal a respeito de si mesmo. Talvez, ele seja um microscópio, mas é capaz de ampliar nossa visão apenas em relação àquilo que nós já somos, algo que já exista. Em inúmeras ocorrências, tanto sábias quanto tolas, o padrão da vida normal repete-se com uma similaridade angustiante. Egoísmo e boas ações, freqüentemente escondem-se por trás de rótulos grandiosos: crescimento pessoal, poder pessoal, espiritualidade, cooperação mundial. Casamento e divórcio, desapontamento, ganância, inveja e todos os demais dramas dos relacionamentos florescem na vida comunitária do grupo. Os participantes (e o staff) juntos lutam, trapaceiam, mentem, competem, manipulam, enlouquecem, pensam, ajudam, se sacrificam, amam, tornam-se amigos, brincam, criam, e transcendem as habilidades comuns e as aptidões. Juntos criamos aquilo que compartilharemos. Sinto meu isolamento e abertura, somente ao entrar em uma relação com as outras pessoas."

"O workshop está repleto (assim como em muitos outros eventos) de pessoas buscando superficialmente a certeza. Eu as reconheço porque, eventualmente, sou uma delas. Queremos melhorar com pouco esforço. Queremos atingir mistérios que não somos capazes de produzir. E, ainda assim, os esforços que aplicamos, nossa luta constante por perfeição, sempre um tornar-se, sem dúvida ajudam a impedir o ser. Somos freqüentemente bloqueados de alcançar a desenvolvimento que desejamos, por ficarmos presos num ciclo de dar, receber, e querer. Com a melhor das intenções, as pessoas, no início do workshop, rejeitam umas às outras, a fim de receber a atenção e o respeito que julgam necessitar. Quando as coisas vão bem, damos tapinhas amigáveis nas costas uns dos outros; quando não acontecem como queremos, nos acusamos mutuamente. Todos os problemas da comunidade mundial estão presentes (esperamos que as soluções também estejam presentes). A experiência é cheia de contradições e surpresas. Quem acreditaria que o simples ato de falar com outra pessoa poderia ser uma atividade tão opressiva e frustrante? Alguém suspeitaria que um grande grupo de pessoas que têm dedicado suas vidas a ajudar os outros, a despeito da educação, do treinamento e das boas intenções, em apenas alguns minutos juntas pulariam na garganta umas das outras, da maneira que fazemos, algumas vezes, durante os workshops? Cada novo dia traz sua própria medida de confusão e surpresas.

Este tipo de workshop poderia ser prejudicial para

as pessoas? Há algumas indicações de que, assim como no processo de doenças que definham as pessoas, a exposição repetida a determinadas práticas psicológicas podem levar uma pessoa a tornar-se emocionalmente desadaptada ao mundo real. O workshop seria nada mais do que um acampamento de verão emocional para adultos. Por outro lado, de um monte de entulhos, amor, sabedoria, e beleza também florescem. Com muita dificuldade, começamos a compreender nossas diferenças externas. Com grande esforço, descobrimos nossas semelhanças por trás da capa externa de dar, receber e querer. Nós nos engajamos e discutimos sobre controle pessoal, estrutura, não-estrutura, faça isto para mim, deixe-me fazer isto por mim mesmo, deixe-me permitir que você o faça por si mesmo. Lutamos para descobrir maneiras de nos tornarmos seres humanos melhores, ao estarmos com outros seres humanos. Tentamos encontrar um tipo de sabedoria dentro de nós. E, algumas vezes, conseguimos. Embora a loucura se apresente, o grupo é capaz de enfrentar esta crise com uma sabedoria curativa. A comunidade cria uma medicina feita de cuidados e bom humor. Ela é capaz de rir de seus ídolos, de suas tolices, e dos dogmas inevitavelmente estabelecidos coletivamente. Se, a risada, a seriedade ou a habilidade técnica tornam-se necessárias, logo aparece a pessoa certa para fornecer isto no momento certo.

Em algum ponto (suponho que devido ao fato da razão não penetrar no irracional), as opiniões e os pensamentos estritamente intelectuais são colocados de lado. O emocionalismo que floresce primeiro, abre caminho para a intuição e um senti-

mento de unicidade se desenvolve entre os membros da comunidade. Puxar e empurrar, debater com intensidade, expressar idéias e sentimentos, passam a caracterizar um processo de tomada de decisão, que não conduz a decisões democráticas, mas a ações sábias. O grupo não adota um método orgânico de governo consensual; por um determinado período, a própria comunidade torna-se um ser orgânico. Nestes momentos, os indivíduos, tais como fragmentos de lentes de um par de óculos quebrados, fitam-se uns aos outros, a partir de seus próprios lugares, formando um espelho completo, inteiro, que reflete cada pessoa com total realismo. O todo não apenas reflete, mas tem um efeito peculiar, sobre cada indivíduo. Participantes de um workshop, tal como partes de um holograma, projetam a comunidade em sua totalidade. A leitura do mundo privado de alguém é também uma leitura do grupo todo. Vislumbrar a consciência do grupo equivale a penetrar o mundo privado de um participante. A consciência individual torna-se equivalente ao todo. Cada atividade bem sucedida da comunidade nutre a todos com criatividade, crescimento interno e promove cooperação orgânica entre seus membros.

O workshop possui indício, talvez até potencial, para a aquisição de conhecimento, autogovernabilidade e para a atualização da espécie humana. Talvez, alguns estudiosos possam descobrir implicações para o futuro da espécie, a partir deste fenômeno da formação de comunidades. O workshop pode representar uma busca da espécie, através de um experimento primitivo, por uma maneira de facilitar a evolução da consciência.

O que se pode concluir deste tipo de evento? Ele se constitui num microscópio para se olhar a espécie humana trabalhando por sua evolução, desenvolvendo novas capacidades de percepção e comunicação, para adequar-se e engajar-se num mundo em constante mudança? Seria um professor que gentilmente guia os indivíduos em direção a aprendizagens pessoais importantes? Ou, ele é apenas um acampamento de verão para adultos?

Mesmo através das nossas formas cambaleantes e estranhas - nos workshops centrados na pessoa, nos grupos de encontro, nas especulações sobre a evolução da espécie, nas fantasias sobre uma supercomunicação - temos ido muito além de mera reação à psicoterapia convencional, ou às práticas médicas tradicionais. Estamos, sem dúvida, criando alguma coisa muito conhecida pelas excentricidades da consciência humana; mas ainda sem uma forma física... uma forma que não nega, mas que, de fato, encoraja (e exagera) a individualidade, com o objetivo de alcançar, não o isolamento, mas, paradoxalmente, o todo.

Cada workshop (La Jolla, Santa Cruz, Mills, Ashland, Sagamore, Nottingham, Princeton, e outros posteriores) foi único, inexplicável e fantástico, tanto nos aspectos positivos, quanto nos negativos. Mas, cada um deles não foi apenas mais um workshop, um evento incrivelmente genérico, no qual nos envolvemos e para o qual trabalhamos? Não fomos nos revendo sucessivamente com cada experiência; nos aproximando cada vez mais dos princípios delineados por nossas observações?

Não podemos afirmar: 'Eles foram um fermento saudável'; e nem que 'foram apenas uma confusão sem esperança.' Não compete a nós possuir a certeza deste conhecimento. Por sete estações, nos recusamos a ser escravos da ação. Nas sombras da emoção, das sensações, da imaginação, tateamos o novo. Nosso método: esperar e testemunhar. E o verão acabou."

Carl refere-se à política subjacente às propostas da Abordagem Centrada na Pessoa em relação aos grandes grupos: "Aquele não era só o anúncio de um workshop. Era uma significativa declaração política, e queríamos que assim fosse. Não existia nenhum grupo de peritos para instruir os participantes. Tornou-se especificamente claro que o controle dos planos e do programa pertenceria a todo o grupo. Não haveria pessoas de primeiro e segundo escalão - as credenciais não seriam levadas em conta. Era uma proposta política, no sentido tanto social como interpessoal. Apontava para as implicações sociais deste tipo de contato, para a responsabilidade do indivíduo no mundo e para o problema de como atuar, segundo esse sentido de responsabilidade. Tinha por fim tornar muito claro o fato de que o poder seria dividido entre nós - staff e participantes - e de que sentiríamos a obrigação de utilizar esse poder pessoal no meio social."

No livro "Sobre o Poder Pessoal" (1977), ele tece reminiscências e faz algumas reflexões sérias sobre sua própria atuação no workshops de Oakland:

"Dei-me conta de que de todas as aventuras em que estive, até hoje envolvido, esta foi a mais completamente centra-

da na pessoa, desde o seu início, através do seu planejamento, nas suas fases iniciais e no seu processo total de interação pessoal e de construção da comunidade. Foi, para mim, em consequência, um teste contínuo do valor da pessoalização. O seu sucesso ultrapassou, no meu entender, todas as expectativas razoáveis. Foi uma validação muito importante para a maneira de ser centrada na pessoa."

"Por um lado, estas experiências aumentaram a aprendizagem sobre a pessoa, enquanto um todo - experimental, cognitivo e, devo agora acrescentar, intuitivo. Demonstraram a grande vantagem de uma aprendizagem centrada na pessoa, que nos impeliu para muito além do que tínhamos alguma vez sonhado, para áreas onde não esperávamos chegar."

"Pensei, várias vezes, no que teria sido o encontro se me tivesse tornado o guru, ou o chefe. Poderia ter me tornado, com os anos, num guru, com os admiradores sempre em adoração e dispostos a ajudar. Mas foi um caminho que evitei. Quando as pessoas são demasiadamente adoradoras, lembro-lhes do provérbio do Zen: Se encontrares Buda, mata Buda! O que teria acontecido, se eu tivesse aceitado o papel de líder ativo e figura autoritária? Poderia ter levado o grupo até o máximo dos meus sentimentos e pensamentos - mas não os poderia levar para além desses limites. Poderia ter-lhes ensinado - e, talvez, até demonstrado parcialmente - como viver de uma maneira centrada na pessoa. E os resultados disto? Teriam aprendido o que sei, e como sou. Teriam encontrado em mim resposta para algumas das suas perguntas, e

estariam dispostos a voltar-se para mim, para mais respostas. Teriam, assim, chegado a limites definidos em sua aprendizagem, e seriam encorajados à dependência."

"Mas... olhemos para o que aconteceu, durante o processo centrado na pessoa, tal como realmente decorreu. Fui menos ativo do que em qualquer outro workshop até aí, contente por aprender através do processo no grupo grande, e falando só quando pensava que poderia ser facilitador no pequeno grupo de encontro. Tornamo-nos, assim, facilitadores da aprendizagem de cada um, levando-nos a novos caminhos, aprendendo visceralmente, aprendendo intelectualmente e aprendendo, neste processo, uma independência de pensamento e de ser. Não havia ninguém em quem uma pessoa pudesse encostar-se. Cada um de nós tornou-se um aluno independente."

"Gosto dos resultados em termos comportamentais. Não aprendemos uma maneira de ser centrada na pessoa. Cada pessoa está em processo de definição da sua própria maneira de ser. O resultado é pluralista, na melhor aceção da palavra, e unificado, no entanto, pelo fato de cada um de nós ser capaz de dizer, de maneira mais ou menos confiante, mais ou menos sensível: Eu sou a minha pessoa.(...) Iniciou-se naqueles grupo um fermento, uma espuma, um catalizador, que não podem deixar de ter influência profunda sobre casamentos, famílias, escolas, fábricas, centros de saúde mental, movimentos políticos. Foi, realmente, uma experiência de crescimento entusiasmante."(p. 190 e 191)

REFLEXÕES DA AUTORA SOBRE O TEXTO APRESENTADO:

Assim, termina esta viagem através dos fatos, impressões, idéias, sentimentos, hipóteses teóricas, dificuldades e esperanças desta aventura de sete anos engendrada por um grupo de psicólogos destemidos que, por sua crença no potencial humano para o auto-crescimento e auto-atualização, se dispuseram a trabalhar com grupos de até 150 pessoas, numa vivência intensiva, com o objetivo de conhecer o processo de formação das comunidades humanas.

O material aqui apresentado nunca foi publicado na íntegra, embora Carl Rogers, John Wood, Maureen Miller e alguns outros componentes da equipe tenham escrito capítulos e artigos referindo-se a esta experiência. Consideramos que a riqueza do relato deste "diário de bordo" de John Wood deve-se, em grande parte, ao fato de ter sido escrito à medida que cada workshop ia deixando suas marcas no staff e imprimindo novos rumos ao trabalho profissional de cada um deles. Merece ser enfatizado um aspecto muito peculiar deste relato escrito, pois, torna-se nítida a mudança (intencional) no estilo literário do autor, como se a partir da descrição objetiva e racional que caracteriza as primeiras páginas. John fosse, gradualmente, conduzindo o leitor para uma forma menos intelectualizada de expressão, com a utilização de metáforas, e a inclusão dos seus próprios sentimentos. Este recurso, além de seduzir o leitor com a promessa de um clima de maior intimidade com os eventos, torna-o testemunha das

transformações pelas quais o autor vai passando, a cada novo verão. Em função disto, procuramos preservar, ao máximo, o estilo e o modo de expressar-se de cada um dos personagens aqui apresentados. Sentimos a necessidade de, por vezes, lançar mão de longas citações, com a finalidade de transmitir ao leitor a riqueza das impressões registradas.

Do ponto de vista teórico, este conteúdo é de grande importância, já que fornece dados históricos sobre a evolução do pensamento do staff e ajuda a compreender como eles foram se distanciando de uma ênfase na relação dual, presente na psicoterapia individual, e ampliando suas perspectivas quanto às relações interpessoais e seus processos nos grupos. Considerando-se que os estudiosos da Abordagem Centrada na Pessoa ainda debatem-se para descrevê-la de forma abrangente e situá-la teoricamente, como algo além da mera ampliação dos princípios advindos da Terapia Centrada no Cliente, é mister debruçar-se sobre todo material que nos auxilie a compreender os fenômenos envolvidos. Carl Rogers disse, certa vez, que esperava ser superado em poucos anos, referindo-se a seu ideal de que a abordagem que desenvolve-ra pudesse evoluir a partir da experiência direta daqueles que a adotassem. Tornamo-nos cúmplices nesta missão.

PART E II

CAPÍTULO 4

CONTRIBUIÇÕES SIGNIFICATIVAS DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA PARA UMA COMPREENSÃO DO FENÔMENO TERAPEÚTICO.

Este capítulo contém uma análise de aspectos desenvolvidos por Rogers e colaboradores, à medida que se processava a ampliação da perspectiva centrada na pessoa sobre Psicoterapia para as áreas da Educação e dos Grupos. Tais desdobramentos ainda não foram incluídos nas formulações teóricas da Terapia Centrada no Cliente, permanecendo como dados advindos da experiência vivida, que requerem uma interpretação de seus significados, ou seja, um tipo de hermenêutica. Uma tentativa de sistematização deste conhecimento, visando uma elaboração teórica que o incluía, é apresentada no próximo capítulo.

4.1 CONCEPÇÃO DE CIÊNCIA:

PAGES(1976) considera que a Abordagem Centrada no

Cliente representa um terceiro momento na evolução das ciências humanas. Segundo este autor, Rogers trouxe uma concepção nova de ciência ao assumir-se a si mesmo, enquanto terapeuta, e a seus valores durante a relação terapêutica. O primeiro momento teria sido representado pela concepção clássica, cientificista, com valor máximo na objetividade para abordar objetos de estudo e com o cientista negando-se a reconhecer seus sentimentos, ou antes, esforçando-se por separar completamente o domínio dos sentimentos pessoais do domínio da ciência. O segundo momento desta evolução emerge com o advento da Psicanálise Freudiana. Nela *"o psicanalista aceita seus sentimentos como fatos que podem interferir em sua atividade científica e se esforça por utilizar o conhecimento que dela adquire para chegar a uma percepção mais objetiva da realidade. Os dois domínios, o do homem privado e o do homem de ciência, nesse caso se comunicam, mas permanecem distintos"* (Pagès 1976.p.15). O terapeuta centrado no cliente, por sua vez, utiliza seus próprios sentimentos como movimentos dirigidos ao cliente e que participam ativamente no processo de mudança terapêutica. Seus sentimentos deixam de ser apenas fonte de conhecimento sobre o cliente, tornando-se recursos terapêuticos. Neste sentido, Pagès propõe chamar esta orientação de terapia *centrada sobre si*, por considerar que o título *centrado no cliente* não expressa a realidade dinâmica desta interação. O terapeuta participa dos significados da experiência do cliente, via seu próprio processo experiencial. Criam-se novos conceitos a partir do espaço intersubjetivo vivido por ambos.

A posição epistemológica de Rogers coincidia com sua postura enquanto psicoterapeuta. Em um artigo intitulado "Pessoas ou Ciência? Uma Questão Filosófica", publicado originalmente em 1955, Rogers refere-se a um conflito crescente dentro de si mesmo. Trata-se, segundo ele, de uma *"oposição entre o positivismo lógico em que fôra educado e pelo qual tinha um profundo respeito, e um pensamento existencial, em mim, porque me parecia adequar-se perfeitamente à minha experiência terapêutica"* (ROGERS 1961, p.12). Na mesma seqüência de idéias, ele declara não ter estudado a filosofia existencial, com a qual vai travar contato após a insistência de alguns de seus alunos para que lesse a obra de Kierkegaard e Buber. Esse contato ocorreu, no entanto, já em seus anos na Universidade de Chicago, quando muitas de suas convicções sobre psicoterapia e relações humanas já haviam brotado do solo fértil do trabalho clínico na Clínica Infantil de Rochester, N.Y., onde trabalhara por doze anos. A esta altura de sua experiência clínica, Rogers tenta uma resolução para o dilema vivido por ele entre a participação quase mística de sua subjetividade na relação terapêutica e sua reflexão objetiva e científica, cada vez mais aprimorada. Refere-se a uma vivência intemporal da experiência que existe entre ele e o cliente. *"Está-se no polo oposto de uma visão do cliente ou de mim mesmo como um objeto. "É o ponto culminante da subjetividade pessoal"* (p.80). Compara esta, à relação EU-TU descrita por Buber(1957), encontro de duas subjetividades. PUENTE(1970), considera que Rogers encontra uma

solução para o que ele chamava de conflito entre o *objetivo* e o *subjetivo*, de modo a não eliminar por momento algum essas duas posições; pelo contrário, serve-se delas de maneira pessoal. A subjetividade e a objetividade constituem os dois elementos fundamentais de sua orientação terapêutica, exercendo influência e complementariedade recíprocas.

Ao final deste artigo, Rogers propõe uma nova visão de ciência que viria a reconciliar a posição do psicoterapeuta com a do pesquisador. *"A ciência existe somente nas pessoas. Todo projeto científico tem sua inserção criativa, seu processo, e suas conclusões provisórias, em uma pessoa ou nas pessoas. Conhecimento - mesmo o conhecimento científico - é aquilo que é subjetivamente aceitável. O conhecimento científico pode ser comunicado apenas àqueles que estão subjetivamente prontos para receber tal comunicação. A utilização da ciência também ocorre somente através de pessoas que estão buscando valores que tenham significado para elas."* (p.192)

Quanto às aplicações ou utilidades das descobertas científicas no domínio da Psicologia, ele considera também uma matéria de decisão subjetiva e pessoal. Escolhas socialmente destrutivas somente ocorrerão quando a tomada de decisão estiver nas mãos de pesquisadores incongruentes, defensivos. Portanto, trata-se de considerar a saúde mental de uma sociedade para compreender-se o alcance e os valores morais subjacentes a seus projetos científicos. Num outro artigo, publicado originalmente sob o título: *"Some New Challenges,"* e que se constitui na transcrição

de uma conferência proferida por ocasião da reunião anual da American Psychological Association em 2 de setembro de 1972. Rogers retoma esta questão, afirmando a necessidade urgente do desenvolvimento de uma ciência humana autêntica, caso contrário, restaria apenas a manutenção de uma tecnologia a ser manipulada por ditadores e outros setores autoritários da sociedade, perdendo de vista a verdadeira compreensão da condição humana.

A posição do filósofo da ciência MICHAEL POLANYI(1958), citada a seguir, constitui para Rogers a síntese de seu próprio ponto de vista sobre o tema:

"Afirmar que a descoberta da verdade objetiva em ciência consiste na apreensão de uma racionalidade que inspira nosso respeito e desperta nossa admiração contemplativa; que tal descoberta, embora fazendo uso da experiência de nossos sentidos como pistas, transcende nossa impressão sensorial, visão que fala por si, ao nos levar a uma compreensão sempre mais profunda da realidade - tal descrição do procedimento científico seria usualmente desdenhada como um platonismo obsoleto: um comércio de mistérios indigno de uma era esclarecida. No entanto, é exatamente nesta concepção de objetividade que me proponho a insistir..."
(p.5)

A proposta de ROGERS, apresentada no artigo de 1972 acima citado, no sentido da configuração de uma ciência do Homem, a ser adotada pela Psicologia, aponta algumas direções:

a) seria uma ciência fundamentada na observação cuidadosa de processos cognitivos internos, da forma como o fez

Piaget;

b) abrangeria a exploração de significados pessoais íntimos, carregados de emoção, campo este em que considerava a si e a seus colegas como pioneiros;

c) seria baseada na compreensão do mundo fenomenológico do homem, tanto quanto de seus comportamentos e reações exteriores;

d) incluiria o estudo cada vez mais elaborado dos sonhos.

Ao final desta exposição, Rogers ressalta que em todas essas tendências não se tenta impelir o indivíduo a alguma situação *tramada* para possibilitar a comprovação de uma hipótese. Ao contrário, a mente e a pessoa total do pesquisador devem abrir-se para aprender a partir do indivíduo.

Chama-nos a atenção o estilo, até certo ponto revolucionário para sua época, de Rogers como pesquisador: a princípio, ele possibilitou, através da gravação eletrônica de sessões, o acesso aos fenômenos envolvidos na psicoterapia como nenhum outro terapeuta havia ousado antes; com estes registros em mão promoveu estudos exploratórios na tentativa de abstrair das experiências vividas nesta relação interpessoal um sentido para o processo terapêutico. Concluiu que havia uma certa regularidade neste tipo de processo e acabou por descrever sete fases, ao longo das quais se situavam as formas de experienciar de cada cliente. Já as citamos no Capítulo 1, mas consideramos importante enfatizar a maneira como Rogers as pesquisou. Mais tarde, ele tam-

bém registrou suas impressões pessoais como facilitador de Grupos de Encontro e Workshops de Grandes Grupos, transformando estes documentos em novos dados sobre a Abordagem Centrada na Pessoa. Parece-nos pertinente supor que o método adotado por ele como pesquisador, aproxima-se do que hoje é considerada uma concepção dialética ou pragmática de ciência. Segundo AMATUZZI (1993), esta nova epistemologia elimina a oposição clássica entre conhecimento abstrato e ação concreta: " (...) *é só enquanto inserido numa ação transformadora que o conhecimento é concreto e vai mais longe. O verdadeiro conhecimento é o que faz parte de uma relação mais que meramente cognitiva com o real.*" (p.4) Talvez devido a uma formação acadêmica dominada por um conceito positivista de ciência, Rogers não foi capaz de sistematizar teoricamente os dados que emergiam de suas experiências clínicas com a mesma ousadia com que conduziu o ato de pesquisar.

4.2 TENDENCIA ATUALIZANTE VISTA COMO PARTE DE UMA TENDENCIA FORMATIVA PRESENTE NO UNIVERSO:

A noção de "tendência atualizante" ou "à atualização" é o postulado fundamental da teoria da Terapia Centrada no Cliente, formulada por Rogers de uma forma sistematizada num artigo intitulado " A Theory of Therapy, Personality and Interpersonal Relationship as Developed in the Client-Centered Framework," publicado em 1959. O enunciado básico desta noção pode ser assim expresso: **o ser humano é movido por uma tendência inerente para desenvolver todas as suas potencialidades e para**

desenvolvê-las de maneira a favorecer sua conservação e seu enriquecimento. Esta tendência não preside apenas a redução de necessidades básicas de sobrevivência, tensões ou impulsos; abrange, além disto, as manifestações de expansão e de crescimento que ultrapassam a noção estrita de motivação. Ela se manifesta na totalidade do organismo, e unicamente na sua totalidade, incluindo o ser físico e psicológico. O exercício desta capacidade requer um contexto de relações humanas positivas, favoráveis à conservação e à valorização do eu, isto é, relações desprovidas de ameaça ou de desafio à concepção que o indivíduo faz de si mesmo. Considerando-se que a tendência atualizante rege todo o organismo, ela atua também no setor da experiência correspondente à estrutura do eu, que se desenvolve como parte do processo de desenvolvimento psicológico do indivíduo e ao qual Rogers chamou de **self**. Quando inexistem as condições de relações humanas positivas, a tendência atualizante parece dividir-se: uma parte passa a atuar em favor da manutenção do self, que então vai se tornando mais rígido e outra parte continua servindo à atualização da totalidade do organismo.

Rogers credits a Goldstein, Maslow, Angyal, Szent-Gyorgyi, entre outros, a influência para o desenvolvimento desta noção. Num artigo publicado em 1978, intitulado "The Formative tendency," ele tenta inserir essa tendência direcional num contexto mais amplo, afirmando a existência, no universo como um todo, de uma **tendência formativa**. Esta seria oposta ao conceito de entropia, definida como uma tendência à deterioração ou à de-

sordem. Szent-Gyorgyi chamou-a de sintropia e Lancelot Whyte(1974) de "tendência mórfica". Seria uma tendência em atuação constante, cujo direção aponta no sentido de uma ordem crescente, visando uma complexidade interrelacionada, visível tanto no nível inorgânico como no orgânico. O universo está em constante construção e criação, assim como em deterioração. Este processo também é evidente no ser humano.

"Defendo a hipótese de que existe uma tendência direcional formativa no universo , que pode ser rastreada e observada no espaço estelar, nos cristais, nos microorganismos, na vida orgânica mais complexa e nos seres humanos. Trata-se de uma tendência evolutiva para uma maior ordem, uma maior complexidade, uma maior interrelação. Na espécie humana, essa tendência se expressa quando o indivíduo progride de seu início unicelular para um funcionamento orgânico complexo, para um modo de conhecer e de sentir abaixo do nível de consciência, de um conhecimento consciente do organismo e do mundo externo, para uma consciência transcendente da harmonia e da unidade do sistema cósmico, no qual se inclui a espécie humana." (ROGERS 1980,p.50)

Em última análise, o posicionamento de Rogers sobre a finalidade da conduta humana, situando-a como parte de uma direção geral presente nos seres vivos começa a ser elaborada a partir das experiências com grupos, ou seja, a partir da década de 60. Anos mais tarde, ele viria a reconhecer a dificuldade de explicar os fenômenos observados nos grupos intensivos maiores, tais como os estados alterados de consciência, através dos para-

digmas clássicos da ciência psicológica. Outro dos que inspiraram Rogers a conceber as transformações humanas como equivalentes àquelas presentes na natureza, o químico-filósofo ILYA PRIGOGINE, autor da obra "Do Ser para o Tornar-se" (1979), desenvolveu um sistema teórico no qual afirma que o mundo vivo funciona de forma probabilística e não determinista; isto é aplicável a todos os sistemas nos quais ocorra uma troca de energia com o ambiente. Para este autor, quanto mais complexa uma estrutura, mais energia ela gasta para manter sua complexidade. As flutuações produzidas durante as trocas com o ambiente levam o sistema para um estado novo, mais ordenado e coerente que o anterior. Tal transformação dá-se de forma súbita, não linear, com muitos fatores interagindo simultaneamente. As conclusões de Rogers sobre os eventos nos grandes grupos parecem ir de encontro a esta teorização: *"Portanto, enquanto muitos não foram atingidos ou se indispuseram com a experiência, o impacto geral destas experiências de grupo parece espantoso, se considerarmos o número enorme de participantes e a brevidade do tempo. Comprovadamente, o trabalho com grandes grupos é uma abordagem poderosa."* (ROGERS 1980,p.115)

Ao ampliar o conceito de atualização de forma a submetê-lo a um princípio gerador que transcende a esfera do humano, ou melhor dos seres vivos em geral, estaria Rogers afastando-se de uma visão psicológica para enveredar pelo caminho de uma metateoria, nos moldes do que ele mesmo acusara Freud de ter realizado com sua visão do funcionamento psíquico? Esta questão demanda elaborações mais profundas e depende de pesquisas sérias

sobre os fenômenos envolvidos nos Grupos Intensivos, tais como os *estados alterados de consciência*, pois, consideramos que destas experiências emergiu a inspiração que levou Rogers a conceituar a tendência formativa. Cabe aos estudiosos desta abordagem dar continuidade a tais questionamentos, referendando-os em dados provenientes da realidade; caso contrário, corre-se o risco de abrir espaço para uma visão da Abordagem Centrada na Pessoa como parte de um movimento carregado de aspectos místicos, bem de acordo com as tendências sócio-culturais do ocidente neste final de século.

4.3 ASPECTOS CULTURAIS SUBJACENTES

A RELAÇÃO TERAPÊUTICA.

Recorremos à obra de JOHN K. WOOD para delinear o processo através do qual a cultura afeta os sistemas terapêuticos de uma dada sociedade e, em particular, a influência dos valores norte-americanos sobre a Terapia Centrada no Cliente, já que este autor além de ter ajudado a desenvolver os princípios desta abordagem, vem elaborando, atualmente, um ponto de vista sobre seus limites e possibilidades.

Segundo Wood, num artigo não-publicado de 1992, pode-se notar a influência da Segunda Guerra Mundial na formulação das noções teóricas desta terapia: Rogers, geralmente, trabalhava com uma "equipe", semelhante a um grupo de oficiais que serviam a um comando militar; o psicoterapeuta atendia seu cliente num " encontro face a face," o confronto súbito entre comba-

tentes; os terapeutas deveriam ter por seus clientes uma "consideração incondicional," rendição sem condições, absoluta; e o objetivo da terapia era tornar o cliente "aware," isto é, alerta, cômico de suas próprias experiências, alerta e cuidadoso como um general deveria estar quanto aos designios do inimigo. Embora estas alusões possam ser encaradas como superficialidades a respeito de um sistema terapêutico, parece-nos pertinente registrá-las para ajudar a situar esta abordagem no seu contexto histórico-cultural, e chamar a atenção para o fato de que a escolha de uma nomenclatura nunca é meramente casual. Esta terminologia sugere que Rogers estava muito mais culturalmente determinado do que gostariam de admitir os apologistas da Abordagem Centrada na Pessoa, que pretendem alçá-la ao posto de uma formulação teórico-filosófica que transcenda seu próprio tempo e espaço.

O terapeuta centrado no cliente representa outros valores culturais, tais como, honestidade, integridade, paz, força e um modo de viver na relação de forma profundamente satisfatória para si mesmo e que verdadeiramente expresse seus pensamentos e emoções no momento. De um modo geral, o terapeuta é o representante de um sistema com princípios e valores implícitos e explícitos. Ele entra numa relação interpessoal sancionada por sua cultura e desempenha um ritual. A cultura preparou os participantes para aceitar aquele ritual como um caminho para a mudança. A sociedade permite certo grau de experimentação e de risco. Assim, o ritual pode situar-se no limite da mudança cultural. O ritual, além de preservar o poder do sistema cultural vigente, provoca um

estado alterado de consciência nos participantes, tornando-os mais receptivos aos princípios do próprio sistema. Este fenômeno é intensificado através da presença de símbolos no "setting" terapêutico e da própria crença do terapeuta em sua metodologia de trabalho. Um sistema psicoterápico superficial, desorganizado ou, excessivamente informal, banaliza o sagrado e impede que os efeitos ritualísticos ocorram.

Para WOOD(1990), embora os participantes sejam genética e culturalmente determinados, eles podem, no entanto, escolher quem se tornarão no próprio processo de viver. Portanto, a terapia determina a sociedade e é determinada por ela. As ações de ambos os participantes, numa relação profissional desta natureza, têm o poder de mudar a cultura. O ritual paralisa o tempo, criando um novo espaço e um novo tempo. A sociedade sanciona o ritual devido a necessidades emergentes, mas, ao mesmo tempo, é afetada por novas descobertas e necessidades advindas da realização do ritual permitido. Quanto mais saudável a sociedade, mais saudáveis os modelos psicoterápicos em vigência.

Uma pesquisa de FIEDLER(1950) mostrou que as práticas terapêuticas de terapeutas prestigiados das linhas psicanalítica, adleriana e rogeriana eram mais semelhantes entre si do quando comparadas com as práticas de psicoterapeutas inexperientes de seus próprios modelos teóricos. Isto corrobora o posicionamento que enfatiza a importância da aquisição de experiência para a realização dos rituais terapêuticos e de controle sobre os eventos envolvidos na relação interpessoal, para a eficácia do

processo.

Outros aspectos importantes mencionados por Wood dizem respeito aos efeitos do ambiente físico sobre a consciência dos participantes durante a relação terapêutica. Freud, por exemplo, analisava seus pacientes em casa, numa sala confortável e cercada de objetos com significado cultural específico. Psicoterapeutas coerentes com os modelos de relação que propõem organizam o espaço físico de seus consultórios, de forma a torná-los acolhedores e para que reflitam seus próprios estilos pessoais de vida. Também fazem parte deste "setting", pessoas próximas do terapeuta ou do cliente e que influenciam o processo terapêutico, tais como, supervisores clínicos, no caso do terapeuta e, médicos e enfermeiros, no caso de clientes mais graves. O efeito da iluminação e das cores das paredes também exerce alguma influência na relação interpessoal.

É interessante perceber como as idéias de Wood são um reflexo de suas experiências na organização e participação em Workshops e Encontros de comunidade, sob a égide da Abordagem Centrada na Pessoa. Como sabemos, através dos relatos contidos no Capítulo 3, desde a escolha do local para a realização dos Grupos Intensivos, passando pela forma de recepcionar e alojar os participantes em acomodações confortáveis - na maioria das vezes em um campus universitário, ou em fazendas ou mosteiros, situados em terrenos de clima aprazível, com vista para o mar ou para as montanhas - até os rituais implícitos nas reuniões do grande grupo, expressavam a preocupação da equipe de "convenors" com os aspec-

tos físicos e culturais envolvidos na situação. Estas opções não eram casuais: pretendia-se criar condições, as mais favoráveis, para gerar nos participantes um estado de disponibilidade à experiência a ser vivida, de forma a fomentar um desejo de aproximação e intimidade com os demais participantes. A própria equipe que facilitava os workshops reunia-se com antecedência nos locais do eventos, a fim de familiarizar-se com seus arredores e poder recepcionar os participantes já investidos do clima propício. A importância dos aspectos culturais como fatores que influenciam o processo terapêutico, foi observada, de forma inequívoca, nos grupos, embora tivesse sido negligenciada nas formulações anteriores da Terapia Centrada no Cliente, nas quais a ênfase recaía, exclusivamente, sobre as atitudes do terapeuta.

4.4 A QUESTÃO DO PODER NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA.

HARPER numa obra intitulada " Psychoanalysis and psychotherapy: 36 Systems." (1952) situa a Terapia Centrada no Cliente como o primeiro sistema de psicoterapia de reconhecido valor que tem suas raízes quase que exclusivamente na Psicologia Norte-Americana, ao contrário da maioria dos modelos psicoterápicos de nítida inspiração européia ou influenciados pela Psiquiatria. Esta afirmação é oportuna, se considerarmos os valores subjacentes a este modelo. A Terapia Centrada no Cliente privilegia a honestidade, a integridade e a confiança na capacidade humana para o auto-crescimento, de forma bastante pertinente com os

valores da democracia americana. Num capítulo intitulado " A Política das Profissões de Assistência" contido na obra " Sobre o Poder Pessoal" (1977), Rogers levanta o seguinte questionamento: *"Qual é, em psicoterapia individual, o impacto de um ponto de vista centrado no cliente em problemas de poder e controle? Vamos tentar explorar a política de vários contatos com pessoas na área assistencial, quer através da terapia individual, quer através de grupos intensivos ou de encontro. Vamos confrontar abertamente um assunto raramente debatido: o problema relacionado a poder e controle nas profissões assistenciais."* (p.17)

Primeiramente, devemos retomar a lógica da inserção deste modelo na chamada Psicologia Humanista, considerada como "Terceira Força" no cenário da Psicologia Norte-Americana. O que os psicólogos humanistas, especialmente Abraham Maslow (considerado o mentor da Psicologia Humanista na América), propunham era um compromisso com o desenvolvimento da capacidade de auto-realização inerente ao ser humano e, indo um pouco mais longe, postulavam um compromisso com a devir humano, isto é, com a liberação do processo de individuação de cada pessoa, na conquista de uma complexidade que a levaria para níveis mais elevados quanto a sua própria criatividade. Rogers foi fiel a estes princípios, mesmo quando conduzia atividades clínicas e de pesquisa de forma autônoma em Rochester. Sua participação no movimento humanista deu-se como uma mera constatação das afinidades já existentes que o aproximavam do grupo de psicólogos e psiquiatras que legitimaram esta tendência. Pode-se citar os Grupos de Encontro como uma

das grandes contribuições dele para a Psicologia Humanista, pois a proposta de facilitação destes grupos, bem como as aplicações a conflitos interculturais e inter-raciais, ajudaram a sedimentar a ênfase em temas cunhados pela Psicologia Existencial-humanista como o diálogo, o encontro, a intersubjetividade, a concepção da existência como viabilização da identidade de cada indivíduo.

Assim, decorre desta participação no humanismo norte-americano do pós-guerra e da vivência como cidadão de uma nação, cuja identidade atrela-se aos princípios da democracia, a busca de Rogers por uma definição de seu trabalho enquanto atividade política. Ele próprio auxilia-nos, ao delimitar a conotação do termo "política" do qual se utiliza: *"Na sua presente acepção psicológica e social, política tem a ver com poder e controle(...). Tem a ver com manobras, estratégia e tática, intencionalidade ou casualidade, através das quais o poder e o controle, sobre si mesmo ou sobre outrem, são procurados e obtidos - ou partilhados e fruídos. Tem a ver com o centro do poder de decisão: ou seja, de onde partem as decisões que, consciente ou inconscientemente, regulam ou controlam o pensamento, sentimentos e comportamentos do próprio indivíduo, ou de outros. Tem a ver com os efeitos de tais decisões e estratégias sobre os outros e sobre os vários sistemas e instituições da sociedade, quer partam de um indivíduo ou de um grupo, quer se destinem a conquistar ou a partilhar o controle sobre a pessoa em si."*(ROGERS 1977, p.16) Desde o início, as formulações de Rogers sobre psicoterapia visavam um distanciamento em relação aos métodos tradicionais

utilizados amplamente por psicólogos e psiquiatras nas áreas do Aconselhamento e do Psicodiagnóstico, os quais incluíam técnicas para obtenção de um acesso direto à experiência emocional do paciente, tais como, questionar, dar conselhos, interpretar, etc. A visão do papel do psicoterapeuta ou do conselheiro que imperava então estava impregnada pela necessidade de uma postura ativa e de uma tecnologia para o contato na profissões de ajuda que fosse rápida e eficiente. O funcionalismo americano exigia avaliações psicológicas compatíveis com a presença do especialista na área da Saúde Mental, e esperava-se do paciente que colaborasse com a autoridade a sua frente. No entanto, Rogers pôde desenvolver um pensamento autônomo a este respeito, em parte por ter ficado afastado do convívio acadêmico durante os doze anos em que trabalhou na Clínica Infantil de Rochester. Em sua primeira tentativa para caracterizar o tipo de atividade clínica na qual acreditava, utilizou-se da expressão *não-diretividade*. A negação é uma clara alusão aos métodos que rejeitava. Passa a denominar o indivíduo que vinha buscar auxílio profissional como "cliente", por considerar o vocábulo *paciente* uma herança inapropriada do modelo médico, já que neutralizava a participação ativa daquela pessoa no seu próprio processo terapêutico. KINGET (1977) explicita o significado desta alteração na nomenclatura adotada por Rogers: *"Quanto à noção de 'tratamento', assim como as noções conexas de 'paciente', de 'enfermidade' e de 'cura', não exprimem em nada as concepções rogerianas. Estes termos pertencem ao vocabulário biológico, médico e patológico. Não estão de acordo com a concepção*

de conflito psíquico como sendo de origem interpessoal, e não necessariamente anormal. Esta concepção não exclui, evidentemente, o fato de que na sua etiologia ou nos seus efeitos, este conflito possa comportar elementos de ordem bioquímica ou fisiológica pertinentes à medicina e devam ser por ela tratados." (p.26) A ênfase de Rogers recaía sobre o indivíduo em sua totalidade e não sobre o problema ou a patologia em si e, com o tempo, ele propõe a denominação "centrada no cliente", exatamente para referir-se ao cerne de suas preocupações, enquanto psicoterapeuta: permitir ao cliente centrar-se em seus próprios modos de pensar e sentir sobre sua vida e as dificuldades dela decorrentes. Também tornou-se importante para os programas de formação de psicoterapeutas, dirigidos por ele, definir claramente os limites da autoridade do psicoterapeuta; a proposta rogeriana representava uma inversão no centro de controle da relação terapêutica. O cliente, e não o terapeuta, deveria dirigir o conteúdo da sessão; caberia ao terapeuta restituir-lhe o centro do poder nesta relação interpessoal. Este passou a ser o ponto central da atitude centrada na pessoa, à medida em que ela expandiu-se para a Educação e os Grupos. Os próprios clientes ressentiam-se, a princípio, com a liberdade que lhes era oferecida pelo terapeuta, mas a eficácia do método dependia em grande parte da capacidade do terapeuta para potencializar as forças da tendência à auto-atualização, que julgava estarem presentes no cliente e em si mesmo.

A política de um contato centrado no cliente implica que a terapeuta renuncie, conscientemente, e se esquive de

controlar ou tomar decisões pelo cliente. (...) Quase que é desnecessário dizer que a visão centrada na pessoa altera drasticamente a relação terapeuta-cliente, tal como era concebida. O terapeuta torna-se 'mediador' da mudança e não ponto de origem. (...) Levei anos para reconhecer que a violenta oposição feita à terapia centrada no cliente provinha, não só de sua novidade e do fato de ser obra de um psicólogo e não de um psiquiatra, mas sim, e sobretudo, porque dirigia uma provocação tão grande ao poder do terapeuta. Era na sua política que residia a ameaça maior. (ROGERS 1977, p.25 e 27)

Considerando-se a trajetória do psicoterapeuta para tornar-se facilitador de Grupos de Encontro e, posteriormente, "convenor" (termo utilizado pela primeira vez por Jack Gibb e adotado por Rogers e Wood a partir dos trabalhos relatados no Capítulo 3 com workshops de Grandes Grupos para designar o promotor do grupo, aquele que o planeja e recebe os participantes) de Workshops de Grandes Grupos e de Encontros de Comunidade na Abordagem Centrada na Pessoa, percebemos o gradativo amadurecimento quanto a esta recusa consciente de assumir o poder e o controle das relações interpessoais. WOOD(1983), em um artigo intitulado "Sombras de Entrega" que foi revisado de uma palestra proferida em São Paulo em 1977, refere-se a este caminho percorrido pelas percepções interiores do psicoterapeuta sobre sua participação nas relações de ajuda. Enfatiza que no Grupo de Encontro as pessoas recorrem ao grupo buscando ajuda e não somente ao facilitador e, que, na maioria das vezes, observa-se que o grupo não to-

lera ninguém que se mantenha como um líder, separado ou diferente dos outros membros do grupo. Para este autor o que está sendo alterado, em última análise, é o próprio conceito de **ajuda**. "Na situação um a um [psicoterapêutica] descobriu-se que a exploração de sentimentos era uma importante via para a cura e o crescimento. No pequeno grupo a expressão de sentimentos (e, algumas vezes, de emoções) tornou-se um tipo de moeda corrente. Uma pessoa explora seus próprios sentimentos, mas também seus sentimentos sobre os outros (além do facilitador) em relação com eles. A exploração do mundo da pessoa é ampliada para as relações de 'vida real' aqui e agora. O contexto do grupo acrescenta a compreensão dos outros e comunicações mais eficazes com os outros como possibilidades de desenvolvimento pessoal. Esses importantes aspectos do viver em relações humanas são acrescentados à cura e ao auto-conhecimento como benefícios potenciais do pequeno grupo de encontro." (p.28)

Quanto à participação do "convenor" (promotor) nos Workshops de Grandes Grupos e nos Encontros de Comunidade, aprofunda-se ainda mais a renúncia a exercer um papel de autoridade ou de liderança; cabe a ele apenas estimular a expressão de sentimentos, de criatividade e cooperação entre os participantes do evento. Cada pessoa vai influenciar o caráter, os objetivos e os resultados das decisões grupais. Requer-se do profissional de ajuda uma confiança maior em suas próprias percepções intuitivas, já que a compreensão meramente intelectual sobre o grupo torna-se difícil. Ele deve servir-se de suas experiências prévias, mas

também estar atento aos aspectos novos presentes em cada momento da comunidade em formação, pois há algo de inédito a ser compartilhado. O processo do grupo, ao mesmo tempo em que estimula a emergência de aspectos da individualidade, também os obscurece. O que parece ser essencial para o trabalho do profissional de ajuda nestes grupos é o desenvolvimento de uma maior flexibilidade no seu próprio processo experiencial. O centro do poder desloca-se para a "consciência grupal".

Impressiona-nos o caráter temerário destas experiências com grandes grupos, mas também a coerência de Rogers e sua equipe, ao testar os princípios da Abordagem Centrada na Pessoa até os limites da individualidade, isto é, partindo de um contato um-a-um, com características definidas e culturalmente sancionadas, eles desenvolvem uma arrojada jornada através das possibilidades do humano em relacionar-se. Ao fazê-lo arriscam a credibilidade adquirida no exercício da Terapia Centrada no Cliente e promovem uma verdadeira revolução em suas próprias vidas. Num certo sentido, questionam o poder nas relações de ajuda oferecendo-se como cobaias, demonstrando uma confiança inabalável nas forças positivas do processo de auto-atualização humana.

4.5 O CONCEITO DE CONSCIÊNCIA NA ABORDAGEM

CENTRADA NA PESSOA:

Nas formulações teóricas enunciadas em 1959, Rogers define consciência como a representação ou simbolização de uma parte da experiência vivida. Esta simbolização pode apresen-

tar graus variados de intensidade, desde o vago sentimento da presença de um objeto qualquer, até a consciência aguda deste objeto. Quando uma experiência é susceptível de ser simbolizada sem nenhuma dificuldade, isto é, sem ser deformada pela ação das forças defensivas, diz-se que ela é acessível ou disponível à consciência. ROGERS(1951) atribui ao ponto de vista fenomenológico de Snygg e Combs sua definição do comportamento humano como decorrendo das percepções, ou seja, o indivíduo reage ao seu campo perceptivo ou fenomenal da forma como o experiencia e simboliza. O conceito de campo fenomenal refere-se a tudo que é experimentado pelo indivíduo num dado momento, quer estas experiências sejam ou não captadas pela consciência. PUENTE(1982) esclarece que o campo fenomenal inclui dois tipos de processos organizmicos, o da experiência ou das sensações, e o do self ou dos símbolos e conceitos. Estes dois processos, juntamente com o comportamento resultante deles, constituem os níveis de personalidade da concepção rogeriana, sendo fundamental o papel do self para qualificar uma experiência como consciente, não-consciente ou relativamente consciente (estado intermediário conhecido como de subcepção). Consciência neste contexto, portanto, é sinônimo de simbolização.

Durante a Fase Experiencial da Terapia Centrada no Cliente (analisada no Cap.1), este conceito foi redefinido, a partir da formulação sobre **"experienciação"**, que foi definida por Wood, em termos funcionais como um **processo através do qual uma pessoa torna-se consciente da incongruência entre seu self e**

a experiência organísmica, reduzindo-a. Passa-se a considerar o objetivo terapêutico como sendo o de levar a uma nova experienci-
ação, a partir de uma relação interpessoal desprovida de ameaça
em que terapeuta e cliente criam novos significados, ou seja,
emerge deste processo uma consciência compartilhada por ambos.
Interessa-nos, no entanto, caracterizar como este conceito de
consciência passou a ser definido quando esta abordagem foi am-
pliada aos Grupos. Referimo-nos ao que Rogers denominou de "esta-
dos alterados de consciência": *" Quando estou em minha melhor
forma, como facilitador de grupo ou como terapeuta, descubro uma
nova característica. Percebo que quando estou o mais próximo pos-
sível de meu eu interior, intuitivo, quando estou, de algum modo
em contato com o que há de desconhecido em mim, quando estou,
talvez, num estado de consciência ligeiramente alterado, então
tudo o que faço parece ter propriedades curativas. Nestas ocasi-
ões, a minha presença, simplesmente, libera e ajuda os outros.
Não há nada que eu possa fazer para provocar deliberadamente essa
experiência, mas quando sou capaz de relaxar e ficar próximo do
meu âmago transcendental, comporto-me de um modo estranho e im-
pulsivo na relação, que não posso justificar racionalmente e que
não tem nada a ver com meus processos de pensamento. (...)"* (RO-
GERS 1983, p.47)

Seria, certamente, mais fácil aceitar que ao en-
volver-se com fenômenos que até então desconhecia nos Workshops
de Grandes Grupos Intensivos, Rogers tenha enveredado pelos cami-
nhos do misticismo. Mais compreensível ainda, se nos lembrarmos

de sua idade avançada, setenta anos, e dos questionamentos de cunho espiritualista que passaram a ocupar-lhe a mente, por ocasião da morte de sua esposa, e que se encontram relatados na obra "A Way of Being" de 1980. No entanto, estes não parecem ser argumentos válidos quando fazemos uma retrospectiva de seus registros como psicoterapeuta nas décadas de 50 e 60, pois lá se encontram relatos do tipo: *"Abandono-me ao caráter imediato da relação ao ponto de ser todo o meu organismo, e não simplesmente a minha consciência, que é sensível à relação e se encarrega dela. Não respondo conscientemente de uma forma planejada ou analítica, mas reajo simplesmente de uma forma não reflexiva sobre um outro indivíduo, baseando-se a minha reação (embora não conscientemente) na minha sensibilidade total organismica a essa outra pessoa. Vivo a relação nesta base."*(ROGERS 1955,p.179)

Questionado numa entrevista a WILLARD FRICK (1969) sobre o grau de determinismo existente em sua teoria sobre o homem, Rogers posiciona-se em termos existenciais, pois embora afirme uma base biológica para o comportamento humano - a tendência formativa, presente em todos os seres vivos do universo - acredita que o componente consciente e o potencialmente consciente permitem ao indivíduo escolher muitos elementos de seu eu e, nesse sentido, criar-se a si mesmo. Para ele, esta é uma das características mais distintivas do organismo humano, aquela que tende a separá-lo de outras formas de vida.

A questão que gostaríamos de propor é a seguinte: nas situações grupais estaria Rogers enfrentando fenômenos de

natureza diferente daqueles vividos na relação a dois com seus clientes, ou estaria apenas submetido a uma ampliação que trouxe uma consciência mais aguda da presença deles numa relação interpessoal, na qual incidem uma variedade de fatores? WOOD(1990) afirma que nesses Workshops de Grandes Grupos Intensivos na Abordagem Centrada na Pessoa tornam-se mais nítidas ou visíveis as mudanças na personalidade e a aprendizagem dos participantes. Isto decorre do fato de que os membros do staff responsável pelo Grupo desempenham um papel menos ativo, se comparados com o psicoterapeuta, e em função disto, podem apreender os significados simbólicos dos fenômenos grupais e não apenas aspectos isolados das individualidades presentes. Para este autor, nas situações grupais, o setting passa a ter mais importância, por ser mais elaborado e mais distante dos padrões habituais de vida de cada participante, inclusive dos membros do staff. SHOR(1959), um pesquisador de hipnose, afirma que o estado de vigília ordinário caracteriza-se por um certo esquema de referência chamado de "**orientação generalizada da realidade**" que apóia, interpreta e dá significado a todas as experiências. Em estados especiais, este tipo de orientação pode, temporariamente, se desvanecer ou desintegrar, tornando-se não funcional. Exemplos deste último estado seriam o devaneio, o sono e também estados induzidos, tais como, privação de sono, ingestão de drogas, atividades ininterruptas que provocam stress, etc. Nos workshops intensivos que costumam durar uma semana, ou até dez dias, é comum que os participantes comecem a ter sono e alimentação irregulares, submetidos

como estão a uma estimulação emocional intensa e prolongada. Sabe-se que há fatores biológicos, psicológicos e sociais que afetam a consciência e o comportamento das pessoas e, muitos deles estão presentes nos grupos intensivos aqui caracterizados, desde o ambiente físico até o confinamento, excesso de estimulação, etc. Considerando-se todas estas variáveis, WOOD(1990) chama a atenção para o fato de que surpreendente seria que as pessoas nestas circunstâncias não experienciassem um *estado alterado de consciência*. WILLIAM JAMES (1929) refere-se à consciência normal, típica do estado de vigília, como sendo apenas mais um tipo especial de consciência, já que "*ao redor dela, separada por telas tênues repousam [outras] formas potenciais de consciência inteiramente diferentes... [as quais] aplicados os estímulos necessários, e a um simples toque, lá estarão em toda a sua inteireza*" (ps.378-379).

Quanto à utilização de uma nomenclatura mais adequada para designar o fenômeno ao qual nos referimos, preferimos o termo *estados especiais de consciência*, devido às possíveis conotações psicopatológicas que alteração de consciência, certamente, nos evoca. Exemplos destes estados especiais têm sido descritos como parte da experiência nos Grandes Grupos e incluem desde sonhos comuns a diversos participantes, até imagens mentais recorrentes vivenciadas também por diversos participantes.

Assim, admitindo-se que os grupos intensivos são eventos eliciadores de estados especiais de consciência, a pergunta que nos ocorre é a seguinte: este tipo de fenômeno é fortu-

ito ou foi incorporado como parte dos objetivos destes Encontros de Comunidade? Até onde as análises destes eventos, por membros da equipe original de Rogers, nos permitiram chegar, concluímos que os estados especiais de consciência, produzidos naturalmente como decorrência das circunstâncias especiais presentes nos grupos intensivos, estão sendo considerados elementos importantes e necessários para o desenvolvimento de um sentido de unicidade das pessoas com o grupo todo, isto é, promovem a emergência de um sentido de coletividade. WOOD(1990) esclarece a este respeito: "*Sob a influência do grupo, a orientação usual da realidade é relaxada e a percepção, a concentração, as capacidades mentais dos participantes podem ser ampliadas. Aquilo que era considerado como impossível, torna-se possível. A fronteira entre o self e os outros pode relaxar e um sentimento de unicidade pode mesmo ser experienciado. Assim, embora o comportamento selvagem, descontrolado, da multidão seja sempre provável, as tradições do grupo (princípios de comando centrados na pessoa), a presença de algumas pessoas que já experienciaram um workshop bem sucedido antes, são elementos úteis para facilitar um contexto de ações construtivas. Os participantes, através de sua participação podem tornar-se parte do conhecimento acumulado pela coletividade presente; podem ser curados, resolver problemas pessoais e obter um senso ampliado de suas relações com as outras pessoas e, talvez, até mesmo com os elementos cósmicos presentes. A experiência que os participantes vivem juntos também fornece orientação para o grupo através de um 'aprender fazendo', um método educacional que*

os auxilia a se adaptar à incerteza. (...)" (p.182)

O que parece estar surgindo destas experiências na facilitação de Grandes Grupos Intensivos na Abordagem Centrada na Pessoa é uma nova compreensão sobre a *consciência coletiva*, como fruto das possibilidades criativas de seus participantes, da competência de seus organizadores e da crença de todos no método adotado. Neste processo, cada participante experiencia solitariamente a angústia inicial da incerteza e do desconhecido e, somente se for capaz de confiar na proposta, a ponto de tornar-se disponível a ela, terá a oportunidade de compartilhar do ritual. E isto se aplica a todos, participantes e "convenors", pois se estes últimos tentarem controlar o processo, estarão decretando seu fracasso. Neste sentido, os mesmos princípios já estavam presentes na psicoterapia individual da forma como Rogers a praticava desde a década de 40, ou seja, ele ,intencionalmente, entrava num estado especial de consciência ao estar com o cliente. Os grupos, por intensificarem a emergência destes elementos, vieram a confirmar as hipóteses anteriores.

4.6 NOÇÃO DE SAÚDE MENTAL COMUNITÁRIA.

Num artigo intitulado "Significant Aspects of Client-Centered Therapy", publicado em 1946, Rogers afirmava *"Esta abordagem tem, segundo acreditamos, implicações profundas para lidar com conflitos sociais e de grupos. Nosso trabalho ao aplicar o ponto de vista centrado no cliente à situações de terapia de grupo, enquanto ainda nas suas fases iniciais, nos levou a*

sentir que uma pista significativa para soluções construtivas de conflitos interpessoais e interculturais nos grupos, pode estar em nossas mãos. A aplicação destes procedimentos para grupos gerenciais, inter-raciais, grupos com problemas e tensões pessoais, já está em andamento." (p.6) Anos depois, já na década de 60, podemos encontrá-lo às voltas com os Grupos de Encontro, Workshops interracialis e interculturais e, mais recentemente, durante as décadas de 70 e 80, interessou-se profundamente pelas possibilidades representadas pelos Encontros de Comunidade como alternativas para a emergência de relações interpessoais mais saudáveis e socialmente construtivas. Após ter vivenciado e levantado hipóteses sobre a relação terapêutica individual e de grupo, a relação professor-aluno e as relações dos indivíduos em grupos intensivos, ele evoluiu para uma preocupação com a sociedade ocidental, alertando para os riscos de uma destruição por excesso de tecnologia e militarismo, mas também esperançoso de suas possibilidades humanas.

Embora ainda não tenha sido totalmente compreendida e reconhecida no mundo acadêmico, acreditamos que a grande contribuição de Rogers como psicólogo humanista tenha sido sua proposta de um novo paradigma para o estudo das relações humanas: *"dado um clima psicológico adequado, o ser humano é digno de confiança, criativo, automotivado, poderoso e construtivo - capaz de realizar potencialidades jamais sonhadas."* (Rogers, 1983, p.66) Neste sentido, sua visão de saúde mental foi além das fronteiras da clínica psicológica. ROSENBERG (1977) explicita: *" Quando o*

profissional ou leigo - terapeuta, filho, professor, conselheiro ou amigo - decide pôr em prática essas atitudes de empatia, consideração e autenticidade e, apenas através delas estabelecer a base do relacionamento que deverá facilitar o crescer pessoal de outro indivíduo. adota necessariamente uma posição específica, nova, quanto à conceituação do ser humano e às condições benéficas ao desenvolvimento deste.(...)" (p.15)

Rogers formulou o conceito de *pessoa em atualização plena*, referindo-se às características de um cliente ao final de um processo terapêutico bem sucedido, num artigo publicado em 1963. Na realidade, esta teorização coincide com o próprio conceito de Saúde Mental. Ele enfatiza três características principais: 1) **abertura à experiência**: atitude oposta à utilização de defesas para manutenção da imagem do self, isto é, o indivíduo saudável é capaz de uma congruência entre as experiências recebidas no seu campo fenomenal e a simbolização delas a nível consciente; 2) **viver de maneira existencial**: esta pessoa é capaz de viver cada experiência como inédita e imediata, ou seja, seu processo de vida seria caracterizado por uma fluidez em que o self e a personalidade emergem da experiência, ao invés da experiência ser traduzida ou distorcida para adequar-se a uma estrutura de self pré-concebida; 3) **percepção do próprio organismo como um meio confiável para chegar ao comportamento mais satisfatório em cada passo existencial**: isto implica na pessoa, por estar aberta às suas experiências a cada momento, ter acesso a todos os dados disponíveis da situação para apoiar seu comportamento, ou seja,

as exigências sociais, suas próprias necessidades complexas e talvez conflitantes, suas lembranças de situações anteriores semelhantes, sua percepção da singularidade desta nova situação, etc.

Agora vamos comparar esta formulação às fases finais de um processo de Grupo de Encontro bem sucedido, propostas por Rogers em 1970: **desenvolvimento de uma capacidade terapêutica no grupo**: qualquer participante pode exercer, e na realidade muitos o fazem, funções terapêuticas semelhantes àquelas assumidas pelo facilitador nas fases iniciais do processo: **aceitação do eu e começo da mudança**: a auto-aceitação dos membros do grupo se constitui no elemento principal para uma reestruturação grupal: o **encontro básico**: relações em que predominam contatos mais íntimos e diretos entre as pessoas tornam-se mais freqüentes, com a expressão de sentimentos positivos de algumas pessoas em relação a outras do grupo, contribuindo para o surgimento de um sentimento coletivo de unidade; **mudanças de comportamento no grupo**: mudam os gestos e o tom de voz, de forma a tornar as interações entre as pessoas mais harmoniosas e espontâneas. Os participantes mostram uma capacidade de solicitude e ajuda, para com os demais, significativamente maior que no início do grupo. Quanto às descrições das fases finais características dos Workshops de Grandes Grupos Intensivos, incluem **um sentimento de unicidade e a formação de uma comunidade cooperativa, em que predomina um processo de tomada de decisões coletivo e, maior abertura aos sentimentos e expressões pessoais dos participantes entre si.**

Consideramos possível perceber alguma regularidade e semelhança entre os tipos de resultados que emergem dos processos descritos acima: tanto na Terapia Centrada no Cliente individual, quanto nos Grupos de Encontro e, ainda, nos Encontros de Comunidade, os objetivos são alcançados quando as pessoas envolvidas adquirem um maior auto-conhecimento, tornando-se mais congruentes em relação às suas próprias experiências e, em consequência disto, desenvolvem percepções mais realistas e menos defensivas sobre suas relações com os outros; a possibilidade de ações sociais mais construtivas e criativas por parte delas aumenta. As possibilidades da aplicação deste modelo ao contexto das relações comunitárias parece extremamente promissor e a este tema voltaremos no capítulo final deste trabalho.

Longe de esgotarmos uma descrição completa de todos os aspectos advindos da expansão da Abordagem Centrada na Pessoa, por sabermos que esta trajetória ainda está em processo de amadurecimento, gostaríamos, no entanto, que o conteúdo exposto ao longo deste capítulo tenha servido como referência para uma compreensão da abrangência desta perspectiva e da complexidade que se impõe à sua teorização. Consideramos que cada um dos itens analisados pode ser transformado em objeto para o desenvolvimento de estudos posteriores que os aprofunde.

Neste momento em que a Psicologia enfrenta dificuldades para delimitar seu âmbito de ação e os métodos psicoterapêuticos, frente ao surgimento de práticas alternativas (adota-

das por psicólogos), tais como a Terapia das Vidas Passadas ou a combinação de métodos psicoterápicos com a prescrição de compostos extraídos de plantas, julgamos pertinente enfatizar a postura responsável de Rogers e de seus colaboradores mais próximos que, ao ampliar as aplicações da Terapia Centrada no Cliente, explicitaram que se tratavam de novas formas de relações de ajuda e não mais de psicoterapia no seu sentido estrito. A alteração na nomenclatura, ou seja, de psicoterapeuta para facilitador no caso dos Grupos de Encontro e de facilitador para "convenor," quando o campo de experiências eram os Encontros de Comunidade, visavam esta delimitação. Os resultados psicoterapêuticos decorrentes da participação nestas novas experiências grupais eram considerados secundários e o processo de seleção dos participantes (conforme descrito no Capítulo 3) excluía pessoas que buscavam cura ou tratamento psicológico.

CAPÍTULO 5

UMA PROPOSTA PARA A FORMULAÇÃO DE PRINCÍPIOS TEÓRICOS CONDIZENTES COM A PRÁTICA DE UMA PSICOTERAPIA CENTRADA NA PESSOA.

A fé está na corrente do acontecimento único, sob o teto do conhecimento. São indispensáveis para o trabalho do espírito humano todas as estruturas de emergência da analogia e da tipologia; mas seria uma fuga penetrá-las quando a pergunta do interpelador dirige-se a ti, dirige-se a mim. É somente no interior da corrente que se experiencia e se realiza a vida vivida. (BUBER, 1957)

Convidado a expressar sua visão sobre o que seria essencial para o desenvolvimento futuro da Abordagem Centrada na Pessoa, ROGERS (1986), prontamente, respondeu: " **Precisamos, acima de tudo, de pesquisas consistentes**(p.257)!" E continuou, lembrando que no campo da prática psicológica, os princípios básicos

da Terapia Centrada no Cliente alcançaram respeito e, freqüentemente, aceitação, embora estes mesmos princípios fossem, por vezes, contraditórios em relação às formas correntemente aceitas de como lidar com pessoas. Para ele, como terapeutas, consultores ou educadores, aqueles que adotam a perspectiva centrada na pessoa conquistaram um lugar de destaque. Porém, na maioria das universidades esta abordagem tem pouca representatividade, é muito mal compreendida e, erroneamente, considerada como superficial. Atribuiu esta situação, em parte, ao fato de seus adeptos se constituírem numa ameaça para aqueles com uma mente acadêmica ortodoxa. " *Defendemos a importância da aprendizagem experiencial, da mesma forma que da cognitiva. Tal aprendizagem envolve o risco de sermos modificados pela experiência vivida, e isto pode ser assustador para alguém cujo mundo está intelectualmente estruturado* (p.257)." Acrescenta uma outra possível razão: a fascinação por esta aprendizagem experiencial tende a levar profissionais promissores a abandonar um trabalho acadêmico com ênfase exclusivamente intelectual, preferindo dedicar-se à prática clínica privada ou a outras atividades congêneres em profissões de ajuda. Por sua vez, segundo Rogers, os clínicos, de um modo geral, também não têm contribuído significativamente para o desenvolvimento de seu campo de conhecimento: com raras exceções, não se dedicam a pesquisas. " *Este é um dilema com sérias implicações para o futuro. Não tenho soluções prontas para ele. Posso apenas apontar dois sinais promissores. Onde a psicologia humanista está bem representada no meio acadêmico - como na Union Graduate School,*

na Universidade de Hamburgo (Alemanha Ocidental), no Saybrook Institute, no Center for Humanistic Studies, e em outras instituições menos conhecidas - pesquisas sobre as hipóteses da Abordagem Centrada na Pessoa são possíveis e estão sendo efetivadas. As possibilidades no campo da pesquisa também estão se ampliando em decorrência de novos desenvolvimentos no campo da filosofia da ciência. A pesquisa era vista, no passado, como um palavrão para os terapeutas, por implicar numa abordagem impessoal, e estatística a porções fragmentadas da pessoa e de suas experiências. Atualmente, o modelo positivista não é mais o único nas ciências comportamentais, e uma variedade de métodos fenomenologicamente orientados são considerados como meios legítimos para promover nosso conhecimento. Mesmo a análise meticulosa de um único caso é vista como uma fonte de conhecimento emergente e capaz de gerar hipóteses. Há apenas uma maneira segundo a qual a abordagem centrada na pessoa pode evitar de tornar-se estreita, dogmática e restritiva. E este caminho é através de estudos que abram novas visões, tragam novos insights, desafiem nossas hipóteses, enriqueçam nossa teoria, expandam nosso conhecimento e nos envolvam mais profundamente na compreensão dos fenômenos da mudança humana (p.258 e 259)."

A visão de GENDLIN (1970) sobre as implicações das chamadas terapias experienciais, em meio às quais insere-se este modelo, coincide com o posicionamento de Rogers, exposto acima: "Há uma grande promessa, mas, também riscos na nova psicoterapia experiencial. O perigo é o de uma terapia sem perspectivas teóri-

cas e princípios treináveis. A promessa é de uma terapia autêntica e de uma ciência genuinamente humana sobre o homem." (p.77)

Pretendemos, primeiramente, sistematizar os princípios teóricos enunciados por Rogers para a Terapia Centrada no Cliente, reconhecendo sua importância como um corpo de hipóteses bem estruturadas baseadas em experiência clínica direta. A seguir, salientamos o caráter de transitoriedade que seu criador sempre tentou imprimir a esta teorização, zeloso como era de mantê-la como um conhecimento vivo e atrelado aos dados empíricos. Exatamente devido a estas características, os desenvolvimentos da prática exigem um desdobramento teórico compatível. Longe de nos considerarmos competentes para tão arrojada tarefa, estamos, no entanto, tão envolvidos com atividades clínicas, de supervisão, de docência universitária e de pesquisa, que torna-se inevitável o surgimento de nosso próprio ponto de vista sobre o tema. Somos compelidos, cotidianamente, a refletir sobre esta evolução teórica de formas as mais sutis: ora são os alunos do curso de graduação, representantes de uma nova geração de psicólogos em formação, ávidos por elementos que subsidiem suas opções de modelos a adotar, ora é a demanda de uma clientela que nos faz acompanhar de perto os caminhos desta sociedade e que vem em busca de novas respostas para velhos problemas; há, também, o convívio com colegas da Abordagem Centrada na Pessoa com os quais compartilhamos as dúvidas sobre a eficiência de nosso trabalho; enfim, o viver em seu inexorável trajeto nos impele a um posicionamento teórico condizente com o dinamismo da prática. Nesta empreitada concen-

tramos esforços para elaborar formulações teóricas que forneçam sentido à nossa visão de uma Psicoterapia Centrada na Pessoa. Este é o objetivo principal ao qual nos propomos neste Capítulo.

5.1 TEORIA DE PERSONALIDADE SUBJACENTE A TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE:

Esta Teoria de Personalidade foi elaborada a partir das formulações sobre a psicoterapia. No entanto, julgamos que explicitar o conceito de personalidade pode ser útil para auxiliar na compreensão do processo terapêutico.

Em 1959, ao publicar sua primeira e mais elaborada exposição teórica, ROGERS afirmou que para uma teoria de personalidade ser considerada completa e acabada deveria permitir uma determinação precisa e matemática das relações funcionais existentes entre as diversas variáveis enunciadas. Segundo ele, na época em que publicou suas próprias formulações, nenhuma das teorias existentes estava em condições de definir tais relações sob a forma de equações; sua conclusão era de que isto decorria da falta de maturidade característica deste ramo da Psicologia. Podemos observar que esta declaração defende claramente um ponto de vista positivista em relação à elaboração de um sistema teórico e revela a ambigüidade de Rogers, àquela altura de sua vida profissional, quanto a manter-se fiel à objetividade científica ou encontrar outros métodos para descrever sua experiência como psicoterapeuta.

Segundo SHLIEN (1974) a Teoria de Personalidade de

Rogers é funcional e não estrutural. Ela desenvolve uma noção de como os significados apreendidos no campo fenomenal, via experiência imediata, relacionam-se com as simbolizações a nível consciente. Há uma preocupação maior com o "como" do processo de mudança de personalidade do que com o "porquê" da estrutura de personalidade. Em termos gerais esta teoria especifica : o indivíduo reage ao seu campo perceptivo da forma como o experiencia e simboliza. Por **campo fenomenal** entende-se tudo que é experimentado pelo indivíduo num dado momento, quer estas experiências sejam ou não captadas a nível consciente. Como elas são captadas depende das características do self. O campo fenomenal inclui dois tipos de processos organizmicos: o **das experiências ou sensações e o do self, ou dos símbolos e conceitos**. Esses, juntamente com o comportamento resultante constituem os níveis de personalidade da concepção rogeriana, conforme já mencionado no Capítulo 4. Cabe aqui delimitar o conceito de **organismo** para esta teoria: refere-se à integração de aspectos físicos (corporais) e psíquicos do indivíduo, considerados em sua inseparabilidade e interpenetração, e é usado por Rogers para expressar a experiência psicológica básica do indivíduo. Resumiremos, abaixo, as proposições da teoria em questão, conforme formuladas por Rogers em 1959:

Quanto mais uma experiência favorecer a tendência à atualização, mais será capaz de suscitar um comportamento correspondente e maior será a possibilidade de ser simbolizada de forma adequada.

Quanto maiores ou mais intensas as condições que afetam a função de avaliação do self, maior será o número de experiências sentidas como ameaçadoras e mais elevado será o grau de vulnerabilidade e de desajustamento psíquico.

Quanto mais elevado for o número de experiências susceptíveis de serem sentidas como ameaçadoras, mais elevada será a probabilidade de comportamentos favoráveis à atualização do organismo que não serão identificados como estando relacionadas com o self.

Quanto maior o acordo entre o eu e a experiência, mais correta será a representação consciente.

Quanto maior for o número e a importância das condições que afetam a avaliação, mais rígida e incorreta será a percepção, isto é, menos ela será diferenciada.

Quanto mais o estado de desacordo for conscientemente experimentado, mais elevada será a probabilidade de comportamentos desorganizados.

Quanto mais o indivíduo se aperceber como objeto da consideração positiva incondicional do outro e quanto mais esta consideração for baseada na compreensão empática, mais tenderão a desaparecer o estado de desacordo e as condições que afetam a avaliação do indivíduo.

5.2 TEORIA DA TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE:

A estrutura teórica da Terapia Centrada no Clien-

te, da qual consideramos a Psicoterapia Centrada na Pessoa como herdeira. desenvolveu-se a partir de experiências clínicas, de enunciados de hipóteses provisórias baseadas nesta prática, de pesquisas e de inúmeras outras atividades inerentes à investigação e à explicação sistemática do fenômeno terapêutico (Rogers.1977a). Sucederam-se a esta Teoria da Terapia formulações sobre uma Teoria da Personalidade e das Relações Humanas.tendo esta última se constituído no mais recente campo de interesse e pesquisa no contexto da Abordagem Centrada na Pessoa.

Quanto à Teoria da Terapia Centrada no Cliente, encontramos uma exposição mais completa e minuciosa num texto escrito por Rogers em 1959: " A Theory of Therapy, Personality, and Interpersonal Relationships, as developed in the Client-Centered Framework," no qual ele inclui também definições das noções teóricas. Primeiramente, são estabelecidas as **condições do processo terapêutico**, transcritas abaixo, segundo a seqüência proposta por Rogers:

1) Que duas pessoas estejam em contato psicológico;

2) Que a primeira pessoa, a quem chamaremos cliente, se encontre num estado de incongruência ou desacordo interno, estando vulnerável ou ansiosa;

3) Que a segunda pessoa, a quem chamaremos de terapeuta, se encontre num estado de acordo interno - pelo menos durante o decorrer da entrevista e no que se relaciona ao objeto de sua relação com o cliente;

4) Que o terapeuta experimente sentimentos de aceitação positiva incondicional a respeito do cliente;

5) Que o terapeuta experimente uma compreensão empática do ponto de referência interno do cliente;

6) Que o cliente perceba - mesmo que numa proporção mínima - a presença das condições 4 e 5, isto é, da consideração positiva incondicional e da compreensão empática que o terapeuta lhe testemunha.

Estas são consideradas como condições necessárias e suficientes (ROGERS, 1957) para que o processo terapêutico se efetive. As seguintes hipóteses ou proposições do tipo causa-e-efeito foram estabelecidas:

Se estas seis condições existirem e persistirem ao longo do processo terapêutico, então uma mudança construtiva ocorrerá na personalidade do cliente.

Se uma ou mais destas condições não estiver presente, esta mudança não ocorrerá.

Se todas as seis condições estiverem presentes, então, maior será o grau segundo o qual as condições de 2 a 6 existirão, e mais marcante será a mudança construtiva na personalidade do cliente (Rogers, 1957, p.100).

A condição 1, refere-se, segundo Rogers, à possibilidade do desenvolvimento de uma relação interpessoal mínima, ou seja, um contato psicológico sem o qual não serão possíveis as demais condições.

Segundo ROSENBERG (1977), o caráter de necessidade ou importância destas condições tornou-se, com o tempo, aceito também por outras orientações terapêuticas no sentido de possibilitar o estabelecimento do relacionamento interpessoal. No entanto, afirma esta autora: " *Quanto ao caráter de suficiência atribuído inteiramente a certas peculiaridades do relacionamento interpessoal de dois indivíduos, este sim parece levar à incredulidade em relação a esta abordagem (p.12).*" Cabe neste ponto lembrar que o princípio norteador de todo o trabalho de Rogers é a hipótese do crescimento, ou *tendência à atualização*, que imprime um sentido ou orientação positiva ao desenvolvimento psicológico humano. " *O organismo humano é concebido como um conjunto com uma finalidade própria, susceptível de autoregulação e, por outro lado, fundado, na base, em uma relação positiva consigo mesmo e com outrem. As diversas perturbações do desenvolvimento, da relação e da regulação são fenômenos secundários, sob os quais subsistem as tendências positivas. A tarefa do terapeuta é ajudar a restaurar seu exercício (Pagès, 1976, p.14).*" Portanto, as condições terapêuticas visam apenas facilitar a emergência do potencial de atualização do cliente.

Um segundo desdobramento da teoria define o **processo terapêutico** propriamente dito, como decorrendo do estabelecimento das condições descritas acima. Trata-se de uma teoria do tipo: **se-então**, em que a ênfase repousa sobre as atitudes do terapeuta e sua formulação coincide com o período da chamada *Terapia Reflexiva* (década de 50).

O terceiro e último aspecto da Teoria da Terapia Centrada o Cliente descreve os efeitos da terapia sobre a personalidade e o comportamento do cliente. Resumidamente, Rogers considera que numa terapia bem sucedida, o cliente evolui para um estado de acordo interno (ou congruência), com maior abertura à experiência e menor utilização de defesas. Suas percepções tornam-se mais realistas, diferenciadas e objetivas. Ele se refere à pessoa em processo de atualização plena, como apresentando as seguintes características:

- 1) está aberta à sua experiência;
- 2) suas experiências são acessíveis à consciência;
- 3) suas percepções serão tão corretas, quanto os dados de sua experiência o permitam;
- 4) a estrutura do eu concorda com a experiência;
- 5) a estrutura do eu é uma " Gestalt" ou configuração flexível que se modifica no decorrer do processo de assimilação de experiências novas;
- 6) o indivíduo se percebe como o centro de avaliação de sua experiência;
- 7) o processo de avaliação não está submetido a condições externas;
- 8) demonstra sempre capacidade de adaptação e manifesta uma atitude criativa com relação a toda situação nova;
- 9) descobre que sua capacidade de avaliação autônoma, organísmica, representa uma fonte de direção digna de con-

fiança e capaz de guiá-lo para formas de comportamento geradoras de satisfação:

10) considerando-se o caráter afetivamente gratificante da consideração positiva recíproca, este indivíduo vive com outros, em harmonia.

Todas estas características fazem parte de uma personalidade em contínuo estado de fluxo, em processo. Comportamentos específicos não podem ser considerados como previsíveis, pois, a única previsão possível sobre este indivíduo é que ele manifestará, sob quaisquer circunstâncias, um grau ótimo de adaptação criativa e que estará comprometido num processo contínuo de atualização.

5.3 EVOLUÇÃO DA NOÇÃO DE PROCESSO TERAPÊUTICO:

Com referência ao processo terapêutico, torna-se necessário definir o significado atribuído ao termo, desde que houve alterações na forma de conceituá-lo, ao longo das diversas fases que caracterizam o desenvolvimento teórico-prático da Terapia Centrada no Cliente. SHLIEN (1970) esclarece que desde a década de 40 persiste o interesse dos terapeutas centrados no cliente em pesquisar algum aspecto do processo terapêutico, tendo se desenvolvido três diferentes concepções sobre este processo. Cada uma destas concepções originou um tipo específico de pesquisa. A primeira, típica da Fase Não-diretiva, correspondia a uma noção do processo terapêutico como sendo formado por uma sequência ou série de eventos ao longo do tempo. A pesquisa que predomina

minou, então, implicava em medir as afirmações de clientes que haviam passado por um processo terapêutico bem sucedido, em termos de suas auto-referências, nas primeiras e últimas sessões da terapia, analisando-se o aumento na frequência destas auto-referências. A segunda concepção, que corresponde à Fase Reflexiva, referia-se ao **processo terapêutico** como sendo composto por relações causais entre os eventos, isto é, relações do tipo causa-e-efeito. A pesquisa correlata investigava as interações ou conexões entre os comportamentos do terapeuta e os do cliente. A terceira destas concepções considerava o **processo terapêutico** como um **movimento ou fluxo experiencial**. A pesquisa que a caracterizava constava de avaliações do nível e das variações na experienci-ção do cliente através da Escala de Experienciação, elaborada por Gendlin e Tomlinson em 1963.

Consideramos que numa perspectiva mais atual, ou seja do ponto de vista de uma Psicoterapia Centrada na Pessoa, o processo terapêutico pode ser concebido como uma **relação inter-subjetiva**, abrindo espaço para pesquisas que priorizem a descrição e análise do fluxo experiencial surgido da interação entre terapeuta e cliente.

Dada a importância de sua contribuição para uma operacionalização dos conceitos referentes à mudança construtiva na personalidade, conforme praticada pela Terapia Centrada no Cliente, gostaríamos de abrir um espaço para apresentar um colaborador de Rogers durante seus anos em Chicago e Wisconsin: Eugene Gendlin, um austríaco radicado nos Estados Unidos a partir

de 1939, que teve formação em Filosofia e doutorou-se em Psicologia pela Universidade de Chicago em 1958, tendo sido aluno de Rogers naquela instituição. Acompanhou seu mestre quando este transferiu-se para a Universidade de Wisconsin, tendo dirigido e participado do projeto de pesquisa em psicoterapia com esquizofrênicos. É autor da obra "Experiencing and the creation of Meaning" (1962), cujo texto apresenta formulações sobre o conceito de experiencição relevantes às novas tendências na Terapia Centrada no Cliente. Colaborou com Rogers, ativamente, para o desenvolvimento da teoria e da prática da Terapia Centrada no Cliente em sua Fase Experiencial. Gendlin considera que o reflexo de sentimentos é um marco de fundamental relevância para a introdução do existencialismo na Psicologia americana. Ao desenvolver esta forma de abordar os conteúdos emocionais do cliente, ROGERS (1951) define "feeling" como algo que é sentido visceralmente, embora a pessoa possa desconhecê-lo em termos conceituais. Para Gendlin, a Terapia Centrada no Cliente consiste, fundamentalmente, na capacidade do terapeuta para utilizar suas verbalizações com o objetivo de exprimir e detectar o processo experiencial do cliente que, embora pouco formulado, é diretamente vivenciado em situações e relações interpessoais.

Retomamos aqui o conceito de "experiencição" (experiencing), devido a sua importância para a teoria ora enfocada. GENDLIN e ZIMRING (1955) e GENDLIN (1964) definiram uma variável que se refere ao fluxo subjacente de eventos ocorrendo no indivíduo durante a terapia. Esta variável seria a responsável

direta pelo processo de mudança construtiva no cliente, ou melhor, o próprio objetivo da psicoterapia. ROGERS(1959) havia considerado esta e algumas outras variáveis como aspectos do que ele percebia como determinantes de um "continuum" no cliente: da rigidez para o fluxo, de um ponto estático para a vivência de um processo. Ele foi o primeiro a tentar elaborar uma escala de medição objetiva para o processo terapêutico, cuja precisão e validade foram examinadas através de uma série de estudos; os resultados encontram-se sumarizados num dos trabalhos do Grupo de Pesquisa em Psicoterapia Experiencial da Equipe de Wisconsin, subscrito por GENDLIN e TOMLINSON (1967). Coube a estes últimos, porém, o mérito pela elaboração, em 1963, da primeira escala para medir o processo experiencial do cliente, a Escala de Experienciação (Exp-Scale), publicada somente em 1967, após revisão por MATHIEU e KLEIN.

Com base nos diversos textos de Gendlin, PUENTE (1978) elaborou uma definição descritiva do termo experienciación como *"um dado experiencial em processo, concreto e imediatamente presente; incompleto e pré-conceitual, mas consciente e implicitamente significativo ou capaz de diferentes conceitualizações; que tem lugar no campo fenomenal do indivíduo ou, indiretamente, através dos outros, não em si mesmo, mas em interação com qualquer tipo de simbolização; e ao qual o indivíduo pode referir-se diretamente (um tipo de simbolização), ocorrendo com ou sem conceitualizações (outros tipos de simbolização); mediante um processo de focalização, auto-propulsor de mudanças; quase sempre*

ocorrendo numa interação humana (p.73)."

Sobre a teoria experiencial, GENDLIN (1970) a descreve como possibilitando uma abordagem direta à experienciación humana, ao invés de estudá-la após ter sido traduzida em um linguagem teórica. A teoria sob este novo conceito é de natureza diferente: não envolve apenas conceitos diferentes, mas uma nova forma de usá-los. As relações estabelecidas entre os conceitos e as experiências são muito especiais para a compreensão desta teoria. Os conceitos são considerados meros sinalizadores ("pointers"), que se referem diretamente à experiência sentida.

Esta perspectiva, segundo Gendlin (1970), é a pedra fundamental de um novo enfoque teórico verificável inicialmente em relatos de psicoterapeutas existenciais sobre terapias com crianças, como é o caso de MOUSTAKAS, com a obra "Existential Child Therapy" publicada em 1966. Embora alguns críticos acussem as terapias experienciais de inconsistência, por se utilizarem de uma grande variedade de conceitos para referir-se aos mesmos fenômenos, Gendlin sustenta que elas têm em comum uma nova forma de considerar a transposição de um conceito para o conceito seguinte, que não é através de cadeias de pensamento lógico. Seus raciocínios não se baseiam em conceitos teóricos como tal. Estes são considerados como meros vocabulários ou formas diferentes para expressar os significados da experiência. O pensamento existencial (ou experiencial, pois para Gendlin são sinônimos) move-se de um detalhe experiencial para outro, através de diferenciações que fazem um sentido também experiencial, permitindo, assim,

que a experiência caminhe, evolua. Pode-se, através do uso dos conceitos nesta nova acepção, sentir e conhecer os passos experienciais na terapia, à medida que o cliente os aborda com o terapeuta. Esquemáticamente, trata-se de uma cadeia funcional, que se movimenta da seguinte maneira:

passo experiencial - conceito - passo experiencial - conceito, indefinidamente.

SPIEGELBERG (1972) refere-se à associação entre Gendlin e Rogers a nível teórico, como tendo nascido da intenção do primeiro de encontrar uma base apropriada para o papel do "fenômeno da subjetividade", enunciado pelo segundo no volume de KOCH (1959). O principal objetivo de Gendlin teria sido, na opinião de Spiegelberg, o de fornecer um substrato teórico para a passagem de Rogers do positivismo lógico para uma orientação existencialista. Parte desta tentativa, consiste numa reinterpretação do termo **experiência** no sentido daquilo que é diretamente sentido, do **experienciar** em contraste com os conteúdos de tal experienciamento. Ao desenvolver este novo esquema, a principal ênfase de Gendlin é existencial. A Fenomenologia é apenas o método para lidar com o aspecto existencial e subjetivo do processo terapêutico.

A esta altura, cumpre esclarecer que Gendlin acabou separando-se de Rogers quando este transferiu-se para o estado da Califórnia em 1964, tendo retomado suas atividades docentes na Universidade de Chicago, onde dirigiu um programa sobre Psicologia Filosófica. Como decorrência de sua colaboração no âmbito

da Terapia Centrada no Cliente, desenvolveu um método para auxiliar o cliente a entrar em contato com sua experiência, através de certas operações realizadas pelo terapeuta, ao qual deu o nome de "focalização" (focusing). Elaborou um Manual de Focalização, composto de passos ou movimentos propostos pelo terapeuta, durante as sessões, para orientar a atenção do cliente na direção de seu próprio processo experiencial (in PUENTE, 1980). Posteriormente, criou seu próprio Centro de Estudos, dedicando-se, atualmente, à tarefa de treinar profissionais e leigos no método de focalização. Acabou por reduzir o fenômeno terapêutico apenas a esta interiorização auto-administrada, perdendo de vista, a nosso ver, todos os demais aspectos presentes, especialmente a importância da relação intersubjetiva entre terapeuta e cliente. Pode-se supor que Rogers dificilmente aceitaria as novas propostas de Gendlin, por considerá-las excessivamente técnicas e impessoais.

A Fase Experiencial da Terapia Centrada no Cliente representa o fim de um ciclo evolutivo que contou com a participação direta de Rogers, até então tendo como atividades principais a docência universitária e a prática em psicologia clínica, levadas a efeito sucessivamente em Ohio, Chicago (local onde escreve sobre a teoria aqui apresentada), e Wisconsin. Os pressupostos teóricos da Terapia centrada no Cliente estavam estabelecidos de forma objetiva e obedeciam aos padrões científicos da época, conforme mencionado no início deste capítulo pelo próprio Rogers. A partir da primeira metade da década de 60, os artigos publicados com ênfase exclusiva na teoria de uma psicoterapia

individual trataram de referendar as formulações de 1959, apoiando-as em dados de pesquisa, ou se constituindo em tentativas para associar o "método" centrado no cliente a outras abordagens. Num estudo anterior (CURY, 1987), discorremos sobre algumas tentativas no sentido desta diversificação, tais como a combinação de conceitos vindos da psicologia cognitivista no contexto de uma terapia centrada no cliente, conforme proposto por ANDERSON, WEXLER e ZIMRING em artigos publicados na obra "Innovations in Client-Centered Therapy" (1970). Também RICE (1970), através do que chamou de função evocativa do terapeuta, busca fazer o cliente retomar o conteúdo emocional subjacente a certas situações vividas, trazendo-as de volta, via reconstituição pela memória. NOEL e DE CHENNE propõem um revezamento de papéis entre o terapeuta e o cliente, ao longo do processo terapêutico, com ambos assumindo temporariamente, cada uma das três dimensões da relação : Eu, Nós, Você (I, We, Thou). COCHRANE e HOLLOWAY, por sua vez, desenvolveram uma forma de trabalhar com o cliente através da combinação dos pressupostos da Terapia Centrada no Cliente com Gestalt - Terapia.

Os motivos que levaram ao surgimento destas propostas para combinar outras técnicas terapêuticas com o modelo centrado no cliente são vários: 1) a influência de valores culturais norte-americanos que incentivam o desenvolvimento constante de novas tecnologias; 2) o fato de que as contribuições que haviam sido consideradas revolucionárias, por ocasião dos primeiros passos da Terapia Centrada no Cliente, perderam seu caráter iné-

dito, tendo sido assimiladas por outras abordagens terapêuticas. Estamos nos referindo à gravação eletrônica de sessões terapêuticas, à centração nos sentimentos do cliente e não nos conteúdos verbais expressos, ou no psicodiagnóstico e à posição física face-a-face proposta pelo terapeuta. No caso das gravações, têm sido, atualmente, rejeitadas por muitos terapeuta centrados no cliente que as vêem como representando uma clara interferência no processo intersubjetivo que se desenrola entre terapeuta e cliente, além de não provarem a eficácia terapêutica. Quando usadas por Rogers tiveram o mérito de desmistificar a terapia como uma atividade cercada de mistérios e inacessível a uma investigação científica.

3) No entanto, o terceiro e mais importante motivo a ser destacado é a compreensão equivocada desta abordagem aos problemas humanos como uma mera técnica terapêutica. Alguns comportamentalistas fazem uso da empatia como parte do estabelecimento do "rapport" inicial com o cliente; certos psicanalistas propõem a utilização de reflexos de sentimentos para responder ao analisando, em momentos nos quais se faz necessária uma atuação mais suportiva. Nosso ponto de vista a respeito é o de que terapeutas ecléticos, embora possam tentar justificar-se afirmando adequar suas estratégias ao cliente ou à situação, agem à deriva, sem ter como comprovar a eficácia de sua prática ou a coerência de suas escolhas. ROGERS (1982) afirmava que a Abordagem Centrada na Pessoa é fundamentalmente **um jeito de ser (a way of being)** que encontra expressão nas atitudes e comportamentos do terapeuta que

criam um clima promotor de crescimento, e não uma simples técnica. É uma filosofia básica de confiança nos potenciais internos do ser humano para o auto-desenvolvimento e em determinados tipos de interações como meios para facilitar a emergência destes recursos internos. Quando esta postura é adotada, ajuda a pessoa a expandir o desenvolvimento de suas potencialidades.

5.4 ATITUDES TERAPÊUTICAS: NECESSARIAS E SUFICIENTES?

Num artigo intitulado "The Empirical Status of Rogers's Hypotheses of the Necessary and Sufficient Conditions for Effective Psychotherapy", WATSON (1984) conclui que as hipóteses sobre as atitudes necessárias e suficientes ainda não foram adequadamente testadas, apesar das inúmeras pesquisas existentes sobre este tema. Ele afirma que nenhuma escola psicoterapêutica conseguiu, até o momento, validar, empiricamente, sua teoria básica e, neste sentido, a Terapia Centrada no Cliente não se constitui numa exceção, embora existam dados comprovando a existência de um relativo grau de eficácia em sua aplicação. Este problema advém das dificuldades metodológicas relativas a como pesquisar psicoterapia, sem interferir em seu processo. Neste sentido, torna-se necessário analisar as hipóteses rogerianas quanto à necessidade e à suficiência das atitudes de **empatia, consideração positiva incondicional e congruência** à luz de uma visão mais atualizada do próprio processo terapêutico.

Primeiramente, vamos retomar a conceituação de

Rogers para cada uma das atitudes mencionadas:

Autenticidade ou Congruência: quanto mais o terapeuta for ele mesmo na relação com o cliente, sem erigir barreiras profissionais ou fachadas pessoais, maiores serão as possibilidades de que o cliente se modifique e cresça, de maneira construtiva. Isto significa que o terapeuta é capaz de simbolizar adequadamente suas experiências ao estar com o cliente, sem distorcê-las, isto é, sem precisar defender-se delas.

Aceitação Positiva Incondicional: para que um clima facilitador do crescimento se estabeleça, o terapeuta deve experimentar sentimentos positivos, de consideração e interesse pelo cliente, não se atendo aos conteúdos expressos por ele, isto é, deve experienciar um apreço genuíno pela pessoa do cliente e por sua capacidade de atualização, sem julgá-lo moralmente nem estabelecer objetivos para sua vida.

Compreensão Empática: o terapeuta deve captar com precisão os sentimentos e significados pessoais que o cliente está vivenciando na sessão terapêutica e ser capaz de comunicar eficientemente esta compreensão. *" Quando está em sua melhor forma, o terapeuta pode entrar tão profundamente no mundo interno do cliente que se torna capaz de esclarecer não só o significado daquilo que o cliente está consciente como também o que se encontra abaixo do nível de consciência. Este tipo de escuta ativa e sensível é extremamente raro em nossas vidas. Pensamos estar ouvindo, mas muito raramente ouvimos e compreendemos verdadeiramente, com real empatia. E, no entanto, esse modo tão especial de*

ouvir é uma das forças motrizes mais poderosas que conheço" (Rogers 1983, p. 39).

BOZARTH (1988), psicoterapeuta e estudioso da Terapia Centrada no Cliente e de seus desdobramentos teóricos, num artigo intitulado " Not Necessarily Necessary But Always Sufficient," questiona o caráter de **necessidade** atribuído por Rogers (1957) às três atitudes descritas acima. Para este autor, baseando-se na conceituação da tendência atualizante como uma força motivadora para o crescimento e desenvolvimento do organismo, persiste a possibilidade dos indivíduos buscarem crescimento, a despeito das condições externas, quer elas sejam ou não favoráveis. Como decorrência disto, independentemente da presença das atitudes facilitadoras do terapeuta, o cliente pode apresentar melhora quando submetido a outros métodos ou técnicas. Portanto, conclui que as atitudes não são necessárias, porém, quando presentes, são suficientes para promover uma mudança construtiva na personalidade.

Grande parte das pesquisas descritas na literatura especializada vai numa direção diferente da proposta por Bozarth, ou seja, questiona-se freqüentemente a suficiência das atitudes. Neste sentido, WOOD (1990) chama-nos atenção para o fato de que a questão da suficiência ainda não foi estabelecida pois, embora graus elevados de compreensão empática, aceitação incondicional e congruência por parte dos terapeutas sejam comprovadamente básicas para a eficiência terapêutica, as condições do terapeuta não são em si mesmas suficientes para garantir um resultado positivo.

Pesquisas realizadas por PARLOFF, et all 1978 e GARFIELD, 1971 concluíram que as relações entre terapeutas, clientes e técnica são mais complexas do que os estudos anteriores sugeriram. SHLIEN (1984), um dos fundadores da Terapia Centrada no Cliente, argumenta que se essas condições do terapeuta fossem comprovadamente suficientes, isto eliminaria o livre arbítrio ou a presença da tendência atualizante do cliente.

Embora as evidências ainda não tenham sido suficientes para validar empiricamente as hipóteses de Rogers sobre as atitudes, sua eficácia em termos da prática terapêutica adquiriu consistência através da análise de transcrições feitas de inúmeros casos clínicos levados a efeito por Rogers e sua equipe, ao longo dos anos. Um outro fator importante a ser mencionado é que muitas das pesquisas sobre as atitudes foram realizadas por estudiosos com referenciais teóricos alheios à Terapia Centrada no Cliente, o que restringe o valor dos resultados, já que a compreensão adequada destas condições emerge da própria experiência clínica. Com isto em mente, procederemos a uma análise da relação terapêutica, de forma a compreendê-la fenomenologicamente, isto é, através de uma *"filosofia ou eidética que não seja simplesmente uma descrição externa de fatos observados, mas um tornar presente o sentido ou o significado da experiência"*(AMATUZZI 1989,p.1).

5.5 INTERSUBJETIVIDADE COMO A ESSÊNCIA DA RELAÇÃO TERAPÊUTICA CENTRADA NO CLIENTE:

Segundo HART (1961), a psicoterapia pode ser investigada e definida em diversos níveis - fisiológico, verbal, comportamental, ou existencial. Este mesmo autor observa que os terapeutas em suas discussões sobre as sessões expressam-se, frequentemente, através de termos experienciais: ele engloba nesta categoria referências ao processo existencial, subjetivo e fenomenológico. É nosso posicionamento que a Terapia Centrada no Cliente somente poderá ser considerada uma Psicoterapia Centrada na Pessoa quando sua teorização privilegiar o enfoque fenomenológico como método de acesso à interação entre o terapeuta, seu cliente e os aspectos culturais determinantes do setting. *"Investigar fenomenologicamente implica em deixar de lado nossos pré-julgamentos sobre terapia, sobre qual é realmente o problema das pessoas emocionalmente perturbadas, sobre o que é realmente útil nos relacionamentos, etc. Encontramo-nos, em termos imaginários, nas linhas laterais, olhando para o terapeuta enquanto ele trabalha com seu cliente. Basicamente, nos permitimos saber que duas pessoas estão se encontrando e que uma delas é um cliente angustiado e a outra é um terapeuta centrado no cliente. Além disso, ambos são pessoas concretas e específicas, de forma que não possam ser compreendidas como meras tipificações de uma teoria"* (BARTON 1971,274).

A relação psicoterapêutica é um tipo de relação interpessoal complexa, com objetivos definidos, implicitamente estruturada, e que não pode ser apreendida através de uma análise

isolada de quaisquer de seus elementos. Para WOOD (1990) estudos de aspectos isolados da relação terapeuta-cliente têm contribuído pouco para nossa compreensão do fenômeno da terapia bem sucedida.

Grande parte das formulações e pesquisas desta teoria referem-se às atitudes facilitadoras do terapeuta, o que levou WOOD (1990) a afirmar que *"ironicamente, um sério obstáculo para os terapeutas centrados no cliente que desejam compreender a Terapia Centrada no Cliente tem sido seu desinteresse pelo cliente em seus estudos e reflexões"* (p.13). No entanto, nosso ponto de vista é o de que ainda não se disse tudo a respeito da participação do terapeuta na relação com o cliente. Por exemplo, Rogers (1961) estabeleceu as Fases do processo experiencial do cliente, considerando a importância da facilitação do terapeuta, através de seu próprio processo experiencial, porém, não sabemos de nenhum pesquisador ou terapeuta da abordagem centrada no cliente que tenha se interessado em pesquisar este processo no terapeuta. Ora, se visitarmos a cena terapêutica e a descrevermos como o encontro de duas subjetividades, postas juntas a serviço do cliente, parece imprescindível conjecturar sobre o que está ocorrendo com a subjetividade do terapeuta ao estar com seu cliente.

Nossa posição é a de que não estamos mais falando do terapeuta como fornecendo apenas uma atmosfera de calor humano, genuinidade e empatia para o cliente, quando nos referimos a este modelo psicoterápico na sua fase atual. O terapeuta que incorporou o conceito de experiencição e participa das aplicações

correntes da Abordagem Centrada na Pessoas aos Grupos de Encontro e Workshops Intensivos adquiriu uma perspectiva nova em relação à terapia individual: passou a considerá-la como um **grupo diádico**. Ao fazê-lo, redimensionou os elementos envolvidos no processo, passando a conferir igualdade de posição às duas pessoas que se encontram face-a-face, num processo a médio e longo prazo. No debate realizado entre Carl Rogers e Martin Buber em Ann Arbor, estado de Michigan, em Abril de 1957, Rogers tenta convencer Buber da equivalência entre o encontro de duas subjetividades - EU-TU - teorizado por este filósofo e a relação centrada no cliente, concebida como o ponto culminante da subjetividade pessoal. Buber reluta em aceitar a inclusão de qualquer tipo de relação terapêutica como modelo de relação intersubjetiva, argumentando que a estruturação da situação implica numa desigualdade evidente entre o papel do terapeuta e o do cliente. Rogers insiste, assegurando que, apesar desta estruturação explícita, sua participação no vínculo estabelecido com a outra pessoa é de natureza tal que pode neutralizar esta diferença no transcorrer dos encontros, e esta é, segundo ele, a intenção primeira da Terapia Centrada no Cliente. Acredita que o potencial curativo deste encontro reside na possibilidade de estabelecer-se como uma relação genuinamente humana e real. Neste sentido, parece-nos importante enfatizar que a forma segundo a qual Rogers praticava psicoterapia estava muito mais próxima das conceituações que propomos para uma Psicoterapia Centrada na Pessoa do que a Teoria formulada por ele mesmo para a Terapia Centrada no Cliente. Acreditamos que em

sua teorização se impuseram as limitações representadas pelo "zeitgeist" de sua época.

Para PAGES (1976), esta abordagem contém um paradoxo: para ser capaz de uma atenção e valorização incondicional em relação ao cliente, o terapeuta precisa ser capaz, primeiramente, de fazê-lo em relação a si próprio. Para este autor, o conceito de mudança associado ao processo terapêutico se constitui numa **inversão do movimento**, isto é, exatamente por ser capaz de (e ter a intenção) aceitar o cliente da forma como este está se percebendo e sentindo no momento, o terapeuta permite-lhe mudar. O objetivo terapêutico não é levar o cliente a novos padrões de percepção ou emocionais, mas sim confirmá-lo como digno de compreensão em seu estado atual. Este posicionamento é bastante pertinente com aquele apresentado por GENDLIN (1970), ao definir a formação de conceitos numa perspectiva experiencial. O indivíduo, via relação terapêutica, pode simbolizar os significados de suas experiências, atualizando-se, e, ao fazê-lo, movimenta-se para um novo passo na cadeia do tipo experiência - conceito - experiência - conceito - ...

O terapeuta exerce um papel ativo neste contexto, ao iniciar e manter a interação desta forma, favorecendo a atualização de seus próprios significados, com base na experiência imediata. Acreditamos ser possível delinear algumas **fases para o processo experiencial do terapeuta**, à maneira daquelas propostas por Rogers (1961) para o cliente, com base em nossa própria experiência clínica:

1a. Fase: Encontro com o Inusitado: o terapeuta lança-se aos primeiros encontros com um cliente desconhecido, tendo como instrumental apenas um sistema de crenças e valores sobre o ser humano, um método terapêutico, suas vivências anteriores e sua capacidade experiencial. Vive um desafio, representado por este novo encontro, em relação às suas hipóteses de trabalho e à sua própria congruência e maturidade pessoal. Assim como o cliente, o terapeuta pode experienciar sentimentos transferenciais (entendendo-se transferência como a manutenção na situação atual de impressões emocionais pretéritas). Num certo sentido, compartilha a ansiedade do cliente naqueles momentos, embora em menor grau. É uma fase em que ambos sentem-se solitários e separados. A ansiedade vivida pelo terapeuta frente à possibilidade deste encontro, confere dinamismo à sua participação.

2a. Fase: Impacto Emocional ou o Despertar da Empatia: ao dispor-se a uma atenção concentrada e disciplinada, o terapeuta passa a experienciar um interesse autêntico pela pessoa do cliente e seus modos peculiares de sentir - a maneira como este vivencia suas angústias, a intensidade de sua dor. Ao fazê-lo livra-se dos preconceitos e deixa-se levar pelo mundo emocional do outro, estabelecendo o clima propício para o exercício de uma compreensão empática precisa, através da utilização tanto de suas capacidades intuitivas, quanto cognitivas. Nesta fase, a disponibilidade emocional do terapeuta para envolver-se na relação é fundamental porque dela depende a possibilidade de atuali-

zação da relação intersubjetiva, isto é, a relação passa a ser vivenciada no aqui e agora.

3a. Fase: Trabalho Terapêutico: aprofunda-se o relacionamento com o cliente; ambos podem sentar-se frente a frente de forma mais descontraída e espontânea; a empatia torna-se aprimorada, com o terapeuta podendo fazer uso de metáforas e imagens mentais. Ele comunica suas impressões e a compreensão que vai adquirindo dos conteúdos trazidos pelo cliente. A relação torna-se única e intransferível, com um aumento de intimidade. A atividade do terapeuta é intensa e disciplinada, mas, também, afetivamente orientada, com a intuição desempenhando um papel fundamental.

4a. Fase: Encontro a Dois: dando continuidade à fase anterior o cliente passa a fazer uso do que aprendeu na relação, isto é, a função terapêutica é assumida também por ele em relação a seus problemas. Alternam-se, por vezes, os papéis, com o terapeuta expressando as vivências emocionais do cliente com tanta acuracidade que este responde empaticamente a seu próprios conteúdos ditos pelo outro. O terapeuta torna-se menos ativo na relação, permitindo ao cliente experienciar seus sentimentos de forma mais autônoma. Há uma mutualidade implícita e a gratificação também é mútua. Neste ponto, poderíamos dizer que uma relação do tipo EU - TU pode desenvolver-se, pois a realidade vivida na relação a dois torna-se prioritária e dela emergem novos significados.

5a. Fase: Desfaz-se o Vínculo: o final do processo

aproxima-se e isto é percebido tanto pelo terapeuta quanto pelo cliente. Como a capacidade experiencial do cliente aumentou, o terapeuta pode diminuir ainda mais sua atividade na relação, isto é, o cliente faz seu próprio trabalho - a capacidade experiencial de ambos se aproxima. Os desejos de autonomia do cliente são percebidos e simbolizados pelo terapeuta, que volta a uma posição semelhante àquela assumida no início da psicoterapia, isto é, permite que as individualidades presentes recuperem sua nitidez. Compartilha entusiasticamente da melhora do cliente e prepara-se para facilitar-lhe a saída do processo.

Todas as fases supõem um terapeuta capaz de congruência e aceitação incondicional, e, embora ele deva envolver-se afetivamente no processo, também deve preservar uma consciência crítica sobre seu papel e o motivo pelo qual está se relacionando com aquela pessoa, o que o protege de outros tipos de envolvimento. Num certo sentido, pode-se considerar as fases 3 e 4 como caracterizando o cerne do processo terapêutico, ou dito de outra maneira, sem que estas fases se concretizem não há terapia, a despeito da emocionalidade que possa estar presente. Esta análise parece importante quando refletimos sobre o processo de formação de psicoterapeutas e a ela voltaremos no capítulo 6.

GENDLIN (1974) sugere que como processos experienciais, a empatia e a congruência são exatamente a mesma coisa, ou seja, a expressão direta daquilo que o terapeuta está experienciando com o cliente, em resposta ao que este traz. Como um mero conteúdo verbal, no entanto, a congruência ou autenticidade do

terapeuta parece contraditória em relação à empatia - na empatia a referência é o cliente, enquanto a congruência privilegia os aspectos internos do terapeuta. Quanto à aceitação positiva incondicional, ele sustenta que como um conceito isolado contradiz a empatia e a congruência, mas, experiencialmente, significa apreciar o cliente como pessoa, a despeito de não gostar de alguns de seus modos de agir ou pensar. Isto inclui expressões de raiva e surpresa por parte do terapeuta, mas sempre no contexto de uma relação cujo objetivo é ampliar ao máximo o processo experiencial do cliente. Espera-se do terapeuta, em essência, que seja mais ágil e menos obstruído em relação ao seu próprio fluxo experiencial, viabilizando ao cliente a necessidade de retomar seu fluir imediato. SHLIEN (1970) retoma o conceito de empatia salientando sua dimensão experiencial. Segundo ele, Rogers definiu esta atitude como o método primordial para a compreensão de todos os fenômenos presentes na relação terapêutica, inclusive os significados que emergem no campo experiencial do terapeuta. Assim, a empatia é descrita como um meio para que o terapeuta conheça tanto a outra pessoa, quanto a si mesmo, via empatia voltada para as suas próprias referências internas, ao estar na relação terapêutica.

VAN KAAM (*in* Shlien, 1970) chama a empatia de "co-experienciação", referindo-se ao fato de que o terapeuta compartilha a experiência do cliente num certo nível, sem com isto descaracterizar sua presença como alguém diferente do cliente.

WOOD (1990) esclarece que à medida que a Abordagem

Centrada na Pessoa se desenvolvia ao ser aplicada aos Grupos Intensivos. Rogers foi alterando seu conceito sobre empatia. Descreveu a integração daquilo que freqüentemente são considerados como dois aspectos contraditórios da consciência: a **consciência linear**, momento-a-momento e flutuante dos pensamentos e sentimentos (sentir a dor e o prazer do outro) e uma **percepção atemporal** (como se eu estivesse sentindo esta dor e este prazer). A compreensão empática, em outras palavras, consiste num estado de consciência no qual uma pessoa experiencia e participa do fluxo de consciência da outra, enquanto também permanece consciente do contexto mais amplo no qual está fazendo isso. Vista desta maneira, é um processo de tomar consciência ativo, não uma aceitação passiva, tanto da atividade momento-a-momento, como também dos padrões que constroem e estruturam a própria relação. Além de fornecer o contexto para que o significado possa emergir, esta consciência mais geral também defende o terapeuta de assumir uma visão limitada e parcial do fenômeno.

WOOD também enfatiza que não é suficiente que o terapeuta tente compreender o mundo do outro; ele precisa estar ativamente envolvido em comunicar e dar seqüência à sua própria experiência. BOZARTH (1984), num artigo relevante, intitulado "Beyond reflection: emergent modes of empathy," descreve a importância do desenvolvimento de modos idiossincráticos de empatia, levando-se em conta as características pessoais do terapeuta, o cliente em questão e as interações entre ambos. Dando prosseguimento a esta visão, este autor enfatiza que empatia não pode ser

confundida com reflexo de sentimentos, isto é, para entrar no mundo interno do cliente, apreendendo seus significados emocionais, o terapeuta deve recorrer à sua própria criatividade.

Neste ponto, gostaríamos de retomar a questão de Wood, exposta acima, sobre a negligência da teoria centrada no cliente em relação à participação do cliente no processo. BARTON (1971) afirma que "*o cliente não é uma folha em branco sobre a qual o terapeuta escreve, mas é movido pelo terapeuta de formas diferenciadas e, portanto, elicia o terapeuta também de maneiras variadas*" (p.293). Assim, determinado cliente pode provocar no terapeuta sentimentos de ternura e compaixão, enquanto outro leva-o a sentir um grau maior de admiração objetiva, por exemplo. Há pesquisas que apóiam este ponto de vista: MOOS e McINTOSH (1970), estudaram diversas relações terapêuticas dos mesmos terapeutas e descobriram que a empatia do terapeuta é influenciada, de forma bastante significativa, pelo cliente e pela situação, mais do que por ele mesmo. MITCHELL, BOZARTH e KRAUFT (1977) demonstraram que a empatia, a consideração positiva e a autenticidade estão associadas com o resultado terapêutico de uma forma muito mais complexa do que meramente como decorrência direta da atividade do terapeuta. Da mesma maneira que o terapeuta traz seu sistema de crenças e valores culturais para o encontro com o cliente, este também desenvolveu expectativas sobre a terapia e possui uma capacidade para cura espontânea que independe do terapeuta. WOLBERG (1976), na obra "*The Technique of Psychotherapy*" analisa os fatores não específicos presentes nas psicoterapias em

geral, citando o efeito placebo, a catarse emocional, o efeito da sugestão, e fatores advindos do próprio relacionamento como estando presentes e exercendo um papel ativo sobre o cliente, independentemente da função terapêutica especificada.

5.6 A RELAÇÃO TERAPEUTICA SOB O PONTO DE VISTA DE UMA PSICOTERAPIA CENTRADA NA PESSOA:

Adentrar o recôndito da cena terapêutica da forma como o fizemos ao longo deste capítulo, privilegiando um tomar contato com o desenrolar do processo de aquisição de um sentido para aquela relação específica, acaba por viabilizar uma fenomenologia da relação intersubjetiva e de sua função terapêutica, e não mais de aspectos subjetivos do cliente, ou do terapeuta, considerados como distintos da experiência a dois. Na prática, esta abordagem não trabalha com base numa dualidade entre consciência e verdade. O terapeuta centrado na pessoa não reconhece nenhuma incongruência entre o conteúdo comunicado pelo cliente e aquele que poderia ser esperado dele, caso não apresentasse nenhum comprometimento emocional. A nível teórico, no entanto, esta dualidade persiste pois, a teoria contém uma formulação sobre a discrepância que pode se desenvolver entre o self como é percebido e simbolizado e a experiência do self, dando origem a um estado de incongruência ou de desacordo interno. Tal dualidade começou a ser revista com o surgimento de uma teorização sobre o conceito de experiencição (decorrente da pesquisa com esquizofrênicos) e também com a análise vinda dos trabalhos com Grupos Intensivos

sobre a interação interpessoal como um movimento ou fluxo experiencial. Ainda assim, sobrevive uma forma de focalizar o fenômeno da terapia, segundo a qual é possível uma análise da subjetividade do cliente como distinta das operações ou estratégias do terapeuta e vice-versa.

Compreendemos que uma das razões para a pouca repercussão das formulações teóricas da Terapia Centrada no Cliente, se comparada com a eficácia de sua prática, reside na submissão de Rogers aos padrões positivistas de sua época e cultura. A Abordagem Centrada na Pessoa foi, desde o início, uma abordagem psicossocial aos problemas emocionais e suas resoluções, embora o próprio Rogers a tenha limitado teoricamente, mantendo-a submetida a um quadro referencial moldado na psicologia clínica tradicional. Sua genialidade, no entanto, conduziu-o intuitivamente para os trabalhos com Grupos Intensivos e para os Encontros de Comunidade nas décadas de 70 e 80, sem que ele ou seus seguidores mais próximos na área da psicoterapia fossem capazes de incluir na discussão teórica da psicoterapia os aspectos interpessoais que na prática ocorriam e surtiavam efeitos. A partir desta fragilidade teórica, a Terapia Centrada no Cliente foi sendo absorvida e assimilada por outras orientações terapêuticas nos Estados Unidos, tanto a nível de suas supostas técnicas, como também através de certos procedimentos que costumavam distingui-la em seus primórdios, tais como a posição física do terapeuta, que assumiu colocar-se face a face com o cliente, ou o registro das sessões através de gravações eletrônicas para estudos e pesquisas. Rogers

esteve, talvez, tão preocupado em opor-se aos pressupostos psicanalíticos, ou melhor à compreensão que deles adquirira durante os anos no quais pautou seu trabalho clínico institucional nos moldes psicanalíticos tradicionais que deixou a descoberto na teoria o que nos parece ser o mais essencial deste modelo: a possibilidade do indivíduo, via relação terapêutica, transcender suas próprias significações e partindo de uma unidade de experiência intersubjetiva desencadear um processo auto-propulsor de mudanças no qual conteúdos aparentemente sem importância adquirem vida nova e alteram suas percepções.

Os conceitos subjacentes a esta visão da relação terapêutica ainda estão sendo desenvolvidos, porém tentaremos delinear seus contornos atuais.

Quanto ao caráter de igualdade proposto para este tipo de relação interpessoal, não consiste apenas numa decisão política do terapeuta, é uma decorrência direta da tendência formativa. A renúncia do terapeuta ao exercício de uma autoridade de especialista é uma pré-condição para seu trabalho, pois no cliente está a fonte, bem como o critério, de saúde e progresso, e este é considerado um processo natural, inerente à condição humana, da forma como a define Rogers. Por outro lado, o terapeuta também deve fazer uso da sua tendência formativa para promover as melhores condições para que o cliente se desenvolva durante a psicoterapia. Embora a autoridade que lhe é institucionalmente conferida seja vista como nociva, o estilo pessoal do terapeuta pode e deve ser valorizado e ampliado, de forma a transformar sua

criatividade pessoal num recurso terapêutico.

Os mesmos princípios da terapia foram aplicados aos Grupos e assim como ocorreu com ela, eles estão se desenvolvendo em resposta às necessidades dos indivíduos que participam da experiência e da própria sociedade que os sanciona. Para WOOD (1990), compreender a pessoa em grupo ajudará a perceber que uma variedade de fatores afetam a consciência dos participantes e que a relação terapêutica é muito mais complexa do que antes se imaginara. O fenômeno da relação terapêutica eficaz não é um dos elementos da terapia, **ele é a própria terapia.**

A cultura fornece o sistema para a criação dos significados que serão produzidos no espaço entre as duas pessoas em benefício do cliente, mas há ainda outras variáveis importantes a considerar: o efeito dos aspectos do ambiente físicos, o ritual que, ao manter a cultura também ajuda a transformá-la, os estados especiais de consciência pelos quais passam ambos os participantes da cena terapêutica. Em relação a este último fator, gostaríamos de retomar sua conceituação, embora já tenha sido objeto de discussão no Capítulo 4, por considerarmos sua relevância para a formulação de princípios que superem as limitações da Terapia Centrada no Cliente, legitimando sua prática.

O setting terapêutico, a proposta do terapeuta e sua presença física face a face, a estimulação emocional, o estado de ansiedade que antecede cada sessão, a intimidade que se estabelece, o efeito placebo, enfim todos estes elementos e outros, que ainda não conhecemos, estabelecem as condições para que o

cliente entre num estado especial de consciência. Também o terapeuta, com seu desejo de realmente submergir no mundo do outro via empatia, coloca-se, deliberadamente, em condição para entrar em tais estados de consciência. No entanto, o simples fato de ambos entrarem num estado alterado de consciência não significa que isto seja útil ou mesmo positivo para o processo terapêutico. Há a necessidade de que alguém organize construtivamente esta experiência e esta é, em última análise, a função do psicoterapeuta. Cabe a ele favorecer o desenvolvimento de uma experiência intersubjetiva que permita ao cliente experienciar seu self de muitas maneiras ao longo do processo. O terapeuta não é apenas uma testemunha deste processo, ele é cúmplice pois, participa com toda a sua subjetividade e com a flexibilidade de seu próprio self.

Concluindo, gostaríamos de sugerir que se adote a denominação Psicoterapia Centrada na Pessoa para esta forma de praticar terapia segundo a formulação teórica acima, na qual a ênfase maior recai sobre uma análise da relação intersubjetiva que se desenvolve entre o terapeuta e seu cliente, a serviço do cliente. Este posicionamento teórico não negligencia os fatores internos do cliente, nem omite a presença de fatores transpessoais: ao contrário, propõe-se a reabilitá-los através de uma compreensão mais abrangente dos fatores que constituem a própria relação terapeuta-cliente. Consideramos que sob esta ótica, as atitudes do terapeuta continuam a ser necessárias e suficientes, desde que compreendidas de uma nova forma: como expressão da pre-

sença ativa de ambos os participantes, embora estejam sendo formuladas em relação ao terapeuta. Neste novo sentido, elas são parte das condições gerais que incidem sobre a relação e não um mero instrumental técnico fornecido pelo terapeuta ao cliente. Não se trata de treinar o terapeuta para dar respostas empáticas, mas sim possibilitar-lhe desenvolver ao máximo sua capacidade experiencial, em sintonia com a cultura que o determina e à qual ajuda a modificar, com uma crença assumida no seu método de trabalho e quanto aos objetivos que advoga para uma relação de ajuda psicológica. O eixo principal desloca-se de uma tentativa de "centração no cliente," que na prática nunca ocorreu efetivamente, para uma visão mais realista que visa conferir poder à relação intersubjetiva.

Não é nossa intenção que a análise dos temas discutidos ao longo deste Capítulo possa sugerir que uma nova teoria para a Terapia Centrada no Cliente, a partir dos fatores advindos dos trabalhos com Grupos Intensivos, invalida ou supera a prática terapêutica da forma como a concebeu Rogers. Consideramos que as propostas de mudança contidas no presente estudo referem-se mais às formas de conceituar o processo terapêutico e a relação terapeuta-cliente do que propriamente à prática da psicoterapia. Concluimos que a intuição básica de Rogers como psicoterapeuta continua eficaz, embora não tenha encontrado ainda uma elaboração teórica que a legitime e, acima de tudo, que possibilite uma formação mais adequada do psicoterapeuta centrado na pessoa.

CAPÍTULO 6

POSSIBILIDADES DA APLICAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA AO CONTEXTO DE SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL.

"Quanto mais retiramos coisas da natureza, graças à organização do trabalho, às grandes descobertas e às invenções, parece-me que mais nos tornamos inseguros diante da existência. Parece-me que não somos nós que dominamos as coisas, mas as coisas que nos dominam. Ora, essa aparência subsiste porque alguns homens, por intermédio das coisas, dominam outros homens. Se quisermos aproveitar como homens, de nosso conhecimento da natureza, é indispensável acrescentar ao conhecimento da natureza o conhecimento da sociedade humana." (BRECHT)

A ênfase atual da Organização Mundial de Saúde (OMS), mais especificamente desde os informes de dezembro de 1952, reside numa visão dos problemas psíquicos através de sua dimensão de saúde, em oposição aos tradicionais conceitos, mais voltados para os aspectos psicoterápicos. Neste sentido, afirma BLEGER (1984): *"o objetivo historicamente mais recente da higiene mental já não se refere tão só à doença ou à sua profilaxia e sim também à promoção de um maior equilíbrio, de um melhor nível de saúde na população. Desta maneira já não interessa somente a*

ausência de doença e sim o desenvolvimento pleno dos indivíduos e da comunidade total. A ênfase da higiene mental translada-se, assim, da doença à saúde e, com isto, à atenção sobre a vida cotidiana dos seres humanos. E isto é, para nós, de vital importância e interesse" (p.22).

Este objetivo não deve excluir, no entanto, as diversas terapêuticas médico-psicológicas desenvolvidas ao longo dos anos, tanto pela Psiquiatria como pela Psicologia, pois, estas rendem benefícios diretos à promoção da saúde mental da população, na medida em que curar um indivíduo emocionalmente perturbado pode significar a prevenção de distúrbios em relação ao campo de gravitação social deste mesmo indivíduo. Por outro lado, ao atuarmos a nível profilático, devemos buscar desenvolver o nível geral de saúde das comunidades. Para HENRY EY (1969) a enfermidade mental é uma espécie bastante singular de enfermidade, capaz de modificar o homem em sua "humanidade," em sua coexistência com os demais e na construção de seu mundo interno.

Planejar uma assistência mental mais voltada para os aspectos comunitários esbarra, no entanto, em obstáculos de ordem conceitual, isto é, convivemos, atualmente, com uma diversidade de posicionamentos teórico-filosóficos quanto à natureza e aos limites da doença mental. Dr. Ladislau Ungar, numa palestra destinada a alunos do curso de Pós- Graduação em Saúde Mental, proferida em 1989 na Faculdade de Medicina da UNICAMP, amplia esta perspectiva ao afirmar que o êxito metodológico que deu origem à Medicina, não gerou a Psiquiatria, cujo objeto é mais com-

plexo. Continuamos carentes de um fundamento para a Psiquiatria e para o fenômeno psicopatológico. Este ponto de vista é de fundamental importância para compreendermos as dificuldades com as quais se defrontam os profissionais da área de Saúde Mental, ao tentar buscar um princípio unificador para seu trabalho. Persiste uma indefinição básica, que é anterior à questão metodológica: a ambigüidade no que concerne à determinação do próprio objeto de estudo. Como decorrência deste fato, observa-se uma diversificação de modelos psicoterápicos, que apesar de se avolumarem, permanecem submetidos a uma imprecisão crônica quanto à delimitação da relação terapêutica.

Nosso posicionamento é o de que o objeto ao qual se destinam os esforços de pesquisa e as intervenções no campo da Psiquiatria e da Psicologia Clínica, demanda um tipo de conhecimento integrado que inclua dados provenientes de dois tipos de percepção, conforme os distingue FORGHIERI(1984), a partir dos postulados filosóficos de HUSSERL (1901)sobre Fenomenologia: a **percepção categorial**, que é imediata, espontânea, pré-reflexiva, própria da vida cotidiana, do vivenciar imediato, não havendo separação entre consciência e objeto, pois este é captado em sua totalidade, por intuição; e a **percepção objetiva**, própria da investigação reflexiva na qual o sujeito estabelece uma distância em relação ao objeto e procura analisá-lo em suas funções parciais. Acreditamos que estes dois tipos de conhecimento devam alternar-se no trabalho clínico, representando dois momentos diferentes no processo de configuração do campo de trabalho. Sem uma

primeira aproximação através de impressões imediatas e pré-reflexivas, e com um envolvimento pessoal autêntico, não há a possibilidade do refletir sobre posterior, característico da análise racional e objetiva que gera as conclusões de um trabalho de pesquisa científica. Compreendemos o ser humano enquanto objeto de nosso trabalho clínico, sob a perspectiva da Psicologia Humanista que adota o método fenomenológico como referencial para abordar a experiência humana.

" Historicamente, os objetivos psicoterápicos passaram sucessivamente da cura à correção para o crescimento. Esses 'três cês' da terapia ainda persistem como metas visadas pelas várias formas de atendimento psicológico: curar é a missão a que se propõem muitos terapeutas filiados a uma posição tradicional; corrigir é o alvo de diversas técnicas modernas - notadamente na linha comportamental - enquanto crescer é o resultado buscado por correntes novas - sobretudo ligadas à psicologia humanista - que encaram este processo contínuo como uma excitante possibilidade humana. Visando ao desenvolvimento constante, em vez de propor uma função recuperativa ou modeladora, esta chamada 3a. Força em psicologia assume uma feição antes educativa, para cultivar em cada indivíduo o seu potencial mais elevado enquanto ser humano" (ROSENBERG, 1977, p.53).

Uma vez determinado o enfoque de onde estamos partindo para abordar Saúde Mental, passaremos a discorrer brevemente sobre os determinantes culturais subjacentes à sociedade que nos interessa focar, ou seja, o Brasil do final do século XX.

6.1 IMPLICAÇÕES DE ASPECTOS SOCIAIS, POLÍTICOS E ECONÔMICOS NA ÁREA DE SAÚDE MENTAL NO BRASIL:

"A humanidade, através de sua história, na luta pelo domínio da natureza produziu um conjunto de conhecimentos e técnicas - a Medicina - para enfrentar as doenças e preservar a saúde. As doenças e a medicina têm suas histórias paralelas e, em última análise, estão diretamente relacionadas à história do modo como os homens produzem seus meios de subsistência nas relações com a natureza. Isso significa que não existe doença que possa deixar de integrar, em si, a dimensão social, quer seja em suas determinantes causais, quer em sua evolução e também na forma de dominá-la. Com isso queremos dizer que a saúde e a doença estão condicionadas, em última análise, pela estrutura social e que, portanto, entre a estrutura social de uma determinada sociedade e a saúde de sua população existem relações intrínsecas e dialéticas com permanentes interações " (LOYELLO, 1982, p. 49).

O programa da Organização Mundial de Saúde, proposto em 1953, vai na mesma direção das afirmações de Loyello, ao priorizar os seguintes aspectos: 1) educacionais; 2) ecológicos; 3) multisetoriais; 4) ideológicos; 5) culturais. Da síntese destas variáveis deveria surgir a possibilidade de que o lema "Saúde para todos no Ano 2000" pudesse ser alcançado e deixasse de ser uma utopia.

Caberia aqui um esclarecimento sobre a utilização

do termo "ecológico" quando aplicado ao contexto da Saúde Mental. Os fatores considerados sob esta nomenclatura pelos especialistas são todos aqueles que concernem às condições domiciliares do indivíduo. Por exemplo, atualmente, tem sido amplamente estudado o efeito das migrações internas, tais como os deslocamentos de trabalhadores da zona rural para os grandes centros urbanos. A epidemiologia psiquiátrica visa detectar as conseqüências destes acontecimentos sobre a frequência de morbidade mental numa dada população. Os fatores do meio que circundam o ser humano comportam elementos de ordem geofísica e geoeconômica que acabam por misturar-se aos fatores sociais. Quando analisamos condições sociais que diferem claramente daquelas presentes nas sociedades ocidentais, as nomenclaturas psiquiátricas e psicológicas correm o risco de não ter uma correspondência precisa. A epidemiologia vê-se às voltas com questões do tipo: onde começa a enfermidade? A primeira internação caracteriza este início? A quem cabe julgar a gravidade da doença mental considerada? Para sair destas dificuldades acaba por adotar critérios bastante objetivos, por vezes reducionistas: por exemplo, o primeiro ingresso num hospital psiquiátrico como determinante do início da doença.

Na II. Declaração de Havana (1978), onde foram focalizadas as condições de saúde na América Latina, constatou-se que neste continente morrem de fome, de enfermidades curáveis ou velhice quatro pessoas por minuto, cinco mil e quinhentos por dia, dois milhões por ano e dez milhões a cada cinco anos... Frente a dados tão alarmantes, torna-se impossível falar de saúde

mental sem considerar os fatores sociais, políticos e econômicos em nosso País. O Brasil convive tanto com problemas decorrentes do sub-desenvolvimento, quanto com problemas de relacionamento interpessoal, característicos dos países industrializados. Embora tenhamos acesso aos avanços da ciência médica e psicológica, ainda não conseguimos melhorar as condições básicas de existência dos cidadãos. Esta situação decorre do famoso círculo vicioso entre saúde - trabalho - produção alimentar - instrução - saúde. Por outro lado, nos grandes centros urbanos do Sudeste surgem distúrbios emocionais provocados por incongruências e contradições nas próprias relações conflitantes entre as pessoas. Concordamos com BLEGER (1984) de que não se trata meramente de formar mais psiquiatras, psicólogos e psicoterapeutas, ou seja, querer enfrentar o incremento das doenças mentais com um incremento numérico de profissionais. Dados estatísticos têm demonstrado que os avanços da Psiquiatria e da Psicologia acabam por coincidir com o crescimento numérico dos doentes, caracterizando uma situação paradoxal.

Trata-se, sem dúvida, de uma tarefa bastante complexa, pois sabemos que no Brasil as restrições impostas pelo subdesenvolvimento também castigam as classes profissionais. Médicos psiquiatras e psicólogos dependem da prática privada para garantir sua sobrevivência econômica, além de, na maioria dos casos, acumularem dois ou mais empregos, o que os leva a uma vida profissional isolada. Embora a Saúde Pública demande um potencial humano cada vez maior e especializado, o Estado não dispõe de

recursos financeiros e de uma política estável compatíveis com a formação de equipes de saúde voltadas para a profilaxia em seu mais alto nível. A rotatividade é um fenômeno que não atinge apenas à mão de obra menos especializada, ela ameaça a toda uma gama de profissionais com formação universitária. Se não quisermos, como afirma LOYELLO (1982), continuar a exercer um papel mantenedor e conservador deste sistema social que transforma a doença em mercadoria e fonte de lucros, necessitamos rever nossas prioridades a nível da formação profissional que propomos. Programas multissetoriais serão possíveis, na medida em que profissionais voltados para uma mesma área de atuação aprendam a importância do trabalho em equipe desde os cursos de graduação, desenvolvendo certa cumplicidade ideológica que os leve a campo já com uma mentalidade de trabalho interdisciplinar. Talvez, assim, possam fortalecer-se para enfrentar a ameaça de uma "patologia profissional" que também é sub-produto de uma sociedade em desenvolvimento.

O modelo proposto pela Organização Mundial de Saúde que tem inspirado a organização e o planejamento de políticas de saúde em vários países tenta uma reconciliação quanto às orientações médico-psicológicas, levando em conta o caráter biopsicossocial do fato psicopatológico. Visa a uma desinstitucionalização da doença mental, através do oferecimento de um elenco mais flexível de serviços: hospital-dia, ambulatorios, hospitalização parcial, orientação familiar, clínicas de orientação infantil, serviços de psicogeriatría, atendimento precoce ao deficiente

mental ou físico, etc., além de processos de vitalização e humanização dos hospitais psiquiátricos tradicionais, através da formação de comunidades terapêuticas, das psicoterapias institucionais, etc. Os locais para atendimento na área da Saúde Mental devem estar integrados aos centros de Saúde comunitários, ou se incorporar a organizações equivalentes.

SZASZ em sua obra " El Mito de la enfermedad mental" (1961) sintetiza de forma bastante apropriada estas considerações sobre as implicações de aspectos de ordem cultural que incidem sobre a conceituação de saúde mental: *"Ainda que as características fenomenológicas das enfermidades orgânicas não dependam da estrutura sócio-econômica e política da sociedade em que aparecem, isto não é exato no caso das chamadas enfermidades mentais. As manifestações das incapacidades psicossociais variam de acordo com fatores educacionais, sócio-econômicos, religiosos e políticos"* (p.62).

6.2 SAÚDE MENTAL COMUNITARIA COMO UMA POSSÍVEL

APLICAÇÃO DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Primeiramente, vamos caracterizar a forma segundo a qual o Brasil tem priorizado e levado avante as determinações da OMS. Embora estas questões ainda sejam parciais, por estarem em pleno processo de germinação, contamos, atualmente, com um Serviço Unificado de Saúde (SUS), cuja implantação dependeu, em grande parte da dedicação do Prof.Dr. Marcos P. De Toledo Ferraz a quem recorreremos para algumas reflexões sobre o tema. Sobre uma

Política de Saúde Mental no Brasil, ele discorda da visão adotada por alguns setores da sociedade de que inexiste tal política. Acredita que as diretrizes decorrem de confrontações sociais que reorganizam a sociedade periodicamente. Conceitua política como um termo que inclui todas as ações que um sociedade executa para atingir determinado objetivo. Os fins ou objetivos derivam das necessidades concretas vivenciadas por um povo e, com freqüência podem colidir umas com as outras. Para ele, há a necessidade de uma leitura constante da sociedade e de seus problemas concretos, o que raramente ocorre quando o programa é posto em prática por profissionais que se restringem a um discurso abstrato ou dogmático e que acabam por tentar uma prática irrealista.

Os objetivos principais do SUS visam reverter a tendência hospitalocêntrica e psiquiatricocêntrica, priorizando um modelo extra-hospitalar e multiprofissional como referência assistencial. Porém, estes mesmos objetivos esbarram em interesses de ordem econômica decorrentes do modelo capitalista brasileiro, altamente concentrador de renda e propriedade. A alternativa mais viável no que concerne a programas de Saúde Mental consiste em montar sistemas que operem nos Centros de Saúde, nos Hospitais Gerais e nos Postos de Saúde já existentes na comunidade. O modelo de saúde deve ter um caráter modular, flexível e multiprofissional. Dr. Marcos Ferraz sugere que para um conjunto de pequenos municípios sejam formados "consórcios de saúde," viabilizados pelas respectivas administrações municipais e assessorados pelo Estado.

Na prática, o que se observa, à medida em que a reforma sanitária e a reorganização da assistência à Saúde Mental estão sendo, gradativamente, implantadas via SUS, é que a nível municipal a porta de entrada para o atendimento nesta área continua a ser representada pelos hospitais psiquiátricos. As unidades básicas de saúde, compostas por uma equipe multiprofissional, ainda não representam um contingente numericamente significativo para fazer frente ao "lobby" dos hospitais psiquiátricos. Em alguns municípios esta situação complica-se ainda mais, pois uma parte significativa da arrecadação das prefeituras é gerada por tributações provenientes dos próprios hospitais.

Apesar deste quadro complexo, por vezes desalentador, preferimos acreditar que o sucesso desta proposta depende da formação de profissionais mais realistas, que desenvolvam ideários próprios, a partir da apreensão das necessidades mais gerais da sociedade, face a seus posicionamentos teóricos individuais, que possuam maior iniciativa em relação a problemas imediatos e que, acima de tudo, vislumbrem sua atuação como parte de um tempo histórico mais longo do que seu contexto histórico particular.

A questão à qual nos remetemos frente à situação exposta acima é a seguinte: qual a relevância de se adotar a **Abordagem Centrada na Pessoa** como um posicionamento teórico-filosófico e como perspectiva de atuação clínica numa sociedade como a brasileira? Embora a resposta que nos ocorra possa ser considerada tendenciosa por traduzir o pensamento de quem tem estado

profundamente comprometida com esta proposta e acredita no seu potencial de aplicação, a experiência acumulada como psicóloga clínica, supervisora e docente universitária por 15 anos certamente representa um forte argumento para referendar este ponto de vista.

O fato da Abordagem Centrada na Pessoa submeter a importância dos conhecimentos teóricos e das habilidades técnicas ao desenvolvimento de um tipo de relação interpessoal em que os potenciais humanos de auto-determinação possam ser liberados e promovidos, requer que cada profissional que com ela venha a envolver-se preste-se a um mergulho corajoso em situações da vida, acabando por quebrar modelos e estilos tradicionais de atuação, aventurando-se em novos contextos, rompendo certos limites ou, simplesmente, imprimindo visões pessoais a velhos problemas. ROSENBERG (1977) observou que " *a tentativa de ajudar indivíduos ansiosos e perturbados numa situação de consulta psicológica, ou a experiência de criar um clima escolar em que os alunos possam escolher o que e como querem aprender, são passos que em sua sucessão desencadeiam em quem os empreende uma reformulação ideológica muito profunda, que pode afetar desde a conceituação de personalidade até às metas pessoais de vida*" (p.17).

No entanto, esta mesma perspectiva que oferece uma abertura para o desenvolvimento do estilo pessoal de cada profissional pode torná-la extremamente atraente àqueles que buscam extrair da prática psicoterapêutica gratificações afetivas próprias. Neste sentido, o caráter que confere originalidade à Psi-

coterapia Centrada na Pessoa pode acarretar-lhe também, certa ambigüidade. Em meu trabalho como supervisora em estágios clínicos para alunos do último ano do curso de Psicologia da PUCCAMP enfrento dificuldades ao tentar caracterizar a relação terapêutica neste modelo, pois observo nos estagiários que atendem clientes pela primeira vez uma tendência a negligenciar os limites e o papel do terapeuta, em prol de uma suposta postura rogeriana de aproximação afetiva com o cliente. Tal ponto de vista que, certamente, decorre da inexperiência destes futuros terapeutas parece, no entanto, ter uma abrangência maior. Quando analisamos a maioria dos programas dos cursos de Psicologia vigentes no Brasil, constatamos além do acesso tardio dos alunos ao contato direto com clientes, uma concentração de disciplinas teóricas cujos conteúdos prendem-se somente aos enfoques tradicionais psicanalíticos e comportamentais. Não se trata aqui de desconsiderar a importância destes conhecimentos para a formação do futuro psicólogo, mas julgamos útil enfatizar, também, a contribuição da Psicologia Humanista com uma visão que prioriza os aspectos da saúde e as possibilidades de crescimento psicológico do ser humano.

No caso da Abordagem Centrada na Pessoa isto implica, segundo ROSENBERG (1977), numa ampliação do conceito de psicoterapia de forma a incluir na categoria cliente, além do indivíduos que *"precisam de ajuda para superar dificuldades ou carências que os tolhem em seu ajustamento, aqueles cujo nível de realização pessoal é satisfatório segundo os padrões comuns, mas que buscam desenvolver-se acima do grau de suficiência, convictos*

da possibilidade de um crescimento contínuo em suas vidas" (p.55). A psicoterapia passa a ser considerada como um exemplo especializado de relação interpessoal construtiva, e as condições que a norteiam podem ser aplicadas a qualquer situação na qual o desenvolvimento da pessoa seja uma dos objetivos, seja uma relação entre pais e filhos, professor e aluno, pessoas em grupo, patrões e empregados, etc. Abre-se, portanto, um caminho para o trabalho clínico comunitário.

A formação do psicoterapeuta centrado na pessoa é vista como incluindo aspectos vivenciais e cognitivos em igualdade de condições. Num artigo enviado ao IV Fórum Internacional da Abordagem Centrada na Pessoa, realizado em agosto de 1989 no estado do Rio de Janeiro, JAPUR (1989) reflete sobre as possibilidades de transformação humana intrínsecas aos processos de terapia, workshops de grupos intensivos e aprendizagem teórico-vivencial, propostos por esta abordagem, nos quais a intersubjetividade é utilizada como elemento de acesso. *" Faz sentido pensar nas situações da terapia, do workshop e da aprendizagem teórico-vivencial em conjunto porque, a meu ver, elas têm em comum um aspecto central: instauram-se como processos de busca de conhecimento em que o sujeito desse processo de conhecer constitui-se no próprio objeto do conhecimento, superando a própria dicotomia sujeito-objeto. na medida em que o ato em si do conhecimento constitui-se como um processo contínuo de transformação. E, então, o que é dado a conhecer, em última instância, é a própria transformação, num processo não mais voltado ao conhecimento, mas*

ao reconhecimento de si mesmo nesse ato de transformar-se" (p.2).

Embora a perspectiva centrada na pessoa continue a mesma, quer seja aplicada à terapia individual, ou aos grupos, sabemos da necessidade de uma distinção conceitual: o coletivo não se concretiza pela mera soma de individualidades, isto é, as interações do indivíduo com outros membros do grupo e com os facilitadores, assim como as reações do grupo como um todo a cada indivíduo constituem tipos específicos de relacionamentos que não se sobrepõem simplesmente àqueles do atendimento individual. A abordagem aplicada aos grupos, quer sejam grupos terapêuticos, quer se voltem para uma vertente mais social como a dos grupos intensivos, representa uma alternativa de trabalho que pode render benefícios significativos quando aplicada a uma proposta de saúde mental comunitária.

Algumas modalidades de atendimento à comunidade que se baseiam no enfoque centrado na pessoa já estão sendo efetivadas pelo Serviço de Aconselhamento do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, criado ao final da década de 60 por iniciativa de alguns alunos - entre eles Rachel Rosenberg que viria a coordená-lo por muitos anos até seu falecimento em 1987 - e do Prof. Oswaldo de Barros Santos. Atualmente, se constitui num corpo de serviço autônomo em relação à Clínica Psicológica. A função do conselheiro, adotada por aquela instituição, consiste em estar disponível, através de um ouvir empático, para acolher as mais diversas demandas do cliente, de forma a realizar com ele uma explicitação de suas queixas. Neste contexto, o que importa

configurar é o campo da relação de ajuda, ficando em segundo plano a importância normalmente atribuída às distinções entre orientação, aconselhamento e psicoterapia. SCHMIDT (1987) esclarece a respeito: " Neste contexto, o fato de um atendimento se constituir como orientação ou psicoterapia vai depender da maneira como o cliente configura para si e diante do conselheiro, o seu pedido de ajuda. Não se parte do pressuposto de que a única resposta possível para este pedido seja a indicação de psicoterapia" (p.17). Portanto, o cliente é acolhido e vai descobrindo, através da relação com o conselheiro, as formas possíveis e desejadas de resolver seus problemas emocionais; ele assume responsabilidade pela forma segundo a qual a instituição vai ajudá-lo. O conselheiro é preparado para fazer o cliente entrar em contato com o elenco de possibilidades de atendimento oferecido pela instituição, em relação às suas necessidades. Desta maneira, individualizam-se as propostas.

O Plantão Psicológico é um outro tipo de atendimento que vem sendo oferecido pelo Serviço de Aconselhamento. Consiste na presença de estagiários ou profissionais que se dispõem a atender de imediato quaisquer pessoas que deles necessitem, sendo a única especificação a duração do atendimento. Visa sanar as dificuldades provenientes dos poucos recursos disponíveis para a saúde mental e a desinformação da população a respeito das especificidades do sistema institucional.

Consideramos que uma outra possibilidade de relação de ajuda, ainda não implantada seriam os Grupos de Encontro

incorporados aos Postos de Saúde ou Ambulatórios, com objetivos semelhantes aos do plantão psicológico. As pessoas que viessem à instituição para inscrever-se seriam convidadas a participar imediatamente de um grupo de encontro, que se reuniria apenas por uma vez ou faria um contrato para mais uma ou duas sessões, agendadas pelos próprios participantes, sob a orientação do psicólogo responsável.

Em nossa dissertação de mestrado já afirmávamos que a "busca de um perfil do psicoterapeuta centrado na pessoa resulta infrutífera sob o prisma de uma caracterização estática e linear, pois a apreensão deste modelo impõe ao clínico uma imersão em seu próprio processo de atualização, regido pela fluidez das interrelações com seus clientes" (CURY, 1987, p.2). Como supervisora, percebo que para os psicoterapeutas iniciantes, esta é uma abordagem que atemoriza, ao mesmo tempo em que entusiasma, pois representa uma ruptura com as formas mais tradicionais de conduzir o trabalho clínico. A aceitação e conseqüente ampliação deste enfoque nos meios acadêmicos brasileiros depende, em parte, da competência dos profissionais filiados para aceitar desafios e permitir-se uma abertura à experiência e aos dados de pesquisa, com o mesmo empenho com que Rogers marcou sua presença no cenário da psicologia norte-americana. Reconhecemos na Abordagem Centrada na Pessoa um potencial ainda não explorado como possibilidade de flexibilização dos serviços de atendimento à população em programas de saúde mental comunitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

"Quando não existe um relacionamento em que possamos comunicar ambos os aspectos de nosso eu dividido - nossa fachada consciente e nosso nível mais profundo de experiência - sentimos a solidão de não estarmos em contato real com qualquer outro ser humano." (ROGERS, 1958)

Quando pensamos na Terapia Centrada no Cliente, automaticamente nos lembramos de Carl, seu criador, e num esforço de imaginação, nos transportamos ao início do século, para encontrá-lo menino, em Warwood, às voltas com sua coleção de mariposas, ávido leitor de compêndios sobre Biologia e Agricultura. Tímido e introvertido, buscava nos fatos da Natureza uma compreensão sobre a vida. Anos depois, este interesse foi ampliado para incluir o Ser Humano. Passou a perguntar-se: como posso me comu-

nicar? quais as formas mais eficientes para estabelecer relações de ajuda psicológica? qual o sentido da vida? Embora continuasse a pesquisar disciplinadamente, aprendeu a valorizar, acima de tudo, as pessoas e a lutar para que elas fossem respeitadas nas instituições sociais, nas escolas, nos consultórios de psicoterapia, nas empresas, e na comunidades. Dedicou a este ideal muitos anos de árduo trabalho, porém o prazer das descobertas, o entusiasmo ao empreender novos projetos e o compromisso com o desenvolvimento teórico da Psicologia lhe renderam prestígio no meio acadêmico, respeitabilidade como cientista, colaboradores leais, inúmeros amigos dentro e fora dos Estados Unidos e a admiração das gerações mais jovens.

Nos seus últimos anos de vida, ao invés de ocupar-se com questões pertinentes às suas limitações físicas ou ao tema da morte, como seria natural em alguém aos oitenta anos, surpreendeu a todos ao publicar um artigo sobre a *pessoa do amanhã*. Longe de despedir-se do mundo, Carl investe suas últimas energias de pensador e psicólogo vislumbrando um tempo ao qual não estaria presente e, o faz da mesma maneira apaixonada e vibrante com que levantou as primeiras hipóteses sobre a Terapia Centrada no Cliente nos idos de quarenta. *"Os ventos da mudança científica, social e cultural estão soprando fortemente. As enormes perturbações da sociedade moderna forçarão uma transformação para uma ordem nova e mais coerente. E, nessa ordem, parece crescer uma nova visão de mundo, de relacionamento, um renovado amor pela natureza e pelas pessoas, uma compreensão da unidade espiritual do*

universo. Deve ser um mundo mais humano, com mais lugar para indivíduos integrados e totais. Esta é, pelo menos, minha entusiasmada esperança" (ROGERS 1981,p.19).

Na obra "A Way of Being" (ROGERS, 1980), questiona-se sobre o próprio processo de envelhecimento, sem preconceitos, da mesma maneira corajosa com a qual atravessou outras crises pessoais e profissionais ao longo da vida: **crescer envelhecendo ou envelhecer crescendo?** E, acrescenta: "*Tudo traz mudanças e, para mim, o processo de mudança é vida. Acho que se vivesse de modo estático, estável, pronto, seria um morto-vivo. Assim, aceito a confusão, a incerteza, o medo e os altos e baixos emocionais porque são o preço que quero pagar para ter direito a uma vida estimulante, fluente e perturbadora*" (p.29).

As denominações que adotou para designar sua forma de trabalhar em psicoterapia individual foram sendo alteradas em função do amadurecimento gerado pela própria experiência clínica direta e pelos trabalhos com Grupos Intensivos: terapia não-diretiva, centrada no cliente, até chegar a uma **Abordagem Centrada na Pessoa**. Durante as fases iniciais, isto é, quando o campo de trabalho era somente a terapia individual, a teoria se desenvolveu como decorrência dos dados clínicos. No entanto, na medida em que a área de abrangência aumentava, de forma a incluir a educação, os grupos e até as comunidades em formação, esta relação próxima e direta da experiência prática com a elaboração de hipóteses teóricas tornou-se mais complexa. Isto ocasionou uma defasagem crônica entre os dados empíricos e a elaboração teórica

sobre eles.

O presente estudo nasceu com a intenção de iniciar um processo de produção teórica que venha a tirar a Abordagem Centrada na Pessoa de um imobilismo teórico que ameaça a legitimidade de sua prática, a despeito de sua comprovada eficácia. Como psicoterapeuta, meu olhar inicial configurou o consultório e a relação terapeuta-cliente. Como supervisora e docente, a atenção também se deteve nas salas de aula do curso de Psicologia e em nossa Clínica Psicológica, voltada ao atendimento à comunidade. Os alunos, freqüentemente, nos interrogam com a ansiedade típica de quem teme o próprio futuro e busca modelos: "como você chegou até aqui? que formação foi a sua?" Olho para trás e fico atônita frente à complexidade do caminho. Lembro-me do meu último ano do curso de Psicologia, das conversas entusiasmadas com colegas - entre eles, Miguel de La Puente que acabara de chegar ao Brasil vindo da França onde, de certa forma, introduzira o pensamento de Carl Rogers na área de Educação e publicara um livro sobre o tema - e de nossa luta para incorporar um estágio em psicologia clínica, cujo modelo fosse a Terapia Centrada no Cliente, pois Rogers estivera no Rio de Janeiro e em São Paulo e cativara a todos que o assistiram. Depois, vieram os convites para participar de Grupos de Encontro e Workshops e os primeiros contatos com Rachel Rosenberg, psicóloga clínica e docente da Universidade de São Paulo, mulher de inteligência brilhante e gestos nobres, pesquisadora dedicada. Com ela, aprendemos que da diversidade pode emergir a riqueza humana pois, Rachel, com seu

carisma, acabava atraindo pessoas as mais diversas e para cada uma encontrava um lugar. Sua doença agravou-se quando estava imersa em mais um projeto de formação na Abordagem Centrada na Pessoa, destinado a psicólogos e educadores latino-americanos. O primeiro, intitulado "Curso de Estudos Avançados na Abordagem Centrada na Pessoa" acontecera em 1985 e dele fiz parte. Liderando este evento com Rachel estava um outro personagem, o qual viria a desempenhar um papel de decisiva importância em minha vida profissional: John K. Wood, que a princípio dividia seu tempo entre atividades nos Estados Unidos e no Brasil, mas que acabou vindo a residir entre nós. Rachel, John e nós, seus alunos, vindos de diversos estados brasileiros e de alguns países latino-americanos, vivemos dois emocionantes anos em que aprendemos sobre a vida e a profissão enquanto a vivíamos; apesar das incertezas, de algumas frustrações iniciais, do medo de assumir a própria formação, descobrimos com eles que um grupo de pessoas responsáveis e com uma crença comum são capazes de auto-gestão e possuem muitos recursos internos. Deste curso, emergimos mais confiantes em nossos próprios potenciais, autônomos e desejosos de contribuir para o desenvolvimento de uma Psicologia mais humana e menos tecnicista, embora cientes da necessidade de complementar esta visão com a dedicação a estudos e pesquisas sérias que comprovem sua validade.

O Mestrado no Instituto de Psicologia da USP ajudou a concretizar meu campo de interesse e aumentou o âmbito das descobertas pessoais e profissionais; também contribuiu para o

desenvolvimento de uma perspectiva própria em relação à docência universitária. Hoje, Carl e Rachel já não estão mais presentes, minha atuação profissional acaba de completar quinze anos, meus primeiros alunos do Curso de Psicologia da PUCCAMP já convivem comigo profissionalmente há alguns anos, enfim a vida impôs seu ritmo... Apesar das mudanças que o amadurecimento produz, ainda me sinto muito próxima dos ideais que abraçamos ao final da década de setenta.

Carregamos no corpo as marcas do tempo e das experiências vividas, e com elas assumimos novos compromissos e nos damos conta da identidade profissional que nos individualiza, ao mesmo tempo em que cria parcerias e a possibilidade de trabalhos em equipe. Este estudo que ora concluímos parece representar a consolidação de um ciclo de vida pessoal e profissional que fertilizará o solo para novos projetos, bem como uma tomada de posição em relação à realidade social que castiga nosso país neste momento de sua evolução como Nação. Não nos omitimos diante da responsabilidade que nos é inerente como profissionais da área de Saúde Mental e adeptos de um modelo humanista de ciência. Pelo contrário, por estarmos mais experientes, aprendemos a enfrentar dificuldades e somos capazes de aceitar com mais realismo as limitações, ao mesmo tempo em que mais calejados adquirimos a necessária dose de persistência para impor nossos pontos de vista.

Finalizando estas considerações, antes que se tornem dogmáticas, creio ter este estudo contribuído para reafirmar

minha crença na tendência do ser humano quanto a atualizar seus potenciais na direção do crescimento e do desenvolvimento integral de sua personalidade, assim como para enfatizar a importância da relação intersubjetiva como um determinante neste processo. Ao incluirmos a presença do outro em nossas relações, estamos também, indubitavelmente, incluindo todo o sistema cultural ao qual ambos pertencemos e modificamos. Indo um pouco além, podemos afirmar que nosso encontro transcende a própria relação intersubjetiva, por expressar a harmonia que preside o universo como um todo, sob a forma de uma tendência formativa.

As modificações na prática da Terapia Centrada no Cliente, como decorrência da expansão dos trabalhos de Rogers e sua equipe para a área dos Grupos Intensivos, aumentaram nossa compreensão sobre os fatores que incidem na relação a dois, pois estes, embora sempre estivessem presentes, ainda não haviam sido coerentemente teorizados e somente eram apreendidos via empatia. Sintetizando os resultados desta pesquisa, podemos citar, como fundamentais para uma teorização pertinente da Psicoterapia Centrada na Pessoa, os seguintes elementos:

- 1) o processo terapêutico concebido como um fluxo experiencial, do qual participam terapeuta e cliente numa relação intersubjetiva intencionalmente estabelecida em benefício do cliente;

- 2) atitudes de empatia, aceitação incondicional e congruência vistas como necessárias e suficientes, desde que consideradas a partir do referencial de ambos os participantes da

relação, embora o terapeuta deva estar mais apto a vivenciá-las como parte de sua função.

3) o reconhecimento de aspectos culturais como fatores determinantes na estruturação do "setting" terapêutico e na viabilização da própria relação intersubjetiva.

4) ênfase na experiencição do cliente, mais do que nos conteúdos emocionais trazidos por ele, para possibilitar uma aprendizagem significativa que o leve a transcender seus conceitos anteriores sobre si mesmo e sobre suas relações interpessoais;

5) visão de psicoterapia como um tipo de relação interpessoal complexa, com objetivos definidos, e que não pode ser apreendida através da análise isolada de quaisquer de seus elementos;

6) compreensão empática considerada como o elemento essencial na ativação da relação intersubjetiva entre terapeuta e cliente, desde que definida como uma "co-experiencição". Empatia aqui refere-se a uma integração da consciência linear com uma percepção atemporal, possibilitando que o terapeuta e seu cliente compartilhem um estado especial de consciência, intencionalmente posto em ação com finalidade terapêutica;

7) a renúncia por parte do terapeuta quanto a exercer um papel de autoridade ou de especialista não é apenas uma decisão política, pois constitui uma pré-condição para seu trabalho, já que no cliente está a fonte, bem como o critério, de saúde e progresso terapêutico, como decorrência da tendência à atua-

lização inerente ao ser humano.

Consideramos que o valor maior desta pesquisa consiste em apontar caminhos que estimulem novos estudos no sentido de consolidar a Quarta Fase no desenvolvimento da Terapia Centrada no Cliente, à qual estamos chamando de Psicoterapia Centrada na Pessoa. Acreditamos que o potencial da Abordagem Centrada na Pessoa quando aplicada ao contexto psicoterapêutico ainda está em processo de atualização e seu alcance somente poderá ser avaliado através de novos trabalhos científicos.

O abismo e a luz do mundo,
Urgência e anseio pela eternidade,
Visão, evento e poesia;
Era e é diálogo contigo. (BUBER, 1957)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMATUZZI, M. M. *Desenvolvimentos Teóricos na Abordagem Centrada na Pessoa*, 1989 (texto não publicado, para uso didático).
- AMATUZZI, M. M. *A Investigação do Humano*. Universidade de São Paulo - PUCCAMP, Setembro, 1993 (artigo ainda não publicado).
- AXLINE, V. M. (1947) *Ludoterapia*. Belo Horizonte: Interlivros, 1972.
- BARRETT-LENNARD, G. T. The Client-Centered System Unfolding. In: F. J. TURNER (Ed.) *Social Work Treatment: Interlocking Theoretical Approaches*. New York: Free Press, 1979.
- BARTON, A. The Client-Centered Transformation: A Phenomenological Approach. In: GIORGI, A., FISCHER, W. F., ECKARYSBERG (eds.) *Duquesne Studies in Phenomenological Psychology*, 1. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1971.
- BEBOUT, J. It Takes One To Know One: Existential-Rogerian Concep-

- ts in Encounter Groups. In: HART, J. T. & TOMLINSON, T. M. (eds.) *New Directions in Client-Centered Therapy*. Boston: Houghton Mifflin Co., 1970.
- BLEGER, J. *Psico-Higiene e Psicologia Institucional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- BOZARTH, J. D. The Person-Centered Approach in the Large Community Group. In: GAZDA, G. (ed.), *Innovations to Group Psychotherapy*. Springfield, Illinois: Thomas, 1981.
- BOZARTH, J. D. *Not Necessarily Necessary but Always Sufficient* University of Georgia, Outubro, 1988 (texto não publicado, para uso didático).
- BOZARTH, J. D. The Essence of Client-Centered, Person-Centered Therapy. In: LIETAER, G., ROMBAUTS, J. & VAN BALEN, R. *Client-Centered and Experiential Psychotherapy in the Nineties*. Leuven: Leuven University Press, 1990.
- BUBER, M. *I and Thou*. New York: Scribner, 1957.
- CURY, V. E. *Psicoterapia Centrada na Pessoa: Evolução das Formulações sobre a Relação Terapeuta-Cliente*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1987.

DOXSEY, J. R. *Some Dilemmas Facing the Person-Centered Approach in Transitional Societies: a Sociological Perspective*. Artigo enviado para o First International Forum on the Person-Centered Approach, realizado em Oaxtepec, Morelos, Mexico, de 27 de junho a 4 de julho de 1982.

EY, H. (1965) *Tratado de Psiquiatria*. Barcelona: Toray-Masson S.A., 1969.

FIEDLER, F. E. A Comparison of Therapeutic Relationship in Psychoanalytic, Nondirective and Adlerian Therapy. *Journal of Consulting Psychology*, 1950, 14, p.436-445.

FORGHIERI, Y. C. (org.) *Fenomenologia e Psicologia*. São Paulo: Cortez - Autores Associados, 1984.

FRICK, W. B. (1971) *Psicologia Humanística: Entrevistas com Maslow, Murphy e Rogers*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

GENDLIN, E. T. & ZIMRING, F. The Qualities or Dimensions of Experiencing and their Change. *Counseling Center Discussion Papers*. Chicago: University of Chicago Library, I(3), 1955.

GENDLIN, E. (1963) Comunicação Sub-Verbal e Expressividade do Terapeuta: Tendências da Terapia Centralizada no Cliente com Es-

quizofrênicos. In: STEVENS, B. & ROGERS, C.R. *De Pessoa para Pessoa : o Problema de Ser Humano*. São Paulo: Pioneira, 1977.

GENDLIN, E., & TOMLINSON, T. M. The Process Conception and its Measurement. In: ROGERS, C.R. *et alii* (orgs.) *The Therapeutic Relationship and its Impact*. Madison: University of Wisconsin Press, 1967.

GENDLIN, E., A Short Summary and Some Long Predictions. In: HART, J.T. & TOMLINSON, T.M.(eds.) *New Directions in Client-Centered Therapy*. Boston: Houghton Mifflin Co., 1970a.

GENDLIN, E., A Theory of Personality Change. In: HART, J. T. & TOMLINSON, T. M.(eds.) *New Directions in Client-Centered Therapy*. Boston: Houghton Mifflin Co., 1970b.

GENDLIN, E., Existentialism and Experiential Psychotherapy. In: HART, J. T. & TOMLINSON, T. M. (eds.) *New Directions in Client-Centered Therapy*. Boston: Houghton Mifflin Co., 1970c.

GENDLIN, E., Experiential Psychotherapy. In: CORSINI, R. J. (ed.) *Current Psychotherapies*. Itasca, Illinois: F. E. Peacock, 1973.

GENDLIN, E. Client-Centered and Experiential Psychotherapy. In: WEXLER, D. A. & RICE, L. N. (eds.) *Innovations in Client-Centered Therapy*. New York: John Wiley & Sons, 1974.

-
- GENDLIN, E. The Client's Client: the Edge of Awareness. In: LEVANT, R. F. & SHLIEN, J. M. *Client-Centered Therapy and the Person-Centered Approach: New Directions in Theory, Research and Practice*. New York: Praeger Publishers, 1984.
- GIBB, J. R. *Trust: A New View of Personal and Organizational Development*. Los Angeles: Guild of Tutors Press, 1978.
- GORDON, T. (1951) Liderança e Administração Centradas no Grupo. In: ROGERS, C. R. *Terapia Centrada no Cliente*. Santos: Martins Fontes, 1974.
- HARPER, R. *Psychoanalysis and Psychotherapy: 36 Systems*. New Jersey: Prentice-Hall, 1959.
- HART, J. T. The Development of Client-Centered Therapy. In: HART, J. T. & TOMLINSON, T. M. *New Directions in Client-Centered Therapy*. Boston: Houghton Mifflin Co., 1970.
- HOBBS, N. (1951) Psicoterapia Centrada no Grupo. In: ROGERS, C. R. *Terapia Centrada no Cliente*. Santos: Martins Fontes, 1974.
- HOMANS, P. Carl Rogers' Psychology and the Theory of Mass Society. In: HART, J. T. & TOMLINSON, T. M. (eds.) *New Directions*

in Client-Centered Therapy. Boston: Houghton Mifflin Co., 1970.

JAPUR, M. *Reflexões Sobre a Terapia, o Workshop e a Aprendizagem Teórico-Vivencial como Dimensões da Transformação Humana*. Trabalho apresentado no IV Fórum Internacional da Abordagem Centrada na Pessoa. Rio de Janeiro, Agosto de 1989.

JAMES, W. *The Varieties of Religious Experience*. New York: Modern Library, 1929.

KINGET, M. G. O Método Não Diretivo. In: ROGERS, C. R. & KINGET, M. G. *Psicoterapia e Relações Humanas*. Belo Horizonte: Interlivros, 1975, Vol. I.

KIRSCHENBAUM, H. *On Becoming Carl Rogers*. New York: Delacorte Press, 1979.

KIRSCHENBAUM, H. & HENDERSON, V. L. *Carl Rogers: Dialogues*. Boston: Houghton Mifflin Company, 1989.

LIEBERMAN, M. A., YALOM, I. D. & MILES, M. B. *Encounter Groups: First Facts*. New York: Basic Books Inc. Publishers, 1973.

LIETAER, G., ROMBAUTS, J. & VAN BALEN, R. *Client-Centered and Experiential Psychotherapy in the Nineties*. Leuven: Leuven University Press, 1990.

-
- LOYELLO, W. *Para uma Psiquiatria da Libertação*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.
- PAGÈS, M. *Orientação Não diretiva em Psicoterapia e em Psicologia Social*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- PAGÈS, M. *A Vida Afetiva dos Grupos: Esboço de uma Teoria da Relação Humana*. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.
- PARLOFF, M. B., WASKOW, I. E. & WOLFE, B. E. Research on Therapist Variables in Relation to Process and Outcome. In: GARFIELD, S. L. & BERGIN, A. E. (eds.) *Handbook of Psychotherapy and Behavior Change: An Empirical Analysis*. New York: John Wiley & Sons, 1978.
- POLANYI, M. *Personal Knowledge*. Chicago: University of Chicago Press, 1958.
- PRIGOGINE, I. *From Being to Becoming*. San Francisco: W. H. Freeman, 1979.
- PUENTE, M. Experienciação (experiencing) na Terapia Centrada no Cliente: Método, Medição e Treinamento. In: *Anais do I Congresso Regional Latino-Americano de Psicologia*. Campinas, São

Paulo, 1978, p.71-101.

PUENTE, M. Estudo Crítico-Histórico da Motivação Humana em Carl Rogers. In: PUENTE, M. (org.) *Tendências Contemporâneas em Psicologia da Motivação*. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1982.

RASKIN, N. J. Client-Centered Group Therapy, Part I: Development of Client-Centered Groups. In: *Person-Centered Review*, Vol 1 No.3, August 1986a, 272-290.

RASKIN, N. J. Client-Centered Group Therapy, Part II: Research on Client-Centered Groups. In: *Person-Centered Review*, Vol.1 No.4, November, 1986b, 389-408.

ROGERS, C. R. *The Clinical Treatment of the Problem Child*. Boston: Houghton, Mifflin, Co., 1939.

ROGERS, C. R. *Counseling and Psychotherapy: new concepts in practice*. Boston: Houghton Mifflin, Co., 1942.

ROGERS, C. R. Significant Aspects of Client-Centered Therapy. In: *The American Psychologist*. Vol. 1, no. 10, p.415-422, 1946.

ROGERS, C. R. (1951) *Terapia Centrada no Cliente*. Santos: Martins Fontes, 1974.

ROGERS, C. R. & DYMOND, R. F. *Psychotherapy and Personality Change*. Chicago: The University of Chicago Press, 1954.

ROGERS, C. R. (1955) *Pessoas ou Ciência? Um Problema de Filosofia*. In: ROGERS, C. R. *Tornar-se Pessoa*. São Paulo: Martins Fontes, 1961.

ROGERS, C. R. The Necessary and Sufficient Conditions of Therapeutic Personality Change. *Journal of Consulting Psychology*. 21, 95-103, 1957.

ROGERS, C. R. A Process Conception of Psychotherapy. *American Psychologist*. 13, 142-149, 1958.

ROGERS, C. R. A Theory of Therapy, Personality and Interpersonal Relationship as Developed in Client-Centered Framework. In: KOCH, S. (ed.) *Psychology: A Study of a Science*, Vol. III. *Formulations of the Person and the Social Context*. New York: MacGraw Hill, 184-356, 1959.

ROGERS, C. R. & BUBER, M. Dialogue between Martin Buber and Carl Rogers. *Psychologia*. 3, no.4, 208-221, Dec., 1960.

ROGERS, C. R. (1961) *Tornar-se Pessoa*. São Paulo: Martins Fon-

tes, 1976.

ROGERS, C. R., GENDLIN, E. T., KIESLER, D. J. & TRUAX, C. *The Therapeutic Relationship and its Impact: A Study of Psychotherapy with Schizophrenics*. Madison: University of Wisconsin Press, 1967.

ROGERS, C. R. *Grupos de Encontro*. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

ROGERS, C. R. Some New Challenges. *American Psychologist*, 28, 5, 1973, p.379-387.

ROGERS, C. R. & WOOD, J. K. The Changing Theory of Client-Centered Therapy. In: BURTON, A. (ed.) *Operational Theories of Personality*. New York, Brunner/Mazel, Inc., 211-258, 1974a.

ROGERS, C. R. Remarks on The Future of Client-Centered-Therapy. In: WEXLER, D. A. & RICE, L. N. (eds.) *Innovations in Client-Centered Therapy*. New York: John Wiley & Sons, 7-13, 1974b.

ROGERS, C. R. & HOLDSTOCK, T. L. Person-Centered Personality Theory. In: CORSINI, R. (ed.) *Current Personality Theories*. Itasca, Illinois: F.E. Peacock, 1977a.

ROGERS, C. R. & ROSENBERG, R. L. *A Pessoa como Centro*. São Paulo:

E.P.U., 1977b.

ROGERS, C. R. *Poder Pessoal*. Lisboa: Moraes Editores, 1977c.

ROGERS, C. R. (1980) *Um Jeito de Ser*. São Paulo: E.P.U., 1983.

ROGERS, C. R. *A Client-Centered, Person-Centered Approach to Therapy*. Trabalho apresentado durante o II International Forum on the Person-Centered Approach. Norwich, England, 1984.

ROGERS, C. R. A Comment From Carl Rogers. In: *Person-Centered Review*. Vol. 1, no. 3, Agosto, 1986a, p. 3-4.

ROGERS, C. R. Carl Rogers on the Development of the Person-Centered Approach. In: *Person-Centered Review*. Vol. 1, no. 3, Agosto, 1986b, p. 257-259.

ROSENBERG, R. L. Uma Comunidade Centrada na Pessoa. In: *A Pessoa como Centro*. São Paulo: E.P.U., 1977.

ROSENBERG, R. L. *Person-Centered Workshop For Family*. Trabalho apresentado durante o II International Forum on the Person-Centered Approach. Norwich, England, 1984.

SCHMIDT, M. L. Aconselhamento Psicológico: Questões Introdutórias. In: ROSENBERG, R. L. (org.) *Aconselhamento Psicológico*

Centrado na Pessoa. São Paulo: EPU, 1987. (Série: Temas Básicos de Psicologia, Vol. 21).

SHLIEN, J. M. & ZIMRING, F. M. Research Directives and Methods in Client-Centered Therapy. In: HART, J. T. & TOMLINSON, T. M. (eds.) *New Directions in Client-Centered Therapy*. Boston: Houghton Mifflin Co., 1970a.

SHLIEN, J. M. Phenomenology and Personality. In: HART, J. T. & TOMLINSON, T. M. (eds.) *New Directions in Client-Centered Therapy*. Boston: Houghton Mifflin Co., 1970b.

SHLIEN, J. M. Secrets and the Psychology of Secrecy. In: LEVANT, R. & SHLIEN, J. M. (eds.) *Client-Centered Therapy and the Person-Centered Approach: New Directions in Theory, Research and Practice*. New York: Praeger Publishers, 1984.

SPIEGELBERG, H. *Phenomenology in Psychology and Psychiatry*. Evanston: Northwestern University Press, 1972.

SZASZ, T. (1961) *El Mito de la Enfermedad Mental*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1968.

WATSON, N. The Empirical Status of Rogers' Hypotheses of the Necessary and Sufficient Conditions for Effective Psychotherapy. In: LEVANT, R. & SHLIEN, J. *Client Centered Therapy and the*

Person Centered Approach: New Directions in Theory, Research and Practice. New York: Praeger, 1984.

WOLBERG, L. R. *The technique of Psychotherapy.* New York: Grune e Stratton, 1976. Vols. I e II.

WOOD, J. K. *Shadows of Surrender: Trends in Counsciousness in Person-Centered Approaches.* Artigo revisado de uma palestra proferida em São Paulo, Brasil, janeiro de 1977.

WOOD, J. K. Person-Centered Group Therapy. In: GAZDA, G. *Basic Approaches to Group Psychotherapy and Group Counseling.* 1980.

WOOD, J. K. Terapia de Grupo Centrada na Pessoa. In: ROGERS, C. R. et alii. *Em Busca de Vida: da Terapia Centrada no Cliente à Abordagem Centrada na Pessoa.* São Paulo: Summus Ed., 1983.

WOOD, J. K. Communities for Learning: A Person-Centered Approach. In: LEVANT, R. F. & SHLIEN, J. M. *Client-Centered Therapy and the Person-Centered Approach: New Directions in Theory, Research and Practice.* New York: Praeger Publishers, 1984.

WOOD, J. K., ROGERS, C. R. et. alli. An Experiment in Self-Determined Fees. *Estudos de Psicologia*, Vol.3, nos. 1 e 2, Abril/agosto/1986, p.5-22.

-
- WOOD, J.K. *Summer of Persons* . Center for The Studies of The Person, California, 1987.(texto não publicado, destinado à divulgação interna)
- WOOD, J. K. *Everything and Nothing: Client-Centered Therapy, the Person-Centered Approach and beyond* (artigo não publicado), junho de 1990.
- WOOD, J. K. *Prólogo para uma obra ainda não publicada*, Agosto de 1993.
- YALOM, I. D. *The Theory and Practice of Group Psychotherapy*. New York, Basic Books, 1970.
- ZIMRING, F. M. Theory and Practice of Client-Centered Therapy: a Cognitive View. In: WEXLER, D. A. & RICE, L. M. (eds.) *Innovations in Client-Centered Therapy*. New York: John Wiley & Sons, 1974.